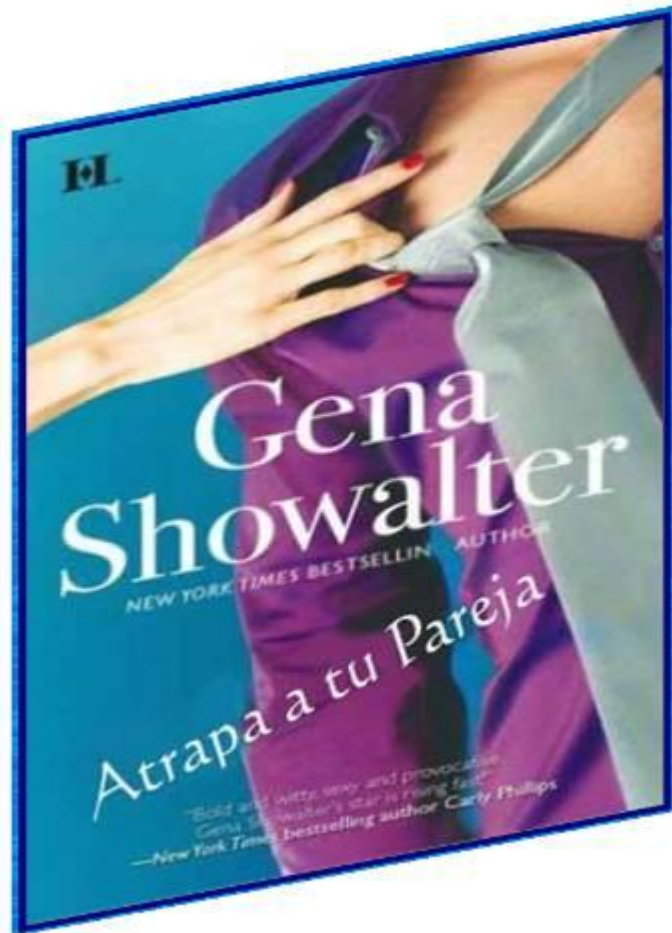


Tiamat-World apresenta:



PEQUE SEU PARCEIRO

Gena Showalter

Jillian Greene sempre é pega no ato — é seu trabalho! Trabalhando na Pegue seu Parceiro, Jillian é paga por receosas esposas para sorrir, paquerar e provar que não se pode confiar no sexo oposto. Sua única regra básica? Nada de sexo. Até que um magnífico eletrizante homem entra em cena...

Marcus Brody acaba de ser contratado como chamariz para provar a fidelidade feminina. A última coisa que Jillian precisa é um sócio... especialmente um exasperante, irresistível homem que a faz fantasiar arrancar sua roupa.

Pode uma inteligente mulher moderna encontrar a felicidade com o homem mais tentador que alguma vez tenha conhecido? Existe tal coisa como um homem totalmente monógamo?





REVISÃO EM ESPANHOL
Disp: Guardian Secrets
Envio do arquivo: Gisa
Revisão Inicial e formatação: Lucilene
Revisão Final: Karla Costa
Tiamat - World

Comentários de Revisores:

Lucilene: Bem, se você está desanimada, querendo levantar seu astral... Recomendo: leia esse livro! A história tem tudo que você possa imaginar, ideal para quem gosta de livros com humor, romance e cenashots.

Karla Costa: Diversão! Essa é a ideia. Ri bastante com o livro, mas também me emocionei. Mocinha espertinha e o mocinho... ele é TUDO... e os amigos dele? Show...

Capítulo 1

Acredita em amor a primeira vista ou deveria olhar uma segunda vez?

Na vida só havia uma certeza e Jillian Greene, lamentava dizer, era que todos os homens eram uns porcos.

—Repete a pergunta? —Disse a sua colega e amiga, Selene Garnett— Acredito que escutei mal.

—Não. Não escutou mal. Perguntei a você o que diria a um homem que te pedisse que tirasse as calcinhas para poder cheirá-las.

Jillian olhou para Selene, uma deusa loira em couro negro, com uma aparência tão etérea que fazia que os homens quisessem tocá-la. E continuar tocando-a... Uma e outra vez.

—É uma pergunta capciosa?

—Antes fosse.

Selene estava recostada na entrada do cubículo do escritório de Jillian, os magros braços apoiados sobre a parede azul. As mãos cobriam os dois pôsteres que tinha colado fazia pouco. Em



um dizia: *Onde há um Homem, há uma Mentira*. No outro se lia: *Detrás de Cada Bom Homem há uma Arma*.

—Um cara me disse isso ontem à noite — acrescentou Selene— Fiquei tão impressionada, que me congelei.

—Você gosta desse homem?

—Por favor. —Selene girou os olhos— Era um objetivo.

—Nesse caso, diria a ele que a única forma em que o permitiria cheirar minhas calcinhas é se estivesse orvalhada com o vírus Ébola.

—Eu já sabia que teria a resposta perfeita. —Selene sorriu com esse sorriso frio tão típico dela e virtualmente flutuou corredor abaixo em uma nuvem de violetas e jasmim, lançando sobre o ombro—: Danielle deve-me dez dólares.

Oh, sim. Os homens eram uns porcos.

Uns eram leitões, todo grunhidos, mas sem morder. Outros eram porcos em formação, que oscilavam no limite entre o homem e o porco. Outros eram Mister Porcos, aqui não é necessária nenhuma explicação. E outros eram uns porcos famintos, devorando tudo em seu caminho.

Estes, eram os que Jillian mais odiava.

Mas não importava em que lado do Porcômetro caíssem esses tipos, Jillian não permitia que suas qualidades bestiais a transtornassem. Já que os homens eram porcos, era justo dizer que ela era o açougueiro. Jillian felizmente cortava os diferentes tipos de toucinho e os servia a seus donos em bandeja de prata.

Este era seu trabalho e seu maior prazer.

Ela e Selene trabalhavam para *Pegue seu Parceiro*. Que deliciosamente romântico soa, verdade? Exceto que *Apanha A Seu Casal* era o lugar onde as mulheres deviam provar a honradez de seus companheiros. Aqui era onde tudo se demolia:

Jane Doe entra no escritório do AATP, cita três incidentes que a fazem acreditar que seu homem a enganou, logo folheia um livro de fotos e escolhe a cara e as curvas que mais atraíam ao imbecil de seu marido, noivo ou amante muito bobo para tirar o anel. A mulher escolhe à denominada “chamariz” e logo lhe dá uma lista dos lugares e gostos do homem para “por acaso” o encontrar, usando todo seu encanto. Certamente, o chamariz leva uma câmara oculta e um microfone, registrando todas suas transgressões.

Jillian era esse chamariz.

Pagavam-na para sorrir e mentir. Paquerar. A estes homens já comprometidos não teria que animá-los muito, demonstrando quão asquerosos eram realmente.

Algumas pessoas (as que eram culpadas) poderiam considerar que as enganava. Outras (as que eram muito culpadas) poderiam considerar que o que fazia estava errado. Mas ela nunca beijava, tocava ou fodia com os homens, só os permitia incriminar-se com suas próprias palavras, por isso sua consciência estava tranquila. Além disso, não existiria nenhum problema se seus objetivos simplesmente a enviassem de volta por onde tinha vindo.

Em troca, devolviam-lhe os sorrisos, diziam suas próprias mentiras e respondiam a sua paquera. Estavam dispostos a esquecer os anos de fidelidade, deixar a um lado sua honra e faltar



completamente com o respeito a suas parceiras por uma suposta noite selvagem.

Para Jillian, mereciam-se o que conseguiam.

Nunca dizia a suas clientes que seus homens as tinham enganado; esse era o trabalho de sua chefe. Entretanto, frequentemente observava aquelas conversas por um monitor em outra sala, e o que via era dilacerador. Lágrimas, maldições, depressão. As emoções de uma vítima de infidelidade cobriam toda a gama, mas todas tinham uma coisa em comum: uma vida indolente a perder. É por isso que desfrutava cravando nesses homens uma estaca ou duas. Porque, por causa deles, suas companheiras nunca voltariam a ser as mesmas.

E para que?

Homens casados fingindo estar divorciados... só para conseguir uma pequena transa. Homens comprometidos fingindo estar sozinhos... simplesmente para conseguir uma pequena transa. Namorados fingindo estar livres, só... adivinha o que: conseguir uma pequena transa. Jamais nenhum de seus objetivos renunciou a paquerar com ela.

Tampouco o entendia. Ela era bonita, claro, mas não era tão bonita de morrer. Tinha uma altura mediana, uma figura decente que trabalhava muito para manter, cabelo negro longo e encaracolado, grandes olhos azuis e umas bochechas ligeiramente arredondadas com covinhas. Deus, odiava aquelas diminutas covinhas de menina boa!

Sem dúvida, não era nada especial dentro dos padrões de beleza. Entretanto, se um homem pensava que ia montá-la como um cavalo de feira, não importava qual era sua aparência. De repente, representava cada fantasia sexual que alguma vez ele tivesse querido experimentar.

Bastardos. Jillian estava trabalhando para o AATP há seis anos; tinha começado quando só tinha vinte e um. Desde o primeiro dia, tinha adquirido uma perversa satisfação em poder cravar o traseiro do homem à parede e economizar a mulher a posterior angústia. Esse sentimento do dever completo só tinha crescido ao longo dos anos.

Mas, uh, falando de cravar traseiros masculinos... jogou uma olhada a seu relógio de pulso e reprimiu um suspiro. Deveria ter se encontrado com sua chefe fazia trinta minutos; em troca, observou Anne entrar em seu escritório com um alto, loiro e delicioso espécime. Jillian só pôde lhe jogar uma breve olhada, mas foi suficiente para saber que era musculoso e bronzeado, que seu jeans se abraçava a seu perfeito e apertado traseiro.

Ela podia pensar e saber que os homens eram uns porcos, mas não estava cega e gostava de olhar. Olhar era tudo o que se permitia fazer, mais quando o fazia, realmente olhava. Sua visão de raios X transpassava a roupa, por cima de qualquer espionagem de decência.

Às vezes comparava a si mesma com um bisbilhoteiro de vitrines, olhando fixamente dentro da loja com o nariz colado ao vidro, mas sem comprar em realidade a bonita e excessivamente cara mercadoria porque sabia que mais tarde experimentaria o arrependimento do comprador.

Por que pagar um dinheiro bem merecido quando o artigo em questão indubitavelmente seria roubado, corrompido, manchado ou feito farrapos?

Por que pagar com um dinheiro bem ganho quando o artigo em questão indubitavelmente seria roubado, corrompido, manchado ou feito farrapos?

Uma vez (ou duas) tinha permitido "ao vendedor" com seu doce e meloso tom de vendedor,



convencê-la de comprar, mas em cada uma daquelas ocasiões tinha terminado de volta na loja. Sim, os poucos namorados que se permitiu ter ao longo dos anos tinham falhado em passar na prova do AATP, o que era especialmente patético já que eles conheciam como ganhava a vida. Finalmente, fazia pedaços os cartões de crédito (por assim dizê-lo).

Suspirou. Que pensamentos tão deprimentes. Tinha que pensar em outra coisa. Como em sua chefe. O que, a propósito, conduziu-a diretamente de retorno ao Traseiro Bonito. Ele e Anne tinham fechado a porta do escritório e não tinha surgido nenhum som após. Nem sequer pressionar a orelha contra a parede envidraçada resultaria de utilidade. E sim, admitia livremente sua afeição à espionagem. Para ela, nada como escutar conversas privadas, abrir a gaveta do escritório de alguém, jogar uma olhada em sua carteira, porta-luvas, ou o que fosse.

Esse comportamento furtivo era o melhor modo de aprender coisas das pessoas. Aprender a verdade sobre eles, em todo caso.

Bebendo a sorvos seu café, Jillian se inclinou para trás na cadeira e jogou outra olhada à porta de sua chefe. Tinha uma atribuição esta noite e sempre se encontrava com Anne para planejar a estratégia de antemão. Como se isso necessitasse algo mais que um sutiã que lhe empurrasse os seios para cima e um sorriso tipo *Sou-muito-inocente-mas-não-uso-calcinhas*, para provocar o interesse de um homem. Ainda assim, seu encontro estava previsto para dentro de quatro horas e ainda tinha que ver as fotos de seu objetivo.

Enquanto com o pé dava batidinhas com impaciência, os negros saltos se cravavam nos ladrilhos do chão de seu muito azul e simples cubículo. Além dos pôsteres, não tinha nenhum artigo pessoal nem nenhuma foto de família. Gostava de manter o trabalho e os negócios... o que importava a ela seu cubículo? O que queria saber era o que a Sensata Anne e Traseiro Bonito estavam falando. Queria saber o que faziam.

—Viu o cara que Anne escoltou a seu escritório?

Ante o rouco som da feminina voz, Jillian se girou no assento. Georgia Carrington estava na entrada de seu cubículo e sua fragrância de baunilha e açúcar chegou até ela. O rico e sedoso cabelo vermelho emoldurava seus traços extremamente delicados.

Georgia tinha maçãs do rosto suaves, um fino nariz, olhos verdes e amendoados e a pele impecável. Seu corpo era um bufê de curvas luxuriosas, e agora mesmo aquelas curvas estavam embainhadas em um apertado e curto vestido vermelho sem alças. Os homens se tornavam escravos de seus hormônios sempre que Georgia se aproximava, por isso não era nada assombroso que ela fosse a escolha de chamariz mais comum do AATP.

Nem sempre foi assim, já que Jillian a conhecia desde a escola primária, quando Georgia tinha sido uma desajeitada e sardenta menina. Todos outros riram sem piedade dela. Mas Jillian reconheceu nela um espírito afim, duas garotas contra o resto do mundo.

Mas não foi uma amizade oficial até que Thomas Fisher chamou Georgia de cabeça de cenoura manchada, Jillian o acertou no nariz e Georgia lhe enfaixou a mão. Tinham sido as melhores amigas após.

—Vi. —respondeu Jillian. Deixou o café a um lado, levantou a caneta e começou a dar batidinhas com ela no braço da cadeira— Quem é e por que está aqui?



Um cliente, possivelmente?

Mas só trabalhavam com mulheres. A não ser que... ele suspeitava que sua esposa fosse lésbica? Era uma possibilidade, embora por que a mulher preferisse a uma garota antes que a esse pedaço de carne de primeira qualidade, não o entendia.

—Talvez Anne tenha decidido deixar sua postura sobre as vantagens da autossatisfação e conseguir um amante. —A espartilhada Georgia rodeou a escrivaninha e se sentou sobre a beira, amassando papéis e documentos. A barra de seu vestido vermelho subiu por cima de suas coxas e revelou várias polegadas de firme e bronzeada pele.

Jillian encolheu os ombros.

—Talvez seja o tio do primo do cunhado de sua irmã e está aqui para lhe pedir dinheiro emprestado.

—Sim, pois talvez queira um pedaço do tio do primo do cunhado de sua irmã. Quase caio da cadeira quando passou na minha frente.

Também Jillian tinha experimentado uma reação muito feminina: Dificuldade de respirar, mamilos endurecidos, pulso acelerado. Tinha passado muito tempo desde que teve relações íntimas com um homem e, o aroma de pecado “essa é a única forma de descrevê-lo” tinha seguido a este, flutuando no ar muito depois de que tivesse entrado no escritório de sua chefe e fechado a porta.

—Pensei que tinha namorado. —disse Jillian, tentando não franzir o cenho ante a imagem de Georgia e Traseiro Bonito juntos. Nus.

Um brilho escuro e atormentado invadiu os olhos de sua amiga, mas foi extinto rapidamente.

—Tinha. —Georgia suspirou— Eu tenho.

—Problemas?

Com um forçado sorriso, Georgia agitou a mão através do ar.

—Certamente que não. As coisas estão iguais como estavam semana passada. Wyatt me diz que sou linda e me pede que me case com ele todos os dias. E cada dia lhe digo que ainda estou pensando isso.

—Se tiver que pensar nisso, não é seu homem.

De todos os modos, Jillian não acreditava que Wyatt fosse o homem ideal para a Georgia. Ele a tratava como a uma rainha, é óbvio, concedendo infinitos elogios sobre sua beleza física. Mas onde estavam os elogios sobre sua engenhosa mente e seu amável coração?

—Ouvi seus argumentos contra ele milhares de vezes, conselheira, e não há necessidade de que volte a repeti-los. Só quero estar segura de que seja *um para sempre*, isso é tudo. —Parecia miserável.

—Poderíamos testá-lo com o AATP de novo.

Todas as mulheres que trabalhavam aqui terminavam por testar seus namorados. Só dois tinham passado na prova. Wyatt e outro cara com o que Selene tinha saído... e que mais tarde terminou por encontrá-lo na cama com outro homem.

—Simplesmente passaria nela outra vez. Já que conhece nossa profissão, sempre suspeita de



todas as mulheres bonitas que se aproximam dele. —Georgia cruzou as pernas e sua saia subiu mais alto— Não falemos mais do Wyatt. Prefiro falar, detalhadamente, do possível novo amante de Anne. Tem que ser um super herói. O Homem Prazer ou algo assim, capaz de causar orgasmos com simplesmente um olhar. Nenhum homem comum poderia caminhar encantado a um encontro particular com Anne *A Frígida*.

Jillian voltou com impaciência para o assunto *Traseiro Bonito*.

—Olhou para você quando passou a seu lado? —perguntou pensativamente, rememorando seu passo pelo vestíbulo... seu sexy passo— Mostrou algum sinal de interesse?

A testa da Georgia se franziu e suas ruivas sobrancelhas se uniram. Piscou ante sua crescente confusão.

—Não. Não o fez.

—Tampouco fez caso de mim. —disse Selene enquanto cruzava a passos longos a frente do cubículo de Jillian com a cabeça inclinava em um documento. — Nem para Danielle.

—Tampouco me olhou. —assegurou Jillian a Georgia.

Em realidade, não tinha jogado nem uma só olhada em sua direção, e isso que tinha estado fazendo muito ruído enquanto lutava para fechar a boca e respirar, embora fosse só uma molécula de ar. Não era que pensasse que tinha mais direito à apreciação masculina, nem nada disso. Mas ignorar completamente às mulheres deste escritório como se não fossem nada mais que seres assexuados... possivelmente fosse gay.

—Oh, que desperdício se for gay. —disse Georgia, confirmando seus pensamentos.

Isto revelava, evidentemente, que nenhuma delas tinha pensado sequer na maldita possibilidade, de que ele estivesse tão dedicado a uma esposa ou noiva que ignorava às demais mulheres. Essa não era uma opção em suas mentes.

—Mas não senti nenhuma vibração de que seja gay. —acrescentou Georgia— E você?

—Não.

E se não era gay, o que era?

Jillian não gostava dos mistérios (são uma merda), odiava os quebra-cabeças (eram um asco), e queria cuspir sobre as surpresas (eram as duas coisas, uma merda e um asco). Talvez esse fosse um dos motivos pelos quais desfrutava tanto trabalhando no AATP. Cada noite, o resultado era o mesmo. O objetivo era infiel. Fim da história.

Bom, isso era um pouco triste.

—Acha que é cego?

—Anda Detetive Carrington. Pode fazer muito melhor que isso. Não levava cão guia de cegos nem bengala. Nem tropeçou com nada ou necessitou que Anne o guiasse. —Pensou nisso durante um momento— Minha teoria é que estava tão distraído em si mesmo que não se deu conta de que havia alguém mais no edifício.

—Ah, sem dúvida tem razão. Que tola! —Com o pensamento de que a discussão sobre Traseiro Bonito era tola e indigna de seu tempo, Georgia ficou de pé e girou sobre si mesma.

—Assim que... você gosta de meu novo vestido?

—Parece uma porca. Eu adoro. —Jillian sorriu abertamente— Tem uma atribuição esta



noite?

Devolvendo o sorriso, Georgia se sentou de novo na escrivaninha.

—Não. Este vestido é para o Wyatt. Depois da atribuição da noite passada... —os vermelhos e carnudos lábios enrugaram-se em repulsão— Não posso entrar em campo outra vez. Sentei-me ao lado de meu objetivo — em uma cafeteria, entre todos os lugares—, e o grudento bastardo imediatamente começou a falar para tentar meter-se em minhas calcinhas. *«Seu pai tem que ser um ladrão. Esse é o único modo de explicar essas estrelas em seus olhos»*. Que asco! Está casado, por Deus, e acabava de celebrar seu décimo sexto aniversário de casamento.

—Deixe-me adivinhar. Assegurou a você que acabava de conseguir o divórcio, a solidão era cada vez mais difícil de suportar e que uma bonita garota como você certamente poderia aliviar.

—Bingo.

—Não se pode confiar nos homens. —resmungou Jillian com uma sacudida horrorizada de cabeça; os cachos negros agitando-se em todas as direções— Disse a ele que se fodesse?

Georgia girou os olhos.

—Desejei isso. Quis lhe dizer quem e o que era, mas não podia me delatar e transgredir as regras.

Contar a um objetivo a verdade poderia conduzi-lo ao pânico... e o pânico de um objetivo poderia ser perigoso, até podia ameaçar sua vida.

—E o que fez?

—Assegurei-me de que não se metesse na roupa íntima de ninguém mais durante um tempo, talvez até nem na sua própria.

Jillian acariciou o joelho de sua amiga em aprovação. Ambas tinham tomado lições de defesa pessoal depois de entrar para trabalhar na agência, cortesia da Anne. Ela se negava a contratar guarda-costas... eram muito caros, por isso as garotas estavam sozinhas quando faziam trabalho de campo. Jillian em realidade preferia assim. Não queria confiar sua segurança a um pedaço de porco mentiroso. Seu spray de pimenta agia igual a um músculo alugado, derrubando ao mais forte dos oponentes.

—Anne mostrou a sua esposa o vídeo faz um momento e a mulher pôs-se a chorar. Sei por que bobamente a observei pela tela da sala de conferências. —Georgia expulsou um leve sopro de ar, tão delicado como a própria mulher e repicou as perfeitas unhas esmaltadas sobre a escrivaninha.

Jillian não mencionou que também tinha visto a esposa, quando a mulher abandonou o escritório. Aquelas bochechas manchadas de lágrimas quase a tinham feito gritar. Pobrezinha. Tinha um duro caminho pela frente.

Sempre comunicavam o resultado às vítimas um dia depois de reunir as provas. Não havia razão para postergá-lo e prolongar a tortura. Os anúncios sempre faziam que o peito de Jillian doesse. Mas, embora agora pudessem odiá-la, a ela e aos outros chamarizes, as agradeceriam mais tarde.

Ainda assim, talvez fosse melhor que ao dia seguinte de uma atribuição, ela e Georgia entrassem para trabalhar mais tarde.



—Odeio essa parte do trabalho, sabe? —disse Georgia— Embora fosse só uma vez, eu gostaria de ver um final feliz, um homem ao que não lhe importasse uma cara bonita. Um homem que fosse feliz com o que tem em casa, inclusive se ela ganhou peso ou lhe saíram algumas rugas.

—A mim também, mas já sabemos as probabilidades de que isso aconteça. E é melhor que as mulheres conheçam a verdade agora que mais tarde. —disse Jillian, seu tom firme pela convicção. Depois de tudo, deveria saber melhor que ninguém. Faz anos, seu pai enganou a sua mãe sem que ela suspeitasse nada absolutamente. Mas a pequena Jillian sabia... seu pai, um dia, levou-a a casa da vizinha para “brincar com o gato”. Ela tinha instigado aquele estúpido bichano listrado até o dormitório e os pegou.

Seu pai não lhe pediu explicitamente que se calasse, mas tinha que ter sabido que nunca o contaria a sua mãe, muito assustada de que seus pais se separassem.

A culpa por não dizer a sua mãe a comia por dentro.

Uns meses mais tarde, o conhecimento se tornou muito para ela e o confiou a seu irmão e irmã mais velhos. Eles lhe pediram que não o contasse a mamãe, tampouco queriam provocar o divórcio de seus pais. Assim calou-se. De novo. Fingiu que seu pai ia ao supermercado quando em realidade ia à casa do lado.

Teve uma úlcera com apenas sete anos.

Aproximadamente seis meses mais tarde daquilo, sua mãe viajou para visitar sua irmã. Mas então, Evelyn decidiu por algum motivo voltar antes para casa. Assim foi como encontrou ao pai de Jillian na cama com a vizinha. Sua mãe ficou impressionada e devastada e Jillian finalmente soltou a verdade.

À manhã seguinte, sua mãe tentou suicidar-se.

Uma familiar raiva se acendeu dentro de Jillian, imagens de sangue e de sua mãe inconsciente cintilaram através da sua mente. Foi ela quem a encontrou. Não seu irmão, Brent. Nem sua irmã, Brittany. Nem seu pai. Ela foi a que chorou sobre sua mãe ensanguentada. Jillian rapidamente empurrou aquelas lembranças longe antes que desse um murro à parede. Não gostava de pensar naquelas inquietantes e preocupantes semanas nas quais sua mãe oscilou entre a vida e a morte.

Não precisava dizer que não tinha falado com seu pai após. Sua mãe se divorciou e ele partiu. Ainda a ligava uma vez à semana, mas ela nunca respondia. Brent, o empreiteiro tolerante, e Brittany, o dona-de-casa de coração compassivo, pediam-lhe quase diariamente que o perdoasse, mas simplesmente não podia. Possivelmente algum dia, pensou... Não. Nunca, decidiu imediatamente. Simplesmente ficava muito dor.

—Sem nós — disse a Georgia, com os dentes apertados—, as mulheres estariam perdidas em um mundo de mentiras, pensando que são amadas e respeitadas por seus homens.

Georgia considerou aquelas palavras durante vários minutos, logo encolheu os ombros. A pele apanhou a luz, provocando que os nus ombros brilhassem.

—Talvez acreditar na mentira seja a única chave para a felicidade. —Hoje era a primeira vez que expressava dúvidas ante sua profissão.

Causadas pelo Wyatt e sua proposta de matrimônio?



—Aonde vai esta noite? —perguntou Georgia antes que Jillian tivesse ocasião de lhe perguntar— Parece uma puta barata.

—Obrigada. —respondeu Jillian com um sorriso genuíno.

Usava um ajustado top branco com um decote pronunciado, uma mini saia jeans com a barra puída, um grosso cinturão prateado e umas botas altas negras. O cabelo era uma massa selvagem de cachos indomáveis e estava muito maquiada.

Neste momento, tudo nela gritava *“me monte e me dê um bom rodeio”*. Aparentemente o homem que, supunha-se, ia “apanhar” mais tarde, gostava que suas mulheres se vestissem assim. Quanto mais picante melhor, ou isso disse sua namorada, que vestia como uma prostituta de loja de dez centavos.

—Vou ao Mercado da Carne. —explicou Jillian.

Não era mentira, era o nome do clube noturno situado no pulsante coração do centro da cidade de Oklahoma. Esse era supostamente o lugar onde os solteiros rondavam.

A namorada de seu folgado objetivo dizia que seu homem tinha estado visitando o clube durante semanas. Pela “cerveja”. Jillian acreditaria cem por cento... se a cerveja fosse o novo nome para Divertir-se e Transar. Se o cara simplesmente queria tomar umas cervejas, por que não podia levar a sua namorada com ele? Por que a deixava em casa e insistia que ficasse ali?

Anne tinha sugerido à namorada que seguisse o cara ela mesma antes de recorrer a um chamariz, mas a mulher fechou os ouvidos ante essa ideia imediatamente. Jillian acreditava saber o porquê. Uma coisa era acreditar que seu homem a enganava; e outra coisa muito diferente vê-lo com seus próprios olhos, vivê-lo em pessoa. E mais, a garota podia ser descoberta e o tipo poderia variar seu comportamento em consequência.

A porta do escritório de Anne se abriu de repente de um puxão, assustando-a. Surpreendida, Georgia também ofegou.

Jillian se endireitou com lentidão quando Anne mostrou a cabeça. Pegou um vislumbre do cabelo cinzento da mulher e seus traços severos e enrugados antes que Anne a chamasse.

—Jillian. Entre aqui o quanto antes. Tenho más notícias para você. —Desapareceu sem outra palavra, mas deixou a porta aberta.

OK. O coração de Jillian falhou um batimento. Jogou a Georgia uma olhada nervosa, e não ajudou ao ver sua amiga com os olhos como pratos e a boca aberta. As mãos começaram a suar, e ficou de pé.

—Más notícias. —disse Georgia entre dentes, sua atenção oscilando entre Jillian e a porta— Geralmente, é brusca, mas...

—Talvez meu caso tenha sido mudado. — disse Jillian, com esperança.

—Talvez.

Georgia não parecia convencida e, no fundo, Jillian tampouco. Merda. Merda! Mais que repassar sua atribuição desta noite, Jillian tinha esperado falar com Anne sobre converter-se em sua sócia, ou o que realmente queria, que lhe vendesse todo o negócio.

Já tinha tentado abordar o assunto várias vezes, mas em cada ocasião Anne estava ocupada ou a mandava embora com a promessa de “mais tarde”.



Não havia ninguém melhor na equipe, ou mais preparada para assumir o comando que Jillian. Ela tinha estado sempre aqui (ou isso lhe parecia às vezes) e tinha um montão de maravilhosas ideias, ou isso dizia a si mesma, para levar o AATP ao seguinte nível. Como um assessoramento centrado nas vítimas de infidelidade, grupos de apoio e inclusive uma página da Web dedicada a advertir às mulheres sobre alguns homens em particular. Uma espécie de Muro da Vergonha da Internet, apropriadamente chamado Porcos Chorões, com as posições mais altas de certos indivíduos no chiqueiro. Os mais indesejados de Oklahoma.

Se tivesse o controle, as clientes do AATP conseguiriam o tipo de ajuda que sua mãe não teve.

Agora a conversa teria que esperar. Outra vez.

«*Más notícias...*» engoliu saliva. Algo estava a ponto de vir abaixo, estava segura, e pelo tom de voz de Anne, Jillian suspeitava o que era.

Capítulo 2

Se me desfizesse de meu ursinho de pelúcia, você dormiria comigo?

Jillian entrou no escritório da Anne com o coração retumbando. Anne já estava sentada atrás de sua escrivaninha. Era uma mulher severa, séria, sempre brusca e exigente, mas jamais tinha ordenado a presença de Jillian com tanta dureza antes. Nunca lhe disse que tinha “*más notícias*” para ela.

O que acontecia? Quer desfazer-se de mim? Por quê? O que Jillian poderia ter feito de errado? Estudou a sua chefe. Anne tinha uma idade indeterminável e rechaçava falar do assunto sob ameaça de morte. O que acreditava Jillian? Dois mil anos ou acima. Linhas profundas contornavam sua boca, olhos e bochechas. O cabelo era grosso e encaracolado. Não. Hoje seu cabelo não era encaracolado. Hoje seu cabelo estava alisado e afastado do rosto, fazendo-a parecer mais... bonita. Huh. Isso era novo.

Anne olhava uns papéis sobre sua escrivaninha; seus olhos cor avelã, normalmente desprovidos de qualquer emoção exceto o desgosto, agora estavam escurecidos pela culpa.

—Feche a porta. —disse Anne, voltando a prestar atenção aos papéis.

Sem dar as costas a sua chefe, Jillian empurrou a pesada porta de vidro até fechá-la. As persianas estavam fechadas, por isso ninguém poderia ver o que acontecia dentro. Observou nervosa a espaçosa sala. Grandes janelas ocupavam a parede mais afastada e numerosas plantas moribundas se alinhavam frente a elas. Uma garrafa aberta de uísque escocês descansava sobre o bar.

Algum dia queria ter um escritório próprio. Haveria alguma possibilidade agora?

Traseiro Bonito estava sentado em uma cadeira em frente à escrivaninha. Dava-lhe as costas e não se incomodou em girar-se para olhá-la. Permaneceu calado sobre o estofado assento azul, completamente relaxado. Um pouco irreverente.



—O que ocorre? —perguntou Jillian, orgulhosa de parecer tranquila e indiferente.

—Sente-se. —Com uma brusca inclinação de queixo, Anne lhe assinalou a outra cadeira... a que estava ao lado de Traseiro Bonito.

Anne planejava despedi-la? O loiro estava aqui para protegê-la no caso de que Jillian se jogasse colérica em cima dela? Imediatamente sua mente revisou de novo suas últimas e escassas atribuições. Era verdade que deu uma joelhada nas bolas de um objetivo, mas ainda poderia gerar filhos. Era verdade que tinha causado uma briga em um bar, mas ninguém tinha morrido.

Engoliu o repentino nó da garganta e se dirigiu a passos largos para a cadeira. Sentou-se, alisando a saia jeans com mãos instáveis.

—O que ocorre? —perguntou outra vez.

—Jillian Greene —disse Anne— Apresento-a a Marcus Brody. Marcus, Jillian.

Aparente indiferença. Não preocupação.

—Encantada em conhecê-lo. —disse, lhe oferecendo a mão.

Sua atenção nunca girou em sua direção. Ele manteve seu olhar fixo à frente, simplesmente arqueando uma sobrancelha em reconhecimento as suas palavras. OK. Assim ele não queria olhá-la, dirigir-se a ela ou tocá-la. «Más notícias...»

Secou-lhe a boca. Talvez não fosse tão bonito, depois de tudo. Jillian deixou cair à mão.

Anne apoiou os cotovelos sobre a escrivaninha e a brocou com um duro olhar.

—Marcus se uniu à agência como chamariz.

—O que? —A mandíbula caiu aberta, mas a fechou com um estalo. De todas as coisas que tinha esperado escutar, esta não estava nem de longe em sua lista. Tinha ouvido muitas vezes Anne jurar por Deus e por seus três bastardos ex-maridos, que jamais contrataria a ninguém com um pênis. De todos os modos Jillian experimentou certo alívio. Não estou despedida. Graças a Deus!

— Acreditava que você queria manter este escritório livre de testosterona.

—Querida, mas mudei de ideia.

Que tipo de resposta era essa? Anne odiava aos homens. O.D.I.A.V.A. Essa era a razão pela qual tinha aberto a agência. O fato de que agora tivesse contratado a um, e lhe pagasse para que demonstrasse que as mulheres eram de tão pouca confiança como os homens, surpreendeu Jillian. Ela nem sequer podia contar o número de aspirantes masculinos que Anne tinha rechaçado (com prazer) ao longo dos anos.

Tinha que estar omitindo algo, alguma coisa lhe escapava para poder entendê-lo.

—Tentaremos atrair a clientes gays, então?

Marcus Brody suspirou. Essa foi sua única reação. Ainda assim, ela tremeu. Como podia um pequeno suspiro ser tão... sensual? Como diabos seria sua voz, então?

—Não, não é gay. —disse Anne, girando os olhos.

A confusão de Jillian aumentou. Era esta uma espécie de brincadeira? Desprezou a ideia quase imediatamente em que a formou. Anne não tinha senso de humor. Podia ser... ela ofegou quando deu com a resposta.

—Anne, posso falar um minuto a sós com você?



—Não. —Anne olhou atentamente para Jillian sobre a borda dos óculos. Inflexível. Severa. Uma expressão familiar— O tempo é primordial, e eu gostaria de me livrar dessa reunião.

De acordo. Expressaria suas suspeitas em voz alta, diante de Marcus.

—Ele a está chantageando?

Finalmente o homem em questão decidiu lhe jogar uma olhada... no momento exato em que olhou para ele. Seus olhos se encontraram, o azul contra seu aveludado marrom, e o fôlego se prendeu na garganta. Por trás, era magnífico. De frente, era ainda mais delicioso do que tinha suspeitado. Incrivelmente delicioso, em realidade. Alto, loiro e musculoso. Bronzeado e rude. Parecia quase selvagem, como se não pertencesse a este tempo, uma espécie de sanguinário Viking dedicado à violação e a pilhagem.

Ele a observava de cima a baixo com um olhar de desdém no escuro olhar.

Desdém? O que tinha feito ela? *Acusou-o de chantagem, boba. E não esqueça que também acusou a este varonil homem de ser gay.* OH, sim. Entretanto, o olhar em seus olhos lhe provocou um ardente calor no interior. Algumas pessoas poderiam chamar àquele calor de luxúria. Ela o chamou aborrecimento. Não deveria tratá-la como se estivesse por debaixo dele, sem importar sua anterior provocação. Nem sequer a conhecia.

—Por que é tão difícil de acreditar que trabalhe aqui legitimamente? —exigiu ele.

Era a primeira vez que falava e sua voz se deslizou sobre ela, girando em eróticas ondas e provocando que todas as células chispassem. Sua voz era mais sedutora do que tinha suspeitado. Decadente. Bom, talvez sentisse um pouco de luxúria.

—E bem? Não há resposta?

Ele falava com um profundo e cantarolante ritmo, com um leve sotaque inglês que convertia suas palavras em quentes e orgásticas. Seus mamilos se endureceram. Condenados traidores! E lhe levou cada gota de vontade que possuía não cobri-los com as mãos, já que seu fino e apertado top revelava tudo. Tudo. Ele teria que ser cego para não notar a saudação que seus dois mamilos lhe davam.

Respirou fundo

—Lamento se o ofendi. Não era minha intenção. É só que você não é o tipo de pessoa que, geralmente, Anne contrata.

Suas loiras sobranceiras se arquearam.

—E que tipo de pessoas são essas?

—Alguém sem uma vagina. —disse ela sem rodeios.

—Tenho algo melhor, o asseguro.

Jillian piscou, tomou um momento para digerir suas palavras e sacudiu a cabeça.

—Por favor, diga-me que simplesmente não insinuou o que eu acredito.

—Insinuar? —riu entre dentes, o som rico e tranquilo, completamente encantador e completamente zombador— Só disse a verdade, Covinhas.

Covinhas? Grrrr! Assim Anne, não só tinha contratado a um homem, mas sim contratou a um com um ego enorme. A vida só seria mais perfeita se Jillian programasse um exame pélvico e ganhasse quatrocentas libras. Foi amável e simpática com ele até que ele revelou sua verdadeira



natureza, embora o saber que era um porco faminto diminuiu seu atrativo visual. Ou isso disse a si mesma.

—Sou o melhor chamariz no negócio — acrescentou ele—, e tem sorte de ter-me aqui. Você, por outra parte, é de moralidade e caráter questionável, e propensa a ataques de emoção extrema. Eu li sua ficha funcional.

Ele tinha lido sua ficha funcional? Enquanto estava bem que ela espiasse e lesse arquivos confidenciais, não estava bem que alguém lesse o seu. Condenada dupla moralidade! Mas algo quente, muito quente se deslizou através do sangue enquanto pensava nele fazendo isso. Algo que se parecia muitíssimo a... desejo? *Oh, infernos não. Está furiosa porque a insultou. Não está excitada. Seu estômago se encolhe pela cólera, não pelo desejo.*

—Primeiro, não deveria ter lido meu histórico. É só para os olhos de Anne. Segundo, não sou de moralidade ou caráter questionável. Nunca, jamais dormi com um objetivo. — Isso era verdade. Não sentia nada mais que desprezo para seus objetivos, agora e sempre. — Esbofeteei a alguns, sim, por isso não discutirei “os ataques de emoção extremos”.

—O primeiro prêmio para Jillian, então. —resmungou ele— Por conseguir manter a roupa posta no trabalho.

Aquele quente e ardente algo a provocava outra vez.

—Escutou o modo em que me insultou? —exigiu a Anne— Compreende que tipo de pessoa é, quando diz algo assim?

A diversão iluminou os olhos cor avelã de Anne.

—Escutei-o e o entendo.

—E ainda assim vai contratá-lo?

Anne lhe brindou um enigmático sorriso.

—Algo assim.

Ela ofegou. Simplesmente fecha a boca. Age como uma profissional, diferente de Marcus.

—Está me dizendo que quer a este... este *Dima* trabalhando para você? —encontrou-se dizendo de todos os modos. Um menino no quarto obviamente não era suficiente.

—*Dima*? —replicou Anne, confusa.

—Diva masculina — respondeu Jillian.

—Que bonito —disse Marcus, o sarcasmo gotejando de cada palavra— Estou aqui mesmo, sabe? Poderia guardar esta estimulante conversação para depois que eu tiver partido.

—E está de acordo com isso? —seguiu, como se Traseiro Vaidoso não tivesse falado. Tudo bem, quase tudo dentro dela queria que se fosse. Agora. Tinha-a insultado e, em lugar de experimentar fúria como tinha tentado convencer-se, quis lhe arrancar a roupa. Ali mesmo. Admitia-o. Este tipo de coisas nenhuma vez lhe tinha acontecido antes e isso a assustava— Sua atitude não a faz querer alimentar a seus gatos com seus órgãos?

Anne levantou o indicador.

—Um, não tenho gatos. —outro dedo— Dois, sua atitude não me incomoda porque você é a que tem que lidar com ele. Irá com você esta noite.

—O que?!



—Já me ouviu. Vai com você. — Não havia lugar para a discussão no tom de Anne e todo rastro de humor tinha desaparecido de sua expressão. Jillian mal teve tempo de reagir antes que acrescentasse—: Como Marcus mencionou antes, já fez este tipo de trabalho antes. Mas quero que observe como controlamos no AATP nossas operações. Aqui estão às fotos de seu novo objetivo — deu uma foto a Jillian e outra ao Marcus— Tenho um assunto pessoal para resolver, assim estarei de volta amanhã. Você é uma profissional, eu espero, assim deverá ser capaz de dirigir este dia sem mim.

O que? O que!

—Aonde vai? —disse Jillian com voz estrangulada. Os dedos se fecharam de forma instável sobre a foto.

—Já falei, é pessoal. Sem mais perguntas. Que tenham um bom dia. —E dizendo isso, Anne agarrou a bolsa, pendurou-a no ombro e se dirigiu para a porta com o terninho preto e engomado rangendo enquanto caminhava.

—Anne — a chamou Jillian, a surpresa palpitando em seu interior. Anne virtualmente vivia no escritório. Por que partia tão cedo?

—A resposta é não. —disse Anne, alcançando o trinco da porta.

—Nem sequer sabe o que ia dizer.

—Não importa. A resposta continua sendo não. —Com um puxão, abriu a porta e Georgia caiu dentro, esparramando-se sobre o tapete carmesim. Sem diminuir o passo, Anne a contornou, dizendo—: Volte para o trabalho, Carrington — logo desapareceu corredor abaixo.

Georgia levantou-se, as bochechas tão vermelhas como seu brilhante cabelo, e puxou o vestido sem alças até que quase lhe saíram os seios.

—Eu, uh, estava a ponto de bater. Alguém quer uma xícara de café?

—Não, obrigada — resmungou Jillian. A cafeína poderia ser o empurrãozinho final que o coração necessitava para deter-se completamente. Jamais teria se levantado da cama esta manhã se tivesse sabido que tipo de dia a esperava.

Marcus não pronunciou nenhuma palavra.

—Tudo bem, então. —Georgia fechou a porta apressadamente, prendendo Jillian e Marcus dentro. Sozinhos. Juntos.

Um pesado silêncio encheu a sala.

Diga algo. Faça algo. Removeu-se no assento e observou de soslaio ao empregado mais recente do AATP. Ele a olhava, com alguma coisa ilegível em seus olhos, alguma coisa dura e suave ao mesmo tempo. Alguma coisa perigosa para a paz mental. Meneou-se de novo. *Seja agradável e assim não poderá insultá-la.* Dessa forma não se excitará de novo.

O que, por certo acrescentou sua mente, é ridículo.

Quando havia se tornado assim masoquista?

—Como convenceu Anne para que lhe desse este trabalho? —perguntou-lhe, a voz ofegante enquanto as palavras se empurravam através do repentino bloco de gelo na garganta.

Um músculo palpitou em sua têmpora.

—Já que parece que você não se dá conta, me permita lhe explicar uma coisa. Essa pergunta



é insultante. De fato, você não tem feito nada mais que me insultar desde que entrou neste escritório. Ou talvez se dê conta, mas lhe importa uma merda.

Ela levantou a mão, com a palma para fora.

—Sinceramente, nenhum insulto foi intencional. —Bem, está fazendo isso bem— É somente que eu conheço a Anne e você não. Isto não é próprio dela. Você não é o único homem que quis trabalhar aqui. E sempre os rechaçou no passado.

—Posso não ser o único homem a querer trabalhar aqui, mas lhe prometo que sou o melhor.

Jillian não tinha nenhuma dúvida a respeito. Nenhuma mulher seria capaz de resistir a seu potente encanto. Ainda assim...

—Tem que haver algo mais em tudo isto.

—Aonde quer chegar? —perguntou através dos brancos dentes apertados— Que sou o brinquedo sexual da Anne?

De repente à defensiva, ela endireitou as costas.

—É?

—Para sua informação, Covinhas. Jamais necessitei tanto um trabalho para que tivesse que me deitar com a chefe para consegui-lo — o tom foi mais duro com cada palavra, e acrescentou—: Embora, obviamente, seja um pouco lenta, realmente espero que entenda minhas seguintes palavras para assim não ter que repeti-las como um disco arranhado. Preste atenção. Poderiam fazer um exame em você. *Anne. Quer. Ampliar. O. Negócio.* Fim da história.

Entrecerrou os olhos. Uma quebra de onda de intenso aborrecimento sim, aborrecimento e não a outra tola emoção a atravessou. Com algumas pessoas conectava à primeira, com outras... não. Eles obviamente não o faziam. E a cada momento que passavam juntos, a aversão sim, a aversão e não alguma outra e ainda mais tola emoção se intensificavam.

Mantenha o controle. Não o deixe ver quanto à afeta.

—Minhas perguntas e inquietações são justificadas — disse ela sem alterar a voz (bom, possivelmente um pouco).

—Não, não são. —grunhiu ele.

—Certamente que pensa isso —lhe sorriu docemente— É irracional.

—Aposto que é um verdadeiro pacote de alegrias... no trabalho — disse ele, resmungando logo— Realmente espero não ter que intervir na extinção do fogo que certamente iniciará esta noite. Ouvi que já provocou várias brigas.

—A culpa disso é da Irmandade das Raivosas Ereções — disse ainda repugnantemente doce— Não minha.

—É por isso que está tão resmungona, Covinhas? Tem medo de que esta noite interfira em seu trabalho e a impeça de provocar essas ereções? —Havia mais repugnância nessa frase da que jamais tinha escutado de nenhuma outra pessoa— Provavelmente se limite a excitar a seus objetivos e depois ir embora.

Isso foi baixo. Muito baixo. Essa parte de seu trabalho não gostava, mas tinha se resignado a fazê-la porque os resultados finais eram muito importantes para as vítimas de infidelidade.

—Essa observação é muito graciosa, Mark. Vindo de você. É você não tem também um



trabalho que requer que excite às mulheres e logo se afaste delas?

—É Marcus —disse com dureza— Só respondo por Marcus.

Foi um brilho de culpa o que viu em seus olhos? Não, certamente não. Possivelmente orgulho. O mais provável é que ele estivesse se dando mentalmente tapinhas nas costas.

Ela encolheu os ombros.

—O que você disse Markie.

Os minutos passaram enquanto a olhava fixamente e com atenção. Logo, disse:

—O que disse sobre as ereções foi sem cabimento. —admitiu a contra gosto.

Jillian sacudiu a cabeça e piscou. Estava ele (e ela não se atrevia a acreditar) lhe pedindo perdão? Seu pai o tinha feito. Inclusive seus ex-namorados o tinham feito. Mas as palavras nunca antes tinham deslizado sobre a pele com o ardor de uma carícia. Eles nunca a tinham afetado até o tutano dos ossos e a tinham feito querer perdoá-los.

—Simplesmente começemos a trabalhar. —disse depois de limpar a garganta, sem saber o que mais dizer. Obrigou-se a esquecer de Marcus e enfocar-se na foto que Anne lhe tinha dado. Foi uma boa distração. O homem que lhe tinham atribuído essa noite teria uns quarenta anos. Tinha um pouco de entradas, amáveis olhos negros, uma mandíbula forte e maçãs do rosto altas. Em geral, não era um porco de má aparência.

Pela manhã, sua vida tal e como ele a conhecia estaria arruinada.

Talvez ela fosse emocionalmente estéril ou algo assim, porque isso teria provocado a maioria das pessoas que se sentissem um pouco triste, um pouco culpadas. Possivelmente inclusive alguns teriam abandonado o trabalho. Jillian, bom, queria que sua namorada soubesse exatamente o tipo de perdedor para o qual tinha cozinhado e limpado, com o que tinha dormido e ao que lhe tinha dedicado todo seu tempo e energia.

Como Georgia, Jillian teria gostado de encontrar-se com um homem com honra e integridade, que não se derrubasse sob o encanto da tentação proibida. Um homem que desse mais importância ao amor que ao sexo.

Aquele pensamento a devolveu ao varão no qual não queria pensar, mas ao que aparentemente não podia separar da sua mente, perguntando-se surpreendida a que tipo pertenceria ele. Não acreditava que o atraía mais que um fumegante montão de merda. Teria namorada? Tratava a todas as mulheres com o mesmo desdém ou só a ela?

Como trataria a alguém que gostasse?

—O que sabe de Darren Sawyer, o objetivo desta noite? —Todo homem de negócios agora, Marcus se reclinou na cadeira e dobrou os braços sobre o estômago. A camisa se estirou contra os duros tendões e a aveludada pele.

—Ainda não tive a oportunidade de ler seu histórico de trabalho.

—Sua namorada diz que está em meio da crise dos quarenta.

Marcus fez uma pausa, uma mecha de cabelo loiro caindo sobre a testa. Lindo, mas de um modo totalmente masculino.

—É a namorada quem diz isso? Ou você? —Ele apoiou o cotovelo sobre o joelho elevado e o queixo na palma— O tom de sua voz diz que o homem já foi julgado e condenado. Não se supõe



que deveríamos ser imparciais?

—Não —se mofou— Não se supõe que somos imparciais.

—E por que não?

—O que importa a objetividade? Esse homem a engana ou o fará cedo ou tarde —agitou a pasta no ar— Darren trocou seu Toyota por um Cobra¹. Passa duas horas do dia no ginásio quando estava acostumado a passar conversando com sua namorada. E esteve frequentando o clube noturno cada fim de semana. O mais seguro é que tenha decidido abandonar a sua velha namorada por outra mais jovem, só que a velha namorada não sabe. Ainda.

Agora aquele familiar olhar de desgosto cobriu os olhos de Marcus, perfurando-a como um raio laser.

—Um novo carro, fazer esporte e dançar é igual a uma crise dos quarenta, Covinhas? Talvez o homem simplesmente queira melhorar.

Maldição, seu tom era inusitadamente sexy. Isso a fez sentir uma comichão. Ainda assim odiava, odiava, odiava a forma em que disse a palavra covinhas. Soou como uma carícia, verdade? Não de seus lábios. Era mais um insulto.

—E possivelmente todo este tempo devorei uma pizza tamanho família sozinha, em uma sessão, por motivos medicinais.

—Eu conduzo um fodido Jaguar. E faço esporte. Significa isso que estou em meio de uma maldita crise?

Dois palavrões. Havia tocado, possivelmente, um nervo sensível?

—Bem, vamos ver — deu batidinhas com o dedo no queixo e fingiu confusão ante as seguintes palavras— Entregou seu velho carro como parte do pagamento de outro que não podia se permitir?

—Não. —disse rigidamente.

—Fez uma tatuagem que diz “Sou Puro Fogo”?

—Não. — disse, um pouco mais rigidamente.

—Segundo sua namorada, Darren Sawyer fez ambas as coisas. Acha que se endividou e marcou a pele para sempre só para melhorar? Ou — eu sei que estou enrolando, mas tenha paciência comigo, Mark — talvez tente pegar um quente e apertado traseiro.

Marcus passou a língua pelos dentes. Parecia albergar um inferno em seu interior, a ponto de explodir. Ele não necessitava uma tatuagem para dizer ao mundo que queimava.

—Cem dólares que Darren não vai dar em cima de você esta noite.

Os olhos se estreitaram.

—Pensa me sabotar?

—Claro que não. Simplesmente tenho fé no senhor Sawyer. Acredito que se equivoca com ele. Que ele simplesmente tenta sentir-se bem consigo mesmo. Acredito que vai olhá-la e seguir seu caminho. Como jogador, realmente eu gosto das probabilidades que tenho com este.



1



O que tentava dizer? Que ela não podia atrair a nenhum homem, nem sequer um que rondava às mulheres? Apertou as mãos, enrugando a foto. OH, já ensinaria a Marcus. Com muito prazer. Sentir-se bem consigo mesmo, por favor! Seguir seu caminho? Nem pensar.

—Perderá.

—Não tem dúvidas? —disse ele, arqueando as loiras sobrancelhas que lhe davam esse insolente aspecto que tinha começado a odiar. E desejar, malditos hormônios.

—Nenhuma absolutamente.

—Não me surpreende —sacudiu a cabeça, provocando que mais mechas loiras caíssem sobre a testa— Obviamente tem uma alta opinião de si mesma.

—Em realidade, o que tenho é uma baixa opinião dos homens. —*Porco*, insultou-o mentalmente, embora ao mesmo tempo tivesse que reprimir o impulso de lhe retirar aquela mecha do rosto. O que estava errado com ela? Necessitava uma surra por essas tendências masoquistas. Uma surra má, travessa e, oh sim, uma... *Boba. Para*— Darren não vai cair porque me quer especialmente. Cairá porque é um pênis andante e os pênis andantes nem sequer são capazes de distinguir uma mulher de uma boneca inflável.

—Deveria ter sabido que diria algo como isso. —Marcus articulou outra de suas deliciosas e ricas risadinhas. Mais deliciosa que o chocolate. Mais rica que o creme montado. — Não será uma dessas que odeiam aos homens, verdade, Covinhas?

Ela mordeu o interior da bochecha com tanta força que notou o sabor do sangue.

—Odeio aos mentirosos e aos estelionatários. Por isso sim, suponho que sou uma dessas que odeiam aos homens.

—Talvez seja porque não encontrou ainda o homem adequado.

—E se supõe que esse homem é você, Markie o excêntrico? — zombou, demonstrando o absurdo que lhe parecia a ideia. Deus, jamais havia sentido tanta aversão por alguém, nem com tanta rapidez. Ele era vil. Absolutamente vil... e tão desejável que as mãos tremiam pela necessidade de tocá-lo. Definitivamente era masoquista. Surpreendente que nunca o tivesse compreendido antes de hoje.

—Não tem que preocupar-se de que me aproxime de você —disse ele— Não é meu tipo.

—E que tipo é esse? —Não pôde evitar lhe perguntar.

—Fria e desumana. E meu nome é Marcus.

—Está me chamando de fria e desumana ou é o tipo de mulher com a qual você gosta de sair?

—A você.

Oh, o sangue ferveu, em vermelho vivo, consumindo-a. Não era fria nem desumana. Mas o insulto a afetou profundamente porque às vezes, só às vezes, tinha medo de que fosse ambas as coisas. Depois de tudo, ajudava a arruinar a vida das pessoas e não se sentia mal por isso.

—Por que demônios é tão irritante comigo? E se não souber o que quero dizer com irritante, estarei encantada de te agarrar, Senhor Feliz e lhe explicar isso.

—É uma mulher, Covinhas — a olhou fixamente com um zombador meio sorriso curvando a deliciosa boca— É tudo o que necessita para me irritar.



Ela piscou.

—Você não gosta de mim porque sou mulher? —Talvez, realmente, fosse gay.

—Não, eu gosto muito. Algumas partes de você, ao menos. —Os olhos se deslizaram sobre seu corpo em um olhar lascivo, detendo-se em seus seios e entre suas pernas, tirando lentamente sua já escassa roupa. Desafiando-a que se atrevesse. Rogando para que o fizesse, em realidade.

Como se alguma vez, alguma vez permitisse àquele porco vê-la nua. Amassasse seus peitos. Apertasse os mamilos entre seus dedos. Lambesse um caminho descendente pelo corpo. E... grunhiu no profundo da garganta.

—As mulheres são as estelionatárias e as mentirosas —disse— Não os homens. Elas alegremente esquecem sua moralidade quando acreditam que vão conseguir um orgasmo. Ou um homem com mais dinheiro. Ou um homem que estupidamente faça tudo o que pedirem. E a lista poderia seguir e seguir.

Jillian piscou de novo quando a compreensão se fechou sobre ela de repente. Oh, que ironia. Riu, incrédula. Marcus Brody era a versão masculina dela mesma. Este espécime ferozmente lindo pensava que as mulheres eram umas vulgares. Incrível. Incompreensível. Não tinha preço.

—Não é engraçado. —disse com dureza.

—Sim, é. —Obrigando a si mesma a acalmar-se, estudou-o— Exatamente, quanto tempo está trabalhando neste negócio?

Ele apertou os lábios em uma amotinada linha. Aparentemente, compartilhar informação pessoal não era parte de sua relação ódio - ódio.

—E bem? —pressionou ela.

—Oito anos — respondeu finalmente. Jogou uma olhada ao relógio de pulso— E agora terminemos esta conversa. Tenho a informação que necessitava sobre o objetivo. Já pode ir.

—Pode ir? —ofegou ela— Pode ir?

—Sim. Há eco na sala?

Já tinha mencionado que odiava este homem?

—Nos encontraremos no clube em três horas e meia. —disse. Elevou o duro e grande corpo do assento, rodeou de uma pernada o escritório da Anne e se sentou em sua cadeira.

Sobressaltada por seu atrevimento, Jillian sacudiu a cabeça.

—O que acha que está fazendo?

Ele olhou fixamente os papéis.

—Não acredito que isto seja de sua conta, mas Anne me disse que me sentisse em casa.

—Posso te garantir que não quis dizer em seu escritório.

Ele se inclinou para trás e estirou as pernas, cruzando os tornozelos sobre a mesa. Encontrou seu olhar.

—Estava aqui? Escutou a conversa?

—Não. —disse ela através dos dentes apertados.

—Então não sabe o que quis dizer, verdade?

Bastardo satisfeito. Mais que aos quebra-cabeças, mais que a este homem, odiava não ser a melhor. Queria Marcus fora do escritório para então, poder colocar-se ela mesma ante a



escrivaninha de Anne. Queria ler seu histórico como ele tinha lido o seu. E que diabos tinha posto Anne em seu arquivo para fazê-la parecer uma pessoa de moral questionável?

—E bem? —espetou-a — Quanto tempo planeja ficar aí sentada?

De acordo, decidiu imediatamente. Deixa que fique. Isso irritaria Anne quando soubesse, e poderia (por favor, por favor, por favor!) despedi-lo. Além disso, discutir com ele ainda a excitava. Agora mais que antes. A pele lhe ardia e o sangue quente fluía pelas veias a uma velocidade alarmante.

—Deixa a porta aberta quando sair. —acrescentou ele com ar de suficiência.

Olhando-o com os olhos entrecerrados e ofegando um pouco, Jillian ficou de pé. Melhor partir agora, antes que ele mencionasse sua má reputação ou uma pior reputação, de todos os modos e saltasse sobre seus ossos. O que está errado comigo? Perguntou-se pela milésima vez.

Caminhou rapidamente para a porta, dizendo em suave tom zombador sobre o ombro:

— Vou para casa tirar de cima de mim sua grosseria. Verei você no clube, Markie. Assegure-se de levar esses cem dólares que me deverá. Espero que me pague no momento em que perder. — fechou de repente a porta atrás dela, provocando que o vidro vibrasse e se afastou corredor abaixo.

Capítulo 3

Perdoe-me, mas preciso do número do seu telefone para dar ao meu amigo. Assim saberá onde pode me encontrar pela manhã.

O telefone de Georgia Carrington soou enquanto Jillian saía do edifício sem uma só palavra ou olhar. Bom. O que tinha acontecido? Nunca tinha visto sua amiga tão transtornada.

Brrring, brrrin. O telefone soou enquanto ficava de pé para ir atrás de Jillian.

Depois de uma momentânea vacilação, voltou a sentar na cadeira. Teria que averiguá-lo mais tarde. Só havia uma pessoa que a ligava a essas horas e não tinha força para ignorá-la. Além disso, Jillian provavelmente apreciaria esse tempo para esfriar-se.

Isto está mau. É uma má amiga. De todos os modos agarrou o telefone e o segurou na orelha, já um pouco sem fôlego.

—Georgia Carrington.

—Ei você!

Ouvindo essa profunda e terna voz, o estômago se encolheu imediatamente. Sim, tinha tido razão. Brent. O irmão mais velho de Jillian e sua perdição durante toda a vida.

—Tem que deixar de me ligar no trabalho, Brent. —disse, sabendo que não o faria. Uma parte dela se alegrava por isso. Outra, odiava aquela parte.

—Não posso remediar isso. —disse Brent em um tom baixo, sussurrado, como se compartilhassem um segredo— Tinha que ouvir sua voz. Passaram vinte e quatro horas desde que



falamos, e isso é muito tempo.

O estômago se encolheu de novo e ela se arrepiou. Entrar em contato com Brent era perigoso, inclusive por telefone. Ele era a única pessoa no mundo que podia tentá-la para afastar-se de Wyatt e a única pessoa no mundo com a que nunca, jamais, se permitiria ter um problema.

Não tinha estado interessado nela, quando ela sim o tinha estado nele, tinha-a rechaçado muitas vezes, e agora era muito tarde. Além disso, embora agora saísse com ele, se afastaria dela no momento em que comesse a envelhecer. Uma ruga... adeus Brent. Ganha alguns quilogramas e... aonde vai Brent tão depressa?

No colégio, tinha sido um patinho feio e ele a tinha evitado. Agora que era agradável à vista, perseguia-a sem piedade. Era insultante. E por que não põe fim a isto?

—Quer ir ao cinema logo mais à noite? —perguntou ele— Não diga que não. Estou disposto a ver um filme desses românticos, e se isso não demonstrar minha devoção para você, nada o fará.

Fechou os olhos, imaginando-se ao lado dele na sala, compartilhando pipocas. Wyatt odiava ir ao cinema. Jantares e festas caras, essas eram suas preferências.

—Não, sinto muito. —se obrigou a dizer— Tenho planos com Wyatt.

Houve uma pausa espessa, pesada. Aproveitou-a para esmagar a caneta.

Então Brent grunhiu do fundo da garganta.

—Odeio a esse fodido imbecil.

—Como sabe que é um imbecil? Nunca o conheceu.

—Não tenho que conhecê-lo para saber que não é o bastante bom para você.

Ela tremeu. Termina com isto. Só está brincando com fogo...

—Adeus, Brent — disse, de novo forçando-se a fazer algo que não queria. Desligando o telefone, cortando a conexão. Não é para você. Não o engane.

Diabos, não engane a si mesma.

Assim por que de repente queria gritar?

A porta do escritório de Anne se abriu e o delicioso deus loiro jogou uma olhada fora. Olhou para o final de um corredor, logo na outra direção.

—Procura Jillian? —perguntou. Ele e Jillian deviam ter se enrolado no tapa porque ele parecia tão zangado quanto ela.

Ele não disse nada, somente franziu o cenho para ela e fechou a porta de novo.

—Genial. —resmungou. Hora de retornar ao trabalho. Já! Pensaria no novato mais tarde.

Dentro do escritório de Anne, Marcus caminhou com ímpeto até a escrivaninha e se sentou na cadeira giratória. Cruzou os braços sobre o peito e olhou fixamente a porta, o nariz aspirando ao delicioso e persistente aroma da fêmea. Um misterioso aroma que não podia se localizar. Talvez um pôr do sol. Talvez uma brisa marinha a meia-noite. Talvez inferno e enxofre.

Bem, de acordo. A reunião não tinha ido como tinha planejado. Por culpa de Jillian, é óbvio. Mulher era exasperante.

Ele tinha trabalhado neste ofício *tira-inocências* durante muito tempo, mas jamais se encontrou com um chamariz como ela. Era... imprevisível. Um bombom que lhe sorria um



momento e o açoitava com sua língua ao seguinte. Mmm, açoitar com a língua. Franziu o cenho. *Não vá por aí.*

Tinha pensado em comportar-se, mostrar a ela seu lado cortês. Entretanto, ela tinha entrado olhando-o como se fosse um pedaço de algo comestível, e aquela intenção tinha voado direto ao inferno. Nesse ponto, a única cortesia que teria conseguido dele seria se lhe tivesse pedido que a deitasse sobre sua escassa roupa e se oferecesse para comê-la inteira. Poderia inclusive tê-lo agradecido.

Daí a razão pela qual tinha feito tudo o que pôde para irritá-la.

Se o desprezasse, se afastaria continuamente e jamais teria que preocupar-se de ceder ante a tentação. Ou tentar seduzir à tentação. Era pura dinamite, e tinha se acendido com cada insulto que lhe havia dito. Não deveria ser tão excitante. Insultá-la não deveria ter sido tão excitante. Mas o tinha sido. Oh, como o tinha sido.

É um sádico, repreendeu-se. Geralmente não permitia que as mulheres o afetassem a nenhum nível exceto o sexual. Mas Jillian fazia isso e mais... E o tinha feito enquanto o olhava como se fosse uma ferida infectada sobre o traseiro de um cavalo em um momento e um prato de morangos banhados em chocolate no seguinte.

Ira? Sim, zangou-se. Tinha-o acusado de foder com a chefe para conseguir um trabalho. Admiração? Definitivamente. Tinha-lhe confrontado nariz contra nariz, devolvendo os insultos e a (fingida?) indiferença. Excitação? Absolutamente, merda! Mais da que tinha experimentado em anos.

Conclusão: comprar a AATP de Anne sem conhecer primeiro a todos os empregados pessoalmente tinha sido um engano. Um que era muito tarde para retificar. Tinha lido seu histórico de trabalho, certamente, mas não tinha considerado suas personalidades reais. Ou o choque que suas diferentes personalidades poderiam provocar... Ou a luxúria. Em sua defesa, diria que simplesmente tinha querido ampliar seu negócio e tinha estado cego a tudo exceto à margem de benefício.

Já não o estava.

Depois de lhe telefonar e lhe oferecer a empresa, Anne mudou de ideia no dia seguinte e logo voltou a mudar de ideia de novo quando a visitou e sugeriu Jillian Greene como sua segunda no comando. De nenhuma maldita forma consideraria isso agora. Primeiro: sentia-se atraído por essa exasperante diaba. Nunca havia se sentido atraído por um chamariz antes e não gostava que lhe acontecesse agora. E por essa mulher. Segundo: Jillian era um perigo para a sociedade com sua cara inocente, seu mortal corpo e sua língua viperina. E agora era dele.

O corpo, imediatamente endureceu em todos os lugares corretos. *Ei, rapaz! Não é minha de forma pessoal. É minha empregada.*

Lutando contra o rastro de pólvora no sangue, procurou entre as pastas de empregados que descansavam sobre um canto da escrivaninha. Quando encontrou a de Jillian, agarrou-a e abriu. Seus traços, aparentemente inocentes, olharam-lhe de baixo. *Quer me provar, verdade?* Parecia dizer seu meio sorriso.

Sim. O fazia.



Ela tinha um nariz arrebitado, pequenas sardas dispersas e mal visíveis, tinha tido que procurá-las intensamente quando a tinha conhecido em pessoa e, doce Jesus, as covinhas mais bonitas que jamais tinha visto. Essas não tinha tido que buscá-los. Atraíram sua atenção e não a soltaram. Somados, todos esses traços eram os atributos de uma professora de catequese.

Também tinha brilhantes cachos escuros feitos para as mãos de um homem, exuberantes lábios rosados e grandes olhos azuis rodeados de negros cílios... Os atributos de uma boa e saciada gatinha sexual. Uma deliciosa combinação que fez perguntar-se como seria ela na cama. Talvez ambas as coisas.

Não vá por aí, idiota.

Tossiu e se remexeu na cadeira, quente e definitivamente incomodado. Lendo os pontos fortes, Anne tinha marcado: leal, honesta, decidida e desconfiada. Por que desconfiada era um ponto forte? Sobre fraquezas: dada à caridade, bem intencionada e sempre colocava o bem-estar de seus amigos ao seu próprio. Aquilo eram fraquezas? Ele sacudiu a cabeça. Anne era estranha.

Ele mesmo não tinha visto nenhuma qualidade redentora em Jillian. Bom, isso era mentira. Tinha-lhe pedido perdão a primeira vez que, sem querer, tinha-o insultado, quando lhe perguntou o porquê Anne o tinha contratado. Também estava sua boca. Certamente, essa era uma qualidade redentora. E suas pernas. E seus seios, com aqueles mamilos *tão-duros-que-desejei-lambê-los*.

Todo o sangue se precipitou à zona sul de novo. Por favor, refletiu imediatamente. Parece que este jamais emigrou ao norte desde que Jillian entrou no escritório.

O que ia fazer com essa mulher?

Eu posso pensar em algo, respondeu a ereção.

—Cale-se —resmungou asperamente— Você não tem voz neste assunto. —Infernos, não. As ereções convertiam os homens em... bom, imbecis. De fato, faziam coisas estúpidas. Ele não era estúpido. A maior parte do tempo.

As mulheres eram víboras por natureza, Jillian claramente mais que a maioria, com sua desconfiança e tudo isso. Envolver-se com uma empregada, especialmente com uma que não vacilaria em cortar em rodela a seu oponente, seria o equivalente a dividir todos os órgãos vitais e vendê-los no e-Bay².

Não é que Jillian tivesse querido ter algo com ele.

Não é que Marcus quisesse ter algo com ela. Em realidade.

Era um jogador, mas ela era uma aposta muito alta. Muito alta. De todos os modos ele teria gostado de jogar strip-pôquer com ela. Ter toda a paixão de Jillian enfocada em uma mão de cartas enquanto estava nua... OH, fodido inferno. Mais disso e poderia perder todo o bom senso, seguir adiante e tentar seduzi-la.

Teria namorado? Era Jillian do tipo que exigia um compromisso? Certamente não. Como ele, provavelmente mantinha suas relações estritamente em nível do sexo, sexo e mais sexo. Sem ataduras. Nunca. E jamais com empregados, recordou-se. Ou colegas de trabalho. Ou outro

² e-Bay - empresa de comércio eletrônico fundada nos Estados Unidos, em Setembro de 1995, por Pierre Omydiar. Atualmente é o maior site do mundo para a venda e compra de bens, é o mais popular shopping da internet, e possivelmente foi a pioneira neste tipo de trabalho.



chamariz.

Provavelmente precisaria recordar-se umas milhares de vezes mais, já que tinha estado desanimado ultimamente e nem sequer tinha tido um pouco de sexo. Não por culpa dele. Teve ofertas, bom, algumas ofertas.... De acordo. Tinham sido duas. Em sua defesa, de novo, teria que dizer que não tinha sido exatamente agradável com as mulheres que se aproximaram.

Simplesmente, ultimamente não estava muito interessado e (para sua vergonha) não podia ficar duro porque tudo no que podia pensar era na natureza da condenada dança do acasalamento inteira. Encontrar-se, transar, dizer adeus ou tentar que a coisa funcionasse, para terminar em fracasso. Então tinha visto Jillian e o desânimo terminou. Literalmente.

Em que confusão me coloquei agora? — perguntou-se outra vez.

Embora precisasse manter Jillian a uma distância emocional, mantê-la zangada com ele para que assim não houvesse nenhuma possibilidade de serem amigos ou amantes, tinha que suavizar as coisas com ela ou a vida no escritório seria um inferno. Esta noite seria um inferno. E não necessitava mais infernos. Tinha vontade de relaxar, de simplesmente observar como se desembaraçava em uma atribuição e criticá-la em sua mente. Agora teria que intervir e limpar tudo o que Jillian danificasse. E ela danificaria. Mulheres tão emocionalmente voláteis afastavam tudo em seu caminho.

Não era um estereótipo. Era simplesmente a verdade.

Com o temor (e a antecipação) estendendo-se interiormente, jogou uma olhada à direção da casa de Jillian. Teria que aproximar-se dali e suavizar as coisas, mas mantendo ainda as distâncias. Teria que usar sua famosa cara "de farol" para cobrir o temor (e a antecipação).

Menos mal que ele gostasse dos desafios.

Jillian cruzou a porta de sua casa chispando em fúria. Imbecil. Idiota! Fervia, não completamente segura se pensava em si mesma ou naquele sabichão do Marcus Brody. Não podia recordar ter estado tão irritada em muito, muito tempo. Como podia uma pessoa ser tão grosseira? Tão diabólica?

Tão malditamente sexy?

Jogou as chaves e a bolsa sobre a mesa do vestíbulo e avançou pesadamente para o dormitório. Geralmente sua casa era o lugar onde relaxava seu refúgio ante o exasperante e sempre decepcionante mundo exterior. Abundantes (e falsas) plantas se derramavam e coloriam cada canto. Tinha-as pintado ela mesma. As paredes eram de cor caramelo e café... sua debilidade maior. Os chãos eram de madeira e polidos até seu máximo brilho. Nada estava fora do lugar, tudo estava limpo.

Jillian era uma mulher que desprezava o caos e a desordem.

Marcus Brody era o caos total.

—O homem deve morrer! —Disse ao abajur de bronze que pendurava do teto do vestíbulo— Mas primeiro, deve experimentar a dor e o sofrimento — disse a seu dormitório.



Com um grito, lançou-se sobre a cama estilo trenó³. O suave e marrom cobertor muito parecido à cor dos olhos de Marcus para a paz mental se curvou a seu redor. Golpeou-o uma vez, duas vezes, logo deixou sair toda a tormentosa fúria, decidida a liberar seu mau caráter antes que cortasse a cabeça do seu objetivo assim que o visse para que ele não ganhasse a aposta. Quando terminou, estava cansada e ofegava, mas se sentia melhor.

—Eu também posso controlar minhas emoções. —resmungou, apesar do arrebatamento. Às vezes.

Tudo teria ido bem se Marcus não tivesse despertado esses desejos tão potentes em seu interior com seus penosos insultos. Não tinha desejado a um homem em muito tempo, e desejava-lo... agora. Grrrrr!

Tinha deixado de ter encontros, tinha deixado de sentir nada mais exceto repugnância para os homens e suas relações. Então, Marcus tinha caminhado em frente a seu cubículo e o sistema nervoso lhe tinha chispado à vida. Ninguém deveria cheirar tão bem e estar tão bom em um jeans e essa era uma muito boa razão para desprezá-lo ainda mais.

Exceto não o tinha odiado. Não em seguida. Então ele abriu a boca, soltou todas essas grosserias e a olhou com aversão... E isso deveria ter sido suficiente para lhe recordar sua própria predisposição ao ódio, assim como apagar o fogo em qualquer garota sensata. Em troca, sua atitude a tinha excitado. Cativado. Ninguém, jamais, tinha-a tratado assim antes. Os homens paqueravam com ela, maldição!

—Talvez me tornei como minha mãe. —resmungou. Odiando algo um momento, amando-o ao seguinte. Feliz um momento, deprimida ao seguinte— Deus me livre. —suspirou. Marcus Brody deveria ser ilegal em cinquenta estados e três países— Porco.

Enquanto expunha os motivos pelos quais ele pertencia a um curral, cheio de lama e cevada para ser talhado em grossas fatias de bacon, o telefone soou, sobressaltando-a. Endireitou-se de repente e jogou uma olhada ao identificador de chamada. Georgia Carrington. Com o cenho franzido, Jillian recolheu o receptor e o colocou à orelha.

—O que acontece?

—Ah, bem. Está em casa —disse Georgia em um sussurrou— Tem que me contar o que aconteceu entre você e o loiro.

—Onde está?

—Em um compartimento do banheiro. Não importa. Concentre-se e solta tudo. Quando ele viu que você tinha partido, voltou para o escritório e logo saiu como uma tromba minutos mais tarde.

Ela experimentou um pingo de satisfação ao saber que também ele tinha partido irritado. Provavelmente tinha necessitado estar a sós um momento para acariciar seu super inchado... ego.





Idiota.

—Deixou o edifício ou só o escritório da Anne?

—O edifício —Georgia expulsou um frustrado fôlego— Não pude escutá-los através da porta. O que disse ele? O que disse Anne?

Jillian explicou o estranho comportamento de Anne, o modo em que lhe tinha ordenado que trabalhasse com o Marcus e como logo a deixou tensa, a voz entrecortada pela irritação. De todos os homens nos quais Anne podia ter decidido contratar no AATP, tinha que ter escolhido a esse primeiro. Esse...

—Imbecil — resmungou.

—Não é possível.

—Você não escutou o modo como me insultou. —E me excitou com aqueles insultos.

Idiota— É um imbecil, asseguro-lhe isso.

—Não, está me dizendo que Anne o contratou de verdade? A um homem?

—Assim é — Vê? Jillian não era a única surpreendida por tal acontecimento. Sua reação tinha sido justificável. Só lamentava que Marcus não estivesse aqui para assim poder pôr o telefone na sua orelha e gritar: Ouviu isso? Não fiz nada errado!

—Deus querido, por quê? —disse Georgia.

—Sua hipótese será tão boa como a minha.

—Poderia ter um tumor cerebral que a faz fazer coisas estranhas.

—Ou um *alien* poderia ter assumido o controle de seu corpo. —sugeriu Jillian.

—Ou poderia ter deixado a medicação e agora escuta vozes em sua cabeça.

Possível, muito possível.

—Independente da razão, nós seremos as primeiras a sofrer. Marcus, em realidade, pensa que as mulheres são de pouca confiança, que faríamos ou diríamos qualquer coisa por um orgasmo.

—Bom...

—Georgia!

—Não tive um bom tempo —disse à defensiva— E estou começando a me sentir um pouco desesperada.

Jillian beliscou a ponte do nariz.

—Faz uma hora, disse-me que tudo ia bem com o Wyatt.

—Assim é. —Um *mas* não expresso flutuou no ar— Só que, bom, deixei de dormir com ele quando me pediu que nos casássemos pela primeira vez.

O que acontecia com o mundo? Georgia era a otimista que desejava um amor de filme, e Jillian era a mulher insensível que não acreditava no felizes-para-sempre. Não era próprio de Georgia deixar de dormir com um homem porque ele queria casar-se com ela.

—Tenta afugentá-lo?

—Não, é óbvio que não — disse Georgia, mas de novo houve dúvida no tom— Só quero estar segura de que é o homem adequado.

—Por que duvida tanto? Ele passou na prova.



—Não sei, sabe? Diz-me quão linda sou, quanto gosta de me olhar. Mas o que acontecerá quando engordar uns quilogramas ou, Deus me livre, sair rugas? Ainda me amará ou se parecerá com seu ir... homens? —soltou precipitadamente— Se parecerá com outros homens? Quero dizer, Jill, que não desejo a um homem que saia correndo quando sair uma espinha em mim.

—Então o deixe.

—Estou assustada. —sussurrou com uma beira de desespero.

Jillian massageou a nuca. Não tinha a resposta correta para sua amiga.

—Se não está segura sobre Wyatt, saia com meu irmão. Sabe que está apaixonado por você e não se importará se for uma bruxa gorda, velha e enrugada.

—Não é verdade. —disse. Com desejo?— Inclusive embora ele não me diga que sou bonita, sei que Brent está tão apaixonado por meu aspecto como Wyatt. Não se interessou por mim nem no colégio nem na faculdade quando eu era uma garota feia, a que todos faziam brincadeiras. Só quando desenvolvi os seios, jogou uma olhada em minha direção.

Georgia tinha razão. Brent não a tinha olhado duas vezes então. Tinha-a tratado como a uma aborrecida irmã e inclusive não voltava para casa os fins de semana que sabia que Georgia ficava para passar a noite. Talvez ele não a merecesse... inclusive embora fosse um dos melhores homens que Jillian conhecia.

—Me conte mais sobre nosso novo companheiro — disse Georgia.

Decidindo não fazer caso daquele anterior desejo em sua voz e do que podia significar, não despertaria as esperanças de Brent, só para que logo se rompesse em pedaços, explicou a ela sobre a aposta sobre se seu objetivo realmente se aproximaria dela ou, como assegurava Marcus, não o faria.

—Francamente, não sei se apoiava a seu gênero masculino ou insultava meu aspecto.

—Que desperdício de traços cinzelados e músculos de estrela de cinema —disse Georgia com um suspiro— Estamos ante um desprezo ou declaramos a guerra?

Deus, amava a sua amiga. Além de seu irmão e irmã, não havia ninguém mais no mundo que, automaticamente, ficasse de seu lado e estivesse disposto a fazer o que fosse necessário para ajudá-la.

—A guerra. —respondeu sem vacilar. Marcus e sua sexy grosseria tinham que partir.

—Genial. Não fomos à guerra juntas desde que convencemos àquela puta da Judie Holt de que partisse.

Jillian sorriu amplamente. Oh, que bons tempos. Desde o primeiro dia, Judie não tinha causado nada mais que problemas. Tinha mexericado, mentido, dormido com seus objetivos e conseguido que despedissem uma amiga delas. Chegados a esse ponto, elas tinham estalado. Puseram laxantes em um pedaço de bolo e o deram em sua festa de aniversário. Moviam seu computador até o banheiro ao menos uma vez por semana. Colaram papeizinhos às suas costas onde dizia “me chute” tão frequentemente como foi possível. Infantil? Sim. Importava-lhes? Não. Inclusive Anne achou tudo muito divertido.

—Tenho que desligar. —murmurou Georgia através da linha— Alguém entrou no banheiro.

—Uma longa pausa— Uh-OH —sussurrou e logo disse com voz amortecida— Acredito que ficará



um pouquinho. —Não esperou a resposta de Jillian— Liguei para você mais tarde. —*Clic*.

Jillian olhou fixamente o telefone durante um momento antes de sacudir a cabeça. Desligou o sem fio e se afastou. O que deveria fazer agora? Não queria pensar mais em Marcus... Não queria permanecer calma. Já poderia pensar e preocupar-se com a fantasia de seu falecimento amanhã.

Suspirando do mesmo modo que Georgia ficou em pé. O que fazer, o que fazer? Tinha passado meia hora e ainda ficavam três para ir. Talvez devesse ensaiar umas poucas frases para apresentar-se ante seu novo objetivo. Ah, decidiu imediatamente. Teria-o com um simples: *Olá! Tudo bem?* Possivelmente deveria aplicar-se um pouco mais de brilho nos lábios e cortar uns centímetros mais da saia já muito curta. Isso levaria só uns cinco minutos e ainda ficariam outros cento e setenta e cinco para partir.

A campainha soou.

A boca se curvou em uma careta. Não queria tratar com nenhum convidado. Poderia muito bem ser sua mãe... Quem adorava visitá-la de improviso para ver como estava. Ou sua avó... a quem gostava de tomar emprestada sua roupa de cadela e logo ler as tumbas dos cemitérios em busca de viúvos. Ou sua irmã... a quem adorava falar da sorte da vida marital. Ou seu irmão... quem desfrutava lhe mostrando gráficos e estatísticas sobre a mais maravilhosa criação conhecida como homem (para “demonstrar” que o que ela via no trabalho não era o normal) antes de perguntar pela Georgia.

Jillian caminhou rapidamente para a porta principal, os saltos repicando contra o chão de madeira. Jogou uma olhada através do olho mágico, congelou-se, amaldiçoou baixinho, jogou outra olhada, amaldiçoou de novo e abriu a porta de um puxão. Ali parado estava o diabo em pessoa. Marcus Brody.

O coração imediatamente pulsou afligido; o fôlego lhe queimou os pulmões. De novo, simplesmente estar perto dele, fez que os mamilos se endurecessem.

—O que faz aqui? —demandou a pergunta fluindo da boca assim que se formou na mente.

—Olá para você também, Covinhas!

Brincando de ser agradável, não?

—Oh. Onde estão minhas maneiras? Olá, Mark! —disse, desta vez doce como o açúcar— Repito, o que faz aqui?

—É Marcus. —Palpitou-lhe um músculo sob o olho e a olhou com cenho franzido antes de apoiar-se contra o umbral da porta em uma burlesca postura ocasional— Vim pedir perdão.

—De verdade? Por quê? Por viver? Respirar? Por ter pênis?

—Responde desta forma a todos os que lhe pedem desculpas?

Uma quebra de onda de culpa a golpeou. Estava sendo grosseira, mas parecia que não podia evitá-lo.

—Posso entrar? —perguntou.

—Não. Agora não é um bom momento.

—Maravilha. Obrigado. —Passou por diante da porta e dela. O ombro roçou o seu e ela engoliu um ofego ante a vibrante sensação. Foi como se uma corrente elétrica lhe sacudisse todo



o corpo.

Ficou quieta no lugar durante vários segundos, com os olhos entrecerrados e a boca aberta pelo assombro. Excitada. Irritada. Esse homem... OH, esse homem! Jogando fumaça, deu a volta.

—Tenho um spray de pimenta. —disse a suas costas.

—Não me surpreende — respondeu por cima do ombro, chegando com um passo à sala de estar e desaparecendo da vista.

—Não é bem-vindo. —Permaneceu onde estava, segurando a porta aberta, decidida a que se fosse. Tinha que estar longe dele e dessa estranha química de seu corpo que jogava roleta russa com o bom senso.

—Se quer se desfazer de mim —disse— Primeiro terá que falar comigo.

—Ou posso chamar à polícia e informar de um roubo.

Ele riu entre dentes, o som quente, rico e cheio de desafio.

—Mande ao Chefe Higgins saudações de minha parte. Pensei em ir visita-lo, mas não tive tempo.

—Você não conhece o chefe de polícia. —disse, com as costas rígidas. Que fazia Marcus em sua sala de estar? Podia ouvi-lo arrastando os pés.

—Sempre travo amizade com os representantes da lei local. Além disso, ele joga pôquer — pausa pesada— Esta foto de um bebê nu sobre uma manta de pele de urso é você?

—Aposto que sim. Os mesmos olhos azuis, as mesmas covinhas. Embora tivesse que jogar uma olhada a seu traseiro e comprovar que tem essa marca de nascimento em forma de coração para estar seguro —suspirou— Ah, as coisas que alguém tem que fazer para saciar a curiosidade.

Ela viu tudo vermelho.

—Deixa esse álbum de fotos!

—Mas se for precioso. —Outra pausa, o passar de uma página— Oh, olhe-se nesta. Dez anos, diria, e usa botas de chuva, uma jaqueta de couro e um chapéu vaqueiro. Por desgracia, não sorri. Eu gosto mais da que há ao lado. Continua sem sorrir, mas tem umas meias sobre a cabeça que, assumo, supõe-se que são tranças. Você gostava de se disfarçar, verdade?

Não responderei. Não responderei.

Ele riu entre dentes de novo, e esta vez o som esteve cheio de genuína diversão.

—Bom, olhe. Isto só fica mais e mais interessante à medida que você cresce.

—Contarei até três — disse, com a mandíbula fortemente apertada e rangendo os dentes— Melhor caminhar para esta porta quando chegar ao final ou lamentará. Um.

—Seu parceiro para o baile de graduação parece amedrontado. O que disse seu pai antes de tirar a foto?

Bastardo!

—Dois.

—Três —disse ele de forma prestativa— Por favor, me diga que ainda tem este... pode esta coisa composta só de laços e babados chamar-se vestido?

Argh! Apertando os punhos, Jillian abandonou seu posto e se lançou para a sala de estar. Nunca tinha matado ninguém, mas sempre havia uma primeira vez para tudo.



Capítulo 4

Há duzentos e sessenta e cinco ossos no corpo humano. Qual deles você gosta mais?

Marcus tinha se acomodado no sofá de Jillian e observava sua casa com imperturbável curiosidade. Não era o que tinha esperado. Tudo estava perfeitamente coordenado em cores. Do canapé marrom que combinava com as paredes de cor bege, à manta cor bronze que combinava com os floreiros de âmbar repletos de plantas orvalhadas em ouro. Tudo estava limpo, também. Perfeito. Muito perfeito.

Aparentemente, A Pequena Senhorita Gatinha Sexual e Professora de Catequese era uma fanática da limpeza. A mesa de centro de vidro não tinha nenhuma bolinha de pó. Os quadros florais sobre as antigas paredes estavam perfeitamente pendurados e alinhados. Não havia nenhum vislumbre de sujeira ou poeira que danificassem a perfeição do brilhante chãos de madeira.

Estupidamente, esse esmero o excitou. Pelo visto, hoje não precisava muito para que isso ocorresse. Ainda assim, quis sujar tudo. Tendo sexo sobre isso. Sexo sujo. Com suor, óleo corporal e algemas. *Não vá por aí, Brody. Está tratando com uma piranha sexual. Ela cheirá qualquer sinal de excitação e atacará.* Não tinha que conhecer a mulher para saber que era verdade... simplesmente tinha que conhecer seu gênero.

Feminino.

Mas, merda! Não deveria ter visto seu álbum de fotos. Tinha sido uma menina linda, um pouco triste, o que lhe provocou uma dor no peito, com uma cabeça cheia de cachos e uns enormes olhos azuis que tinham dominado seu rosto, e agora queria saber se a marca de nascimento sobre seu traseiro tinha se apagado ou escurecido.

Ela entrou pisando forte na sala, com uma fragrância tipo *vamos-para-a-cama* acompanhando-a. Marcus prendeu a respiração tudo o que pôde. Não queria cheirá-la, não queria sentir-se mais atraído por ela. Tinha vindo para suavizar as coisas. Não é que tivesse tido muito êxito, mas isso não queria dizer que tivesse que desfrutá-lo; que se fizesse amigo dela. Muito menos.

Parando frente a ele, Jillian agarrou o álbum que tinha no colo, seus dedos lhe roçaram a coxa, o que provocou que o pênis lhe prestasse toda a atenção (a mais alta). Franziu-lhe o cenho e jogou o livro atrás de suas costas. Ignorando tudo exceto sua própria cólera ou isso esperava, ele ancorou as mãos sobre seus quadris.

—Disse a você que não era bem-vindo aqui.

Feliz de retornar a seu jogo eu-homem-você-mulher e de sair de sua fraqueza sexual, dobrou os braços sobre o colo para cobrir a ereção. Incomodava-o que tivesse sido Jillian a que lhe



devolvesse o desejo, o fazendo querer esquecer-se de que todas as relações, inclusive aquelas apoiadas unicamente no sexo, era uma maldição.

—Também me disse que teria que ir quando contasse até três. E também mentiu então.

Os olhos azuis brilharam e se entrecerraram. O vapor muito bem poderia ter saído de suas fossas nasais. Que pequena bola de fogo era, e sexy como o inferno. Maldição! Gostava das mulheres passivas tipo *sirva-se-do-que-você-quiser*? Definitivamente gostava das mulheres que queriam deitar-se com ele. Verdade? Jillian não era nenhuma dessas coisas, ou isso ele achava, por que não acreditava que fosse capaz de controlar-se se soubesse que Jillian o desejava.

Mas cada vez que ela abria sua deliciosa boca gostava mais e mais. Podia vê-la fazer mil coisas diferentes com aquela boca e nenhuma delas implicava falar.

Degenerado, recordou-se. Não vá por aí. Não com ela. Mas gostava de sua inteligência. Se seus insultos não tivessem estado dirigidos a ele, teria pensado que eram engraçados.

—Vamos. Fora. —disse ela.

—Fecha o bico e escuta Covinhas. Disse a você que vim... — apertou os dentes. Deus, era difícil dizê-lo outra vez quando provavelmente o rechaçaria de novo— Para dizer que sinto muito. —Não o sentia desta vez, mas o disse de todas as formas.

—Que sente muito? — disse, incrédula, como se não acabasse de lhe pedir perdão fazia uns minutos.

—Assim é. Lamento. Sua atitude. —não pôde resistir adicionar baixinho.

—Ei! —franziu o cenho— Ouvi isso.

—Bom, sim. —lhe devolveu o cenho— É porque o disse em voz alta.

Pisou-lhe no pé, com força, o salto de agulha cravando-se no dedão.

—Não o sente seriamente. Admita.

Fazendo uma careta, elevou o olhar para ela e estendeu os braços.

—Por quê? —Não comentou sobre o dedo do pé. Isso lhe daria a sensação de poder e, agora mesmo, ele necessitava todo o poder que pudesse conseguir— Importa tanto?

A boca se abriu e fechou e um estrangulado som escapou da garganta. Ao menos tirou o salto.

—Sim, importa. Pelo menos poderia ter a decência de fingir que sente muito.

—Espera um segundo. —franziu novamente o cenho— Acusou-me de que minha desculpa era uma mentira, algo que obviamente a irritou já que tentou empalar meu dedo do pé favorito, e agora está zangada porque não menti de novo.

—Típico. —As sobrancelhas se arquearam com sardônica diversão.

Marcus pôde ver que Jillian queria gritar com ele, ou ao menos oferecer uma picante réplica. Mas suspirou, duas vezes. Sua expressão se suavizou, mas suas bochechas permaneceram ruborizadas. Linda.

—Acredito que, de novo, esqueci minhas maneiras. —disse docemente— Posso te oferecer algo para beber? Arsênico? Alvejante? —pestanejou para ele, toda inocência.

Marcus teve que admitir que frequentemente tivesse aquele efeito nas mulheres. Não a inocência, a ameaça de morte. Mas aquelas, geralmente, não eram feitas até depois de sair com



elas. Segundo sua mãe, tinha sorte de que alguma não o tivesse assassinado enquanto dormia. Segundo seu pai, que tinha se divorciado fazia anos de mamãe, as mulheres realmente não queriam matá-lo, queriam reforma-lo.

Não precisava ser reformado. Gostava de ser tal e como era.

Preferia que o considerassem frio e árido emocionalmente, que um idiota romântico que toleraria tudo por amor. Idiotas. Isso é o que era as pessoas que adoeciam por amor. Também eram objetivos aos que apanhar. Algo que ele jamais seria de novo. Já tinha passado por toda essa coisa do matrimônio e não tinha sido nada mais que uma perda de tempo.

—Uma cerveja estará bem. —disse amavelmente.

Jillian passou a muito rosada língua sobre os muito brancos dentes e deu um passo atrás, mas não se aventurou à cozinha. Sentou-se na cadeira que havia frente a ele.

—Há cerveja na loja da esquina. Pode ir procurá-la você mesmo.

Sim. Se ela o houvesse dito a algum outro, teria rido.

—Apesar do que possa pensar, não vim aqui para discutir com você. Agora trabalhamos para a mesma agência. Temos que nos dar bem. —Embora não muito bem, acrescentou silenciosamente.

Tinham que ser capazes de tolerar um ao outro, enquanto em segredo se amaldiçoavam a queimar-se no inferno eterno e sem arrancar mutuamente a roupa. Não é que o olhasse como se estivesse disposta a lhe arrancar a roupa. Mas bem parecia disposta a lhe arrancar o coração e comê-lo diante dele.

A ereção, que tinha começado a comportar-se e a agir como um adulto sensato, saltou por sua atenção uma vez mais. Franziu o cenho. Como diabos, o pensar nela comendo seus órgãos, bom, nenhum órgão à exceção de seu favorito, o excitava?

Jillian encolheu os elegantes ombros.

—Tem razão. Admito. Temos que nos dar bem. Sinta-se livre a partir agora que já esclarecemos isso.

—Bem. — disse, e já que era um menino muito, muito mau que tinha problemas com as apostas, disse a si mesmo: cinco dólares que irá me apunhalar na coxa com a seguinte bicada, mas não pôde resistir— Obviamente sua grosseria no escritório não foi um caso isolado.

Os olhos se estreitaram em diminutas fendas. Provavelmente, estava planejando, mentalmente, sua morte. Mas não o apunhalou. Devia a si mesmo cinco dólares.

—Posso dizer, com total segurança, que não quer se dar bem comigo. —disse ela sombriamente.

Descansou um tornozelo sobre seu joelho e a observou atentamente.

—Muito bem. Quer a verdade? Nós tiramos o pior um do outro.

—Não posso discutir isso.

—Por fim —resmungou ele— Algo que não discutirá.

As janelas do nariz de Jillian flamejaram e teve que apertar os lábios para evitar rir. Realmente não tinha pensado dizer isso em voz alta. Simplesmente era que ela provocava à besta que havia em seu interior. Alguma coisa que o acendia e deixava todos os seus nervos em alerta.



—Não deveria ter dito isso. —admitiu. Tinha vindo para suavizar as coisas com ela, mas até agora só as tinha piorado— Escuta, precisa de ajuda para o trabalho desta noite? —Isso. Esse era um assunto bastante inofensivo.

—Não —o tom foi cortante— Tudo está em ordem.

—Bem.

—Sim. Bem.

Olharam um para o outro e logo afastaram o olhar. Chegados a este ponto, Marcus não soube que mais dizer e, durante muito tempo, o silêncio se deslizou entre eles, como uma serpente venenosa pronta para morder, tão incômodo que era quase doloroso. O tic tac do relógio de parede se fez audível, uma bomba relógio. A ponto de estourar.

Deveria partir? Tentar lhe estender a mão?

As coisas ainda não eram amistosas entre eles, por isso, possivelmente, deveria ficar. Ao menos já não estava duro.

—Bom. —disse, só para romper o silêncio.

—Bom. —disse ela.

—Faz calor em Oklahoma ultimamente.

—Sim.

—Não estou aqui há muito tempo. Sempre é assim?

—Não. O tempo pode mudar em um instante — disse, olhando a todas as partes, menos a ele— Quente um minuto, gelado até impregnar os ossos no seguinte.

Como você mesma, pensou ele, mas não o disse em voz alta. Esta, sem dúvida, era a conversa mais pesada e aborrecida que tinha tido jamais. Ou, possivelmente, só desejava que o fosse, já que falar do tempo deveria ter sido um pesadelo de merda. E o teria sido com qualquer outra mulher. Mas aqui estava, na beira do assento, querendo escutar a rouca voz de Jillian de novo, inclusive se falava somente do maldito tempo.

Se tivesse estado em melhor forma ultimamente, nunca teria reagido a ela assim tão forte. Ao menos, isso é o que se dizia. Mas... por que Jillian tinha quebrado sua falta de interesse quando ninguém mais tinha sido capaz de fazê-lo?

Quase desejou que gritasse com ele. Isso o entendia. Os gritos levavam a cólera e a cólera à paixão. Gostava da paixão. À paixão podia controlar. Espera. Gostava daquelas coisas com qualquer uma exceto com ela. Nada de paixão com Jillian. Era muito perigoso.

—Possivelmente chova amanhã. —disse ela.

Argh. Como tinham chegado a isto? De aguilhoar um ao outro (o que era apaixonante, incorreto e virtualmente um jogo sexual prévio), a um prognóstico meteorológico de merda... o que não o aborrecia do modo em que queria que o fizesse, em troca o encontrava apaixonante, incorreto e virtualmente um jogo sexual prévio. A imaginava nua sob a chuva e olá! Pequeno Marcus.

—Bom — disse ele.

—Bom — reiterou ela.

De todos os modos, por que demônios tinha que permanecer afastado dela? Neste



momento, não podia recordar. Trabalhavam juntos... bom, e o que? Ela faria a vida no escritório incômodo... o que agora mesmo não lhe parecia tão mau.

—Ainda quer essa cerveja? —perguntou, jogando uma olhada melancólica para a cozinha.

Assim estava impaciente por afastar-se dele, não? Ou achava a direção de sua conversação tão perturbadora como ele ou simplesmente o achava aborrecido.

—Sim. —disse e pensou, eu não sou aborrecido!— Obrigado.

Com um suspiro de alívio, levantou-se e saiu precipitadamente da sala de estar. Doce solidão... o que ele desejava. A tentação de fugir pela porta, ou possivelmente por uma janela, o invadiu, mas, por estranho que lhe parecesse, permaneceu onde estava.

Estava tão excitado que não podia pensar com clareza. Se tivesse começado a lhe falar de flocos de neve, poderia ter sido capaz de gozar. Entretanto, fugir agora significaria que Jillian tinha ganhado, e se negava a deixá-la ganhar até nesta pequena escaramuça.

Marcus teve muito tempo para pensar no conflito e seu vencedor, e o que aconteceria durante esse conflito se as coisas conseguissem escapar de seu pequeno controle — como que suas respirações se tornassem pesadas, que se chamassem com nomes lascivos e que gostasse mais disso do que deveria, porque Jillian demorava mais que o necessário. Isso o irritou seriamente. Como se ele fosse o problema em seu pequeno *tête-à-tête* de prognósticos do tempo, insultos e excitação.

—Aqui tem. —disse quando voltou por fim, lhe oferecendo uma garrafa de cor âmbar.

Ele não a agarrou ao princípio, simplesmente ficou olhando fixamente com desconfiança.

—Terei que sair correndo para a emergência se beber isso?

Os olhos dela cintilaram com aquele delicioso fogo azul. Que vergonha que tanta sexualidade fosse desperdiçada em alguém completamente fora de seus limites.

—Não —disse com brutalidade— Infelizmente.

Oh, bem. De novo a cólera. Era melhor assim. Mas pôde sentir a crescente excitação, retroceder ao aborrecimento fingido. Agarrou a garrafa sem mais comentários, cuidadoso de não tocá-la. Um toque e poderia insistir por outro. E outro, até que estivessem nus. Até que se retorcessem juntos, ofegantes, em um selvagem baile que condenaria a ambos ao inferno.

Reclamou seu assento frente a ele. A saia jeans se deslizou por cima das coxas, revelando vários centímetros de pura e deliciosa tentação. Ele tomou um gole de cerveja, mas o frio líquido pouco fez para apagar o furioso fogo no sangue.

Estúpidos hormônios. Estúpida química. Estúpido pênis. Se não tivesse tanto carinho por ele, o castigaria até que gritasse por piedade. Mmmm, gritar. Franziu o cenho e sacudiu a cabeça. Idiota.

—Bom. —disse.

—Bom. —repetiu Jillian e enganchou vários sedosos cachos detrás da orelha.

Ele vislumbrou vários pingentes de diamantes rodeando sua orelha. O efeito era surpreendentemente erótico e se perguntou o que sentiria ao passar a língua por cada um deles.

—Para que agência trabalhava? —perguntou enquanto estudava as unhas como se não lhe importasse a resposta.



—Para A Última Prova em Dallas.

—Por que você partiu? —limpou uma poeirinha da perna— Ou o despediram por irritar os seus companheiros?

Encolheu os ombros. Não estava preparado para lhe dizer a verdade ainda, que era o dono da LUPD e tinha querido ampliar o negócio. Que agora, era seu chefe. Equivocava-se ao esperar uma resposta violenta quando finalmente o dissesse? Se ela jogava bem suas cartas, ela poderia apresentar-se nua na terça-feira na empresa.

—Queria uma mudança de ares —disse finalmente— E não, não me despediram.

—É da Inglaterra, verdade?

—Manchester.

—Que bom. —Enredou uma mecha ao redor do dedo.

Não pareceu impressionada por suas origens da mesma forma que a maioria das mulheres ficavam, só curiosa... e não muito. Talvez tivesse conseguido o que tinha tentado conseguir em primeiro lugar: que lhe tivesse tanta aversão que jamais estivesse tentada de deitar-se com ele. Que era exatamente o que queria. De verdade.

—Embora tenha vivido a metade de minha vida nos Estados Unidos — disse, simplesmente para prolongar a conversa.

—Que bom. —repetiu, claramente como se não lhe importasse.

Não sou um fodido chato. Bebeu outro gole de cerveja e jogou uma olhada ao relógio de pulso. Uma hora e quarenta e sete minutos para que fossem ao clube. Certamente poderia provocar sua fúria outra vez... ou, seguir suavizando as coisas nesse tempo.

—Bem — disse Jillian. Também, jogou uma olhada a seu relógio, uma corrente de prata que se curvava ao redor do magro pulso— Suponho que deveria começar a me preparar para a atribuição desta noite.

Outra forma de lhe dizer que se fosse ao inferno. Gracioso, tinha sido mais direta antes.

—Acreditava que já estava preparada. —Deveria querer partir. Ele, realmente, queria partir. Ela era um problema, sua conversa ainda podia derivar para o aborrecido tempo, pelo amor de Deus, não podia voltar a passar por isso e as coisas estavam tão suavizadas como poderiam estar entre eles— Por isso rechaçou minha oferta de ajuda, recorda?

—Eu... bom — se inclinou para diante e os negros cachos lhe caíram sobre o rosto quando descansou o cotovelo sobre o joelho. Isso provocou que Marcus reparasse no espetacular decote. Seios redondos, absolutamente perfeitos. Sem sutiã. Seus favoritos— Olhe — disse— Tivemos um mau começo. Você se desculpou — acrescentou com secura—, e eu aceitei. Sentar-se e falar de tolices não servirá de nada a nenhum dos dois. Melhor cortamos com isto agora, antes que conduzamos um ao outro ao suicídio.

OK. Isso o irritou maravilhosamente. Conduzi-la ao suicídio, claro. Ele tinha permitido ser um chato, ela não. Não é que o tivesse sido alguma vez, maldita seja.

—Já que arrumou e suavizou as coisas entre nós — seguiu Jillian—, agora podemos ser cordiais no escritório. O que não quer dizer que tenhamos que socializar fora das horas de trabalho.



—Eu não te pedi que socializássemos fora do trabalho, verdade? —havia mais calor e cólera no tom de que tinha pretendido.

—Bem —apertou a mandíbula, permanecendo calada durante um momento— Por que preferiria fazer luvas com agulhas de crochê como minha depressiva mãe antes de passar outro segundo mais em sua companhia.

A excitação que se acendia sempre que eles discutiam, lutou voltando com mais força.

—Vou fazê-la comer essas palavras — disse, rezando para estar alardeando, já que realmente não podia permitir-se deitar-se com ela, o que seguia sendo uma maldita vergonha— E vai achar cada uma delas deliciosa. Até me rogará por outra porção.

Ela tremeu. De medo? Ou de antecipação?

—A única coisa pela qual rogarei — disse ela—, será por sua ausência.

—Eu não diria nada mais se estivesse em sua situação. Quanto mais disser, mais o lamentará depois.

Ela bocejou.

—Seu sotaque me incomoda.

—Mentirosa. —Logo soltou— Você gosta de jogar?

—Não — disse, franzindo o cenho, confusa ante a repentina mudança de assunto.

Que lástima. A teria feito irresistível, por isso talvez devesse estar feliz com isso. Já a queria, o que não era precisamente uma notícia de última hora. Despi-la, lança-la ao chão e penetrá-la, seria uma bonificação.

—Não me olhe assim—grunhiu ela.

—Assim como?

—Como se fosse o jantar.

—Quer ser? —Não pôde menos que perguntar. Não pode tê-la, idiota!

—Não — ofegou.

Bom. Alegrava-se disso. Sério.

—Suponho que, na verdade, conhece algo sobre o pôquer. É boa blefando.

—Nunca blefo.

—Por favor. É toda fanfarronice, Covinhas. E, para sua informação, esta noite perderá nossa aposta. —Disse isso só para devolvê-los ao assunto principal, apesar de que queria seguir deslizando-se ladeira abaixo pela tentação— Tenho fé absoluta em que Darren Swyer a veja como a quebradora de corações que é e a envie por onde veio.

Marcus se levantou e chegou de um passo à porta. Melhor partir agora antes que fizesse algo mais estúpido que irritá-la com sua dureza... algo como falar de dias ensolarados e frias brisas.

Embora, houvesse algo mais estúpido que isso?

Deus, estava tentado a dar a volta, saltar através da sala e beijar aqueles carnudos e rosados lábios, beber seu fôlego até que ela só pudesse ofegar seu nome. Diabos! Talvez devesse fazê-lo, simplesmente para tirá-la do sistema. Estava preparado e disposto. Os beijos não eram sexo, e enquanto não tivessem sexo, estaria bem.



Sim. Claro.

Se começasse a beijá-la, não se deteria até que tivesse beijado cada centímetro de seu corpo. Nada de beijos. Acelerou o passo para a saída mais próxima.

—E eu tenho absoluta fé de que alguém assassinará você enquanto dorme. —gritou ela a suas costas.

Ele sorriu francamente. Sim, era uma maldita vergonha que ela estivesse proibida.

Capítulo 5

Se for verdade que somos o que comemos, então eu poderia ser você antes do amanhecer.

A infernal música saía dos grandes alto-falantes pendurados no alto. A fumaça ondeava em todas as direções, cortante através da escuridão. Garçons e garçonetes saltavam para frente e para trás, servindo taças e sorrisos. Uma estrambótica luz formava redemoinhos no centro das duas pistas, iluminando a multidão retorcendo-se, dançando em uma multidão de cores. Havia mais pele mostrada aqui do que, geralmente, encontrava entre as páginas da Playboy. Mais peitos e coxas do que o bom Coronel servia em um dia qualquer.

Oh, sim. Era sexta-feira de noite e o Mercado da Carne estava aberto para o negócio.

Jillian abriu caminho através da suada e bamboleante multidão. A câmara e o micro estavam em seu lugar, ocultos em um broche em forma de flor, fixado no decote. Tudo estava sendo irradiado e fiscalizado no computador da Anne. Amanhã, revisaria o vídeo com ela, a qual logo se encontraria com a noiva de Darren Swyer. Pobrezinha!

Jillian não estaria ali para a reunião. Para evitar os arrebatamentos de ciúmes, nunca se permitia a presença do chamariz na sala quando o comunicavam à vítima. Mas se quisesse, podia observá-lo por um monitor como Georgia fizera esta manhã. Às vezes o fazia e às vezes não. Não acreditava que o visse esta vez. Esta namorada era uma chorona; sabia, sentia-o e não acreditava poder estar quieta de pé, vendo soluçar a outra mulher.

Enquanto Jillian caminhava para a barra, levava a bolsa pendurada a um ombro. Nela guardava o spray de pimenta, batom, um pouco de dinheiro e uma carteira de identidade ligeiramente falsificada. Nunca quis que um objetivo soubesse o endereço de sua casa, portanto toda a identificação estava alterada. Pela extremidade do olho, descobriu uma mesa cheia de moças de vinte anos. Todas, exceto uma, riam e conversavam. A que não o fazia parecia... triste, enquanto olhava fixamente seu coquetel margarita.

Tinha sido enganada? Era por isso que essa noite saía com as garotas que, supostamente, animavam-na? Quantas vezes tinha sido testemunha disso mesmo, ao longo dos anos?

—Ei, linda! —disse alguém, chamando sua atenção— Luto contra o impulso de fazê-la a mulher mais feliz sobre a face da terra esta noite.



Ignorou-o. Deus a salvasse dessas bregas fanfarrônicas.

Encontrou-se explorando a multidão em busca de Marcus bem mais do que a seu objetivo. Estava aqui? Tinha trocado seu pecaminoso jeans? Depois de tudo, aqueles jeans tinham o orgulho de ter mostrado sua muito grande ereção todo o tempo que ele tinha estado em sua casa. Desafortunados, isso é o que eram. Ele deveria levar uma tenda de campanha para manter oculta aquela coisa. Nenhuma mulher deveria ser exposta a isso e nenhum homem deveria estar tão bem dotado e ser tão magnífico. E que diabos o tinha excitado? Uma discussão sobre o inusitado tempo?

Sem lugar a dúvidas. Marcus era estranho.

Não importava que houvesse sentido os candentes rescaldos do desejo durante todo o tempo que ele esteve ali. Não importava que aquela briga a tivesse excitado. Outra vez. Odeio a esse homem.

Em qualquer lugar onde estivesse, independentemente do que usasse, seria um maldito bom lugar onde vê-la triunfar em sua aposta. O esfregaria pela cara durante o resto de sua vida. Não é que planejasse trata-lo durante muito tempo. Queria-o despedido quanto antes. Ele era muito perigoso para sua paz mental. Muito perigoso, e ponto.

Quando alcançou a barra, um homem na metade dos cinquenta lhe brindou um sorriso ansioso. Ou era um cenho? Custava dizê-lo pelo botox. Ofereceu-lhe uma cadeira enquanto a olhava de cima a baixo, detendo-se em seus seios e entre suas pernas. Tinha o espesso cabelo prateado, uma cara de plástico e ia vestido com um traje que gritava riqueza. Inclusive cheirava a caro. E usava uma aliança.

—Meu nome é Ted, mas você pode me chamar como quiser desde que me chame —disse— Espero que não se importe que lhe diga isso, mas seu corpo é delicioso.

—Obrigada, vovô — resmungou, tomando o assento. Estava de mau humor. Algo do que poderia culpar ao Marcus. Nestes momentos, para ela, todos os homens eram uma merda. Não o são sempre?

—Avô? —a expressão congelada não mudou, embora os olhos cintilassem pela afronta. Jillian frequentemente tinha esse efeito sobre as pessoas. Sem outra palavra, ele fugiu longe. Se não estivesse usando uma aliança, haveria se sentido culpada por insultá-lo. *Torno-me cruel e desumana como Marcus?*

—Um Ginger Ale⁴. —Disse ao garçom, um pequeno loiro com brilhantes mechas alaranjadas lhe tingindo o cabelo. Jillian teria gostado de uma cerveja, mas beber no trabalho só podia causar enganos, por isso nunca se dava o gosto.

A taça chegou pouco depois e bebeu a sorvos a bebida. O frio líquido lhe umedeceu a boca seca e a doçura lhe excitou a língua. Deus, esta noite...

—Um coquetel Screwdriver⁵ — disse de repente uma sexy voz a seu lado. O dono dessa voz não a tocou, mas ela sentiu seu delicioso calor, cheirou o puro pecado. O desejo. Sim, excitou-se.

⁴ **Ginger Ale** - é um refrigerante comum nos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra feito à base de gengibre. É uma bebida normalmente usada em substituição ao champagne devido à aparência similar.

⁵ **Screwdriver** - também conhecido como "Chave de Fenda". Mistura de vodka, suco de laranja e gelo.



Marcus.

Ela estremeceu e bebeu outro sorvo do refresco, o doce líquido agora ácido na garganta. Obrigou-se a manter a atenção diretamente à frente... Ainda quando sentiu os olhos de Marcus fixos sobre ela, brilhantes, queimando... queimando... queimando... Hora de concentrar-se e encontrar o seu objetivo.

—Ponha dois — acrescentou ele, o sotaque de repente espesso e majestosamente erótico, como se acabasse de descer de um avião da Inglaterra— Um para mim e outro para a excepcional senhorita a meu lado.

Obviamente eles não compartilhavam a mesma opinião sobre beber no trabalho.

—Não é simplesmente a coisa mais bonita? —disse ele então. Todo olhar do desdém de antes se foi e em seu lugar havia um fluido encanto. Sedutor. Persuasivo.

Seu quente fôlego lhe acariciou a nuca e ela de novo se encantou como os mamilos endureciam ante sua presença, o sangue ardendo nas veias. O coração inclusive saltou um batimento, enquanto um provocador estremecimento lhe percorria a pele.

Jillian apertou os lábios. O que pensava que estava fazendo, dirigindo-se a ela deste modo? Depois da forma em que a tinha tratado hoje, tinha esperado que chegasse com um tridente e um bilhete ao inferno com seu nome. Isto tinha que ser algum tipo de jogo para que baixasse a guarda e que perdesse a aposta.

Sim, isso era exatamente o que queria fazer, compreendeu, agarrou a bebida com força. Bem, ela já o ensinaria.

Respirando profundamente, girou-se para ele e, começando a levantar-se, deslizou gradualmente os olhos por todo seu corpo. Ele não se incomodou em trocar-se, ainda usava aqueles jeans que abraçavam seu traseiro e mostravam sua ereção, e aquela camiseta que beijava seus músculos. A única diferença em seu aspecto era o colar masculino de contas negras que agora usava, embora suspeitasse que, em realidade, era uma câmara.

Seus escuros e resplandecentes olhos estavam entreabertos e irradiavam uma só palavra: Orgasmo. O cabelo estava despenteado e caindo sobre a testa. Seus lábios cheios estavam ligeiramente separados. Beije-me, diziam-lhe. E ela amou-odiou a forma em que a estrambótica luz o rodeava em um brilhante halo multicolorido. Era um anjo. Um anjo caído.

—Essa é a melhor frase para paquerar que tem? —perguntou, a voz mais ofegante do que tinha planejado— Porque é uma merda.

—Oh, sinto muito. Não me dirigia a você. —agarrou as bebidas, o gelo girando velozmente, e se moveu ao redor dela, contornando-a até a mulher que estava a sua esquerda.

A mandíbula de Jillian caiu aberta e ofegou. Oh, esse rato bastardo! Tinha-o feito de propósito. Em retribuição por lhe dizer que preferiria suicidar-se antes que falar com ele? Quando ela assumisse a direção do AATP, estaria despedido.

As bochechas da mulher floresceram com um bonito rubor enquanto ele se inclinava e lhe sussurrava na orelha. Seu liso cabelo loiro cinza estava engomado com gel e sua maquiagem era somente algo excessivo. Seu olha-que-vestido poderia ter ganhado o título de Puta da Babilônia se Jillian não segurasse o título ela mesma.



—Como se chama amor? —Perguntou-lhe Marcus, de costas para Jillian.

O sotaque era ainda mais pesado que antes. E tinha chamado a mulher de amor. Suspeitou que seus cheios e suaves lábios estivessem curvados em um sorriso devastador. E tinha chamado a mulher de amor. Sem dúvida seus olhos marrons estariam acesos com um conhecedor olhar, cheia de más intenções. E tinha chamado de amor à fodida mulher.

E por que te importa?

Não me importa, assegurou-se. Com total segurança não o queria para si mesmo. De maneira nenhuma. Não, obrigada. Provavelmente, ele não tinha lançado todos seus tiros.

A mulher riu bobamente como uma colegial. Mas Jillian estava disposta a apostar que, à única aula a qual a fêmea tinha assistido ultimamente, era a de Cadela 101. E não, não estava ciumenta. Simplesmente expunha um fato. Não seja cruel. Você é pró-feminista recorda?

—Sou Rhonda, mas meus amigos me chamam de Ronnie. Com *ie*.

—Bom, Ronnie com *ie*, eu sou Mark e trouxe para você uma bebida. Vi você e simplesmente tive que me aproximar.

Outra risada tola.

—Alegro-me. Estive observando-o do momento em que entrou e teria começado a gritar se tivesse me ignorado.

Jillian virtualmente vomitou em sua boca. Ele permitia a Ronnie com *ie* que o chamasse de Mark e ela teria começado a gritar se a tivesse ignorado. Por favor. De novo, as mãos apertaram o Ginger Ale.

—Está casada, Ronnie com *ie*? —perguntou ele.

Jillian olhou imperturbavelmente como Ronnie perdia o sorriso e deixava cair a mão esquerda atrás das costas... Como se a pedra de dois quilates não tivesse sido visível do começo da conversa.

—OH, uh. Acabo de me divorciar.

—Ao menos, tenha a inteligência de tirar isso antes de sair. —resmungou Jillian.

Marcus jogou a Jillian uma mordaz olhada. Uma que parecia dizer, *Eu disse a você*. Sua expressão brilhou com a vitória.

Jillian lhe mostrou o dedo do meio levantado. Seus lábios se estiraram em um sorriso. Desfrutava com isto verdade?

Ronnie com *ie* se apressou a trocar de assunto, remontando sua mão direita ao longo de sua camisa para recuperar sua atenção.

—De onde é, Mark? Não posso localizar seu sotaque. Espera, deixe-me adivinhar. De algum lugar com sol, não? Austrália? —fez uma pausa— Tenho razão, verdade? Está tão bronzeado.

—Deveria lhe perguntar pelo tempo que faz ali —disse Jillian, girando para afastar-se— Ele realmente gosta disso. —O homem não era mais que um porco, toucinho já talhado e preparado para servir. Assim que ele tinha demonstrado seu ponto. E que ponto. Algumas mulheres eram tão infames quanto os homens. Que grande descobrimento. Isso não mudava o fato de que, sobre a balança da imoralidade, os homens ganhavam. Sempre.

Ela bebeu o resto do refresco, desejando que fosse uma dose de tequila (dupla). As



risadinhas tolas continuaram. A repugnante e acariciadora palavra amor foi usada várias vezes mais e Marcus fez abertas proposições cada vez que ele, espertamente, elogiava seu cabelo, olhos e "assombrosas" curvas.

Isto era uma tortura, escutar essa troca a deixava doente.

—Ei, Ronnie com ie. —Se encontrou dizendo enquanto deixava de repente o copo na barra. Voltou-se para o feliz casal, a expressão claramente de preocupação enquanto jogava uma olhada sobre o ombro de Markie.

Marcus lhe franziu o cenho, mas só havia diabrura em seus olhos enquanto se inclinava para frente para... cheirar seu cabelo? Ela franziu o cenho. Ronnie franziu o cenho, também, sem gostar que a tivessem interrompido.

—Eu não pegaria muito carinho a este —disse Jillian, acariciando o ombro de Marcus— Ouvi que é um ejaculador precoce.

Marcus se engasgou com sua bebida. A boca de Ronnie caiu aberta. Quando Marcus foi capaz de respirar, ficou rígido e olhou raivosamente para Jillian, todo olhar de travessura tinha desaparecido.

Ela agitou os cílios inocentemente. Um segundo mais tarde, viu pela extremidade do olho um musculoso "Hulk" pelo excesso de exercícios entrar no clube. Forte mandíbula e entradas familiares. Darren Swyer. Seu objetivo. Graças a Deus.

Quando começou a trabalhar para o AATP, o nervosismo sempre a golpeava cada vez que descobria seu objetivo. Já não. Os nervos logo se converteram em uma justificada indignação. Esta noite, entretanto, sentiu pura e dura antecipação.

Que comece o jogo.

—Ah, querida — disse ela. Perdoam-me os dois? Acabo de descobrir um pequeno pedaço de céu justo aqui, sobre a terra, e tenho que conhecê-lo ou gritarei. — afastou-se, meneando os quadris, sabendo que Marcus tinha que observá-la em ação, tal e como Anne queria.

Caminhando com mais leveza do que tinha feito durante todo o dia, os saltos de agulha golpearam sobre o colorido concreto, cortando a distância entre ela e Darren. Estava aqui com dois de seus amigos e eles sorriam amplamente como idiotas enquanto inspecionavam a seleção de carne desta noite. Encontraram uma mesa vazia ao fundo, sentaram-se nas cadeiras e pediram bebidas. Darren não pediu a cerveja sem a que, supostamente, não podia viver, notou ela quando a garçonete lhes trouxe três tequilas.

Jillian não pôde impedi-lo; permitiu-se jogar uma olhada para trás, para a multidão que abarrotava a barra, onde Marcus estava de pé, observando-a atentamente com os olhos entrecerrados. Ronnie (com ie) puxava seu braço, mas ele não a olhou.

Agora Jillian tinha toda sua atenção e esse pensamento lhe provocou um estremecimento. Diabos, o calor em seus marrons e escuros olhos a fez estremecer-se. *Olhe e aprenda*, articulou ela.

Boa sorte, articulou ele de volta com uma expressão satisfeita.

Não preciso dela. Ela se voltou para o Darren e, tendo alcançado seu objetivo, tropeçou com ele "por acaso", jogando sua cadeira para trás. Seus braços a rodearam para impedi-la de cair o



resto do caminho na mesa. Ela procurou ocultar sua repulsão.

—Olhe por onde vai... —começou ele.

—Sinto tanto —disse ela, outorgando à voz a medida justa de vergonha e provocação— Que atrapalhada sou.

Ele perdeu o aborrecimento quando seus olhos se fixaram no decote, que com tanto orgulho mostrava seu pescoço em pico. Quando Marcus a tinha observado assim, tinha querido saltar sobre ele. Ao Darren, simplesmente quis lhe dar um joelhada nas bolas.

—Não há problema. —disse com olhar lascivo.

—Aquela última taça deve ter sido muito para mim. OH, meu Deus — espremeu seus bíceps e obrigou a si mesma a ruborizar-se... uma habilidade que lhe tinha levado mais de um ano aprender— Obrigada por me segurar. Provavelmente salvou minha vida.

Ele se inchou como um pavão.

—Bem, então, suponho que está em dívida comigo.

—Suponho que sim. — riu, interiormente sentindo arcadas.

Seus companheiros riram e um deles disse:

—Por que não se une a nós, doçura?

—Não estou segura de que deva — agitou os longos e pintados cílios, como dizendo *Sou-tão-inocente-e-ao-mesmo-tempo-tão-travessa*— São estranhos.

—Então me permita fazer as apresentações e assim nos conhecerá — disse Darren, seu olhar ainda fixo sobre os peitos— Sou Darren e estes dois palhaços já estão partindo.

Os dois homens gemeram, mas não protestaram quando se levantaram e se dirigiram à barra. Obviamente ajudavam uns aos outros com as damas. Como Georgia, Jillian às vezes queria dizer aos homens quem era e por que estava aqui, assim podia fazê-los se sentirem miseráveis. Oh, a satisfação que sentiria...

Mas não podia dizer nenhuma palavra, inclusive se o objetivo não passava na prova do AATP. Admitir tal coisa realmente conduziria problemas. Os homens se tornavam monstros quando se inteiravam de que tinham sido filmados. Faz anos, Jillian se inteirou do caso de uma mulher, um chamariz, que tinha sido morta por um objetivo, assassinada para que não pudesse dizer a sua esposa o que tinha feito.

—Sou Jane — disse. Ofereceu uma mão ao Darren e ele uniu seus dedos ao redor da palma, segurando-a mais tempo do necessário. Forçando outro sorriso, ela se colocou sobre um dos assentos agora vazios— Convida-me para uma taça? —Esta era uma pergunta padrão, só para medir o terreno.

Ele vacilou durante vários segundos e por um atormentador segundo Jillian pensou que poderia perder a aposta com Marcus. Estudou-a, calibrando... o que? Sua facilidade? Finalmente, ele fez gestos à garçonete.

—O que quer, doce Jane?

Sentiu-se aliviada e triste ao mesmo tempo.

—Pedirei um Ginger Ale. Realmente não deveria tomar mais álcool. Já me sinto um pouco embriagada.



—Um a mais não doerá. —a enrolou.

—Bom, possivelmente só um. Tomarei outro Pink Nipple⁶ — riu bobamente. Deus, odiava rir bobamente.

Ele pediu por ela, como se não fosse capaz de fazê-lo por si mesma.

A garçonete se afastou rapidamente para procurar a bebida e enquanto ela partia, Marcus e Ronnie reclamaram a mesa ao lado da de Darren. É óbvio, aquela mesa já estava ocupada por um ruidoso e cacarejante grupo de mulheres... a quem não importou a presença de Marcus absolutamente. Elas virtualmente babaram sobre ele enquanto as apresentações eram feitas. E pelo que Jillian pôde ver, Ronnie quis arrancar os olhos de todas.

—E o que faz uma pequena coisinha doce como você em um lugar como este? —perguntou Darren a Jillian, ignorando aos recém-chegados.

Ela mal se refeou em soltar um suspiro. Quantas vezes teria que ouvir aquela frase?

—Bom — disse, inclinando-se para diante e apoiando os braços sobre a superfície da mesa— Acabo de sair do trabalho, sou bailarina, mas ainda não estava pronta para ir para casa — Geralmente dizia que era bibliotecária. A maioria dos homens gostava da fantasia de a-inocente-que-se-tornava-uma-gata-selvagem, mas Jillian sabia, pelo histórico de Darren, que não iria colar a coisa da inocência— Pensei que isto podia ser divertido e, não sei, um pouco selvagem.

—Não há nada de errado nisso. —disse ele, sorrindo ampla e felizmente. Seu joelho, casualmente, roçou o seu — Bailarina. Uau. Assim como... stripper e esse tipo coisa?

—Stripper e todo tipo de coisas. —Não se afastou, embora quisesse fazê-lo. Babaquices como essas, sempre conseguiam irritá-la. Não queria ser tocada por semelhante escória. Com expressão encantada, inclinou-se para trás na cadeira. Uns minutos mais e teria as provas para sua querida namorada e logo poderia partir. Longe de Darren, longe da multidão. Longe de Marcus e sua perigosa atração.

Abriu a boca para perguntar ao Darren se estava casado quando ouviu Marcus dizer:

—Ronnie, moça descarada. Nunca encontrei a uma mulher mais linda.

Risada tola, risada tola.

As mãos de Jillian se apertaram em punhos.

—Darren — disse, assegurando-se de que a voz fosse o bastante alta para que a escutasse e oh, tão ofegante— Realmente salvou minha vida, e mencionou que te devia um favor. De que tipo de favor falamos?

Ele se inclinou para ela, meneando as sobrancelhas.

—De que tipo está disposta a dar?

—Ronnie, deixa-me louco. Cheira tão bem.

—Darren, o que diria se te dissesse que estou disposta a fazer qualquer coisa?

Ele engoliu ar.

—Qualquer coisa?

—Qualquer.

—Vamos ver... — Ele bateu no queixo com um dedo, seus verdes olhos brilhando com

⁶ **Pink Nipple** – Coquetel a base de tequila, vermute groselha e gelo.



triunfo, como se já a tivesse em sua cama. Estendeu a mão e agarrou a sua— Tenho algo em mente, mas não quero parecer atrevido.

—Ronnie, é tudo o que sempre sonhei em uma mulher.

—Darren, é muito doce, nunca seria muito atrevido comigo. Diga-me o que quer e eu... Espera. Não estará comprometido, verdade? Por favor, me diga que não está casado.

—Diabos, não, não o estou —disse ele— Nem tampouco tenho namorada. E você?

—Nada de namorados — se inclinou para ele e sorriu lentamente, ainda quando em realidade queria lhe arrancar os olhos. Este seria o primeiro em subir de posto em sua lista do Muro da Vergonha da Internet. Posição: porco de merda— Por que não vem para casa comigo? Porei um pouco de música, farei um desfile com minha coleção de roupa íntima para você e lhe agradecerei isso como é devido. E, para que não haja nenhum mal-entendido, falo de sexo. —Diga que não. Pelo bem de sua namorada, diga que não.

Só tinha visto sua namorada uma vez e a distância, mas facilmente recordava a tensão nervosa que a mulher irradiava. A esperança de que se equivocasse. Jillian compreendeu nesse momento que felizmente perderia a aposta com o Marcus se simplesmente pudesse ir amanhã ao AATP e escutar a Anne dizer à noiva que seu homem tinha passado na prova.

—Eu adoraria — disse Darren, quase gaguejando com a pressa. Ficou de pé de um salto— Só me deixe me despedir de meus amigos.

A decepção se fechou de repente em seu interior, com força.

—Não se incomode — disse, perdendo o sorriso. Já estava. Já tinha a prova que queria sua namorada. Tinha ganhado a aposta com o Marcus. Mas jamais se sentiu tão mal.

Coisas boas tinham saído esta noite, disse a si mesma. Uma importante era que a namorada de Darren saberia a que perdedor estava presa e tinha a esperança de que o abandonasse. Jillian tinha ganhado cem dólares demonstrando ao Marcus que se equivocava. De todas as formas, nenhuma daquelas coisas conseguiu levantar seu ânimo.

Queria agarrar Marcus pelo cabelo e lhe gritar: *Eu avisei!* E logo beijá-lo, acrescentou seus hormônios, e se perder por um momento.

Não, replicou-lhes firmemente, e recolher meu dinheiro. Os hormônios emudeceram. Marcus era um enigma, e isso era tudo. A homens como Darren, entendia-os. Eles viam algo que queriam e o agarravam, sem importar o dano que provocavam. Marcus não tinha feito nada mais que o inesperado. Certamente era a única razão de que a afetasse tanto. Uma vez que o entendesse, seria igual a todos os outros machos que conhecia e o desejo desapareceria.

Isso esperava.

Franzindo o cenho, girou para ele. Seus olhos se encontraram, observando-se. Sacudidas elétricas viajaram ao longo da coluna vertebral.

—Acredito que mencionei que não aceito cheques. —disse ela, ficando de pé.

—Ei! Aonde vai? —perguntou Darren, confuso— Quer que a siga ou algo assim?

—Mudei de ideia. —*Porco*— Vou para casa. Sozinha.

—Ei!! —disse Darren— Não pode mudar de ideia.

Jillian ancorou as mãos sobre os quadris.



—Bom, pois eu mudei.

Capturou-a pelo braço, um pouco muito forte para sua paz mental. Ela rebuscou na bolsa com a mão livre e de repente tirou o spray de pimenta. Segurou-o em sua cara. Pelo canto do olho, viu Marcus esticar-se, como se preparasse para a luta.

A mandíbula de Darren se abriu e a liberou com tanta rapidez que quase caiu.

Jillian reprimiu um sorriso satisfeito. E um estremecimento. Não tinha tido que ameaçar a ninguém com o spray fazia meses. Não deveria ter sabido que o destino a proporcionaria um trabalho mais difícil do acostumado esta noite?

—Não tente a sua sorte. —grunhiu Marcus ao Darren, que empalideceu e deu um passo atrás. A Jillian, disse com mais calma— Está bem?

—É óbvio que estou — disse, tentando parecer forte e segura, mas sem conseguir exatamente.

Estudou-a um momento. Em uma tentativa por lê-la?

—Dobro ou nada para dizer que não subirá a essa pista para dançar comigo. —disse ele.

Tentava-a dançar com ele. Oh, quanto tentava! Deixar que a envolvesse em seus braços. Que a segurasse perto. E não tinha nada a ver com o dinheiro e tudo com a busca da segurança. Um homem acabava de ameaçá-la. Não com palavras, mas sim com a força, tudo porque seu brinquedo lhe tinha escapado. Jillian gostava de pensar que era resistente, mas, talvez, seria agradável permitir a alguém cuidar dela, só uma vez. Que tolice! Confiar em um homem em algo era muito, muito, muito estúpido.

—Você ganha essa aposta. Não danço com porcos. —disse e, sem outra palavra, afastou-se rapidamente. Por uma vez, insultar Marcus pareceu incorreto. Ele pareceu sincero ao querer saber se estava bem, mas isso foi o único que ocorreu para manter a distância. Mais que tudo, tinha que escapar do clube, escapar das perigosas coisas que Marcus a fazia sentir. Fugir de tudo. Mas suas seguintes palavras a detiveram.

—Sabe o que? Há só três tipos de mulheres no mundo, Covinhas — lhe gritou por cima da música. Jamais tinha parecido tão zombador.

Ela não queria, mas se encontrou girando e o enfrentando, de algum modo precisando escutar o que tinha que dizer mais que partir. Ele estava de pé ao lado da mesa. Tanto Darren como Ronnie olhavam dele para Jillian e de Jillian para ele, suas caras franzidas em uma zangada confusão.

—E? —Incitou Jillian, dando golpezinhos com o pé. Deus, era tão sexy. Nestes momentos, parecia perigoso, capaz de tudo. Se tivesse sido qualquer outro homem além do Darren, claro poderia ter-se jogado sobre ele. Qualquer coisa para provar todo esse escuro regozijo, para esquecer os próprios medos e a angústia que a namorada de Darren experimentaria amanhã.

Olhando para Marcus, necessidade e desejo seguiram movendo-se em espiral através dela, esmagando... Acabando com a resolução, e isto a irritou. Não deveria desejá-lo. Não deveria tê-lo desejado antes e não deveria desejá-lo agora. Deixa-o. Deixa-o, maldita seja.

—Estou esperando — disse ela, e pensou: Diga algo que me faça odiá-lo de verdade, assim poderei deixar de desejá-lo.



—Umas são quebradoras de pênis —Marcus levantou um dedo— Outras são viciadas em pênis. —outro dedo— E outras odeiam pênis. Você é a última, Covinhas. Prefere arrancar a cabeça de um homem a dentadas, antes de confiar nele, mesmo que seja um pouco. Não é assombroso que Anne escrevesse coisas tão elogiosas em sua ficha de trabalho. E a propósito — acrescentou com um grunhido, girando para Darren— Esta noite deixou à equipe em muito baixa posição. Obrigado por foder tudo.

Maldição. E maldito Marcus. De algum modo, suas palavras só a fizeram desejá-lo mais, querer lhe demonstrar que estava equivocado. *Se sou uma das que odeia pênis*, pensou, girando sobre seus calcanhares e afastando-se de verdade, *por que quero o seu profundamente dentro de mim?*

Sacudindo a cabeça, acelerou o passo e deixou que a porta do Clube se fechasse detrás dela com um golpe.

Capítulo 6

Vamos deixar de tantas babaquices e simplesmente nos despir.

Anne Commings-Baker-Mossey (malditos aqueles três matrimônios!) estava sentada em sua decadente cama de seda e cetim, olhando fixamente seu computador portátil e tentando não rir. Não queria despertar seu brinquedo sexual que roncava a seu lado. Bem, ele não era um brinquedo sexual. Mas era muito jovem para ela, muito sexy. De todos os modos fazia que se estremecesse sempre que a olhava, assim tinha decidido provar a sorte com ele, embora não passaria muito tempo antes que o deixasse.

Marcus acabava de chamar Jillian de *mulher que odeia pênis* e Jillian acabava de lhe jogar um olhar que dizia *é asqueroso, beije-me*, e ambos pareciam como se tivessem desfrutado da luta e odiassem a si mesmos por isso.

Agora tinham se separado.

Anne olhou todo o ocorrido pela tela do computador dividida em duas, uma visão da câmara de Jillian e outra da de Marcus.

Sobre o lado direito da tela, Jillian entrava em seu carro. À esquerda, Marcus se movia através da barra... para seguir Jillian? Anne nunca chegaria a saber, porque ele se deteve na metade do caminho. *Por que você para? Obviamente a quer. E quero ver se ela te dá um murro.*

—O que acontece aqui? —exigiu o pastelzinho que se pendurava do braço de Marcus.

—Sim — disse Darren Sawyer, o objetivo de Jillian— O que acontece aqui? Ela queria ir para casa comigo, e logo queria me orvalhar com spray de pimenta? Isto é uma maldita loucura. E não decepcionei a equipe! Nem sequer sou de nenhuma equipe. —jogou uma olhada ao que Anne supôs fosse a expressão cruel de Marcus, perdeu os nervos e saiu correndo em busca de seus amigos.



—Vá para casa para seu marido —disse Marcus ao Pastelzinho— Não é agradável que o engane.

—O que? Não sei de que fala. —riu nervosamente— Não estou casada.

—Sim, está, e deveria se envergonhar de si mesma.

O pastelzinho ofegou ante a surpresa, o ultraje, a indignação e a decepção. O ultraje ganhou. Fulminou-o com o olhar.

—Não há nada errado em ter um pouco de diversão.

—E —disse Marcus desdenhosamente— esse é o motivo pelo qual renunciei faz anos às relações. Obrigado por me recordar isso.

—Ei! —franzindo o cenho, lhe cravou no ombro com um dedo. A aliança cintilou na multicolorida luz, rosado um segundo, amarelo no seguinte— É um imbecil, sabe? Você paquerou comigo. Você veio para mim!

—Por seu marido, deveria ter me mandado passear, não acha? —afastou-se dela então, empurrando de passagem as pessoas que dançavam e conversavam, e saiu fora bem a tempo para que Anne visse o sedan que Jillian conduzia, um dos poucos carros da companhia que as chamarizes usavam nas atribuições para que ninguém soubesse sua verdadeira matrícula, sair do estacionamento jogando cascalho dos aros traseiro.

Marcus amaldiçoou baixinho, ficou quieto durante vários segundos e logo arrancou a câmara do pescoço. Girou a lente para ele e Anne lhe viu os olhos entrecerrados, e os lábios apertados pela fúria. Uma visão deliciosa, para ser sincera.

—Espero que tenha desfrutado com isto — grunhiu ele, e seu lado da tela ficou em branco.

Ah, desfrutei. Anne riu com malícia.

Enquanto isso, Jillian golpeava os punhos sobre o volante.

—Sou uma mulher estúpida, estúpida e deveriam me acertar um tiro para livrar o mundo de minha presença. Não estava excitada! Ele é grosseiro e insofrível e só porque seu jeans sempre incha sempre que a olha não significa que deve se excitar cada vez que ele a chama por nomes grosseiros. Não é uma masoquista. Ou não estava acostumado a ser, de todos os modos. — resmungou sombriamente.

Golpeou o volante de novo.

—Oh, merda! —disse, parecendo mortificada. Arrancou a câmara e a lançou sobre o painel do carro.

Seu lado da tela ficou em branco.

Anne riu outra vez. Normalmente não olhava a atribuição ao vivo. Entretanto, já que esta era a última atribuição que conseguiria observar, decidiu fazer uma exceção. Graças a Deus que o fez! A vida de Jillian necessitava de um pouco de agitação. A moça se tornava muito enfastiada, muito fechada.

Muito como ela mesma. E Anne não queria isso para Jillian. Sim, uma vez tinha considerado a bondade e a amabilidade como uma fraqueza, e tinha feito todo o possível por erradicar as de



Jillian. Agora...

Anne suspirou. Tinha tido boas razões, ou isso tinha pensado. Tinha suportado três horríveis e infiéis maridos. Depois de mandar embora o número três, a amargura arraigou nela e decidiu fundar o AATP. As mulheres tinham direito de saber o que conseguiriam... Ou o que já tinham. Naquele tempo, o negócio também foi uma boa terapia, lhe permitindo jogar a frustração sobre os objetivos.

Durante anos, à medida que observava a cada vez mais homens enganar a suas mulheres, o ódio cresceu. Aquele ódio logo consumiu sua vida. Todo o dia, a todas as horas, não tinha pensado em nada exceto as formas de castrar e mutilar à espécie masculina.

Então, fazia umas semanas, recebeu uma chamada telefônica. Seu segundo marido havia falecido de um enfarte. Ele era um ano mais jovem que Anne.

Inclusive, embora frequentemente fantasiasse sobre sua morte, esta a emocionou. Não tinha uma prometedora manhã, compreendeu, e já tinha gasto a maior parte de sua vida. Gasto em ódio, solidão e desespero. Aquela compreensão tinha sido um momento revelador para ela. Não mais se isolar do sexo oposto. Não mais permitir que o cinismo empanasse todos seus movimentos. Viveria o momento; desfrutaria de tudo o que cruzasse em seu caminho.

O faria agora, antes que fosse muito tarde.

Seu companheiro rodou para ela e suspirou brandamente. Um momento passou em silêncio, logo estendeu a mão e lhe acariciou o braço nu.

—Pronta para outra rodada? —perguntou para ela com voz rouca.

Ela tinha cinquenta e um anos e o sexo... O tinha negado durante os últimos quinze. Durante seus matrimônios, tinha sido uma mulher que gostava do sexo frequentemente e com força. Depois do terceiro marido, tinha expulsado o sexo de sua vida completamente. Seu corpo estava encantando de voltar para o jogo por fim.

Era por isso que tinha abandonado cedo o trabalho hoje. "Assuntos pessoais". Aliás, Operação Orgasmo. Agora era uma prioridade. Estava farta de negar-se. O que Anne queria, agora ia atrás disso.

Recolher a este sujeito em um supermercado, na seção de bebidas teria sido uma aberração para ela. Primeiro, ele trabalhava de caixa na loja já mencionada. Não era o homem de negócios pelo qual se sentiu atraída no passado. Segundo, era vinte e cinco anos mais velha que ele. Terceiro, era vinte e cinco fodidos anos mais velha que ele.

Ele devia pensar que era uma alcoólica, de tantas vezes que visitou a loja ultimamente. Mas sempre foi doce com ela, sempre paquerava. Antes, tinha-o tratado como a uma porcaria para mascarar a atração. Desta vez, não. Desta vez o tinha convidado a uns goles da vodca que acabava de comprar.

O que Anne queria, agora ia atrás disso.

Para sua surpresa, ele aceitou encantado.

—E bem? —Incitou-a, já com mais força.

Deixou o computador portátil a um lado e se afundou em seus braços que a esperavam. A química entre Marcus e Jillian era suficiente para acender um fogo dentro de qualquer mulher



com um clitóris. Anne definitivamente tinha um. E seu amante sabia justo onde encontrá-lo.

O telefone soou, e Jillian saiu sobressaltada de um sonho onde Marcus se abatia sobre ela, a boca tampada com cinta adesiva para que assim não pudesse dizer nada enquanto dava prazer, e logo imaginava sua morte porque não era seu assunto lhe dar prazer, nem no país dos sonhos nem em nenhum outro, e interromper o resto de uma pacífica noite — o telefone soou de novo — o resto de uma pacífica noite que, aparentemente, não ia poder desfrutar. Sonhando ou sem sonhar.

Outro toque.

Estirou-se atrás do telefone, medindo, mas só conseguiu atirá-lo. Amaldiçoando baixinho, buscou-o pelo chão. Ardiam-lhe os olhos, estava excitada e irritável e tudo era escuro no quarto, por isso lhe levou um momento encontrar ao pequeno bastardo. Quando finalmente o segurou contra a orelha, rodou de costas e grunhiu:

—O que?

—Só queria me assegurar de que chegou a casa a salvo.

Marcus. Ela inspirou um quente fôlego. Escutar sua voz depois de tudo o que tinha sonhado era como ter as pernas estendidas e Marcus movendo-se lentamente entre elas. Movendo-se, movendo-se perversamente, com seu duro, seu muito duro pênis empurrando-a para o orgasmo. Tremendo, jogou uma olhada ao despertador sobre a mesinha, 01:03 da manhã. Por que ligava?

—Jillian? —disse.

—O que? —repetiu, sem fôlego desta vez. Os mamilos se endureceram e sentiu uma comichão no estômago. A (aparentemente interminável) dor entre as pernas se intensificou.

—Chegou bem em casa, verdade?

—Está falando comigo não?

—Parece mais como se grunhissem para mim. — Indicou ele. Ele pareceu feliz com isso. Muito feliz. Inclusive excitado.

Seus olhos se estreitaram com desconfiança.

—Está excitado?

—Talvez —disse ele depois de uma longa pausa— E você?

—Como se atreve a me perguntar algo assim? Não me conhece.

—Você perguntou, eu respondi. Eu pergunto agora, assim é justo que responda. Está quente?

—Infernos. Não

Ele riu entre dentes.

—Mentirosa.

Sim, era.

—Chamou-me *odeia pênis* e tinha razão. Você tem pênis e o odeio.

—Quer saber uma coisa?

—Não — respondeu ela, sem fôlego outra vez. O que ia lhe dizer? Algo sexy, a julgar por seu tom— Não quero.



—Direi isso de todos os modos. Discutir com você me excita. É estúpido, mas assim é.

Deus querido! Suas discussões o afetavam da mesma forma horrível que a ela. Estavam condenados. Condenados! A não ser que... Não, não, não! Isso não ajudaria. Tinha que ser doce com ele. Tão doce que ele vomitaria por tanto açúcar. Isso faria. Qualquer coisa para deter esta loucura.

Amanhã, diria a Georgia que esquecesse sua guerra, que esquecesse fazer coisas horríveis e mesquinhas ao Marcus. Em seu atual estado de loucura, isso poderia lhe parecer um jogo sexual prévio. Não necessitava mais jogos. Poderia saltar sobre ele.

—Você e Ronnie com ie se divertiram esta noite? —perguntou em um tom meloso— Parecia uma moça tão agradável.

—Ciúmes?

—Por favor. É tão... — *porco egotista, posso ver por que pensa isso*— amável por ajudá-la com sua óbvia falta de autoestima ao se mostrar tão agradável com ela. Sim, nós, as mulheres, gostamos que os homens sejam encantadores conosco.

—O que é? —perguntou ele, confundindo-a.

—Perdão?

—Em realidade não é uma odeia pênis, já mente ao dizer que não está excitada agora mesmo. É uma viciada em pênis ou alguma destruidora de pênis?

—Nunca saberá. —disse apertando os dentes.

—Genial. Uma destruidora —suspirou— Que lástima.

O sangue lhe ferveu.

—Esta conversa é aborrecida e você também. O próximo será que me pergunte pelo prognóstico do tempo. Adeus!

—Espera —disse rapidamente— Não desligue. Tenho algo para dizer.

Fez uma pausa, estupidamente contente de que ele quisesse mantê-la na linha.

—O que?

—Dobro ou nada, lembra? Não dançou comigo. Não se esqueça de trazer meus duzentos dólares ao escritório amanhã —disse— Como você, não aceito cheques. —Click.

Com a boca aberta, olhou fixamente o telefone. Então, franzindo o cenho, pressionou a rediscagem. Marcus respondeu em seguida.

—Ganhei a primeira aposta e você me deve cem dólares —disse— Você ganhou a segunda, assim só tem que guardar seu maldito dinheiro. Não te devo nada. Se necessitar que use algo mais contundente para lhe explicar isso em uma linguagem mais simples, me avise. —Click.

Um segundo mais tarde, o telefone soou.

—O que?

Sua aditiva risada lhe acariciou o ouvido.

—Não jogamos com o método americano, meu bem. Jogamos com o britânico. É a boa. Deve-me duzentos dólares. —Click.

Outra vez, encontrou-se olhando fixamente o telefone. Pouco ético, isso é o que era. De nenhuma forma as regras de jogo britânicas eram diferentes das americanas, ele tinha inventado.



O telefone soou de novo um segundo mais tarde e Jillian sorriu abertamente. Tentou-lhe deixá-lo soar toda a noite, mas estava impaciente por uma quarta ronda. Pressionou o botão de falar e disse:

—Não volte a desligar na minha cara outra vez ou vou... — *apunhalar seu coração*. — Assar para você umas bolachas com pedaços de chocolate e logo as levarei em uma bonita e decorada cesta. —Isso. Isso era doce. Bom, doce sempre e quando não fosse sua mãe quem fizesse os bolos... Mas não valia a pena pensar agora nisso— Admita. Não te devo um centavo.

—De que fala? Não desliguei na sua cara antes e não me deve dinheiro. E por que me ameaça com bolachas com pedaços de chocolate? Você já as fez alguma vez por acaso? —disse sua irmã Brittany. Sem esperar resposta, acrescentou—: Escuta, mamãe me ligou. Tem uma de suas crises.

—O que? Por quê? —De repente séria, Jillian se endireitou de um salto. Os escuros cachos caíram em cascata pelas costas.

—Está decidida a tentar ter um encontro.

—Não, não, não —gemeu Jillian— Por que se expõe a passar por isso de novo? Por que nos expõe a passar por isso de novo?

—Porque tem necessidades — disse Brittany, o tom destilando repugnância.

—Que asco. Nunca, nunca, nunca volte a me dizer isso.

— Ei! Só repito o que ela me disse.

—Bem, não o faça.

Brittany soltou um longo e profundo suspiro de frustração.

—O que vamos fazer? Nós... —pausa— Appel, Cherry, o que fazem levantadas? Já passou sua hora de deitar-se.

Jillian ouviu umas risadinhas e imaginou a suas sobrinhas gêmeas de dez anos brincando de correr pelo dormitório de Brittany. Elas poderiam parecer anjos com suas doces e arredondadas caras, mas eram umas diabinhas em suas almas.

A possibilidade do Jillian de estabelecer-se e ter filhos eram muito remotas, por isso prodigalizava toda a atenção a suas sobrinhas.

—Vão-para-a-cama. Ou contarei a papai que se comportaram mal —pausa— Obrigada. — pausa— Se nega a tomar os antidepressivos — disse Brittany, retomando a conversa como se nunca tivesse se interrompido. — Pelo que terminará chorando sobre o ombro de todos os homens que se aproximem dela, esses homens a abandonarão e logo se sentirá inclusive mais deprimida porque ninguém a quer. Pressinto uma tentativa de suicídio... e não será o de mamãe!

O telefone emitiu um ruidoso sinal e Jillian se sentou mais reta enquanto uma quebra de onda de entusiasmo a atravessava.

—Desligo. Tenho outra chamada. —Tinha que ser Marcus, e lhe custava esperar para ouvir sua voz... uh, custava-lhe esperar para repreendê-lo, o grande porco. Entre os protestos de Brittany, Jillian desligou— O que? Será melhor que isto seja uma desculpa.

—Mamãe ligou para você? —perguntou Brent, gêmeo de Brittany— E por que tenho que te pedir perdão? Não fiz nada errado, merda.



Ela suspirou com decepção.

—Não, mamãe não me ligou, e não se preocupe pela desculpa. Tenho na outra linha a Brit, que me explicou a situação.

—Mamãe nunca liga para você para contar seus problemas — queixou-se ele— Não é justo. Acredito que a ama mais.

—Ela somente quer que alguém pense que é normal, e esse alguém que escolheu sou eu. Recorda o que disse o terapeuta?

—Quer que alguém pense que é normal — zombou ele— Eu só quero que suas crises e revelações ocorram durante o dia.

—De novo, recorda o que disse o terapeuta? De noite está sozinha, sem nada que a distraia —Jillian fez uma pausa— Talvez devêssemos comprar um cão.

—É alérgica, boneca. Assim, falou com a Georgia ultimamente?

Jillian se deslizou na suavidade do colchão. Deus a salvasse de sua família.

—Sai com alguém. Já sabe, assim deixa de me atormentar com ela. Deveria ter pedido um encontro quando éramos adolescentes.

—Como a sério vai com esse namorado? Perguntei-lhe se queria ver um filme, mas ela disse que tinha planos com ele. Que tipo de planos?

—Virtualmente está noiva, por isso deixa-a em paz. Agora, adeus, Brent — disse e apertou a tecla de desligar.

—Para a cama —dizia Brittany sobre as ruidosas risadinhas — Falo sério, meninas. Esta é a última advertência. Steven! Steven, as meninas não querem se deitar.

As risadinhas se detiveram e os sussurros tomaram seu lugar, então a voz profunda de Steven lhe chegou da linha.

—Bem, meus pequenos bolos de fruta, vamos dar a mamãe um pouco de privacidade — ruídos estáticos de beijos— Amo você, coelhinha.

—Eu também o amo, açúcarzinho — disse Brittany.

Jillian sentiu arcadas. Agradecida, a outra linha emitiu um sinal de novo, salvando-a de escutar o resto. Ela tirou do gancho.

—Que quer agora, Brent? —Silêncio— Brent. Por favor. Nada de respirações pesadas ou terei que machuca-lo.

—Uh, Jillian?

Tudo dentro de Jillian se congelou. O ódio a alagou, assim como a saudade, a necessidade e todas as lágrimas que não tinha derramado por ele durante todos estes anos.

—Disse a você que não me ligasse aqui, Papai.

—Brent me disse que estava levantada. Só queria...

Com mão tremente, ela desligou.

—... homem mais bonito que vi. — gorgojeava Brittany.

—E você é... — Começou.

—Estou aqui, estou aqui — disse Jillian a toda pressa. Obrigou-se a tirar da mente a chamada de seu pai. Como fazia sempre. Ele não a afetaria de nenhuma forma— Brent me ligou —disse—



Mamãe também ligou para ele.

—Por que sempre nos liga no meio da noite?

Em vez de lhe dar a mesma resposta que tinha dado ao Brent, Jillian disse:

—Aqui vai uma pergunta melhor... por que sempre me liga no meio da noite depois que ela liga para você?

—Bom, olhe. Se eu tiver que sofrer, você também. O que vamos fazer com mamãe?

—Compraremos para ela um gato.

—É alérgica, idiota.

Suspirando, Jillian observou, através da fresta que havia entre as cortinas bege e que cobriam a única janela do dormitório, como a luz da lua penetrava entre as árvores que se balançavam brandamente.

—Não se preocupe. Pensarei em algo — Brent e Brittany eram os que escutavam os problemas de sua mãe, e Jillian a que conseguia solucioná-los. Ao menos isto arrancaria Marcus da sua mente.

Ou isso esperava.

De retorno a seu apartamento, Marcus se sentou na poltrona, olhando fixamente a magnífica mesa de pôquer. O feltro era da cor do dinheiro e a base, intrincadamente esculpida, brilhava intensamente. Este era seu altar. Seu lugar de oração.

Jogou uma olhada às malas e caixas dispersadas através do chão da sala de estar, cada uma repleta com suas coisas. Roupas, pratos e, basicamente, tudo o que necessitava para sobreviver. Ainda não tinha desempacotado, embora tivesse tido várias semanas para fazê-lo. E não acreditava que o fizesse em várias semanas mais. Tinha estado muito ocupado tentando comprar a AATP e agora estava muito ocupado em que tudo fosse um êxito. Para não mencionar, que esteve muito ocupado com a aborrecida Jillian.

Deveria ligar para ela outra vez.

Franziu o cenho. Não, não deveria. Tinha agido com muito pouco profissionalismo toda a noite, o que era estranho nele, e já era hora de pôr fim a isso. Era culpa de Jillian. Tinha que manter-se afastado dela. Longe, muito longe. Aquela mulher o irritava e excitava a níveis que nunca tinha experimentado antes. Sempre que estava perto, escutava sua voz ou pensava nela, ficava duro.

Necessitava-a fora da empresa. Mas...

Tinha-o feito rir. Ela tirava o melhor dele. Queria que tirasse o melhor dele outra vez.

Merda. Frustrado, passou a mão pelo cabelo. Sim, necessitava que se fosse, mas se ela partia para outra agência, não seria capaz de controlar suas atribuições. Indisposta como era, a mulher necessitava um protetor. Algum dia irritaria a algum idiota e este se enfureceria, machucando-a. Ao menos Marcus poderia vigiá-la se trabalhava para ele.

Quando Darren tinha agarrado o braço de Jillian para retê-la no lugar, Marcus quase tinha quebrado o nariz do homem. É óbvio, não teria sido o suficientemente doloroso, por isso teria que ter arrancado seus braços e pernas e golpear sua cabeça com eles. Mas Jillian tinha plantado seu



spray de pimenta na cara do sujeito antes que Marcus pudesse fazer um movimento e tudo tinha terminado bem.

Mas e se não o tivesse tido? Jillian poderia ter sido ferida, golpeada. Isso era suficiente para que o estômago se revolvesse. As mulheres eram umas estelionatárias por natureza, mas não mereciam a dor física.

Jamais tinha se preocupado por um chamariz feminino antes, mas o estava agora. Jillian era uma pequena coisinha delicada... bom, era de estatura mediana e provavelmente golpeava como um defesa de futebol americano. Era independente, forte e intrépida. Ainda assim. Os homens eram mais fortes. O fato de que Jillian ou outro chamariz feminino, por norma geral, fizessem as atribuições sozinhas, colocando-se na linha de fogo sem nenhuma autêntica via de fuga, congelava-lhe o sangue e, nesse mesmo momento, jurou que se asseguraria de que isso nunca mais aconteceria de novo.

De todas elas, Jillian necessitaria a maior proteção. Não necessitava nenhuma razão para fazer essa avaliação, só tinha que vê-la para saber que era verdade. Ela tinha um atrativo que suscitava todo tipo de cuidados imorais. Sentado na barra, tinha vigiado como o brincalhão homem a comia com os olhos e contemplava a possibilidade de jogar com ela. Tinha parecido distante, intocável, e ainda assim completamente disposta a tentar qualquer ato sexual sugerido, quanto mais depravado, melhor.

Ele mesmo tinha querido lhe fazer coisas más. Coisas selvagens. Coisas ilegais em trinta e dois estados. Era culpa de sua *Deixe-me-chupar-sua-boca*. E se ele, um cidadão respeitável (quando queria), tinha desejado lhe fazer tais coisas, o que tinham querido os outros homens?

Nada bom, com certeza.

Sim, ia ser seu novo companheiro. Tanto se ela gostava como se não. Tanto se ele gostava como se não. Sem importar que quisesse permanecer longe dela.

Ele recolheu o telefone e marcou o número de seu melhor amigo. Este soou, soou e soou até...

—Será melhor que seja algo importante. —disse Jake com a voz áspera pelo sono interrompido

Marcus não se incomodou em identificar-se.

—Você e os outros podem vir ao novo escritório amanhã? Preciso de você antes do planejado.

—Que diabos acontece? —Jake bocejou— Por uma vez, eu adoraria poder relaxar em um sábado. Sabe que sempre odiei trabalhar os fins de semana.

—Primeiro, sabe que os sábados são o melhor momento para pôr a prova um objetivo, e segundo, esse é o dia em que a maioria dos clientes está disponível para encontrar-se conosco. Além disso, você pode relaxar no escritório.

—Isso é difícil de fazer, já que o imbecil do meu chefe me exige entrar cedo.

Marcus soprou.

—Que gracioso. Quero atribuir aos chamarizes femininos companheiros masculinos.

—Companheiros. Eu gosto de como isso soa.



—Estritamente trabalho, meu amigo.

Jake resmungou algo baixinho que soou a *você-não-é-nada-divertido*. Como se Jake fosse desenvolver algo mais com alguma das mulheres. O homem estava sendo celibatário durante dois anos.

—Continua em pé a partida de pôquer de amanhã à noite?

Marcus lamentou mudar de planos; geralmente planejava sua vida ao redor de suas partidas de pôquer noturnas.

—Não, teremos que deixá-la para outra noite. Surgiram coisas para amanhã. Não chegue tarde para trabalhar — disse e desligou. Lançou o sem fio à caixa mais próxima. De maneira nenhuma ia falar de Jillian para ele. Nem ele entendia sua necessidade de protegê-la e cuidá-la. Ou de discutir com ela. Sobretudo porque só a conhecia fazia vinte e quatro horas.

Tudo o que sabia é que ia ter que ser agradável com ela de agora em diante. Era o único modo que o fazia sentir que podia ter um pouco de controle a seu redor. De outra forma, terminaria transando na empresa porque Jillian gostava de sua luta tanto quanto ele, a pequena mentirosa. Era todo ofegos quando a insultava.

Graças a Deus que ele não era o único louco aqui.

Supunha que isto queria dizer que se o transtornava, menosprezava ou ofendia, ele sorria e agradeceria. Se lhe desse um bofetão, ele sorria e agradeceria. Se o encadeava a uma cama e lhe roubava toda sua roupa e dinheiro, ele sorria e agradeceria. Talvez lhe pedisse que subisse à cama com ele, também, a ver o que acontecia.

Idiota.

Franzindo o cenho, levantou-se e caminhou rapidamente para a cozinha para pegar uma cerveja. Não, duas cervejas. Com sinceridade, que o ser agradável começasse a lhe parecer no fundo divertido, sabia que não era bom sinal. Nada bom absolutamente.

“É tão linda, meu bem. Tinha vontade de gabar-me de você ante todos meus amigos esta noite, mas trabalho até tarde”. Havia dito Wyatt a ela umas horas antes, quando a tinha ligado.

Georgia não tinha se alterado que Wyatt desmarcasse seu encontro. Maldita seja! Deveria ter ficado. Queria estar alterada. E esse desejo a estava deixando louca, deprimindo-a e preocupando-a, fazendo-a pensar o que estava errado com nela. Estavam saindo há um ano. Tratava-a maravilhosamente. Não havia dia que não elogiasse seu aspecto. “Deixe-me olhá-la. Deus, se houver outra mulher mais perfeita, eu não a vi”. Apesar da forma em que se queixou a Jillian, realmente gostava daqueles elogios. Mas...

Só quero ser amada por quem sou, pensou triste. *Só quero ser amada pela mulher que sou por dentro*. Uma vez tinha pensado que Wyatt era capaz disso, mas ultimamente não estava tão segura...

O que faria Wyatt se a visse sem maquiagem? Ainda quereria gabar-se dela ante seus amigos? O que faria se usasse calças esportivas ao jantar? Ainda asseguraria que não havia ninguém mais bonita? As possibilidades podiam não tê-la preocupado muito quando começaram a sair, mas agora, só de pensar em sua reação a adoecia, revolvendo seu estômago.



Facilmente podia imaginar ele fugindo dela do mesmo modo que Brent correu fazia tantos anos. Brent. Simplesmente seu nome a fazia tremer. Não tinha que perguntar-se o que aconteceria se ele a visse como algo menos que perfeita. Sairia correndo outra vez, tão rápido quanto seus pés pudessem levá-lo. E isso é bom, disse a si mesma firmemente.

Recordou como, faz vários anos, jantou com Jillian e sua família. Durante o transcurso do jantar, Georgia tinha conseguido derrubar os espaguete por toda parte, cobrindo a si mesma de espesso molho vermelho e macarrão. Brent lhe tinha jogado um olhar, levantou-se de um salto e tinha saído correndo da sala de jantar. Inclusive embora a imperfeição tivesse sido temporária, ele não tinha sido capaz de afastar-se dela o bastante rápido.

Talvez Jillian tivesse tido razão todo este tempo. Talvez os homens realmente fossem uns porcos e incapazes de dar a uma mulher tudo o que necessitavam. E ainda assim, isso não detinha Georgia de desejar que esse evasivo e sonhado romance se fizesse realidade.

—Só quero ser amada — gritou, lançando-se sobre a cama. Chorou até que não houve nada mais em seu interior.

Capítulo 7

É tão linda, jamais a jogaria de minha cama... A menos que queira transar no chão.

—A guerra está anulada. —disse Jillian.

—O que? —Georgia, cujos olhos estavam sombreados de vermelho, olhou-a com o cenho franzido. Estavam de pé no estacionamento do AATP, ao lado de seus respectivos carros enquanto o tráfego zumbia pela Rua Oak. O Sol queimava, mas uma fresca brisa as envolvia. Trazendo uma zombadora e doce fragrância de magnólias e caramelo — Por quê?

Durante seis anos, cinco dias na semana, Jillian tinha vindo a este grande edifício de antigas e virginais paredes brancas e verdes árvores rodeando-o. Sempre desfrutou daqueles cinco dias e, se fosse possível, teria vivido aqui. Agora, não se encontrava cômoda. Só queria partir.

Marcus estava dentro.

—Não posso tratar com nosso novo colega agora mesmo — respondeu. Era a verdade. A noite inteira tinha demonstrado ser improdutivo, o que era total e completamente culpa de Marcus. Inclusive depois de todas as chamadas telefônicas sobre sua mãe, não tinha sido capaz de tirá-lo da mente e, em consequência, não tinha conseguido pensar em um modo de tratar com sua depressiva mãe.

Argh! Mamãe... E suas necessidades. Ela estremeceu.

—Por que não? —insistiu Georgia. Vermelhas mechas de cabelo varreram através dos olhos e sobre a ponta do elegante nariz. Os jogou a um lado. A luz do sol, geralmente, rendia tributo a sua cremosa pele. Hoje, ela parecia um desastre.



—O que acontece com você? —perguntou-lhe Jillian.

—Nada. —agitou uma mão no ar— Agora me diga por que não podemos ir à guerra contra Marcus.

—Porque não. —disse Jillian, deixando o anterior assunto sem protestar. Georgia já falaria quando estivesse preparada.

Jillian se apoiou contra o sedan que havia devolvido, seu próprio carro só a uns poucos passos mais abaixo, e olhou ao longe, à transitada intercessão. Lamentava a perda de sua confiável e simples vida. Hoje, custasse o que custasse, ia falar com Anne sobre a compra do AATP, ou ao menos a opção de fazer-se sócia da empresa. Pediria emprestado o dinheiro, se fosse necessário... Qualquer coisa para desfazer-se de Marcus e realizar por fim seu sonho.

—Simplesmente porque não.

—Isso não é uma resposta, mas não importa. Eu posso tratar com ele —Georgia cruzou os braços sobre o peito— Agora mesmo, sou anti-homens.

Franzindo as sobrancelhas, Jillian confrontou sua amiga.

—Por quê?

Um brilho de insegurança se deslizou pelos perfeitos traços de Georgia.

—Wyatt me deixou plantada ontem à noite. Disse-me que tinha que trabalhar até tarde. —acrescentou, com uma nota triste e melancólica na voz. Aparentemente já estava preparada para falar— Acha que fez isso para me castigar? Por não dar uma resposta à sua proposta? —não esperou a resposta de Jillian— Bom, pode me castigar o tanto que quiser. Não tenho resposta! Estive pensando nisso toda a noite e ainda não consegui me decidir.

—Sinto muito, de verdade, mas não pode mantê-lo em suspense para sempre — Jillian não estava segura de com quantos problemas mais poderia tratar. A seu entender, se duvidava em decidir-se a casar-se com o homem que saía então, provavelmente a resposta era não... não é que fosse dizer isto a Georgia. Já tinha cometido suficientes enganos em sua vida e não queria ser responsável pelos de Georgia.

—Sei, sei —Georgia mordeu o lábio inferior— Decidirei cedo ou tarde. Enquanto isso, preciso me distrair. E machucar ao sujeito que fez mal a minha melhor amiga é um bom começo.

Jillian suspirou.

—Ele não me fez mal, não realmente. —Enfurecê-la e excitá-la, sim— Jogue suas frustrações sobre o Marcus se quiser. Simplesmente... Não espere que a ajude. —Não poderia. Não se queria resistir ao Marcus, a sua malvada e travessa boca e a seu corpo de *deixe-me-lhe-dar-prazer*.

—Mas por quê? —Georgia pôs cara feia— E não me diga que não pode se ocupar dele porque a conheço bem. Ontem a chamou de incompetente e você odeia isso. Algo deve ter acontecido entre vocês dois para que mudasse de ideia. E quero saber o que é.

Ontem não compreendia o muito que me excitava, isso quando discutíamos. Não disse isto a sua amiga, ainda quando elas, geralmente, contavam tudo uma para outra. Simplesmente estava muito... Envergonhada do que sentia.

—Encontrei a religião, isso é tudo, e vou tentar algo novo. Como o perdão.

Ela suspirou.



—Você encontrou a religião? Em uma noite?

—Sim! Acredito em Deus. E, bom, agora que vi as profundidades do inferno —disse Jillian secamente— Não quero visitá-lo nunca. —Isso era verdade.

Antes que Georgia pudesse responder, Selene abriu a porta do edifício e jogou uma olhada para fora. As longas mechas loiras flutuavam ao redor de suas costas como as asas de um anjo.

—Anne convocou uma reunião. —disse.

—Vamos para lá — disse Jillian. Uma reunião? Sobre o que? Espera, sabia a resposta. Marcus. Voltou-se para Georgia e alisou os jeans— Como estou?

Sua amiga lhe jogou uma olhada e franziu o cenho.

—Francamente?

—Sim.

—Como uma merda.

—Ah, bom — Jillian sorriu abertamente. De propósito, para não impressionar, vestiu-se com uns jeans rasgados, uma camiseta azul e umas sapatilhas. Se agir de forma agradável com o Marcus não conseguia apagar seu apetite sexual, necessitaria algum outro tipo de escudo contra ele. Por exemplo: Se ele pensava que era feia só por não ir vestida provocativamente, poderia lhe odiar para sempre. Fora problema. Por favor, deixa que se vá o problema.

—Quer parecer horrível? —Georgia sacudiu a cabeça— É tão estranha às vezes.

Jillian deu de ombros.

—Pergunto-me o que querará Anne.

Juntas, caminharam para o edifício.

—Provavelmente queira apresentar Marcus ao resto do pessoal — disse Jillian e abriu a porta de entrada. Georgia passou por diante dela. Quando entrou, atrás de sua amiga, franziu o cenho.

—Olhe — disse.

Georgia se deteve em meio de um passo e deu a volta.

—O que?

—Olhe as paredes.

Sua amiga fez como ordenou, e a boca caiu aberta.

—Tiraram todos nossos pôsteres.

Fazia umas semanas, entre risadas, tinham desenhado e pendurado pôsteres que criticavam aos homens parecidos com os de seu cubículo por todas as paredes. Seu favorito tinha sido o que se lia: *Saberá que um homem mente quando seus lábios se movem.*

Por que os tinham desprendido?

—Depois de nosso trabalho, as clientes se apaixonaram por esses pôsteres —disse Georgia com um cenho franzido— Anne inclusive sugeriu que fizéssemos mais.

—Marcus —disse Jillian através da mandíbula apertada— Se pensa que pode converter isto em um centro de trabalho amistoso com os homens só porque agora é um empregado, já pode tirar isso da cabeça.

Georgia franziu o cenho.



—Bastardo.

—Quem ele pensa que é brincando com nossas paredes? Por favor! Está trabalhando aqui menos de um dia. Eu, eu... — Seja agradável com ele, recorda? Jillian rangeu os dentes, lutando contra a maré de desejo que já a percorria.

Georgia arqueou uma ruiva sobrancelha.

—Ainda continua decidida a esquecer a guerra?

Não.

—Sim. —Tinha que haver um modo de castigá-lo sem que parecesse que lutava com ele.

—Cabeça dura. Venha, vamos. —Georgia a agarrou pela mão e a puxou corredor abaixo. Giraram uma esquina e passaram por diante de uma mesa cheia de pastéis redondos e café. O aroma da cafeína lhe chegou através do ar e a boca de Jillian salivou. — Ao menos me diga que ganhou a aposta com o Marcus ontem à noite —disse Georgia, sem reduzir a marcha— Diga-Me que lhe demonstrou que os homens são uns porcos e que as mulheres são melhores.

—Simplesmente direi que estou um pouco mais perto. —Ou isso esperava. Sim, ela tinha ganhado sua aposta sobre o Darren Swayer, mas Ronnie com *ie* tinha feito muito dano à equipe das garotas.

Ficando caladas, passaram rapidamente pelas portas de vidros abertas e entraram na sala de conferências. AATP só alardeava de ter um punhado de empregadas e cada uma delas estava presente. Exceto Marcus, graças a Deus. Ainda não estava pronta para confrontá-lo.

Todas as mulheres que Anne tinha contratado eram encantadoras e desejáveis, mas de formas diferentes. Jillian sempre pensou que contemplar a todas juntas era como olhar um quadro cobrar vida. Havia algo especial em cada uma. Uma tentação em cada pincelada.

Enquanto que Georgia geralmente atraía aos colecionadores de arte, aos homens que gostava do bom vinho e a sofisticação, Jillian, normalmente, atraía aos que fantasiavam com inocentes colegiais (Darren o bastardo era a exceção menos memorável). Selene, certamente, era a deusa loira por excelência. Fria. Distante. Etérea.

Os homens que gostava dos desafios ficavam loucos por ela.

Logo estava Danielle, a borbulhante vizinha loira. Estava bronzeada e tinha um sorriso tipo *saltemos-para-a-cama-agora-mesmo*. Era também extremamente inteligente, mas gostava de brincar de fazer-se de tonta, assim seus objetivos se sentiam superiores e subestimavam suas capacidades.

Becky era uma beleza cor café com longas pernas e seios que qualquer garota Playboy invejaria. Amélia era a dominatrix. Tinha o cabelo liso e escuro, sempre se vestia de negro e uns traços selvagens e exóticos que apelavam aos homens que queriam ser açoitados.

Atualmente, todas estavam de pé ao redor da quadrada e longa mesa, bebendo a sorvos café e conversando. A Jillian caía bem todas. Não muitas pessoas, fora desta sala, entendiam o Porcômetro ou muitas evitavam o amor e o matrimônio com tão absoluta determinação.

Anne, líder deste bufê sensual de feminilidade, estava sentada à cabeceira da mesa, concentrada em um montão de papéis. Jillian abriu a boca para chamar sua atenção, para solicitar uma reunião privada antes que ela lhes falasse de Marcus, mas as seguintes palavras de Georgia a



detiveram.

—As paredes da sala de conferência também estão nuas. —resmungou sua amiga.

Jillian olhou e... Sim. Simples paredes azuis lhe devolveram o olhar, os pôsteres se foram, desaparecidos como se nunca tivessem estado ali. Ela passou a língua pelos dentes e apertou as mãos nos flancos. Marcus! Talvez, se Deus realmente a amasse, Marcus teria um enfarte e teriam que leva-lo com urgência ao hospital.

De verdade, quando se tornou tão cadela?

—Boa tarde a todas.

Jillian sentiu cada nervo do corpo chispar ante o som daquela voz. Áspera. Ligeiramente acentuada. Profunda. Rouca. Mortal. Nada de enfartes, então. (Talvez ele nem tivesse coração). Mordeu o interior da bochecha com repugnância. Repugnância para ele. E ela. A semente do diabo não deveria soar como um anjo. Realmente, se ele continuasse falando assim, ela teria um enfarte.

Nesse mesmo momento, Marcus a roçou ao passar por diante dela. Intencionalmente? Os ombros se tocaram brevemente e o contato a queimou, até o centro de todas as células. Apertou os lábios para evitar soltar um ofego. Pontadas de eletricidade lhe percorreram a pele, tecendo-se juntas, formando uma manta de calor.

Isto é asco, disse a si mesma. Não luxúria. Absolutamente não. Uh-uh. De nenhuma forma. Ele é mesquinho, odioso, presunçoso, egoísta e ainda por cima tirou nossos pôsteres.

Todas começaram a murmurar.

Georgia lhe apertou o braço e sussurrou:

—Odeio ele, mas é um decadente pedaço de bolo verdade? Como pude esquecê-lo? —perguntou-se brandamente— Alguma vez viu um espécime mais perfeito?

—Francamente? —disse Jillian, jogando ao Marcus uma olhada enquanto ele rodeava a mesa e se sentava ao lado de Anne. Usava jeans e uma apertada camiseta branca. Tinha o cabelo loiro despenteado, como se tivesse passado as mãos através dele repetidas vezes... Ou uma mulher tivesse passada suas mãos por ele repetidas vezes. Durante o sexo.

Ao princípio Jillian tremeu ante o pensamento. Logo franziu o cenho. Tinha dormido com alguém ontem à noite, depois de paquerar com ela? Porco!

Tinha o masculino colar de contas ao redor do pescoço. Tão apertado que parecia sufocá-lo, ou isso esperava.

—Nunca vi um exemplo mais perfeito de porco humano.

Anne e Marcus apertaram as mãos e iniciaram uma tranquila conversa. Jillian quis ordenar a todas que se calassem para assim poder escutar. Mas não foi necessário fazê-lo. Toda conversa desceu de intensidade até desaparecer enquanto cada mulher presente na sala comia com os olhos ao Marcus. Especulando. Interrogativas. Esperançosas...

Apesar do repentino silêncio, Jillian seguiu sem poder ouvir o que ele e Anne diziam. As mãos se apertaram em punhos.

—Quem é? —sussurrou Danielle a Selene.

Selene encolheu os ombros.



—Esteve aqui ontem, recorda?

—O que eu sei, é o que eu gostaria de fazer com ele. —disse Amélia. Jillian não tinha que adivinhar: O prenderia como a um escravo com uma bola dentro da boca e uma corrente substituindo o colar que lhe rodeava o pescoço. Talvez Jillian não fosse a única a quer sufocá-lo.

—Não é chupá-lo? —perguntou Becky— Mmm, Mmm. Sorvete de baunilha.

Sua admiração era um pouco irritante. Elas não o conheciam. Se o fizessem, deixariam de olhá-lo tão fixamente e tirariam seu spray de pimenta.

—Bastardo. —resmungou Jillian.

—O que disse? —perguntou Georgia com uma risadinha.

Todas giraram e a olharam com expectativa. Inclusive Marcus. Jillian sentiu calor nas bochechas.

—Nada. —disse docemente, oferecendo ao Marcus um suave sorriso— Absolutamente nada.

Ele piscou com surpresa, confusão e desejo? Em seus olhos enquanto a olhava fixamente nos sorridentes lábios.

Anne deu umas palmadas, ganhando a atenção de todo o mundo.

—Tomem assento, senhoras. Há algumas coisas das quais temos que falar.

As moças se acomodaram em suas respectivas cadeiras, ao redor da mesa, algumas se apressando para sentar o mais perto possível de Marcus. A maior parte, notou Jillian, teve que limpar a baba que lhes caía da boca. Incluindo Georgia, a grande traidora. Jillian reclamou um assento ao final, tão longe de Marcus como foi possível.

Ele ainda a observava, compreendeu enquanto os olhares se travavam ao seguinte instante. Marrom contra azul. Excitação contra... maldição! Excitação. Ela a sentiu faiscar à vida, lhe esquentando o sangue. Sentiu-a irradiando dele. Genial. Agora não precisava insultá-la para fazê-la arder. Simplesmente tinha que olhá-la. Fantástico!

Ela levantou a mão, com a intenção de fazer um gesto obsceno, mas por sorte se conteve a tempo. Não o piore. Siga ao plano. Seja agradável. Jillian se obrigou a agitá-la para ele, e relaxar os traços. Também obrigou a boca a torcer-se em um sorriso de boas-vindas.

—Oi, Marcus! —disse em saudação. Arcadas. Alguém deveria matá-la agora— É um prazer vê-lo de novo.

Uma vez mais, ele piscou com surpresa. Uma vez mais, a confusão obscureceu seus marrons olhos aveludados.

—Igualmente. —disse inseguro.

Todas olharam de Marcus a ela e dela ao Marcus.

—Vocês se conhecem? —perguntou Danielle.

Tristemente.

—Sim.

—Sim — chiou ele, e um “infelizmente” pendurou no ar.

—Marcus —disse Anne— Está preparado?

Ele assentiu, levantou-se e ancorou as mãos atrás das costas, a boca ligeiramente elevada



nos cantos. De repente parecia preparado para a batalha. Para a rebelião. Para qualquer coisa. Mas arrancou o olhar fixo de Jillian, caminhou até a parede, apoiou-se contra ela e permaneceu calado.

—Quero começar dizendo quão orgulhosa estou de todas vocês. —disse Anne. Havia uma inflexão desigual na voz. Um vislumbre de tristeza.

Jillian franziu o cenho. Geralmente Anne começava seus discursos e conferências lhes dizendo quão ingratas eram e que deveriam cair ajoelhadas, agradecendo que lhes permitisse trabalhar para ela. Anne, orgulhosa? Possivelmente triste?

Isto não pode ser bom, pensou, esticando-se.

—Estou segura de que houve vezes nas quais terão querido me matar. —acrescentou Anne. Eram lágrimas o que se via em seus olhos?— Mas nenhuma de vocês o fez nunca. Não muitas mulheres mostrariam tal contenção.

—Anne? —disse Becky. A voz tremente— O que tenta nos dizer? Está... morrendo ou algo assim?

Anne meneou um dedo para ela.

—Eu não estou ingrata, e eu gostaria de um pouco de silêncio até que termine.

Por fim. Anne soava... a Anne de novo. Jillian suspirou aliviada. Desviou a atenção para Marcus, para ver como respondia ao discurso, às moças. A tudo.

Seu olhar estava centrado na boca de Jillian. Outra vez. Excitada, os lábios se separaram quando tentou pegar fôlego. Os pulmões ardiam. Marcus levantou seus profundos olhos escuros e, por uma fração de segundo, olharam-se fixamente um para o outro e ela ficou sem ar... Sufocando-se.

Seus olhos a devoraram, despindo-a justo aí, na sala de conferências. Acendendo-a da cabeça aos pés. A voz de Anne lhe chegava apagada aos ouvidos e, naquele momento suspenso, o mundo inteiro pareceu girar ao redor de Marcus.

Sua pele se esquentou e lhe encolheu o estômago. Afasta o olhar, afasta o olhar, afasta o olhar. Mas não podia. Ele a tinha apanhado. Mantinha-a cativa. Não gostava. De verdade. Não se sentia atraída.

Graças a Deus, por alguma razão, ele arrancou seu olhar dela e ela foi capaz de fazer o mesmo. Enfocou-a na parede mais afastada. Sua desfaçatez a irritou. Ao menos, quis que fosse irritação o que sentia. O coração martelava dentro do peito, pulsando como um pequeno tambor. Boom, boom, boom, golpeando contra as costelas. Podia respirar, podia escutar Anne outra vez.

—... simplesmente devia dizê-lo —Anne fez uma pausa, erguendo os ombros— A mudança era inevitável. A mudança é sempre inevitável. E não posso dizer que o lamente. Já era... Hora.

Mudança. Como a odiava Jillian. A mudança significava Marcus e ela queria que as coisas voltassem a ser como eram.

Trate-o como a um amigo, disse a si mesma. A atração partirá se for agradável. Sim. Agradável. Endireitou-se no assento e, utilizando toda a coragem, confrontou Marcus pela terceira vez. E pela terceira vez, ele a olhava. Atraído, possivelmente, pela mesma corda invisível que a atraía para observá-lo constantemente, sem importar a desculpa. Ela sentiu ao corpo reagir tão



acaloradamente como antes, mas se obrigou a sorrir docemente, como se não lhe importasse.

Em troca, ele franziu o cenho, afastando os olhos.

O que ela estava jogando? Perguntou-se Marcus. Seus traços de gatinha sexual irradiavam todo tipo de emoções diferentes. Luxúria... Sua favorita, embora não deveria sê-lo. Ódio... Algo que já esperava dela. Doçura... Algo que o surpreendia e que certamente era falso. Também a inocência devia ser mentira. Tinha que ser.

Esse doce sorriso o estava deixando duro.

E que não o tinha feito hoje? Ele, realmente, começava a sair da depressão sexual. Esperava que só a cólera de Jillian o acendesse tão potentemente. Não tinha essa sorte. Genial. Agora deveria ser agradável com ela sem obter que sorrisse.

E isso não era o pior. Estava sentada a uma distância considerável dele, mas ainda podia cheirá-la de quando a tinha roçado ao passar a seu lado fazia um momento. Não seu perfume, a ela. Cheirava muito bem, a uma tropical e sensual ilha que satisfazia os prazeres da carne. Deixa de respirar, disse a si mesmo.

A mente manteve as intermitentes imagens dele e Jillian, na cama. Nus. Enredados. Retorcendo-se. E ele seguiu encontrando seu olhar com ela, estudando-a. Desejando-a. Bom, recapitulemos: Teria que ser agradável com ela sem fazê-la sorrir e mantendo-o bastante longe para não poder cheirá-la.

Completamente factível.

As mulheres como ela deveriam ser enjauladas. E lançadas a um túnel escuro e interminável. E logo, esse túnel, deveria ser bloqueado permanentemente ao resto do mundo. Uma ameaça, isso é o que ela era. Uma ameaça a uma parte de sua mente. A sua sensatez. A suas normas no trabalho. A sua conduta sexual.

Sem poder deter-se; confrontou de novo Jillian e a estudou por uma condenada milésima vez. Com a esperança de que desta vez não o afetasse. Com a esperança de que desta vez o desejo não fizesse sua aparição. Seu encaracolado cabelo caía pelos ombros e costas. Negro, sedoso. Puro sex-appeal. Ela brincava com uma das mechas, enrolando-o no dedo. Quando o liberou, o cacho se frisou ao redor de um de seus mamilos.

Deus querido. Que tortura! A boca de Marcus salivou. Tinha feito isso de propósito?

Embora não parecesse culpada, parecia excitada. E preocupada. E zangada. E logo decidida. Mas lhe sorriu de novo. O estômago se encolheu em um apertado nó e meteu as mãos nos bolsos para impedir de ir apagar esse sorriso de *não-gostaria-de espancá-lo*.

As seguintes palavras da Anne penetraram a névoa que lhe envolvia a mente.

—Vou arriscar-me por uma vez — disse ela— Quis fazê-lo faz tempo, mas agarrava este lugar, insegura. Bom, não posso fazê-lo por mais tempo. Quero uma vida fora deste escritório antes que seja muito tarde. Por isso eu... Eu vendi o negócio.

Os olhos de Jillian se abriram como pratos.

—Isso é —seguiu Anne— Agora já sabem. Estou segura de que já sabiam ou, ao menos, suspeitavam-no.

Os olhos de Jillian se alargaram inclusive mais, quase saindo das órbitas.



—Senhoras, eu gostaria de lhes apresentar o seu novo chefe, o novo dono da Pegue seu Parceiro, Marcus Brody.

Ele não esperava aplausos e não conseguiu nenhum. O horror salpicava o rosto de Jillian. Empalideceu e enfocou toda a atenção em Anne.

—O que! O que? Não, não, não. Diga-me que está mentindo. Merda, Anne. Disse-me que era um chamariz.

—E não menti. Marcus ainda planeja seguir na ativa. Mas queria ter a oportunidade de conhecê-las como se fosse igual, assim concordei.

Permanece onde está. Não reaja. Se mostrasse um pingo de satisfação ou triunfo, a irritaria e então mal seria capaz de controlar-se. Ele já oscilava perigosamente no limite.

Oh, diabos. A quem queria enganar? Esta era uma mão que não ia ganhar. Mais tarde, poderia lamentar. Mais tarde, o lamentaria. Agora simplesmente desfrutaria.

Marcus chegou de um passo ao final da mesa e apoiou as mãos sobre a superfície. Inclinou-se para Jillian, seu aroma mais forte, mais excitante que antes. Sexy como era, envolveu-se a seu redor, calmante, rogando por um toque, uma carícia.

Ele resistiu a isso e enquanto abria a boca para falar, Jillian se adiantou.

—Dobro ou nada a que não dirá nada e se afastará de mim agora mesmo — sussurrou ela baixinho, de maneira ameaçadora.

Sem vacilar, ele sussurrou igualmente suave.

—Você ganha, porque alguém precisa lhe dizer isso. Você é agora uma marionete, e eu puxo suas cordas. Dança, pequena marionete —sorriu abertamente— Dança.

Capítulo 8

A palavra do dia é “pernas”. Voltarei para meu lugar e divulgarei a palavra.

Não! Não! Entre os murmúrios femininos de confusão e prazer, Jillian sentiu seu mundo seguro e feliz derrubar-se ao redor. Sentia-se fora de si. Miserável. De todas as coisas que tinha esperado que Anne dissesse esta não aparecia em nenhuma parte de sua lista. Durante um momento, esqueceu-se de que Marcus ainda se inclinava sobre ela, ainda suspenso sobre a cabeça, e simplesmente se derrubou no inferno no qual agora se encontrava.

Marcus era seu chefe.

Marcus era seu fodido chefe. «*Dança, pequena marionete. Dança*».

Querido Deus! Isso queria dizer que agora ele atribuíam os trabalhos, controlava seus casos e preencheria sua ficha de empregada. Isso, depois de que o chamou de porco e o acusou de dormir com Anne para conseguir o trabalho. Isso, depois de que o teve insultado muitíssimas vezes. Isso, depois de que se ofereceu a alimentá-lo com veneno. O conhecimento a golpeou com uma devastadora força, quase a dobrando em duas.



Não, não, não. Não!

AATP não seria dele. Nem agora, nem nunca. Jillian se sentiu como se estivesse em duelo, afligindo-se pela morte de seus sonhos. A sala de conferências, de repente, estava muito iluminada, muito quente. Não, fria. A pele parecia gelo, o sangue fogo.

Marcus era seu chefe. Agh. Simplesmente... Agh.

Antes do anúncio de Anne, sabia que sua atração por ele era má. Agora, era o suicídio. Agora conseguir que ele se zangasse não a excitaria, conseguiria que a despedissem.

Merda, pensou. Bom, seu plano era bom. Seria encantadora com ele e ele não a excitaria ou despediria. Mas não queria ser mais amável. Queria gritar com ele, desprezá-lo, bater nele com as mãos. O bastardo tinha arruinado tudo!

Marcus vivia seu sonho. Estaria no comando. Conseguiria implantar coisas novas e ampliar o negócio. Escolheria os casos nos quais trabalhar. Ele...

Ainda não tinha se afastado, compreendeu. Ainda se inclinava para ela, seu nariz quase roçando o seu, seu pecaminoso aroma envolvendo-a. Estreitou seu olhar sobre o seu. *Sai de minha cara*, quis lhe grunhir. Neste momento, realmente, sentia-se capaz de assassinar.

O calor invadiu seus olhos marrons, obscurecendo aquele rico veludo. *Beije-me*, pareceram dizer seus olhos, e todos seus problemas partirão. Ele lambeu os lábios e ela sentiu que a cólera se desvanecia enquanto se derretia sob seu estranho e erótico feitiço. A traidora mente lhe gritou que ele poderia consolá-la. Que poderia acalmar a dor e expulsar a tristeza que a invadia.

Oh, não, não, não. Ele é mau. Diabólico. Destruiu sua vida. Jillian lhe dedicou um doce sorriso. Bastardo.

—Felicidades. Estou segura de que fará um maravilhoso trabalho.

“Afundando a empresa”.

Franzindo o cenho, ele se endireitou e afastou a atenção dela. Inclusive caminhou através da sala. A distância entre eles não foi suficiente. Nenhuma distância seria, suspeitou.

Depois de limpar a garganta, Marcus disse:

—Estou contente de estar aqui e quero que saibam que é uma honra me unir à equipe do AATP. Trabalhei neste negócio durante muito tempo. Juntos, faremos grandes coisas para nossos clientes. —Fez uma pausa, evitando olhar para Jillian— Mas como Anne disse, a mudança é inevitável. As coisas serão diferentes por aqui, senhoras.

—Eu gosto da mudança. —disse Danielle, feliz.

—Eu também. —esteve de acordo Becky.

Deus, que pesadelo era isto. Jillian olhou iradamente para todas, a estas mulheres que, simplesmente, deveriam odiar Marcus desde o princípio.

—Sentiremos sua falta, certamente. — disse Georgia a Anne, um pouco triste.

Anne soprou.

—Já não sou sua chefe. Já não tem que puxar meu saco.

O sorriso de Selene foi radiante.

—Graças a Deus por isso.

—Já era hora. —disse Becky.



—Não se sinta obrigada a nos visitar. —disse Amélia com uma piscada.

Danielle acrescentou:

—Sou alérgica à água, assim nem pense em me convidar a sua casa do lago.

Um sorriso curvou a boca de Anne e por um momento pareceu que seus olhos se umedeciam.

—Eu também amo vocês, garotas.

Jillian não pôde dizer nada, embora soubesse que realmente sentiria falta da velha morcega. Respeitava-a, bom, tinha-a respeitado até agora. Até a horrível decisão de vender o negócio ao Marcus. As clientes odiariam essa cortante e mordaz língua dele. *Deveria ter insistido em que me desse uma resposta a minha petição de comprar AATP.*

Aquela sensação de tristeza escorregou de novo sobre ela, mais forte que antes, porque agora veio unida ao sentimento de traição e insegurança. Por que Anne não lhe tinha dado uma oportunidade para controlar o lugar? Já tinha provado a si mesma, não?

—Jillian, seja boa e me traga um café — disse Marcus então, interrompendo as despedidas e fixando em Jillian o intenso olhar.

O silêncio encheu o quarto.

Todas giraram para olhá-la, claramente especulando sobre o que ela diria e faria. Estavam acostumadas a sua franqueza e, provavelmente, esperavam que cortasse verbalmente Marcus em um milhão de pedacinhos diminutos, chefe ou não. Oh, como ela teria gostado de fazer isso! Insultá-lo e negar-se.

Mas se recusasse fazê-lo, o que faria ele?

Entrecerrou os olhos quando a compreensão a golpeou. Queria empurrá-la além de sua tolerância para que assim explodisse e ele pudesse lavar as mãos no referente a ela. Bem, pois não iria se desfazer dela tão facilmente. Suas amigas trabalhavam aqui e tinha muitas coisas a pagar. Se mudasse de agência, definitivamente teria que (re)cortar gastos... e muito bem.

—Claro — disse com ligeireza, levantando-se— Açúcar? Creme?

A boca caiu aberta pela surpresa, mas ele rapidamente a fechou de repente.

—Uh, puro.

—Puro, então.

Jillian se pavoneou para o vestíbulo, todos os olhos sobre ela. Como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo, parou frente à mesa repleta de comida, fora da sala de conferências. Verteu a bebida desejada e de costas a ele acrescentou três colheradas de açúcar e mexeu bem. Logo retornou com o mesmo balanço até o Marcus. Deu-lhe o copo sem uma palavra, só com um sorriso. *Odeio você.*

Como poderia lutar contra ele? Como poderia conseguir que: Ele. Partisse. Para. Sempre?

A sala continuava silenciosa e todas a olhavam ainda, incluindo Marcus, que pegou a bebida oferecida, cuidadoso de não tocá-la. Ela se alegrou por isso. Não queria saber se seus dedos gerariam eletricidade outra vez. Sobretudo agora. Seu chefe. Seu maldito chefe!

—Obrigado pelo café. —disse, a voz tensa. Não tinha esperado que ela o fizesse, e mais, sem dúvida não tinha esperado que o fizesse com um sorriso, mas obviamente não ia bebê-lo. Só



segurava a xícara.

—Foi um prazer. —obrigou-se ela a dizer. Permaneceu no lugar, olhando o café com espera— Está muito quente para você, senhor Brody?

Ele olhou para seus lábios, e o estômago dela estremeceu.

—Acontece que eu gosto de quente, senhorita Greene.

—Tem certeza? Simplesmente o segura, sem desfrutar dele nem um pouco.

Ele passou a língua sobre os dentes antes de tomar o primeiro sorvo. Os olhos se alargaram quando provou a doçura.

—Mmm, justo como eu gosto.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

—Sério?

—Oh, sim. Doce.

—Acreditei que tomava puro. —disse Jillian rigidamente.

Inclinou-se perto dela e sussurrou com ar de suficiência:

—Menti.

O fogo dentro dela ardeu cada vez mais quente e rapidamente se sentou, afastando-se dele. Todas soltaram um suspiro de alívio ao ver que o desastre tinha sido evitado. Não lhe tinha dado um murro.

Só Anne pareceu decepcionada. Fez rodar os olhos.

—Se vocês dois se tornarem mais cordiais, necessitarei um lenço. Ou uma bolsa para vomitar. —resmungou.

Becky disse:

—Assim, uh... Qual é sua política em relação às relações pessoais dentro do escritório, senhor Brody?

Várias moças riram entre dentes. Alguma riu bobamente, como uma colegial, lhe recordando Ronnie com ie. Mas Marcus observou a todas em silêncio, como um falcão de olhar predador espreitando a sua presa. Pensavam que Jillian saía com ele? Ou queriam fazê-lo elas mesmas? Provavelmente o último.

Jillian sentiu vontades de vomitar. É que não sabiam nada dos homens e suas horríveis personalidades? Depois de trabalhar aqui, deveriam saber. Mas as moças se embebiavam dele, comendo-o com os fodidos olhos, mesmo tendo acabado de tratá-la como a uma humilde garota dos recados. Como podiam não compreender que ele era tóxico?

—Por favor, me chamem de Marcus. E discutiremos a política da empresa em um momento. —lhes assegurou.

Seguro que o fará. Idiota. Provavelmente primeiro queria olhar os dentes de todas e comprovar a mercadoria. Sem dúvida teria uma política de dormitório aberta.

—Anne — a incitou ele.

—Suponho que isso é um sinal para que eu parta. —Anne ficou de pé. Parecia tão feliz quanto triste. Os olhos brilhavam intensamente e havia uma atrativa cor nas bochechas— Tivemos uma boa carreira juntas, garotas. Permaneçam em contato e não façam nenhuma tolice. Façam o



que quiserem, quando quiserem. —Uma longa pausa seguiu— Realmente, permitam-se ter uma vida. Não se ocultem e... não se arrependam — a voz se quebrou enquanto jogava um significativo olhar para Jillian. Uma lágrima escorregou de um olho, viajando através da bochecha. Apressou-se a abandonar a sala antes que alguém pudesse responder.

Jillian quase a seguiu. Queria saber por que Anne fizera algo tão horrível. Queria saber por que não lhe tinha dado uma oportunidade.

Quando ficou em pé, Marcus disse:

—Uh, uh, uh, Jillian. —E negou com a cabeça.

Ela se sentou sem protestar. Mais tarde, assegurou-se. Mais tarde procuraria Anne.

No momento se enfocaria em Marcus.

—Agora, sigamos. Li rapidamente cada uma de suas fichas de trabalho e estou muito impressionado pelo trabalho — disse. Todas menos Jillian gorjearam felizes até que acrescentou— Mas... com as novas regras e políticas que estou a ponto de explicar, vão começar do zero. Sem *mas*. Sem pigarrear.

Quando disse pigarrear, olhou para Jillian com um afiado cenho.

Sim, odiava-o. Poderia o dia tornar-se pior?

—Um engano — acrescentou ele—, e estarão fora.

Naquele ponto, as garotas perderam todo olhar de diversão e felicidade. Um engano. O sistema legal era mais misericordioso com os criminosos incondicionais. Assim queria virar a página e começar de novo com Jillian? Por favor. Ele ainda a olhava com calor em seus olhos. Um zangado calor. Um calor lascivo.

—Isso é um pouco estrito, não acha? —indagou.

—Regra número um — disse ele, como se ela não tivesse falado. Passeou ao redor da mesa, os braços atrás das costas. É óbvio, a posição mostrou à perfeição os peitorais e abdominais. Que injusto— Não discutirão minhas ordens.

—O que, agora somos militares? —Ela fez rodar os olhos.

—Sim — disse Marcus, tomando suas palavras a sério— Meus militares.

Ela não pôde conter-se.

—Sim, senhor. —disse o saudando.

—Tem algum problema comigo, Greene? —Expressou a pergunta em voz baixa. Esperançoso. Desafiando-a. Olhou-a, espectador— Se for assim, pode recolher suas coisas agora mesmo e partir.

Você gostaria disso, verdade?

—Não. Nenhum problema, senhor.

—Seriamente?

Apertou a mandíbula.

—Sim. Seriamente.

—Está segura? —As sobrancelhas se arquearam e não afastou nenhuma vez sua atenção dela. O desafio nos olhos se intensificou.

—Estou segura. —resmungou. Seja agradável, recordou-se, seja qual for a provocação.



Quando seus marrons olhos se obscureceram mais, o desafio transformando-se em desejo, ela se obrigou a suavizar a expressão— Jamais me atreveria a discutir com você, por isso acredito que sua regra número um é genial —lhe mostrou os polegares assinalando para cima.

Ele girou os olhos.

—Regra número dois. — fez uma pausa.

—Morro da antecipação — disse Jillian mantendo a voz doce, cuidadosa de ocultar todo rastro de sarcasmo. O diabo se retorcia no interior, sem dúvida. Marcus tirava o pior dela.

As mãos se fecharam em punhos e ele, deliberadamente, aproximou-se atrás dela. Jillian não teve que girar-se para saber que pôs as mãos no respaldo de sua cadeira. Sentiu seu calor alcançando-a, abrigando-a. De repente, imaginou seus dedos lhe acariciando as costas. Mais abaixo, mais abaixo, enrolando-se ao redor. Justo onde mais o necessitava. O fôlego lhe saiu agitado, superficial.

Moveu-se em seu assento. Isto é o que consegue por fazê-lo se zangar. Embora ele merecesse.

—Como dizia. —continuou Marcus. Mas fez uma pausa. Esperava que ela falasse para assim poder estrangulá-la? Pouco depois, a ponta de seu dedo lhe roçou uma mecha de cabelo. Uma suave carícia, quase uma sombra, mas efetiva de todas as formas. Ela se estremeceu. Tinha-o feito a propósito?— Regra número dois. Não haverá nenhuma relação de nenhum tipo com um objetivo ou um cliente. Ou um empregado. — acrescentou, quase no último momento— Entendido? Essa é minha política sobre relações pessoais dentro do escritório.

As moças assentiram solenemente. Jillian permaneceu absolutamente quieta, muito temerosa de entrar em contato com Marcus de novo.

—Anne já tinha essa regra. —declarou.

—Espera. Sinto muito. —Ele se inclinou até que com o fôlego agitou seu cabelo, provocando que outro estremecimento a percorresse. Maldito seja. Ela apertou os dentes— Devo ter me equivocado em deixar clara a regra número um. *Não. Me. Interrompam.*

—Disse que não discutíssemos com você. —lhe recordou ela rigidamente.

—E o que faz agora?

Danielle e Becky se olharam compreensivamente. Selene, Amelia e Georgia apertaram os lábios para evitar rir.

—Simplesmente particularizarei que a regra número um é não me interromper e não discutir comigo, e o deixaremos assim. Regra número três —seguiu Marcus, ficando detrás dela— Nada de mexericar como galinhas.

Galinhas? Isso o convertia no galo? Sabia que ele havia dito para irritá-la, mas ela riu. Toda a situação era simplesmente muito surrealista e era melhor toma-la com humor antes de cair na depressão.

Suas mãos se abateram sobre os seus ombros, logo desapareceram.

—Regra número quatro. Nada de queixa. Sei que as mulheres gostam de fazer isso, assim se sentem que é absolutamente necessário, criarei uma caixa de sugestões. Simplesmente não esperem que eu as leia.



Não interromperei, não interromperei, não interromperei. Realmente esperava que elas se sentassem em seus escritórios, caladas? Completamente quietas? Talvez, levantando a mão quando tivessem alguma pergunta? Como robôs que obedeceriam todas suas ordens? O ódio para ele se intensificou. Aparentemente, as demais também tinham começado a ter aversão a ele. Finalmente tinham perdido o entusiasmo.

—Necessita alguma um caderno? —perguntou Marcus— Poderiam querer anotar. Ou todas me seguem?

—Não somos estúpidas — disse Jillian. Todos os olhos se centraram nela— Bom —disse— Não somos.

Depois, todos os olhos se deslizaram em Marcus, calibrando sua reação ao quebramento de sua regra. Embora tecnicamente ela não tivesse quebrado nenhuma. Não o tinha interrompido, tinha falado quando ele fez uma breve pausa para tomar fôlego.

Que diabos! Pensou Jillian imediatamente. E se rompesse alguma regra? Se ele conseguia agora a vantagem, elas jamais seriam capazes de recuperá-la. As obrigaria a obedecer, vivendo sempre com o medo de que as despedisse.

—Marcus — disse—, realmente está sendo grosseiro. Para que? Para nos ensinar uma lição?

—Você gosta de trabalhar aqui, Jillian? —perguntou. Pareceu casual, tranquilo.

Ela girou no assento e elevou os olhos para ele.

—Sabe que sim. — disse nivelando o tom.

Ele não disse nada mais, mas sua ameaça era clara. OK, de acordo. Seu desafio tinha tido um resultado negativo. Não o tinha enganado, envergonhado ou abrandado. Ao menos não a tinha despedido. Finalmente se afastou dela, rodeando a mesa. Como um falcão ou uma pantera, pronta para atacar.

Selene levantou os pés sobre a mesa. Havia um brilho glacial em seus olhos azuis. Bem. Não tinha sido enganada por sua beleza.

—Eu gostaria de um caderno. Não rabisquei nada em muito tempo.

Jillian riu entre dentes, devolvendo o alarde.

—Eu, tampouco.

—Senhoras, estou absolutamente disposto a fazer de vocês um exemplo. Isto não é um jogo — a voz era severa. O olhar de volta sobre Jillian— Muitas pessoas poderiam pensar isso. Este é meu negócio e quero que seja um êxito. Serei um bastardo se tiver que ser para assegurar que as coisas sejam levadas a cabo profissionalmente.

Isso pôs a todas sérias. Selene baixou as pernas, Jillian baixou o olhar às mãos. Entendia sua necessidade de converter seu negócio em um êxito. Também ela tinha querido fazê-lo. Antes, quando tinha planejado possuir AATP ela mesma... o que resultou ser aproximadamente por volta de dez minutos.

—Regra número cinco —disse— O dia do balneário é coisa do passado.

O ar lúgubre e reprimido da sala também foi coisa do passado.

—O que? —exigiu Becky, ultrajada.

—O que! —disse Amelia entrecortadamente, igualmente irritada.



—Não pode fazer isso. —Georgia golpeou o punho contra a mesa, a viva imagem do ressentimento feminino— Temos que ter nosso melhor aspecto ou não seremos eficazes no trabalho.

—O dia do balneário é o único benefício que temos. —disse Danielle.

— Você trata de arruinar nossas vidas para fazer da sua um êxito? —exigiu Selene.

A ação de eliminar o dia de balneário era realmente um golpe baixo. Uma vez por semana Anne pagava uma sessão no Body Image, onde eram massageadas, mimadas, hidratadas e lhes faziam a manicura. Tirá-lo delas... nem a cara bonita de Marcus e seu corpo de enfarte poderiam lhe salvar agora.

Ele lançou os braços ao ar, como se fosse o último homem cordato no mundo.

—Trabalhei neste negócio durante anos e, francamente, nunca necessitei uma manicura, pedicura ou fazer as mechas nas horas de trabalho, e por conta da empresa. Mulheres de todas as profissões conseguem manter seu aspecto sem a ajuda de um dia de balneário.

—Cruel e miserável. Este, sem dúvida, não é nosso dia de sorte. —disse Jillian antes que pudesse deter-se. Tampouco sussurrou. Auto sabotagem em estado puro.

Um ofego coletivo encheu a sala.

Marcus a espreitou. Agarrou-a pela mão e a levantou de um puxão.

—Posso falar com você em particular? —não esperou sua resposta, tirou-a arrasta da estadia.

Enquanto passava em frente a suas amigas, viu que Georgia havia ficado pálida, Selene lhe piscava um olho e as demais articulavam boa sorte. Provavelmente, Marcus ia despedi-la. Bom, pensou cinicamente. Assim nunca teria que vê-lo outra vez, nunca teria que voltar a falar com ele e nunca teria que tratar com ele de novo. E daí se teria que começar em um posto inferior em outra parte e fazer novos amigos? O que importava que suas contas se aprofundassem e as faturas se amontoassem?

Valeria a pena só para livrar-se dele.

Mentirosa. Sobretudo pelo último.

Ele entrou no escritório de Anne não, seu escritório agora e fechou a porta de repente. A brilhante luz se derramava da parede envidraçada com as persianas abertas e levantadas. Marcus liberou sua mão de seu apertão de parafuso. De repente, sentiu-se gelada. Privada. Girou-se para ela.

—O que quer conseguir com isto, Jillian? Para que tudo isto?

Ela endireitou as costas, inclinou o queixo e se esforçou para que o tom fosse forte e valente. Mas quando a olhava assim, queria lançar-se sobre ele e lhe arrancar a roupa. Saboreá-lo. Apesar de tudo o que fazia.

—Em realidade, senhor Brody, isto vem da regra número dois. Quer que atuemos profissionalmente, mas parece que você não pode fazer o mesmo. Ligou-me ontem à noite, por Deus, e me perguntou se estava excitada. Isso não é colocar a mão no pote de bolachas da empresa?

Uma fúria contra ele ou ela? Cobriu a expressão.



—Foi um engano.

—Sim, foi. —com apenas um fôlego, acrescentou— Onde está meu dinheiro? Não afastou o rosto na sala de conferências, assim que você me deve isso agora.

Ele aproximou o rosto de novo, até que estiveram nariz com nariz. Seus olhos refletiam um escuro fogo. Um fogo sinistro. Sua pele mais avermelhada, seu sotaque mais pronunciado. Seu quente fôlego lhe abanou as bochechas.

—É a mulher mais exasperante que jamais conheci —grunhiu— É grosseira, desagradável e fria.

—Sim, pois você é o homem mais aborrecido que jamais conheci. É egotista, sádico e o mal em estado puro. —quanto mais falava, mais quente o sangue se tornava, precipitando-se através das veias, chispante, abrasador— Está claro que meu dia teria sido melhor se tivesse tido um acidente de carro a caminho do escritório.

Olharam-se fixamente um para o outro durante muito tempo, ofegando pela força da fúria.

—Poderia sacudir você agora mesmo. —disse ele.

Ela se aproximou um passo mais, juntando seus peitos. Os mamilos se endureceram, os grandes traidores.

—Faça isso. Eu o desafio. Sacuda-me.

—Acha que não o faria? —Fechou os dedos ao redor de seus ombros, o agarre firme, abrasador. Sacudiu-a uma vez, e os seios se esfregaram contra sua camisa. Olharam-se fixamente um para o outro.

—Já terminou? —zombou ela— Isso é tudo o que tem?

Sacudiu-a uma segunda vez, os seios esfregando sua camisa de novo e logo se beijaram. Selvagem e indomitamente. Sua língua se inundou na boca. Já estava aberta para ele, totalmente disposta — estúpida, estúpida—, os dentes chocando juntos. Seu decadente sabor lhe encheu a boca. Reclamando-a. As mãos enredando-se em seu cabelo, mantendo-o cativo.

Agarrou-a pelo traseiro e puxou sua pélvis contra sua ereção, golpeando-a exatamente onde o necessitava. O prazer varreu através dela. Ela gemeu. Ele gemeu. *Não posso acreditar que esteja fazendo isto.* Não posso acreditar... Tinha um sabor tão bom. Os pensamentos se debilitaram até converterem-se em um completo prazer sexual quando ele trocou o ângulo da cabeça e tomou mais de sua boca, alimentando seu beijo com outro mais delicioso.

—Mais? —disse ele com um áspero ofego.

—Mais.

Ele a apoiou contra a parede e lhe cravou a ereção. Quando o traseiro golpeou o frio gesso, ela assobiou em êxtase. Era bom, tão bom. Inclinando os joelhos, Marcus pressionou mais profundamente. Ela soltou outro ofego. Oh, Deus. Agarrou-lhe as coxas e as estendeu mais. Oh, Deus, Oh, Deus, Oh, Deus. E quando ele começou a roçar-se contra ela, seu longo e grosso comprimento golpeando o centro de seu mundo, quando ela oscilou na borda mais e mais perto do orgasmo, o pânico deveria tê-la golpeado. Eles estavam completamente vestidos. Dentro de um escritório que deveria ter sido dela, mas que em troca pertencia a Marcus. Era seu pior inimigo... e seu novo chefe. Não deveria ser capaz de excitá-la tanto. E ainda assim... não se



importou.

—Sonhei com você ontem à noite — disse ele com voz rouca. Percorreu sua orelha com a língua— As coisas que fez... deveria ter despertado envergonhada de si mesma.

Ela tremeu.

—O que fiz?

—Coisas más. Coisas assombrosas.

O beijo se endureceu. Selvagem, justo como sua aparência prometia. Ela desejou mordê-lo, arranhá-lo, explodir, não de fúria, mas sim de paixão. Não faça isso, ordenou-se. Não o faça. Nunca tinha se derretido por um homem, não tão facilmente. Não podia, não devia começar agora. Não com ele. O controle importava. O controle era tudo. E ela se aderiu a esse magro fio.

Estas necessidades, estes desejos eram novos, inoportunos. Os beijos estavam bem. Mas deixar-se levar tão completamente, dando-lhe a mordida aguda dos dentes, lhe cravando apaixonadamente as unhas... isso o permitia saber quanto o desejava. Isso, não podia consentir.

—Deixa de fingir que você não gosta disso. —grunhiu Marcus de repente, arrancando-se dela ligeiramente. Seus lábios se abateram sobre os seus— Quer mais, sabe que quer.

Volta. Beije-me. Ela não podia levantar os olhos de seus lábios.

—Não posso suportá-lo. Por que quereria mais?

—Pode ser que você não goste, mas me deseja.

Desejá-lo... Oh, sim. Nunca tinha provado um homem que saboreasse tão bem. Nunca um homem fez que se excitasse tanto, lhe roubando o bom senso. Consumindo-a. Incapaz de deter-se, pressionou contra seus lábios e empurrou a língua contra a sua, sem negá-lo.

Ele puxou a camiseta, levantando-a. Seus dedos se deslizaram pelo ventre nu. O contato foi elétrico. Assombroso. E sua resolução se apagou, para ser estudada mais tarde. Ela puxou sua camisa, querendo todo o prazer que ele poderia lhe dar agora, querendo o contato de pele contra pele. Desejosa de tocar os músculos de seu estômago.

As mãos o percorreram. Oh, que força. Tão maravilhosa, quase aditiva. Queria tocá-lo sempre ali, — murros na janela, — e nunca o deixar partir, nunca deixar a excitação e a paixão que encontrava nos braços de Marcus, — outro murro, — e tomar mais, dar mais, tudo, sem preocupar-se de deixar-se levar completamente e... outro fodido murro na janela!

Alguém chamava a atenção dos dois.

Entrando em pânico, aplanou as mãos contra o peito de Marcus e empurrou. Não empurrou tão convincentemente como podia — deveria fazê-lo, mas ele se afastou, tropeçando nela. Ambos ofegavam. Seus olhos brilhavam vivazes.

Afastou a atenção dele e contemplou a janela. Os olhos se arregalaram. Um homem estava de pé lá fora, os olhando fixamente e sorrindo amplamente. Ofegou e Marcus girou de repente. Quando viu o intruso, ficou rígido e levantou um dedo. Não o do meio, notou ela.

—Merda, preciso um minuto. —grunhiu ele.

O homem assentiu e se afastou a contra gosto.

O que fazia? A parte racional do cérebro se impôs de novo. Que diabos fazia?

Dando-me uns amassos, respondeu o corpo felizmente.



Com o Marcus Brody, idiota.

O sangue se esfriou quando compreendeu as profundidades de sua estupidez. A roupa era um desastre. A camiseta parecia um bolo sob o sutiã, enrugada pela pressão dele. A impressão de um botão era visível sobre o estômago.

—Quem é? —perguntou, odiando o ofegante que soou sua voz. Seu sabor ainda estava na boca, mas não mencionou o beijo, evitando o assunto completamente.

—Um amigo. —Marcus prestou atenção nela e passou a mão pelo rosto.

Era pior que se lhe houvesse dito que era um estranho.

—Não se atreva a dizer a alguém o que aconteceu. —disse ela. E sim, sabia que o sujeito já tinha visto tudo.

—Como se quisesse admitir algo assim. E se recordar, não aconteceu nada.

—Assim é —ela elevou o queixo— Não aconteceu nada. E nunca acontecerá nada de novo. Entendido?

—Oh, entendo-o e o agradeço —a voz era áspera— Assim...

Não disse nada mais, mas era uma tácita ordem.

—Assim que — clareou a garganta, girou longe dele e arrumou a roupa. Idiota. Idiota. Lamentava não saber se referia a ela mesma ou ao Marcus— Aí vai a regra número dois, suponho.

Capítulo 9

Se te dissesse que tem um corpo lindo, o apoiaria contra o meu?

Qual era a regra número dois?

Marcus não podia recordá-la. Tinha estado inventando-as no decorrer do discurso. Não podia ser nada de relações no escritório. Devia ser obedecer todas minhas ordens. Não sabia. Tudo no que agora podia pensar era na forma tão perfeita em que Jillian tinha explodido em seus braços. Como seus viçosos e perfeitos seios se apertaram contra o seu, como a perfeita junta de suas atrativas coxas eram... a forquilha perfeita para ele.

Como Jake tinha arruinado tudo. Rangeu os dentes.

Ele e Jillian não deveriam ter-se sentido tão... perfeitos juntos. Tampouco tal víbora deveria saborear como um perfeito céu. Perfeito. Como odiava a palavra. Sabia que ela seria um problema a primeira vez que a viu. Que causaria sua queda. Sabia e ainda assim a havia trazido para seu escritório para “um bate-papo” particular.

Estava de passagem. Por que não convidá-la a seu apartamento para uma selvagem noite de sexo?

Um pagão, isso é como sua mãe o chamaria. E ele merecia.

As mãos lhe tremiam pela necessidade. Por Jillian. Só por ela. Ele teria gostado de dizer a si mesmo que era porque estava o bastante perto para estrangulá-la, mas... teria sido mentira. Sabia... *Tenho que me deitar com alguém.* Por isso o afetava tanto, porque tinha passado muito



tempo desde que o fez pela última vez. Não havia outra razão. Passou os dedos pela camisa, tentando tirar as rugas que ela tinha provocado ao apertar com seu punho o tecido.

Olhou-a, mesmo que fazê-lo fosse algo estúpido. Oficialmente era um homem estúpido, assim a ação não o surpreendeu. Jillian o confrontou outra vez e seus olhos brilhavam intensamente. Seus lábios estavam avermelhados, inchados. Úmidos. Esperava que partisse depois de alisar a roupa, mas não o fez. Ela elevou o queixo com teima.

—Por que está ainda aqui? —disse mais para seu benefício que para o dela.

—Pensa me despedir? —As negras sobrancelhas se arquearam e a faísca morreu em seus olhos. Se não fosse pela atrativa cor nas bochechas, pareceria totalmente tranquila nesse mesmo instante. Cruzou os braços sobre o peito— Rompi uma regra e seus empregados só têm uma oportunidade. Só uma. —disse o imitando.

Um músculo palpitou sob o olho.

—Farei uma exceção, mas só por esta ocasião. A próxima vez que me atacar, então...

A boca caiu aberta, permitindo jogar uma olhada à língua que acabava de provar. A língua que queria seguir provando.

—Eu? Atacá-lo? Você virtualmente me devorou!

—Claro, direi o que você precisa para que possa dormir esta noite, Covinhas. —Tinha que conseguir que se fosse dali, não podia estar a sós com ela nem um minuto mais. Só em olhá-la o deixava duro. Bom, mais que duro. Brigar com ela era mais estimulante que os beijos— Volte para a sala de conferências —ordenou— Logo estarei lá.

Seus olhos recuperaram o brilho, crepitando e chispando de calor.

—Seja um menino bom senhor Brody, e afogue-se. —se girou de repente e se afastou.

Era o melhor. Poderia tê-la beijado de novo se tivesse ficado somente um segundo mais.

Inspirando profundamente “e pegando um inoportuno vislumbre de seu exótico aroma” caminhou até a saída do edifício. Jake e outros o esperavam fora. Abriu a porta, deixando entrar a luz e uma quente brisa.

Uns segundos mais tarde, aprendeu que deixar seus amigo entrar foi um dos muitos erros que parecia destinado a cometer esse dia. Desfilaram ante ele, sorrindo abertamente e mostrando os dentes.

—Quem era ela?

—Que gosto tem seu hálito?

—Conseguiremos uma dessas, também?

As rápidas perguntas o golpearam enquanto eles giravam e o confrontavam ainda lhe brindando aqueles sorrisos sabichões. Não fez conta.

—Simplesmente... esperem no corredor. Em silêncio. Deem-me dez minutos, logo entrem na sala de conferências.

Já lhes tinha mostrado o edifício o dia que o tinha comprado.

Alguns deles riram dissimuladamente.

—O que? —exigiu.

—Nada —disse Jake apertando os lábios— Nada absolutamente.



Marcus sacudiu a cabeça.

—Dá igual. Dez minutos.

Não esperou as respostas, deu a volta e se afastou. Seus amigos se mofaram e riram atrás dele. Zombariam dele mais tarde, estava seguro.

O escritório, pensou enquanto cruzava rapidamente por diante das nuas paredes azuis, necessitava alguns acertos. Algo que não fosse sexual. Possivelmente estátuas religiosas. Talvez alguns pôsteres anti-mulheres que substituiriam a “obviamente falsa” decoração anti-homens que tinha tirado.

Não, isso provavelmente irritaria Jillian que logo assaltaria seu escritório... Se estava zangada, certamente viria tirando a roupa pelo caminho. A cólera “ao menos para ele” a excitava, não importava o muito que ela o negasse. Notava-se muito. Dificuldade ao respirar, voz elevada, mamilos endurecidos. De volta a sua fantasia, ele se sentaria em sua escrivaninha inocentemente, e ela se aproximaria dele com a respiração agitada, empurraria para trás a cadeira e se sentaria escarranchada sobre o seu colo. E, uh, de nenhuma forma queria isso.

Fazia calor aqui? Alguém tinha ligado a calefação?

Deus, este dia não estava indo tal e como o tinha planejado. Tinha querido dizer a Jillian que era seu novo chefe, talvez desfrutar-se um pouco, mas não o bastante para zangá-la. Bem, o havia dito e desfrutou. Muito. Ela tinha se zangado. Muito. Beijaram-se “muito” e tinha estado bem. O beijo mais quente de sua vida, e melhor que muito sexo que tinha tido. Merda. Merda.

Ela era sua fruta proibida, e ele tinha que fazer o melhor dos trabalhos para resistir.

Marcus não estava seguro do que encontraria quando entrasse na sala de conferências. Sabia que não seria Jillian nua e sobre a mesa, com um travesso sorriso no rosto enquanto o chamava e lhe exigia que a devorasse outra vez... o que rechaçaria rapidamente. Seguia estando proibida e ele era o tipo que desejava poder ir para casa e voltar amanhã.

Não podia pensar em nada mais que o sexo? Deteve-se ao alcançar a esquina, oculto de seus amigos e da sala de conferências. Pressionou a testa contra a parede e ajustou as calças. À primeira oportunidade que tivesse, ia encontrar uma mulher disposta, tomá-la tantas vezes e de tantas formas como pudesse nessa noite e tirar esta obsessão sexual do sistema. Talvez então pudesse olhar, gritar e pensar em Jillian sem se tornar um perverso viciado sexual. Olá! Meu nome é Marcus e sou um viciado sexual que só pensa em minha empregada.

Sim, definitivamente tinha que encontrar uma mulher disposta fora do escritório. Mas não sabia por que, o pensar foder com alguém mais o deprimia. Bom, diabos. Recordou-se que não podia se despedir de Jillian e terminar assim com sua miséria. Não, como deixou claro aquele imbecil do Darren, ela necessitava um protetor quando estivesse em uma atribuição. E ele era esse protetor. Mas poderia continuar fazendo que lhe trouxesse o café. Tinha sido muito divertido. Seus quadris se balançavam deliciosamente quando caminhava para a mesa.

Bom, diabos, pensou outra vez.

—O que aconteceu? —perguntou Georgia no momento em que Jillian entrou na sala de conferências— Está... —ofegou— Chorando? Sua cara está vermelha.



—Morremos para saber —acrescentou Becky— Nos fale.

—Despediu você? —A preocupação cobriu o bonito rosto de Danielle. Os olhos azuis brilhavam com inquietação.

—Deveria colocar seu contrato por onde lhe caiba? —exigiu Selene.

—Deveria açoitá-lo a esse garoto travesso até que grite? —perguntou Amélia com impaciência.

—Tudo está bem — respondeu Jillian. As avermelhadas bochechas arderam ainda mais. Se soubessem que acabava de beijar ao chefe... Deus, a humilhação não teria limites.

Maldição! Por que tinha caído na tentação e se deleitou com aquele (sexy) ególatra, (sexy) asqueroso, (sexy) vil, (sexy) e faminto de poder? Agora teria que conseguir uma vacina contra o tétano. Provavelmente subsistia em estadias de uma só noite.

—Tudo não está bem —disse Georgia— Algo aconteceu. Posso ver isso. Sua roupa está enrugada.

—Retorci-a. Depois de tudo, estava preocupada se por acaso perdia o trabalho — forçou um sorriso, reclamou o assento que tinha abandonado e dobrou as mãos sobre o estômago, a própria imagem do decoro. Agiria com tranquilidade, esmeradamente, absolutamente natural— Por sorte, não me despediu.

Os olhos de Georgia se estreitaram com desconfiança, enquanto toda a preocupação desaparecia de repente.

—Mordeu os lábios, também? Por que estão inchados.

O estômago se encolheu.

—Uh, mordi-os. De preocupação. Como disse, estava inquieta.

—Também os lambeu de preocupação? Estão terrivelmente úmidos — disse Danielle, com tom divertido. Sua inquietação também tinha desaparecido.

Jillian suspirou.

—Sim, lambi-os. Fim do assunto.

Todas as garotas ficaram de pé então e fecharam o espaço a seu redor.

—Por favor, garota — disse Becky girando os olhos. — Estivemos preocupadas com você e você por aí fazendo bebês, verdade?

—Ou talvez dando as boas-vindas ao novo chefe sobre seus joelhos —disse Danielle, movendo as sobrancelhas de forma sugestiva.

—Sim, claro. —replicou Jillian.

—Tomem assento senhoras — disse de repente uma familiar voz masculina, cortando qualquer especulação mais. Todas ficaram rígidas. Uma por uma, as garotas se sentaram em suas cadeiras.

Marcus entrou na sala, fechando a porta atrás dele. Chegou rapidamente até sua cadeira, deixando um ar de pecado a seu caminho. Os pulmões de Jillian se apertaram quando as lembranças a alagaram. Lábios e mãos vagando, excitando-a. Atacar! A única forma em que o atacaria seria se levasse um punhal americano e navalhas de barbear atadas nas botas.

Mentirosa. Como podia um homem ser tão potente? Tão... letal para o bom senso? Aquele



beijo tinha sido um momento de loucura, certamente. Deixou de ser amável com ele, e aí começaram os problemas. Atente ao plano, gênio, e só assim abandonaria o edifício com dignidade.

Bom, com a pouca dignidade que ficava de todas as formas.

—Bem — Marcus deu uma palmada. Os traços eram duros, ilegíveis, inclusive mais que o tom. Não tinha arrumado o cabelo e as curtas mechas se enredavam em desordem— Voltemos para a reunião —disse lhe jogando uma olhada.

Jillian afastou o olhar. Covardemente sim, mas simplesmente não podia confrontá-lo agora mesmo. Tinha metido a língua na sua garganta e tinha gostado.

Silêncio. Silêncio sepulcral.

—Você, uh... — Georgia fez uma pausa e olhou a seu redor desamparadamente.

—Tem batom nos lábios. —terminou Amélia por ela. Com prazer.

Oh, Deus querido. Jillian sentiu que a cor abandonava seu rosto. Não! Horrorizada, voltou o olhar para Marcus e o deixou cair sobre seus lábios. E aí estava. Uma bonita mancha rosada. *Calypso Coral* para ser exata... Deveria saber já que aplicava essa mesma cor a cada dia, contornando os lábios.

Mortificado, Marcus se ruborizou com um vermelho brilhante. A cor fazia um contraste encantador com o coral.

Seus olhos se encontraram nesse instante. Ela negou com a cabeça. *Não diga. Por favor, não diga*, suplicou em silêncio. As pálpebras baixaram, tanto que ela mal pôde ver a escura íris. Sua boca se abria e fechava, sem saber que dizer.

Ele não tinha uma resposta preparada. Se não podia pensar em uma mentira, possivelmente soltaria a verdade, e Jillian não podia permitir. Fariam-lhe brincadeiras, perguntariam-lhe sobre ele. Pergunta para as quais não estava preparada para responder.

—É um travesti — disse, lançando a primeira resposta que lhe veio à mente. E logo lançou a segunda, também. — E é gay!

Outro silêncio se deslizou através da sala. Este era mais pesado, como um fantasma que estende a mão e sufoca a vida. Finalmente Becky disse:

—Um travesti gay. Huh. Jamais teria acreditado nisso se não tivesse visto o batom com meus próprios olhos.

—Eu tampouco teria acreditado — disse Georgia, e não soou como se acreditasse agora— Quero dizer, não usava batom antes de seu encontro privado com Jillian.

—É muito doce que o tenha emprestado o seu. —disse Danielle, toda inocência— O rosa é uma cor que lhe combina muito bem.

Jillian pensou que via sair fumaça das orelhas de Marcus.

—Minha vida privada é meu assunto, senhoras. —grunhiu, agarrando um lenço de papel da mesa e limpando a boca.

—Não há de que se envergonhar—disse Selene— Em realidade acredito que é muito bonito. E se alguma vez me vir usando um batom que gostaria de provar, simplesmente me avise.

Marcus fixou em Jillian um feroz olhar que dizia *pagará por isso*.



—Retornemos ao trabalho. É hora de um pequeno exame. Quem recorda a regra número dois?

As bochechas de Jillian arderam outra vez. Ele fazia de propósito. Esfregando-lhe na cara, culpando-a pelo que tinha acontecido.

Amelia levantou a mão, enquanto os anéis cor âmbar de cada um dos dedos brilhavam à luz. Becky também levantou a mão e inclusive disse:

—Sei, sei.

Devagar Jillian levantou a mão no ar, negando-se a ser intimidada.

—Você — indicou Marcus a Amélia. Os olhos evitaram Jillian completamente.

—Nada de relações com ninguém. Nunca.

—E expressamente nenhuma relação com um cliente, objetivo ou empregado — acrescentou Jillian de forma significativa.

—Assim é —Marcus lhe jogou uma infeliz olhada— Essa regra ainda se aplica. De fato, para aquelas de vocês que a anotaram, ponham uma estrela ao lado dela e rodeiem-na com um círculo.

—Não deve se preocupar que coloquemos as mãos umas nas outras — disse Jillian— Nenhuma de nós é gay. Como você — acrescentou, simplesmente por ser mesquinha.

O olho esquerdo palpitou. A íris formou redemoinhos com fúria aveludada. *Esses olhos são da cor da lama*, disse a si mesma. *Não da rica madeira, nem do chocolate. Nem dourados. Não são atrativos. Ele não é atrativo.*

—Não me obrigue a levá-la à parte para outra reunião privada, Jillian.

No momento em que ele disse seu nome, todas se giraram para olhá-la, observando-a, calibrando sua reação. Ela mordeu o interior da bochecha. Não podia responder do modo que queria: Você gostaria disso, verdade? Terminariam por beijar-se de novo, diante de todas desta vez. Sabia, sentia-o. Seu peito subia e descia, as janelas de seu nariz flamejavam, seus olhos estavam dilatados. O desafio irradiava dele.

Um punho golpeou a porta.

Finalmente, a pesada carga de atenção foi retirada dela enquanto as mulheres a enfocavam na entrada da sala de conferências. Mais à frente do vidro se encontrava um exército de homens. De deuses. Eles eram poderosos, fortes e sem lugares a dúvidas, lindos. Pura sedução. As sobranceiras se franziram com confusão. O que ocorria?

Um deles, Jillian o reconheceu como o alto e magro olheiro que a tinha visto beijar-se com o Marcus, mostrou a cabeça dentro.

—Está preparado para nós?

Marcus sorriu com mais satisfação do que jamais tinha visto em um homem. Inclusive depois do sexo incondicional e suarento.

—Absolutamente. Chegam bem a tempo.

As tripas se retorceram e fizeram um nó. Obviamente, estes homens estavam a ponto de perturbá-la, nada mais poria tal sorriso na cara de seu inimigo.

A porta se abriu completamente e aquelas cinco divinas criaturas entraram na sala. O olheiro, seguido de um Adônis loiro e um musculoso homem cor café. Depois dele, entrou um



corpulento e rude ruivo. Por último, um delicioso moreno de olhos azuis.

Os homens desfilaram até deter-se na parede mais afastada. Suas amigas, notou Jillian, babavam. Inclusive Amélia, a que gostava de dominar e ter o controle, e a que normalmente não revelava nem o mais leve vislumbre de seus pensamentos ao sexo oposto, estava encantada.

Quando os homens inspecionaram as mulheres, sorriram com prazer.

—Senhoras, as apresento a seus novos companheiros. —disse Marcus, com o tom de voz destilando satisfação.

—O que? —gritou Jillian. Não, não, não. Achavam que iam aguentar serem impostas a esses porcos? Infernos, não!— Jamais tivemos companheiros e sempre fizemos um bom trabalho.

Olhou-a atentamente com ar de suficiência.

—Como Anne disse, as coisas mudam. E já é hora de que comecemos a ter trabalhadores masculinos.

—Por quê? —insistiu ela.

—Precisam de protetores.

Grrr!

—Nenhuma sofreu nenhum machucado algum durante o trabalho. Não necessitamos protetores.

—Assustaram-me algumas vezes. —soltou Danielle.

Jillian a olhou iradamente. Não é um bom momento, Danny.

—Bom — disse Danielle, estendendo os braços—, é verdade.

—Então. Os homens também precisam de proteção? —perguntou Jillian através dos dentes apertados.

—Diabos não. Mas precisarão de vocês quando tiverem suas próprias atribuições. Vocês agirão como controladoras, impedindo que outras mulheres os distraiam enquanto fazem seu trabalho. Isso é igualmente importante.

Jillian abriu a boca para responder, mas Marcus a cortou com uma sacudida de cabeça.

—Isto vai acontecer tanto se você gostar como se não, Jillian. Já o decidi. Depois da forma em que Darren te agarrou pelo braço ontem à noite, compreendi que eu não gostava quão vulneráveis eram.

—Sei cuidar de mim mesma.

—Não importa. Cada uma de vocês estará acompanhada por um companheiro masculino em todas as atribuições. Esse homem permanecerá fora de seu caminho, mas perto, e quando se sentirem ameaçadas ou inclusive incomodadas, intervirá a seu sinal. —Levantou uma folha de papel da mesa— Georgia, trabalhará com o Jake.

O olheiro deu um passo adiante. Georgia cabeceou em boas-vindas.

—Danielle, você com o Joe. —O magnífico homem negro deu um passo adiante, e Danielle virtualmente se derreteu em um atoleiro.

—Becky, com o Kyle. —O Adônis ondeou os dedos e Becky devolveu a saudação.

O estômago de Jillian se encolheu, retorcendo-se de dor. Ainda não havia dito seu nome, e começou a preocupar-se com o que isso significava. Só ficavam três homens e um deles era



Marcus.

—Selene — seguiu Marcus—, trabalhará com o Rafe.

O ruivo inclinou o queixo e Selene lhe dirigiu uma fria saudação com a cabeça.

—Amélia, você com... — Marcus fez uma pausa.

Jillian quase vomitou. Melhor ele dizer...

—Matt. —O grande moreno de olhos azuis deu um passo adiante. Amelia lhe sorriu com maldade.

—Espero que desfrute com a dor. —disse ela.

Matt lambeu os lábios e lhe piscou o olho.

—Espero que você goste das plumas.

—Regra número dois —disse Marcus com cenho— Não a esqueçam. Vou trocá-las de companheiro se tiver que fazê-lo.

Os dois se ruborizaram e deixaram de olhar-se rapidamente.

Oh meu Deus, oh, meu Deus, oh meu Deus. Jillian engoliu saliva. Sabia o que vinha a seguir e quis gritar. Quis chorar. Isto não estava acontecendo, não podia estar acontecendo. O homem era diabólico, fazendo tudo o que estava em seu poder para que se sentisse miserável. Castigá-la. Suspeitava que queria que partisse, e isto o demonstrava além de toda dúvida.

—Jillian — disse Marcus, sussurrando a palavra, como se seu nome fosse uma carícia para os sentidos— Você trabalhará comigo. E antes que salte de alegria, devo dizer que já decidi qual será nossa primeira atribuição. Está noite às oito. Esteja preparada.

Capítulo 10

Meu relógio mágico me diz que estaremos nus em... espera, uns poucos minutos.

Aqui faltava uma mesa de pôquer pensou Marcus, inspecionando seu novo escritório. Talvez inclusive um futebol de mesa. O lugar parecia insípido. Apertou os lábios. Não podia permitir que Jillian pensasse que era aborrecido, sobretudo depois de toda essa conversa de ontem sobre o tempo. E falando de Jillian, possivelmente traria um monitor... Com uma câmara oculta para seu cubículo, assim poderia vigiá-la, assegurar-se de que realmente digitava na máquina os dados do caso ou se informava de sua seguinte atribuição. De outra forma, ela poderia procurar formas para sabotá-lo.

“Trabalhará comigo”, havia-lhe dito. “Antes que salte de alegria, devo te dizer que já decidi qual será nossa primeira atribuição. Esta noite às oito. Esteja preparada”. Teria gostado de ver qual tinha sido sua reação ante aquelas palavras de despedida, mas tinha partido muito temeroso de que pudessem começar a se beijar de novo. Havia fogo em seus olhos e a necessidade de saboreá-la outra vez quase o tinha consumido. Como um covarde, fugiu dela como se tivesse os



pés inundados em chamas.

—O que ocorre entre você e Cachos? —perguntou Matt agora que os homens estavam congregados em seu escritório.

Marcus não se surpreendeu de que ele fosse o primeiro em abordar esse perigoso assunto. Era um homem imprudente, que vivia para o perigo e gostava de todas as coisas rápidas. Carros rápidos. Mulheres rápidas. Vida rápida.

Com um suspiro, Marcus se inclinou para trás na cadeira. Cruzou as mãos sobre o estômago e olhou o teto, longe dos homens que pululavam ao redor de seu aborrecido escritório, folheando os papéis, revolvendo nas gavetas. Queriam saber de Jillian. Sabia que essa conversa estava perto, mas tinha esperado ao menos um dia mais de indulto.

—É uma chateação, isso é o que é. E a única coisa que ocorre entre nós é que ela faz subir minha pressão arterial. —E com apenas um fôlego acrescentou— E por que demônios não me disseram antes que estava com mancha de batom na boca?

—Porque nos pareceu engraçado — disse Jake com um sorriso—, e não queríamos que você o tirasse.

—Teve uma ereção quando lhe disse que era seu novo companheiro —disse Kyle— Senti vergonha.

As risadinhas masculinas abundaram. Marcus apertou os dentes. Tinha uns amigos que aspiravam a ser uns imbecis.

—Vocês, rapazes, estão convidados a procurar novos empregos.

Jake girou os olhos.

—Essa não é uma boa ameaça Markie, já que a faz ao menos uma vez ao dia.

O apelido recordou Jillian, ao modo em que o lançava no calor da fúria. Sua ex-esposa o tinha chamado Markie, razão pela qual não podia suportá-lo... Algo que Jake sabia perfeitamente. Mas castigá-lo por isso convidaria a todos os outros a chamá-lo pelo odiado apelido.

—Poderemos nos amarrar também com nossas companheiras ou o que? —perguntou Matt com olhos brilhantes.

Rafe se deixou cair sobre os joelhos e juntou as mãos.

—Diga que sim e trabalharei grátis.

—Não. —Marcus grunhiu a palavra, um aviso mais para si mesmo que para os homens.

Mas queria, Deus, como queria. Ainda sentia o doce sabor de Jillian na boca. Seus gemidos ainda se repetiam nos ouvidos.

—O que viram foi um engano que nunca se repetirá de novo. —Infelizmente.

Lentamente, Joe sorriu abertamente.

—Os enganos que parecem bons são sempre dignos de repetir. Asseguro-lhe isso.

—Não, este não. —insistiu.

—Acredito que sim. —disse Jake, estirando os lábios— Acredito que você gosta e quer cometer outro engano com ela. Um engano mais duro. Um engano mais longo.

Os homens riram entre dentes.

—Equivoca-se —grunhiu Marcus— É minha empregada.



Kyle cruzou os braços sobre o peito.

—O que faria se estivesse em uma ilha deserta com ela e o trabalho não importasse?

—Cometeria suicídio ou assassinato — respondeu Marcus.

Ou faria amor com ela durante dias e dias e dias sem parar. Franzindo o cenho, juntou as pastas que já tinha classificado sobre a escrivaninha e começou a dar a seus amigos, um por um.

—Estas são as atribuições de suas companheiras para a semana. As memorizem.

—E quanto a nossas atribuições? —perguntou Jake arqueando uma sobrancelha, aceitando por fim a mudança de assunto.

—A proprietária anterior tinha a política estrita de só aceitar clientes femininos, por isso não há mais que um cliente masculino e eu mesmo aceitei o caso.

Queria demonstrar seu ponto a Jillian... que as mulheres eram tão infames quanto os homens no referente ao jogo sexual, as mentiras e mais sexo.

—No momento, simplesmente agirão de guarda-costas. Espero ter logo mais casos nos quais possam intervir.

Proteger o corpo de Jillian seria divertido, pensou ele. Bombear dentro e fora dele o seria muito mais. *Não. Para! Não pense nisso. Marcus mau. Mau.* Franziu o cenho.

—A que se deve esse olhar assassino? —perguntou Jake, com as palmas para acima— Não disse nada.

—Por nada. —resmungou.

Jake era leal, de confiança e Marcus não deveria fulminá-lo com o olhar. Tinham crescido na mesma vizinhança depois de mudar-se aos Estados Unidos. Suas mães tinham sido amigas e eles mesmos tinham sido inseparáveis, sempre em problemas. Certamente, ele tinha sido responsável pela maioria deles, mas Jake nunca se queixou. Marcus encontrou aos outros homens em várias agências. Sempre os tinha admirado, tinham-lhe caído bem e se divertiram juntos. Simplesmente tinham combinado. Então, fazia três anos comprou sua própria empresa e lhes ofereceu um posto de trabalho. Eles aceitaram encantados.

Quando Anne entrou em contato com ele para lhe vender a AATP, e logo ligou dizendo que tinha mudado de ideia, voou até aqui e passou vários dias convencendo-a do contrário. Expandir-se sempre tinha sido seu sonho. Finalmente, a velha veterana tinha aceitado e Marcus deixou Farris, seu irmão caçula, encarregado do escritório de Dallas e se mudou para cá.

Solteiros e sempre dispostos a aceitar um desafio, seus amigos rapidamente tinham feito as malas e o tinham seguido à cidade de Oklahoma. Algum dia, Marcus esperava ter escritórios repartidos por todos os Estados, com cada um destes homens responsáveis por eles. Depois de tudo, as pessoas estavam dispostas a pagar grandes quantidades de dinheiro para provar a fidelidade de seu companheiro. Ele simplesmente estaria feliz de lhes fazer o favor.

—A colheita é deliciosa. —disse Matt, interrompendo seus pensamentos. Olhava pelas persianas, observando fixamente os cubículos de mais à frente. Outros se aproximaram de seu lado, jogando uma olhada por cima de seu ombro.

—Aquela ruiva, qual era seu nome, Georgina? —Kyle olhou a seu redor em busca de confirmação— É um suculento pêssego a ponto de coleta.



—Isso é muito mau. Quem chamaria pêssego a uma mulher? Eu gosto de Selene —disse Rafe— Ela é...

—Uma uva branca —lançou Kyle— Afunda seus dentes nela e seu suco se verterá sob sua garganta.

—Idiota. Você e sua fruta. Ela é gelo. Meu favorito. As frias sempre se derretem quando as deixo o suficientemente quentes.

Marcus beliscou a ponte do nariz. Sua equipe tinha cheirado a carne fresca... ou a fruta, no caso de Kyle. Eram iguais a ele. Tinha captado uma nuance do delicioso aroma de Jillian e tinha começado a jogar espuma pela boca como uma besta raivosa. Esperava que todos, incluindo ele mesmo, se acalmassem logo.

—O que acha que Cachos diz a Georgia? —perguntou Matt— Está sentada e não posso ler seus lábios.

Cachos. A palavra mágica. Embora soubesse que não devia fazê-lo, Marcus se uniu a seus amigos na janela. Foi obrigado, atraído por uma força invisível, maldita seja! Forçado por uma necessidade mais forte que ele a olhar e ver o que Jillian fazia. Georgia e Selene estavam de pé, paradas diante de seu cubículo, de costas a eles. Falavam animadamente, agitando as mãos no ar, o cabelo balançando-se em suas costas. Marcus só podia ver a ponta da cabeça de Jillian.

Desejou que se afastassem para assim poder vê-la, mas não o fizeram, assim que se obrigou a dar a volta e afastar-se. De todos os modos, sua impaciência era vergonhosa.

—Terei instalados seus cubículos até o fim próxima semana — informou, de retorno ao trabalho. O que necessitaria para tirar- Jillian do sistema? Tinha medo da resposta— De momento —disse—, sentaremos-nos no chão e jogaremos cartas.

Tinha que relaxar-se e conseguir afastar da mente a sua empregada favorita por um momento.

—Quem perder comprará o almoço de todo o escritório.

Depois que Georgia e Selene se cansaram de seus diretos “sim” e “tudo bem” e se afastaram indignadas, quando se negou a falar do batom favorito de Marcus e de se “ajudou a aplicá-lo”, Jillian se reclinou na cadeira e estirou as pernas sob a escrivaninha. Durante vários minutos, o aborrecimento simplesmente ferveu a fogo lento. E a fogo lento e arrastando-se, combateu a necessidade de chorar, de gritar. Uma sensação familiar ultimamente.

Marcus era seu companheiro.

Não era só seu chefe e seu maior inimigo. Não era simplesmente o homem a quem beijou e quase transou contra uma parede. Transariam se não tivessem sido interrompidos. Era seu maldito companheiro. Por que a tinha escolhido? Para fazer a sua vida impossível? Conseguiu! Para conseguir que demitisse? Esteve a ponto de fazê-lo.

Deus, se Anne lhe tivesse dado uma oportunidade em vez de jogá-la a um lado! Assumindo o controle do AATP, Jillian teria tido uns ganhos e uma reputação já assegurados. Se abrisse sua própria empresa, teria que endividar-se e não obteria nenhuma cliente durante semanas, possivelmente meses. Seria ainda pior que ir para outra agência e seguir sendo uma assalariada.



Não, seus motivos para ficar ainda eram válidos, o que significava que se demitir não era uma opção.

Preso, assim estava. Com Marcus. Como seu companheiro. Que diabos ia fazer?

Como iria sobreviver tantos dias e noites com ele? Marcus tentaria a outras mulheres ou observaria todos seus movimentos. Poderia respirar sobre ela, aquele doce e quente fôlego que lhe fazia cócegas na pele. Roçar-se contra ela, em uma suave carícia ou um duro toque. Só com isso o coração lhe acelerava e o corpo se esquentava. Ficando a ponto por si mesmo.

Marcus a arruinaria, disso estava segura. Arruinaria sua concentração, sua paz mental. Sua sensatez. Não é que tivesse demonstrado ter nenhuma dessas coisas ultimamente, pensou, afundando os ombros.

Nesse momento, soou seu telefone. Não queria falar com ninguém, mas sabia que tinha que agir como uma profissional e colocou o telefone na orelha.

—Jillian Greene.

—Mamãe acaba de ligar — disse o Brittany em lugar de Alô!—, estava chorando.

Outra vez não. Jillian suspirou e apoiou a cabeça na escrivaninha, pressionando a testa contra a fria madeira.

—O que lhe acontece agora?

—Pôs seu perfil em uma página de encontros e até agora ninguém contatou com ela. Acredita que todos os homens a odeia e que ninguém a acha atrativa.

—Quando pôs o perfil?

—Faz uma hora. — foi a exasperada resposta.

—Meu Deus.

Dentro da bolsa, o celular irrompeu em um agudo crescendo. Esse era o tom de chamada de seu irmão.

—Brent está chamando pelo celular. Não vou responder.

—Provavelmente quer falar de Georgia.

—Sem dúvida. —Graças a Deus, a campanha parou.

Pouco depois, Brittany disse:

—Colocarei você em espera. Tenho alguém em minha outra linha.

—Certamente é Brent.

Brittany desligou de todos os modos. O silêncio reclamou a linha durante mais de quinze minutos. O ouvido de Jillian começou a palpitar. Tentou trabalhar e abriu a pasta que Marcus lhe tinha jogado justo antes que entrasse em seu escritório. Tentou estudar a mulher com a que ele, supunha-se, paqueraria esta noite. Mas não podia concentrar-se.

Finalmente, Brittany voltou para a linha.

—Crise superada. —disse felizmente.

—O que aconteceu?

—Tinha razão. Era Brent. Mamãe ligou para ele e o advertiu que não tinha pressionado o botão “enviar”, assim que seu perfil, em realidade, nunca foi ativado— Com apenas um fôlego acrescentou— Brent quer que você ligue para ele. Quer saber que roupa Georgia está usando



hoje.

Os lábios de Jillian se estiraram em um sorriso.

—É um pervertido.

Brittany riu.

—Sim, mas um pervertido muito lindo. Só desejaria que se esquecesse de Georgia e enfocasse toda essa lascívia em alguém que esteja realmente disponível. Ela é uma garota agradável e eu gosto, mas quero que tenha um pouco de estabilidade, entende-me?

—Sim, sei. Eu também.

Terminaram de falar pouco depois e o olhar de Jillian se deslizou até o relógio de parede. Suspirou aliviada. Hora de comer. Bom, de almoçar para ela. Já que os empregados do AATP não chegavam ao trabalho até última hora da manhã, e não tomavam o almoço até muito depois, pela tarde.

Jillian ficou de pé, decidida a entrar no restaurante mais próximo mesmo que não tivesse fome. Qualquer desculpa para partir. Embora de maneira nenhuma pediria permissão a Marcus. Entrar em no escritório que deveria ter sido dela, o mesmo lugar onde o tinha provado pela primeira vez, diante dos mesmos homens que tinham sido testemunhas de sua suprema viagem ao prazer/estupidez... Não, isso não ia acontecer.

Aproximou-se do cubículo de Georgia, cuidadosa de não ser vista do escritório. Embora as persianas estivessem fechadas, de todos os modos. Sua amiga falava por telefone enquanto olhava o computador e franzia o cenho com ferocidade. Ela resmungava sobre “este estúpido trabalho”.

—Eu vou almoçar — sussurrou Jillian quando Georgia fez uma pausa para tomar fôlego. Jillian apoiou as mãos sobre as paredes dos lados— Tenho que sair daqui.

Georgia ofegou e elevou a vista com uma mão apertada ao redor do celular e a outra revoadando sobre o peito.

—Assustou-me.

—Sinto muito.

—Espera um momento — disse ao telefone. Para Jillian disse— Deveria reunir às demais?

Ela começou a fechar o documento que tinha estado lendo.

Jillian assentiu com a cabeça.

—Vão ao Maxwell Café.

—Genial — disse Georgia, enquanto seu cenho se transformava em um sorriso— Estará bem evitar a nosso chefe travesti. — Então o sorriso perdeu um pouco de brilho— Compreenderá que agora não posso ir contra ele. Despediria-me.

—Sim. É um bastardo.

—Deveríamos lhe dizer que partimos?

—Estou segura de que comeu seus cereais no café da manhã, e poderá entendê-lo por si mesmo quando vir nossos escritórios vazios. Além disso, não informá-lo de quando partimos não quebra nenhuma de suas regras.

Os olhos verdes de Georgia cintilaram com malícia.



—Eu gosto de como trabalha sua mente. Então, nos veremos lá uma vez que tenha reunido à tropa.

Jillian voltou para seu cubículo, parando um momento para ver se podia escutar o que Georgia dizia à pessoa ao outro lado da linha telefônica.

—Não respondo ao telefone do trabalho por uma razão. Não saio com você.

Brent, compreendeu.

Suspirando, agarrou a bolsa, desligou o computador e fez um gesto obsceno com o dedo quando acreditou escutar umas risadas masculinas sair do escritório de Marcus e logo saiu rapidamente do edifício. Não se incomodou em pegar o carro; o café estava cruzando a rua. Quando a estrada limpou a atravessou correndo, com as sapatilhas estalando ritmicamente. Quanta mais distância punha entre ela e AATP, mais relaxada se sentia.

Era ao final do dia entre o almoço e o jantar, mas cheia para um sábado, mas foi capaz de pegar uma mesa grande e vazia na parte de trás. A cafeteria era espaçosa, com mesas quadradas de madeira, um chão de mareantes ladrilhos de cores e murais pintados de antigas deusas e deuses gregos nas paredes. Jillian sempre gostara deste lugar. Um lugar de relaxamento e arte, de beleza e serenidade.

Georgia e as demais chegaram dez minutos mais tarde e todas elas pareciam culpadas.

—O que acontece? —exigiu Jillian.

Sem uma palavra, Georgia afastou a cadeira de seu lado, sentou-se nela de repente, e cruzou os braços sobre o generoso peito. Selene, Becky, Danielle e Amélia fizeram o mesmo, com expressões ilegíveis. E foi então quando Jillian se encontrou com a cena mais horrenda saída diretamente de seus pesadelos mais escuros.

Marcus e seus comparsas também tinham vindo.

Entraram em fila sorrindo abertamente. Com sorrisos amplos, zombadores. Inclusive Marcus parecia feliz. Tinha estado bebendo? Jillian saltou sobre os pés, o olhando iradamente.

—O que faz aqui?

—Nos auto convidamos. —declarou Marcus desavergonhadamente. Espreitou ao redor da mesa e reclamou o assento a sua esquerda, cuidadoso de não tocá-la— Agora, quero que todos se sentem garotos/garotas. Este vai ser um almoço tipo vamos-conhecer-nosso-companheiro.

Imediatamente seguiu um barulho de cadeiras arrastando-se enquanto cada um encontrava seu lugar. Ninguém protestou. Alguém disse:

—Prefiro do tipo vejamos-nos-conhecer-horizontalmente.

Os homens riram. As mulheres fingiram estar ofendidas, mas Jillian pôde ver que em realidade estavam divertidas. Grrr!

—Já que isto é por negócios, o bom seria que a empresa pague a conta. —soltou Jillian.

Necessitava tempo longe dele, merda, tempo para respirar sem aspirar seu pecaminoso aroma. Tempo para... Ela, sem sentir seu calor. Sem imaginar suas mãos sobre o corpo. Mas nãããooo. Ele tinha conseguido arruinar isto também.

—Nota promissória —disse ele— Contente?

Encolheu os ombros. Não estava contente, não, mas o corpo sem dúvida estava. Estar a seu



lado de novo estimulava todas as terminações nervosas.

Os homens, notou, aplaudiram e o aclamaram e imediatamente pediram uma rodada de cervejas.

—Não deixe que sua generosidade a engane —disse Jake— Teria tido que pagar de todos os modos já que perdeu nossa partida de pôquer.

—Sim, mas eu ia pegar algo do Mcdonald. —se queixou ele.

Tinham estado jogando pôquer em vez de trabalhar? Isso quanto à estrita política de Marcus no trabalho! Jillian chamou à garçonete com a mão.

—Tomarei uma taça de Hpnotiq. Não, que sejam duas. E o mais rápido possível.

Marcus a olhou com o cenho franzido, logo levantou a mão, detendo a garçonete antes que pudesse afastar-se.

—Tomará um Ginger Ale.

—Tomarei um Hpnotiq. —insistiu Jillian.

O cenho se fez mais profundo.

—Está na hora de trabalho, Jillian, e temos uma atribuição esta noite. Não deveria beber.

—Você bebeu cerveja em nossa atribuição de ontem, e não se queixou de que seus amigos pedissem cerveja faz um momento. Estou segura de que acredita na igualdade. Se não, podemos falar de processá-lo. —Olhou fixamente e de forma significativa à encurralada garçonete— Traga-me três Hpnotiq. E depressa. Por favor.

A mulher de cabelo cinza se afastou correndo antes que Marcus pudesse detê-la. Voltou pouco depois com as bebidas solicitadas. As bebidas alcoólicas solicitadas. Os Hpnotiq de Jillian, e as cervejas dos homens. As mulheres se decidiram por umas simples sodas, e logo cada um pediu sua comida.

—Você deveria gostar que eu beba—comentou Jillian a Marcus— O álcool torna uma mulher fácil, não?

Ele só soprou.

Jillian bebeu a primeira taça em um tempo recorde, e a segunda a seguiu rapidamente, amando o sabor do brilhante licor de cor azul enquanto este queimava através dela. Oh, doce alívio. Talvez agora pudesse estar na presença de Marcus sem beijá-lo... maldição, matá-lo.

Depois de um momento, apoiou os cotovelos sobre a mesa e se inclinou para diante. Os olhos percorreram seus indesejados convidados, mantendo a atenção fora de Marcus.

—Então. Algum de vocês está casado? — a pergunta era um hábito. Pronunciava-a ao menos uma vez ao dia, ou isso lhe parecia.

—Diabos, não! —disse o Adônis.

Ela acreditava que seu nome podia ser Kyle.

—Não — disse alguém mais.

—Meu Deus, não. —disse outro.

Rafe, o ruivo, bramou:

—Não nesta vida.

Jake não disse nada, mas sua expressão era triste.



—Nem fodendo. —disse Marcus.

Ela girou os olhos.

—Azarados do ofício, suponho. Nenhuma das garotas está casada, tampouco.

—Eu estou pensando. —disse Georgia com voz suave e vacilante.

—É uma proposta? —perguntou Kyle, inclinando-se para ela com impaciência— Porque se for assim, aceito.

—Difícilmente —sorrindo sinceramente, ela sacudiu a cabeça— Quem sabe? Poderia decidir evitar a situação completamente.

Ele golpeou o coração com um punho.

— Mate-me, então. Já não tenho nenhuma razão para viver.

Georgia soltou uma risadinha atrás da mão antes de girar-se para Marcus, com um malicioso brilho nos olhos.

—Oh, hey! Vou assistir a uma festa com Heather Rae na próxima quarta-feira. Iremos a uma sessão de maquiagem. Quer vir?

—Não — disse ele, a voz pesada com auto zombaria— Estou ocupado.

—Ah, mas com esta roupa ficaria genial uma sombra de olhos de cor arándano — disse Jillian com um inocente sorriso.

—Realmente eu gostava daquele batom. —disse Jake.

—Obrigado, a todos. São muito bons comigo.

Marcus piscou um olho para Jillian, com os traços completamente relaxados, e os olhos brilhando com autêntico humor.

A ação a surpreendeu. Sentindo-se como se a tivessem transportado a outra dimensão, Jillian consumiu a última taça do Hpnotiq. Por que não podia ter sido ele assim agradável e encantador quando se conheceram pela primeira vez? Poderia ter sido, mas escolheu não ser, e saber disso aumentou a irritação.

—Que lhes parece se rompermos o gelo? Alguém quer compartilhar seu mais recente beijo selvagem? —perguntou só para incomodá-lo.

—Eu tive um. —resmungou Marcus perdendo o bom humor.

Seus amigos riram dissimuladamente.

Oh, Deus. Por um momento, esqueceu-se de que eles sabiam, que tinham visto como se beijavam na boca, ela e Marcus. As bochechas lhe arderam. Por sorte, a garçonete voltou monopolizando a atenção de todo o mundo enquanto servia a comida. Jillian se concentrou em seu hambúrguer. Tinha querido um almoço relaxante. Agora só queria que se acabasse.

Entre ela e Marcus se instalou um pesado silêncio. Finalmente ele disse:

—Não deveria ter abandonado o escritório sem minha permissão.

—Não estava entre suas regras — ela recordou sem lhe jogar nem uma olhada.

—Agora sim.

É óbvio.

—Necessito sua permissão para ir ao banheiro?

—Já lhe direi. —disse isso, inclinando-se para ela. Não disse nada mais.



Como podia cheirar tão bem? Perguntou-se Jillian.

Como podia parecer tão foddidamente encantadora? Perguntou-se Marcus. Ia deixá-lo louco! Mas tinha que admitir, desafiava-o como ninguém mais o tinha feito nunca. E o excitava, também.

E não era isso uma dor no traseiro? Por que não podia parecer-se com as outras mulheres? Afastando-se totalmente ou apaixonando-se por sua “atitude distante” e, a sua vez, pensar que isso queria dizer que eles, supostamente, estavam juntos? Poderia esquecê-la então. Poderia deixar de pensar nela e de bancar o tolo de uma vez por todas... Como quando jogou pôquer com seus amigos, quando esqueceu suas cartas e um duplo um full.

—No que pensa? —perguntou-lhe Jillian em voz baixa. Por uma vez, seu tom era mais curioso que irritado— Sua cara reflete desgosto.

—Em você — respondeu com sinceridade, tão baixinho como ela— Penso em você.

—Bom, que amável de sua parte. — girou os olhos... em uma tentativa de não mostrar o muito que lhe doeu isso?— Ao menos sentimos o mesmo um pelo outro.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas o interrompeu.

—Assim, qual é nossa atribuição desta noite?

—Não leu o relatório que te dei? — Respondeu aborrecido pelo modo em que ela cuspiu a palavra *nossa*.

—Pensava lê-lo, mas me distraí com outra coisa.

—Com o que?

—Com a família.

Ela, provavelmente esperava que se queixasse, que lhe dissesse que não tratasse assuntos familiares em horas de trabalho. Mas não o fez. Entendia de família e não podia menos que perguntar-se que problemas teriam a sua e irritar-se porque isso o preocupava.

—Nosso caso é simples. O cliente suspeita que sua esposa vá aos bares paquerar com outros homens. A perei a prova e verei se paquera comigo.

—Bom, bom. Por fim conseguirei vê-lo em ação. E não o tipo de ação utilizada com Ronnie com ie —meteu uma batata frita na boca— Estava exagerando na sala de conferências, ou realmente necessita um companheiro feminino para...? Agora não posso recordar, o que se supunha faríamos nós.

—Sim, realmente necessito um companheiro feminino —mastigou uma de suas batatas— Se encontro a uma grudenta como Ronnie, terá que distraí-la e assim eu poderei fazer meu trabalho. Acredite em mim, vai economizar-me um montão de problemas. Estava tão irritado, que não pensei nisso antes.

—Ah, sim. Uma grudenta. Agora lembro. —sorriu amplamente, um sorriso genuíno e autêntico de diversão— Teve que lidar com muita dessas, então?

—Muitas para contar. —Realmente gostava de seu sorriso. Lindo, doce, carinhoso. E sim, isto o excitou de novo. Começava a compreender que tudo relacionado com Jillian o excitava. Zangada, tranquila, divertida, não importava como estivesse— Essa sempre é a pior parte do trabalho. Bom, além de contar ao marido o que aconteceu.

Nesse mesmo momento, Georgia riu e o som flutuou através da mesa. Jogou-lhe uma rápida



olhada. Ela se inclinava sobre o Jake, com um sorriso na cara, como se ele fosse o melhor irmão de todo o mundo. Jake parecia extremamente divertido, cheio de admiração, mas não escravizado.

A mulher de Jake, o amor de sua vida, tinha morrido em um acidente de carro fazia uns anos e ele ainda tinha que superá-lo. Por isso Marcus o tinha emparelhado com a Georgia. Era uma mulher linda. Deliciosa, inclusive, como as deusas pintadas sobre as paredes. Os homens caíam rendidos ante sua beleza cada dia... ou isso dizia seu histórico de trabalho.

Tinha-a emparelhado com alguém que podia resistir. Também Marcus teria sido uma boa opção como companheiro de Georgia.

Não o fazia sentir nada. Houve um dia em que o teria feito. Mas carecia da intensidade de Jillian, de sua... faísca. E agora que tinha encontrado aquela intensidade, aquela faísca, algo menos, não seria suficiente para ele. Centrou-se uma vez mais em Jillian, tentando de todas as formas demonstrar naturalidade.

—Sai com alguém? —A estúpida pergunta escorregou da boca antes que pudesse detê-la.

—Não! —Jillian o olhou como se a ofendesse inclusive que o perguntasse.

Alguns dos outros lhes jogaram uma olhada, mas se giraram rapidamente ante seu fulminante olhar.

—Não o teria beijado... — calou-se de repente e as bochechas avermelharam. Logo sussurrou— Não o teria deixado tomar emprestado meu batom se estivesse.

Gostou disso, tal integridade... Até que compreendeu que não planejava lhe devolver a pergunta. Assumia que a teria beijado inclusive se saía com outra mulher?

—Eu tampouco. —disse rigidamente.

Ela não respondeu.

—Alguma vez esteve casada? —pressionou.

—Não. —Curvou os delicados dedos ao redor do copo e bebeu um sorvo, sem olhá-lo— E você?

Finalmente, um pouco de interesse. Embora este fosse um assunto do qual ele não queria falar mais.

—Sim.

Aborrecia o tema de seu matrimônio e poucas vezes falava disso. Nem sequer com o Jake. Por que então o tinha tirado? Não era como se a resposta de Jillian o preocupasse. O que lhe importava que tivesse estado casada?

Apertou a mandíbula. Certo, importava-lhe. Não gostava de pensar nela com outro homem. De fato, cada osso possessivo no corpo pareceu esticar-se, despertando do longo sono de toda uma vida. *Minha*, disseram.

Detenham-se, ordenou ele. *Não é minha. Jamais será minha.*

Enquanto Marcus lutava consigo mesmo, o olhava, tentando parecer aborrecida, despreocupada, mas havia uma acuidade em seu olhar fixo que não podia ocultar.

—Não saiu bem, suponho.

—Mais ou menos. —disse ele.

—Eu nunca me lançarei ao matrimônio —a voz era pura convicção— É simplesmente muito



arriscado.

—Bem dito. —Ele levantou o copo, e ela fez o mesmo para brindar juntos.

Jillian se recostou no assento e o olhou fixamente como se ele fosse a única pessoa no café com ela. Algo quase, se atrevia ele a dizer, vulnerável lhe nublava os olhos. Imediatamente, ambos pareceram compreender que não estavam gritando, discutindo ou lançando insultos um para o outro. A comoção cobriu o bonito rosto, provavelmente um espelho de sua própria expressão.

—Trégua? —perguntou Marcus— Por enquanto?

Ela vacilou, logo assentiu com a cabeça.

—Trégua.

Ele se perguntou quanto tempo duraria.

—Acha que as pessoas como nós alguma vez tem um final feliz? —perguntou ela brandamente.

As sobrancelhas se franziram.

—O que quer dizer com pessoas como nós?

Ela pensou nisso e logo encolheu os ombros.

—As pessoas que sabem exatamente do que é capaz o sexo oposto.

Ele também pensou nisso, meditando na pergunta.

—Não —respondeu finalmente— Não acredito. As pessoas como nós estão destinadas a envelhecer sozinha. Sábia, mas sozinha.

Era engraçado que o pensamento de estar sozinho jamais o tinha deprimido até agora.

—Sim —disse ela melancolicamente, voltando para seu almoço— Provavelmente tem razão.

Capítulo 11

Vive em uma granja de frangos? Não? Bom, indubitavelmente sabe como levantar um pinto.

Depois de terminar no escritório, Jillian conduziu até a casa de Anne. Era uma viagem de trinta minutos do trabalho, por isso não poderia ficar muito tempo se queria preparar-se para a atribuição desta noite. Mas só tinha uma pergunta.

Por quê?

O passeio resultou surpreendentemente tranquilo, relaxante, com viçosas árvores verdes dispersadas ao longo de ambos os lados do caminho, elevando-se para o céu que já se escurecia. Flores rosadas, púrpuras e amarelas abriam caminho com graça, balançando-se com uma leve brisa. Jillian escutava música rock pelos alto-falantes, dando batidinhas com o pé enquanto conduzia. Ao menos era capaz de tirar de sua mente Marcus. Um pouco. Sexy bastardo.

Tinha estado casado. Surpresa. Tinham mantido uma trégua na hora de comer. Surpresa. Tirou-o fora de sua mente recorda? Oh, sim.



Por fim, a casa da Anne esteve à vista, uma espaçosa cabana feita tanto de madeira clara como escura. Puxadores brancos adornavam as janelas; conhecendo Anne, estes deveriam ter sido negros. O caminho de entrada era de cascalho e as pequenas rochas rangiam sob as rodas. Em geral, era um lugar tranquilo. Já tinha estado ali antes, mas sempre se surpreendia de que esta serena casa pertencesse à judiciosa Anne.

Jillian estacionou. Fora, o ar quente a envolveu. A fragrância das rosas e do fresco lago lhe alagou o nariz. Havendo-a escutado aproximar-se, Anne a esperava com a porta aberta, fumando um cigarro.

—Sei que disse a vocês que me visitasse, Greene, mas maldita seja, garota! Não esperava que o fizesse tão cedo.

—Talvez seja que sinta sua falta. —disse Jillian, parando frente a sua antiga chefe. Simplesmente solta-o. Acaba com isto— Eu teria comprado a AATP, Anne. —Isso, muito bem— Sabia, verdade?

—Sim, sabia. —O tom da Anne não era de arrependimento.

Ela tentou não mostrar nenhuma emoção.

—Por que não me ofereceu então?

Anne permaneceu calada durante muito tempo, devolvendo o penetrante olhar de Jillian com o seu próprio. Então se girou, com a fumaça envolvendo-a.

—Entra. Conversaremos.

Não queria entrar. Queria ir para casa, encolher-se, golpear algo e possivelmente inclusive chorar. Mas seguiu Anne. O interior era um espaço limpo, arejado, onde brancas cortinas se balançavam das enormes janelas. Móveis de cor marfim e marrom escuro, clássicos, mas bonitos, formavam um círculo no centro.

—Sente-se. —disse Anne, assinalando uma bem acolchoada poltrona.

Sentou-se. Anne reclamou a poltrona frente a ela. Pela primeira vez, Jillian se fixou em seu aspecto. Usava um traje negro de seda e seu cabelo cinza tinha sido escovado até fazê-lo brilhar. Esperava companhia?

—Quer saber o porquê —Anne tomou uma imersão do cigarro, logo o apagou em um cinzeiro— Um hábito repugnante —disse— Tonto deixá-lo.

—Sim. Quero saber.

—E se dissesse que você não estava preparada para esse posto?

Os olhos de Jillian se estreitaram.

—Sei que mentiria.

Os lábios de Anne se estiraram divertidos.

—Certo. Mentiria.

—Por quê? —insistiu Jillian— Mereço a verdade.

—Quer a verdade? Darei a verdade, mas não vai gostar dela. —Anne se acomodou na poltrona e com um suspiro, olhou atentamente as vigas do teto— Teria acabado como eu e não queria isso para você.

Piscou surpreendida. Não sabia o que tinha estado esperando ouvir, mas não era nada disto.



—E o que? —disse incrédula— Não é você quem tem que decidir isso.

—Seu rancor sobre os homens aumenta a cada dia, Jillian. Se não fizer algo a respeito enquanto for jovem, terminará sozinha e amargurada, mais do que já está. Sempre se perguntará o que poderia ter acontecido. Sempre se perguntará aonde tinham ido parar todos estes anos.

Para mascarar a fúria nos olhos, Jillian olhou fixamente as mãos.

—É isso o que acontece com você?

—Já não. Agora vivo. Por fim vivo. Deveria tentar.

—Meu futuro não concerne a você, Anne — as pestanas se elevaram-se por acaso sozinhas, e lançou um cenho feroz a sua antiga chefe— Ao menos, devia-me uma oportunidade. Ajudei a criar a AATP tal e como é agora, conseguindo anúncios em todos os jornais locais, colocando folhetos por toda a cidade, ampliando nossa carteira de clientes. Devia-me uma oportunidade. — repetiu. O queixo tremeu. Não choraria. Não soltaria nenhuma fodida lágrima.

—Possivelmente te dei uma. —disse Anne brandamente.

—O que? Quando? —exigiu. O teria recordado, teria saltado sobre ela— Sempre que tentei falar com você, dizia-me que falaríamos disso mais tarde.

Anne fez rodar os olhos.

—Obviamente, não falamos do mesmo tipo de oportunidade. Mas não tenho vontades de lhe explicar isso neste momento. Ainda não está preparada para me escutar. Esperemos que chegue a entendê-lo por si mesma —a voz foi mordaz, um pouco repreensiva— As outras garotas, bom, não estão tão presas como você. Elas, ao menos, aceitam outras possibilidades.

Eu aceito possibilidades, pensou Jillian, ferida. Certamente não podia pensar em nenhuma neste momento, mas isso não queria dizer nada.

Um golpe soou na porta, salvando Anne de dar mais explicações. Ela se endireitou e alisou o traje.

—Meu encontro está aqui.

Os olhos do Jillian se aumentaram. Seu encontro? Anne? Anne, que, de todas às que Jillian conhecia, era a que mais odiava aos homens?

—Está saindo com alguém?

—Saindo... seduzindo... como quiser chamar.

Bom. Sacudiu a cabeça. Deus, alguma vez conheceria realmente a sua chefe? Anne tinha vendido o negócio ao Marcus quando poderia tê-lo vendido a uma mulher, a alguém que conhecia e de confiança. Por que não ia ter um amante, também, ainda quando frequentemente assegurava que não havia melhor companheiro que um bom vibrador? Disso não podia falar e jamais a trairia.

—Entra. —gritou Anne.

A porta rangeu ao abrir-se e um homem jovem... Um menino magro e muito bonito, em comparação com Anne, deu um passo dentro. Parecia impaciente e feliz de estar ali. Quantos anos tinha? Nem sequer possuía uma sombra de barba que demonstrasse que tinha superado a puberdade. Ele viu Anne e lhe dedicou um tentador e sexy sorriso.

—Olá, meu bem.

Oh. Meu sinal para partir. Mas Jillian se encontrou observando Anne, tentando ver o que o



menino-homem via. Os bonitos olhos cor avelã era uma mistura perfeita de verde e marrom. Inteligência em cada linha de seu rosto. O cabelo cinza que parecia suave e espesso. Um corpo maciço. E... Entusiasmo. Este irradiava dela. Anne pulsava cheia de vida e vitalidade.

Sempre tinha brilhado assim e simplesmente não o tinha notado?

O menino-homem deslizou o braço ao redor da cintura de Anne e lhe beijou o pescoço.

—Este é Hugo —disse Anne— Hugo, Jillian.

—Oi! —disse ele, mal capaz de afastar os olhos de Anne o tempo suficiente para saudá-la.

—Oi! —Estranhamente ciumenta desse casal, Jillian ficou de pé. Não tinha as respostas que tanto ansiava, mas tinha que sair daqui. A diabólica mulher e sua enigmática “te dei uma oportunidade” provavelmente a atormentariam durante dias. Semanas. Diabos, o resto de sua vida!

Como? Merda, como lhe tinha dado uma oportunidade?

—Tenho uma atribuição esta noite. Melhor eu ir. —Caminhou rapidamente para a porta da rua, jogando ao casal uma olhada por cima do ombro. Possivelmente tinha que tomar um amante, também. Possivelmente assim conseguiria tirar Marcus da cabeça por fim. Embora a ideia de despir-se ante algum outro lhe fosse detestável.

—Jillian — a chamou Anne, detendo-a. Ela não se girou. Simplesmente ficou quieta onde estava e esperou— Algum dia me agradecerá isso. Prometo.

—Não, não o farei. —Nada bom sairia de seu tempo com Marcus. Como poderia ser assim? Eles podiam ter chegado a uma trégua, mas não eram adequados um para o outro— Adeus, Anne! Que tenha uma vida agradável.

—OH, eu a terei. O que me preocupa é a sua.

“O que me preocupa é a sua”.

Enquanto Jillian se vestia para a atribuição dessa noite, as palavras de despedida da Anne se repetiam na mente. Não havia nenhuma razão para preocupar-se com elas; estaria bem, sua vida seria boa. Tudo o que tinha que fazer era conseguir pôr os hormônios sob controle.

Desesperada para tirar Marcus da mente, indagou no arquivo mental que tinha recolhido do caso. Um homem de trinta e três anos, casado fazia menos de um ano, tinha encontrado vários números de telefone escritos à mão no porta-moedas de sua esposa... Embora não estavam escritos com sua letra temia que ela paquerasse com outros homens para consegui-los.

Esta noite a esposa, supostamente, planejava cantar no karaokê Mary’s Bad Ideia, um bar a uns poucos quilômetros da casa de Jillian. Às vezes, certo, muitas vezes o marido da cliente não estava onde ele dizia que ia estar e então, geralmente, a AATP tentava esbarrar com ele no edifício onde trabalhava... Uma mulher perdida, só e necessitada de um forte homem que a ajudasse a encontrar seu caminho. Mas ultimamente as pessoas eram bastante suspicazes com essa armadilha. Bastante... Indiferente. Havia algo no ar? Estavam cegos de repente?

Supunha-se que esta noite Jillian simplesmente se sentaria na barra e observaria, não falaria com ninguém em nenhum momento ou perderia de vista Marcus, nem sequer para ir ao lavabo. No único momento que devia aproximar-se dele seria se Marcus assinalava e então devia resgatá-



lo de uma grudenta.

Marcus lhe havia dito tudo isto em um *post-it*⁷... Uma nota que tinha pegado no interior da pasta. De forma estranha, sentiu-se feliz de que tivesse escrito uma mensagem tão machista. Isso lhe tinha ajudado a apagar de sua memória a trégua que tinham compartilhado no almoço. Uma trégua que, admitia, assustava-a. Esta se tornava irresistível. Quase agradável.

Mas não queria que esse homem gostasse. Não podia. Ao fazê-lo, embora só por um momento, recordava-lhe seu apaixonado beijo. Pensar em seu apaixonado beijo a fazia desejá-lo. E desejá-lo a tornava uma completa idiota. Outra vez.

Suspirando, retirou um apertado vestido negro do armário. Tinha finas alças chapeadas e se agarrava ao pescoço. Perfeito. Não muito chamativo, mas o bastante atrativo para que ela se misturasse com a multidão. Misturar-se... Isso era estranho. Geralmente tinha que vestir-se para se destacar.

Rapidamente se deslizou no vestido, prendeu os cachos ao azar no alto da cabeça deixando soltas várias mechas, calçou umas botas altas até os joelhos e fixou uma flor de prata na alça direita. A câmara oculta em seu interior capturaria a aventura desta noite e captaria algo que não fizesse a de Marcus.

Preparada, jogou-se uma olhada no espelho. Não estava mau. Mas enquanto estudava seu aspecto, não podia menos que perguntar-se qual seria o da esposa de Marcus. Loira? Uma ruiva como Georgia? Bonita, sem dúvida. Um homem como Marcus queria alguém espantoso a seu lado. Tinha-a amado?

Dali, os pensamentos de Jillian se moveram em espiral, estendendo seus ramos venenosos. A que merda de esposa gostaria de sua personalidade de engraçadinho? Por que tinham se divorciado? Infidelidade? O mais provável. Se fosse assim, da esposa? Ou dele? Definitivamente da esposa, a julgar pelo tom de voz de Marcus quando tinha falado do matrimônio. Que tipo de mulher enganaria a um homem tão carismático como Marcus? Uma mulher esperta. Obrigou-se a responder. Ele era um porco. A teria enganado também?

O relógio de parede deu à hora, salvando a mente da necessidade de produzir uma resposta que sabia que não gostaria. Se ele não o tinha feito, era um homem melhor do que queria acreditar. Enquanto Jillian reunia a bolsa e as chaves, o telefone soou. Gemendo, precipitou-se até a mesinha de noite e jogou uma olhada ao aparelho. Havia uma luz vermelha de alerta porque seu pai tinha deixado uma mensagem o outro dia. “Ligue para mim, por favor. Sinto sua falta” e não o tinha apagado ainda.

A Identificação de Chamadas mostrou que era Greene, Evelyn. Supôs que por fim era sua vez para saber diretamente das aventuras de sua mãe no mundo dos encontros. Alegrou-se disso, sempre gostou da sinceridade de sua mãe, mas agora não tinha tempo para isto. De todos os modos respondeu. Se não o fazia, sua mãe ligaria para seu celular durante toda a maldita noite, inclusive poderia afundar-se em uma maior depressão com a qual Brittany e Brent teriam que

⁷ O Post-it é um pequeno papel (de 7,5 cm de área) com um adesivo de fácil remoção atrás de si, de forma que seja facilmente pregado, retirado e recolocado por algumas vezes, sem deixar marcas ou resíduos. É usado para fazer anotações e são geralmente colocados em monitores de computadores pessoais, áreas de trabalho, cadernos, etc.



intervir.

Jillian pegou o telefone e tentou parecer feliz.

—Olá, Mamãe. Como está?

—Olá, querida. Estou bem. Comecei a sentir saudades suas e decidi ligar para você, para assim poder escutar a doce voz de meu bebê. Como está você?

Bem, nenhuma menção aos encontros. Não se surpreendeu; de fato, não sabia por que tinha esperado que sua mãe se transbordasse. Mamãe gritava e chorava com Brent e Brittany, mas a Jillian só mostrava seu lado feliz. Ela e seus irmãos tinham passado incontáveis horas com um terapeuta, aprendendo como tratar a personalidade depressiva de sua mãe. Haviám-lhes dito que esperassem a negação, mas Jillian odiava essa fachada feliz.

—Eu também estou bem — disse, sendo desonesta consigo mesma. Hipócrita. Em sua defesa: sua mãe não podia nem com seus próprios problemas. De nenhuma forma poderia lutar com os de Jillian.

Mesmo assim amava a mulher, realmente o fazia, e inclusive entendia de onde provinham a depressão e as mudanças bruscas de humor, da aventura de seu pai.

—Ouvi que está saindo outra vez.

—Sim. —disse sua mãe hesitantemente.

—Quer falar disso? —Jillian se sentou no colchão e descansou o cotovelo sobre o joelho.

—Realmente não há nada que contar — riu, e houve um toque nervoso no som— Ninguém respondeu a meu perfil, mas estou levando isso bem.

Não, não o fazia. Tinha chorado tanto a Brittany como a Brent. E seguro que agora queria chorar de novo.

—Os homens são uns porcos, mamãe, já sabe. Mas cedo ou tarde alguém verá quão especial é.

—Sim, os homens são uns porcos. Exceto seu irmão, é óbvio. Ele é realmente um ser humano decente. Quase uma mulher — acrescentou no último momento.

—Estou segura de que o encantaria ouvir isso — disse Jillian com secura. Brent era todo homem. Um pouco machista, um pouco selvagem, mas era o único homem que Jillian amava e com o que sempre podia contar. Nunca mentiu para ela, jamais a decepcionou. Daria um chute no traseiro de Marcus se ela pedisse.

Hmm... Algo no que pensar.

—Brent me disse que eu era muito emocional — exclamou sua mãe de repente— Você não pensa isso de mim, verdade, querida? Você me ama, verdade? Pensa que sou perfeita tal e como sou, não?

Senhor, como se supunha que tinha que responder a isso? Jillian respirou fundo.

—Eu a amo muito.

—Brittany te contou sobre o homem com que me chateava naquele site de encontros, não foi? —sua mãe tentou rir—. Ele era um partido perfeito, sabe? Porque nós gostávamos das mesmas coisas. Jogar golfe, navegar, a comida indiana.

—Mamãe, você não gosta do golfe nem viajar de navio. Inclusive você não gosta de nadar. E



odeia a comida picante. Produz dor de estômago.

—Mas eu poderia ter gostado de todas essas coisas! Não me devolveu as mensagens, nem sequer me deu uma oportunidade, embora lhe enviasse uma nova mensagem.

Uma oportunidade! Como começava a odiar essa frase. Jillian cobriu os olhos com a mão, tampando a luz.

—Quanto faz que lhe enviou a nova mensagem?

—Não sei, faz dez minutos. Mas me parece uma eternidade.

—Mamãe. —gemeu.

—Pode ser que o tenha chamado bastardo por me ignorar. Não o recordo muito bem. Então ele por fim me devolveu a mensagem e me pediu que o deixasse em paz. Logo me bloqueou. Isso foi cruel, não foi? Chorei um pouco, mas só um pouco. Você teria feito o mesmo, não?

E ela tinha querido sinceridade! Que tola!

—Mamãe, possivelmente os encontros de Internet não sejam para você. —Jillian podia recordar um tempo, quando era menina, no qual ela mesma havia se sentido fascinada pelo amor e pelo romance. Cinderela e seu príncipe. Seu conto favorito na hora de deitar-se.

Embora a realidade tivesse seus métodos para destruir aquelas ilusões. A dor tinha seus métodos para apagar todo o resto. Tinha acreditado que sua mãe tinha deixado para trás a necessidade de tais coisas. Tinha acreditado que sua mãe era mais inteligente.

—Os homens que estão livres não são nenhum prêmio. —acrescentou— Brittany diz que há um homem aí fora para mim. Que está esperando por mim como Steven a esperou a ela —disse sua mãe— Sou uma mulher e tenho necessidades, sabe?

—Por favor —quase gemeu— Não me fale de suas necessidades.

Sua mãe soltou um estremecedor suspiro, provavelmente tentando conseguir e manter um pouco de controle. Por fim, soltou uma risadinha forçada.

—É óbvio que não farei isso, querida. Não liguei para você para choramingar. Realmente só queria ouvir sua voz. Tudo sempre parece ir melhor quando falo com minha menina. Você acha que sou maravilhosa, não é? Verdade? —Insistiu, desesperada, quando Jillian não respondeu em seguida.

—Certamente que acredito que é maravilhosa. Amo você. Simplesmente... Reconsidere essa coisa dos encontros. Certo?

—Certo. —Foi a resposta ainda forçada, ainda feliz.

—Eu gostaria de vê-la amanhã pela tarde, assim como Brent, Brittany e a vovó —disse Jillian— Podemos fazer uma pequena festa. Ligaré para eles? —Isto daria a sua mãe algo para fazer— Assistiu aquelas aulas de culinária e ainda não tive a oportunidade de provar suas novas habilidades.

—Ah, eu adoraria cozinhar para você! Poderíamos nos reunir todos para conversar e rir. Já não vem ninguém para me ver. —Aplaudiu depois dessas palavras de recriminação, com uma felicidade ainda mais forçada— Cozinharei sua comida favorita, costeletas de porco assada, e prepararei pão de milho.

—Verei você amanhã, então. —Com um pouco de sorte, o almoço levantaria o ânimo da sua



mãe e a poria de melhor humor— Eu a amo, mamãe.

—Eu também a amo, doce. —Click.

Confiando em que sua mãe estivesse bem, ao menos por esta noite, Jillian deixou o telefone e correu para a porta da rua, fechando-a atrás dela. Ia chegar tarde. Já chegava tarde. A antecipação a percorria. Não podia esperar para ver Marcus em ação com um objetivo. Sim, tinha-o visto com Ronnie com ie, mas suas ações tinham sido fruto da vingança. Como trataria a um objetivo autêntico? Agarraria-a pela cintura? Baixariam seus olhos pela metade como tinha feito justo antes que ele a beijasse?

Estremeceu-se, logo passou todo o tempo que demorou a chegar no bar pensando nele, imaginando sua cara, impaciente para vê-lo e castigando-se por isso. Quando estacionou, olhou-se no retrovisor, aplicou um pouco mais de batom e saiu. O estacionamento formigava de carros e pessoas já um pouco bêbadas.

Um sujeito agarrou as bolas quando a descobriu e balbuciou um convite para tomar um lanche noturno. Ela podia imaginar qual seria esse lanche. Ela. Eeeeca. Ignorou o convite e acelerou o passo para o vermelho e negro edifício.

Uma débil música se filtrava através das paredes. O ar era frio e cheio de aromas de cerveja, escapamento e cigarros. Uma vez, fizeram-lhe uma proposta indecente em uma corrida de cavalos e com um montão de esterco a seu redor. Outra em um estabelecimento de comida rápida enquanto comia um burrito⁸ quente. Duas vezes em uma concessionária de carros usados enquanto o vendedor tentava casá-la com o veículo "perfeito" para ela, um conversível de fácil acesso, naturalmente. Isto supunha, não era muito pior.

Justo antes que alcançasse a porta, uma mão saiu da escuridão e a agarrou pelo braço. Foi empurrada contra um firme e quente corpo de aço. Jillian ofegou. O coração lhe pulsou de forma irregular. Spray de pimenta. Lembrou-se de pegar seu spray de pimenta? Em realidade, não importava. Tinha deixado cair à bolsa quando o homem a tinha agarrado. O que deveria fazer, o que deveria fazer?

Agindo por puro instinto, deu uma cotovelada a seu captor no estômago. Ele soltou o fôlego. Seguidamente, ela jogou para trás o punho e o plantou na cara dele, com força.

Um uivo. Depois:

—Inferno Sangrento.

Ante o som daquela rouca e sexy voz, ficou quieta.

—Marcus?

—Como se não soubesse —queixou-se— Que dano!

—É óbvio que não sabia. Bati em você. Não volte a me agarrar assim outra vez. —o coração ainda tinha que reduzir a velocidade que, de fato, acelerou-se ante a compreensão de quem a segurava. Seu picante aroma masculino a envolvia, apagando os maus aromas dos quais se lamentava só momentos antes. Inclinou-se e recolheu a bolsa.

—Acredito que me deu um olho arroxeados—grunhiu. Estava zangado, sim, mas também

⁸ O **burrito** é um célebre prato tradicional da culinária do México consistindo de uma tortilla de farinha geralmente recheada com carne (bovina, suína ou frango). A carne é o único recheio e o burrito é enrolado finamente.



parecia à contra gosto impressionado.

—Menino grande. —o agarrou pela mão e o levou até a luz de um poste. Os dourados raios caíram sobre ele, iluminando sua selvagem beleza. Seus marrons olhos estavam entrecerrados, com os espessos cílios quase entrelaçados. Seus lábios formavam uma linha de dor. E sim, definitivamente havia um círculo vermelho ao redor de seu olho esquerdo— Oops —disse, tentando não rir com todas suas forças.

—Ainda por cima ri. Sorrisinhos. Simplesmente recorda que agora sou eu o que assina seu pagamento. —esfregou ligeiramente o inchado osso— Deus, golpeado por uma garota.

—Disse a você que podia cuidar de mim mesma. Por que me agarrou?

—Não tentava machucá-la. Chamei você, mas não respondeu. Estava a ponto de se chocar contra a porta, mulher.

—Não, não estava — se fixou na porta, mais perto do que ela tinha pensado. Bom, talvez sim o tivesse estado.

Seu olhar viajou pelo vestido.

—Bonito, mas inadequado — disse, enquanto a cólera parecia intensificar— Supõe-se que não vai paquerar com ninguém esta noite.

Ela franziu o cenho.

—O vestido me ajudará a me misturar com as pessoas e assim não cruzarei em seu caminho, como meu novo chefe, o Nazista do Escritório, ordenou.

—Um, duvido que alguma vez possa se misturar e não destacar; e dois, sua descrição me ofende, Covinhas. O fato é que é muito fácil trabalhar comigo.

Ela soprou.

—Não me deixou terminar. —enfrentou-a e seus narizes quase se tocaram. Seus peitos realmente se tocaram— É muito fácil trabalhar comigo quando os empregados são razoáveis e pouco propensos aos ataques violentos.

O fôlego começou a sair em superficiais ofegos e o sangue se esquentou nas veias. Seu calor era embriagador. Suas brincadeiras... Ainda mais. Além deles, podia ouvir o zumbido dos carros ao passar, o estrépito das risadas bêbadas, e de algum modo, essas coisas só acrescentaram sensualidade ao momento.

Então Marcus limpou a garganta e deu um passo atrás. Ela tomou um minuto para estudar o resto dele, desesperada por livrar-se de seu puxão magnético. Camisa negra de pescoço abotoado e calças negras. Tudo lhe ajustava perfeitamente e acentuava seus deliciosos músculos. De repente, a boca salivou e também se afastou.

—Vamos para dentro —disse ele— E terminemos com isto.

Marcus se afastou sem outra palavra, obrigando-a a segui-lo dentro do edifício que estava tão escuro e turvo quanto à noite. No momento em que ele abriu as portas, a maldita música a golpeou; as pessoas passavam a seu lado rindo, falando e bebendo.

A parte inteligente do cérebro que mal funcionava ultimamente lhe disse que fugisse. Que corresse para casa tão rápido como pudesse. Em troca, encontrou-se acelerando o passo para manter o de Marcus.



—Porco — resmungou. Mas desta vez o dizia a si mesma.

Capítulo 12

Se eu estivesse em seu lugar, faria sexo comigo.

A mulher era uma ameaça, pensou Marcus, embora isso ele já soubesse. Era muito sexy para andar solta pela rua e muito venenosa para estar a seu redor sem que seu bom senso morresse de uma morte rápida e dolorosa.

Bom, isso não era verdade. Não era sempre venenosa. Às vezes era agradável, doce... vulnerável. Ainda recordava o modo em que o tinha observado durante o almoço, seus traços suaves, a necessidade em seus olhos. Coisa impossível, tinha gostado de sua fácil camaradagem tanto como gostava de brigar com ela.

Segundo seus hormônios, ela não tinha nada de mau.

Queria beijá-la de novo em realidade, queria fazer muito mais que isso e quase o fez enquanto tinham estado de pé lá fora, a luz e as sombras lutando para preponderar a seu redor. Impressionante, assim é como tinha estado. Tinha-o golpeado, pelo amor de Deus, e ele ainda a desejava!

“Acha que pessoas como nós alguma vez tem um final feliz?” tinha-lhe perguntado antes. Ele tinha respondido que não e realmente acreditava. Uma vez, aspirou a um final feliz, tinha lutado por ele e deixado a um lado o orgulho. Tudo o que obteve foi um doloroso divórcio e outra lição de desconfiança. Não mais, obrigado. Mas...

Jillian começava a fazê-lo desejar essas coisas. Coisas impossíveis. Coisas tolas. Começava? Ah! Tinha querido todas essas coisas impossíveis dela do primeiro momento que a viu. Ela não era adequada para ele, era incorreta de todas as formas imagináveis.

Infelizmente, isto não parecia importar a seu pênis.

Não tinha que olhar atrás dele para saber que Jillian o seguia através da fumaça e a escuridão, podia senti-la. O corpo era hiper consciente dela, de cada movimento, de cada fôlego. *Toque-me*, quis lhe dizer.

O olho ainda palpita enquanto mostrava ao gorila que esperava na porta a mão fechada e logo pagava a entrada de Jillian. Sem jogar uma olhada para trás, manobrou através da espessa multidão de dançarinos, solteiros e não-tão-solteiros, todos a procura de passar um bom momento. A música rock soava a toda altura, tão ruidosa que os ouvidos apitavam em protesto. Uma fumaça artificial se dispersava pelo perfumado ar, emitindo muitos aromas díspares. Enrugou o nariz.

Marcus já estava aqui há meia hora. Seu objetivo também tinha chegado já, mas estava muito preocupado com Jillian para aproximar-se da mulher. Tinha tido um montão de pensamentos estúpidos. Tinha tido um acidente de carro? Tinha decidido não vir? Alguém a tinha



pego e tinha feito mal a ela? Finalmente tinha saído fora para esperá-la... Só para ser golpeado no olho por sua boa ação quando ela por fim apareceu.

Zangado consigo mesmo, encontrou dois assentos vazios na barra, reclamou um para ele e logo aplaudiu o outro.

—Acreditava que, supostamente, não entraríamos em contato um com o outro. —disse ela, mas se sentou a seu lado.

Não deveriam fazê-lo, mas ele não queria deixá-la.

—Fique aí. —pediu uma cerveja.

—Uma cerveja? —Jillian estalou a língua— Que interessante.

Olhou-a com o cenho franzido. Quando a cerveja chegou, girou-se e ficou de cara aos serpenteantes dançarinos. Não bebeu, simplesmente observou... E esperou.

—Um Ginger Ale — pediu Jillian ao garçom, logo olhou para Marcus de cima a baixo com um meio sorriso.

O sangue cantarolou, correndo mais rápido, desejando-a ainda mais. Obrigou-se a manter os olhos à frente, procurando Amy, o objetivo dessa noite. Descobriu a sua presa rapidamente; estava justo onde a tinha deixado, exceto agora estava sentada nos joelhos de um jovem que não parecia o bastante velho para estar aqui. Lambia-lhe o sal dos lábios. Marcus suspirou. Parecia que, depois de tudo, não teria que paquerar com ela.

—Vou filmar. —com a cerveja na mão, Marcus se endireitou e se aproximou da mesa de Amy. Podia sentir os olhos de Jillian fixos nele, queimando profundamente, muito profundamente.

Amy beijou o menino, um beijo francês que durou vinte e dois segundos e fez que o resto dos rapazes na mesa lançasse ovações. Isso quanto a cantar karaokê. A câmara oculta no colar de Buda que levava capturou tudo enquanto Marcus fingia estudar os dançarinos que estavam além deles. Não seria necessário que ele paquerasse ou lhe fizesse propostas para demonstrar a Jillian que as mulheres eram tão traiçoeiras como ela acreditava que eram os homens. Amy era muito amável ao demonstrá-lo com suficiente clareza. Seu marido ia estar desolado e Marcus sentiu uma faísca de compaixão por ele. Já passei por isso.

—Ei, bonitão! —disse uma sensual voz a seu lado. Ela ronronou as palavras sobre a música, mantendo o rosto perto do seu enquanto lhe descia a mão pelas costas. Seu perfume era forte, com uma nota de especiarias — Quer dançar? Prometo não mordê-lo... A menos que me peça isso. Mas por outro lado, parece um homem que gosta de jogar duro. Mmm, quer que cure esse olho com um beijo?

Confrontou-a sem mover a câmara de Amy. A nova mulher era uma deliciosa loira de grandes olhos azuis e um decote o suficiente grande para que se perdesse um pequeno exército. Tinha decidido procurar uma fácil e disposta mulher, não? Tinha decidido deitar-se com alguma outra que não fosse Jillian e liberar o corpo da constante dor. Não o tinha feito? Não podia recordá-lo. Tudo o que sabia era que não estava interessado nesta mulher. Seu cabelo não era o suficientemente escuro, nem o bastante encaracolado. Seus olhos não eram o bastante azuis, nem tinha sardas e covinhas.

—Não, obrigado —disse— Espero alguém — girou para a barra, fazendo gestos para Jillian,



mas já caminhava para ele com expressão decidida. Não, não caminhava, compreendeu no minuto seguinte. Rebolava tentadoramente. Cada homem que passava a olhava e ele teve que engolir o repentino nó na garganta.

Quando alcançou Marcus, rodeou-lhe os ombros com os braços. Inclusive beijou um lado do seu pescoço. Santo Inferno!

—Está pego, encanto —grunhiu ela— E eu não compartilho.

—Sim, pois talvez ele prefira...

—Vá embora antes que eu esvazie seu sutiã. Entendido?

Empalidecendo, a mulher grudenta fugiu longe.

Jillian o liberou, mas ficou a seu lado. Ela bebeu a sorvos de sua taça e manteve o olhar fixo à frente, como se a assombrasse o que tinha feito e dito. As multicoloridas luzes giravam, destacando seu encantador rosto.

—Está a salvo. —disse finalmente.

—Sim. Obrigada — disse ele sério. Tudo isto o tinha acendido.

Os olhos não se separaram de Amy, que ainda seguia na sua com seu jovem amante, e sacudiu a cabeça.

—Não me importa o que faça o objetivo. Ainda acredito que as mulheres não são tão más como os homens e ainda me deve muito dinheiro.

Estava muita tensa, muita séria e, de repente, sentiu a necessidade de relaxá-la. Com a mão livre, cobriu a orelha e fingiu que não podia ouvi-la.

—O que disse?

Ela franziu o cenho e repetiu as palavras.

—O que? —disse Marcus de novo.

Em lugar de relaxar-se, franziu mais o cenho e se inclinou para ele, soprando o comentário diretamente em seu ouvido. Seu encantador e doce peito roçou o seu, seu decadente aroma lhe tentou o nariz e as suaves mechas de seu cabelo lhe acariciaram a bochecha. Seu calor, sempre seu perigoso calor, envolveu-o. Durante um instante, Marcus experimentou uma indesejada ereção.

Sempre seria assim quando ela estivesse perto?

Fazer-lhe uma brincadeira, compreendeu, tinha sido uma ideia estúpida. Mas é óbvio, ultimamente tinha sido um estúpido, sobre tudo no referente a ela. Quando Jillian terminou de falar, ela não se moveu. Ficou onde estava, perto dele. Muito perto, mas não o bastante. Tinha-lhe roçado a orelha com seu nariz... possivelmente cheirando-a? Talvez não tivesse sido tão estúpido, depois de tudo.

De repente, ele percebeu que o braço a alcançava, rodeando-lhe a cintura. A mão agarrou a curva de seu quadril, a palma roçando o topo de seu traseiro. Santo inferno, isto era o céu! Encaixavam perfeitamente, como se seu corpo tivesse sido feito expressamente para ele. Sem poder deter-se, moveu pouco a pouco os dedos mais abaixo. Ela ainda não se afastou, mas emitiu um agudo ofego. Por mais... ou para que parasse?

Mordendo o lábio inferior, Jillian se aproximou outro passo. Por mais.



A música empalideceu nos ouvidos. A multidão desapareceu. Só estava Jillian, sua exuberante sexualidade, seus vivos olhos cor safira. Deus tinha feito à população masculina um mal enorme, soltando esta mulher no mundo. De todos os modos, ele não podia mover-se, não podia encontrar a vontade para fazê-lo. Engano. Problema. Regra número dois. As palavras se repetiam na mente, mas Marcus as ignorou.

Como se os pensamentos se refletissem no seu rosto, as bochechas de Jillian se avermelharam. Suas pálpebras baixaram. A necessidade de beijá-la voltou outra vez, intensificada. Só um mais e poderia saciar-se. Só um mais...

—Tinha vontade de vê-lo em ação. —disse ela ofegando.

Não eram as melhores palavras para dizer a um homem excitado. Teria que lembrar-se de tirar o volume quando mostrasse o vídeo ao cliente. Ou possivelmente não teria que fazê-lo, já que a música estava muito alta.

Alguém tropeçou com Jillian, empurrando-a para frente. Eles perderam o contato de seus olhos e o feitiço se rompeu. Suas bochechas seguiram ruborizadas, já não era um rubor de excitação, mas sim de vergonha.

Não pode suportar a esta mulher, recorda? Ela é diabólica. Uma destruidora de corações. Ao menos sabia qual era sua postura com ela. Ainda. Afaste-a.

—Estava a ponto de me beijar outra vez — disse ele— Convimos que não o faria mais.

Lentamente, seus olhos se estreitaram em diminutas frestas, bloqueando o azul íris da visão e revelando só os longos e escuros cílios, mas ainda assim, de algum modo, ele pôde ver o fogo brilhar dentro.

—Se o deixasse conservar o dinheiro que me deve, juraria saltar de uma ponte e quebrar o pescoço?

—Não devo dinheiro a você. Mas se o fizesse, estou seguro de que perderia cada centavo muito em breve. É uma jogadora terrível. —Marcus jogou uma olhada a seu objetivo. Amy estava no processo de brindar a seu namorado com uma dança no colo, aparentemente vigorizada pela multidão ao redor dela. O rapaz tinha os dedos estendidos em sua cintura e um sorriso tipo *vou-pegá-la* no rosto.

Sim, o seguro e feliz mundo do marido ia quebrar-se devido a isto. Era deprimente. Por que as pessoas eram infiéis? Marcus conhecia a resposta típica, “não consigo o que necessito em casa”. Por que comprometer-se, então? Por que não partir? Ou tentar com mais força que a relação funcionasse?

—Filmei o suficiente. —disse a Jillian.

Assentindo, girou sobre os saltos agulha e se afastou, o deixando confuso. Ela se meteu a toda pressa em um reservado vazio que tinha às suas costas e se sentou, deslizando a bebida meio a um lado como se já não pudesse com ela. Seu rosto estava em branco, desprovida de emoção. Oh. Descanso.

Sem pedir permissão, Marcus se uniu a ela e colocou sua cerveja ao lado do descartado copo. Ainda não estava preparado para ir para casa. Para ser completamente honesto consigo mesmo, não estava preparado para deixá-la. Assegurando-se de que Jillian o olhava, tirou o colar e



o guardou no bolso.

—Agora já sabe que não tento gravá-la.

—Não recordo pedir a você que se unisse a mim — disse, com as sobrancelhas arqueadas. Tirou a flor fixada ao vestido e a deixou cair dentro da bolsa— Mas agora você também sabe que tampouco vou filmá-lo.

Ele chamou uma garçonete. Uns segundos mais tarde, uma alegre morena estava de pé frente a eles, caderneta na mão.

—O que querem tomar? —perguntou.

—Uma Vodca com laranja — disse e Jillian levantou o queixo e repetiu o pedido. A garçonete assentiu com a cabeça e se afastou rapidamente— Nada de Hpnotiq?

Ela se encolheu e seus nus ombros brilharam a luz. Puro creme. Deliciosos para lamber.

—Já não estou trabalhando e tenho vontade de beber algo mais forte.

Marcus estirou as pernas e roçou intencionalmente os joelhos de Jillian. Ela saltou e ele quase sorriu.

—É muito consciente de mim, verdade?

—Sou cautelosa. —declarou brandamente. Pensou nisso durante um momento e logo acrescentou — Possivelmente enojada seja a melhor palavra.

Marcus não se sentiu ofendido; viu a excitação brilhando em seus olhos. Um brilho, estava seguro, que se refletia nos seus próprios.

—O que aconteceu a nossa trégua?

—Você, aconteceu.

—Sabe, Jillian? Em realidade não sou um mau sujeito.

—Exceto em contadas ocasiões, tudo o que vi desde que nos conhecemos ontem me diz que é um mau sujeito. —se queixou.

—Culpa sua, seguro. E só passou um dia? Parece toda uma vida.

—Essa é a típica resposta de uma má pessoa. Culpar a outros. E sim, só passou um dia.

—E você me deu a típica resposta de uma mulher. Não admitiriam que a culpa fosse sua nem para salvar a vida. E não quero dizê-lo como um insulto nem nada parecido. Justamente o contrário. Assim não há razão para que pareça tão ofendida.

As bebidas chegaram e durante um longo tempo nenhum dos dois falou. Simplesmente beberam a sorvos e observaram à multidão de dançarinos. Suas brincadeiras, como sempre, estimulavam-lhe. Queria seguir com elas, mas sabia que tinha que deter-se.

Finalmente Jillian disse:

—Seus empregados masculinos só têm uma oportunidade para fazer merda ou essa é uma honra estritamente para as mulheres?

—Trabalhei com esses homens antes —engoliu o resto de sua taça— Eles não fazem merda.

—Não pode saber disso com segurança.

—Sim, posso.

—Dobro ou nada?

Ele não vacilou, em realidade se sentiu emocionado ao apostar.



—Feito.

Outro silêncio seguiu. Por que não podia deixá-la?

—Por que escolheu este tipo de trabalho? —encontrou-se perguntando enquanto se acomodava melhor no reservado.

Uma sombra cruzou seu rosto.

—Vi um anúncio e necessitava um trabalho. E... combina com minha personalidade. E quanto a você?

Encolheu os ombros.

—Meu pai possui uma agência similar em Manchester. Minha mãe o odiava, gostava muito de se fazer de chamariz ele mesmo. Assim que nos mudamos aos Estados Unidos quando eu era só um menino. Mas o visitava uma vez ao ano e comecei a compreender que era o trabalho perfeito para mim.

—Alguma vez lamentou? —perguntou brandamente, olhando para a mesa. Enquanto desenhava o número oito com a ponta do dedo— Fazer de chamariz, quero dizer.

Poderia ter mentido. Deveria mentir. Mas, de forma estranha, sentiu-se obrigado a lhe contar a verdade.

—Algumas vezes, ao longo dos anos, perguntei-me por minha decisão de entrar neste negócio. Vi o tipo de pessoa que era meu pai, o solitário que estava. Mas também vi as vítimas, afetadas pela traição, como minha mãe. Jamais quereria estar em seu lugar e quis ajudá-los como melhor pudesse.

—Eu sinto o mesmo. —disse, ainda usando aquele tom suave.

—Ah, uma segunda coisa sobre a que estamos de acordo.

Os lábios se estiraram enquanto ela lutava contra um sorriso.

—Qual era a primeira?

—Sabe? Esqueci-a. — Fez gestos por outra taça. A garçonete, rapidamente, entregou a bebida desejada, mas Jillian a puxou de repente. Os dedos se roçaram, enviando uma descarga elétrica através dele— É minha.

—As pessoas de reflexos lentos, geralmente, perdem — disse ela, logo bebeu o forte e doce líquido e deixou o copo sobre a mesa.

O estômago se encolheu. Havia uma gotinha sobre seu lábio e quis lambê-la, provar seu sabor na boca. Marcus pediu outra taça, meio esperando que a roubasse também. Mas não o fez. Simplesmente o olhou. Enquanto esvaziava o copo, a garganta queimando-se, os olhos nunca a abandonaram. Estava tão bonita na penumbra, a fumaça rodeando-a.

Como sempre, o corpo lhe respondeu como se ela estivesse nua, em sua cama, lhe fazendo gestos para que se unisse.

—Tomarei dois mais. —disse Jillian à garçonete.

A estas horas, a morena não estava tão alegre.

—Eu tomarei três. —disse ele.

—Por que não lhes trago uma dúzia? —foi sua cansada resposta— Assim, não terei que continuar vindo.



—Boa ideia — disse ao mesmo tempo em que Jillian dizia: "Excelente".

—Acha que pode tolerar o álcool melhor que eu? —perguntou-lhe Jillian.

—Se não acredito? —Todos seus genes de jogador aplaudiram felizes— Meu bem, sei que pode beber até cair.

Os coquetéis de vodca com laranja chegaram e a garçonete os deslizou um a um pela mesa, suspirando e negando com a cabeça.

—Se não pensaram em chamar um táxi quando chegaram aqui, deveriam começar a fazê-lo agora. —disse, logo se afastou para servir a outra pessoa.

—Seguro que chamaremos um táxi — disse Jillian, reclamando três dos copos. Marcus fez o mesmo. Ela acabou um de um gole, ele em dois. Ela terminou dois mais e Marcus o outro. Quando golpeou o copo vazio contra a mesa, ela riu.

Para o Marcus, o som de sua risada era mágico. Rouco e rico como o vinho. Todo seu rosto se iluminava com a diversão. Tinha que beijá-la outra vez, pensou, antes que a noite terminasse. Tinha que segurá-la entre os braços, sentir seu peito contra o seu. Escutar seus gemidos nos ouvidos.

Sim, disse sua confusa mente. Sim.

—Tecnicamente algumas pessoas considerariam isto como um encontro. —disse ela, pronunciando já um pouco mal as palavras— Só por curiosidade, qual acha que é o maior engano de uma mulher em seu primeiro encontro? Quero me assegurar de não cometê-lo.

—Vestir-se provocativamente. —respondeu Marcus imediatamente, um pouco balbuciante também— Geralmente diria não vestir-se provocativamente, mas esta noite farei uma exceção.

Ela soltou uma risadinha.

—É muito bonito, sabe? —Uma vez que compreendeu o que havia dito, sacudiu a cabeça, congelou-se e perdeu a risada. Pressionou-se os dedos contra as têmporas— Ação incorreta. Enjoada. Palavras incorretas. Estúpida.

—Bom, eu acredito que você é sexy como o inferno. —admitiu sobriamente.

Jillian piscou para ele.

—Você acha?

—Sim.

—De verdade?

—Sim. Certo? Sim.

—Não deveria fazer isso. — brigou sem convicção.

—Sei —se queixou — Igual a você não deveria pensar que sou bonito.

Seus ombros caíram.

—Certo. Agora mesmo, deveríamos odiar um ao outro. Você é meu inimigo.

Ele encolheu os ombros e propôs:

—Os inimigos às vezes dormem juntos.

Jillian pensou nisso durante uns longos e prolongados minutos.

—Se fosse mais amável, poderia... — sacudiu a cabeça, franziu o cenho e fechou os olhos ante outra quebra de onda de vertigem— Não, não posso.



—Posso ser amável — apressou-se ele. Uma imagem deles dois na cama lhe filtrou de novo na mente. Por que não? Perguntou-se de repente. Ambos conheciam as regras do jogo. Nada sério. Nada de matrimônio. Nada de bebês. Com total segurança, podia querer essas coisas nos momentos mais frágeis, mas não com Jillian. A ela, simplesmente a desejava. Com força e durante muito tempo, para sempre.

Não, para sempre não, recordou-se severamente.

—Não pode ser amável —disse séria— Não acredito.

—Deixe-me demonstrar. —antes que pudesse deter-se, estendeu a mão e entrelaçou seus dedos. Sua pele era suave onde a sua era áspera— Enquanto fizermos sexo, serei tão amável que pensará que bombeio em você um montão de açúcar.

Ela se mordeu o lábio inferior.

—Fará isso no sentido das agulhas do relógio ou se retorcerá como um redemoinho?

As sobrancelhas se enrugaram em confusão.

—Francamente, não tenho nem ideia a que diabos se refere. —Fazia isso com algum outro? E por que esse pensamento o enfurecia? Por que fervia de ciúmes?

Uma risada escapou dela, um pouco nervosa, muito excitada.

—Realmente quer fazê-lo? —sussurrou, com um tom escandalizado nas palavras— isto não romperá suas preciosas regras?

—Sou o chefe e te digo que esqueçamos as regras. São estúpidas e eu sou um sujeito amável.

Durante um momento, olhou-o de acima a baixo como se ele fosse seu caramelo favorito. Marcus fazia muito que tinha perdido o controle sobre sua própria mente, seu próprio corpo, suas próprias palavras. Sabia que se equivocava, mas não lhe importava. Desejava-a e devia tê-la. A cabeça flutuava vertiginosamente com esse conhecimento.

—Partirá imediatamente depois? —perguntou Jillian.

—Sem abraços.

—Promete?

—Prometo.

Os lábios se separaram com um quente suspiro.

—Bem. Vamos para minha casa.

Capítulo 13

Vamos amanhã tomar o café da manhã. Chamo você para despertar ou te dou uma cotovelada?

Esta é a primeira coisa inteligente que fiz em toda a semana, pensou Jillian no táxi, durante o caminho de volta a sua casa.



Como se imaginou, nem ela nem Marcus haviam se sentido o bastante sóbrios para conduzir, assim tinham chamado um táxi do clube. Que tivessem tido que fazer tal coisa deveria tê-la detido. Mas não podia deixar de pensar no ato, no sexo... com o Marcus. Por fim liberaria o corpo da teimosia por este homem. Finalmente ganharia um pouco de perspectiva no referente a ele.

Por fim encontraria paz. Uma doce paz.

Depois desta noite, poderia estar em sua presença e não desejá-lo. Porque já o teriam feito, já o teria saboreado completamente. E já que isto estava destinado a ser uma decepção, com certeza que não estaria tão bem como seu corpo esperava que fosse. Nada poderia— não teria que perguntar-lhe mais. O mistério que ele representava acabaria.

Ao menos, isso era o que a nublada mente seguia lhe dizendo.

Senhor, como o desejava. Toda a noite, tinha-o estado observando. Ela não tinha querido cortar com palavras aquela loira grudenta, tinha querido afastá-la de um empurrão. A força do ciúme a tinha surpreendido.

E agora mesmo ansiava outro beijo. Em realidade, ansiava muito mais que um beijo. Um calafrio lhe desceu pela coluna vertebral. Delicioso, um prelúdio do que estava por vir. *Tira o Marcus de sua mente antes que salte sobre ele aqui mesmo.* Com a vista nublada, olhou fixamente pela janela.

Ao princípio a paisagem lhe proporcionou uma vista de espaços abertos, logo as frondosas e verdes árvores começaram a zumbir frente a ela, intercaladas por outros carros. A cabeça lhe deu voltas. As brilhantes luzes iluminavam o rosto de Marcus quando se girou para olhá-lo de novo, seguido rapidamente pela escuridão, logo luz, depois escuridão. Detrás dele, as estrelas cintilavam como diamantes na sedosa e escura noite.

O sangue de Jillian era puro fogo.

Impaciente e excitada, mal podia ficar quieta, inclusive se inclinava para ele. Ou simplesmente era seu mundo o que se inclinava? Não acreditava que jamais tivesse desejado a um homem tanto. Nu. Em seu interior. Gritando seu nome.

—Quer um beijo, Covinhas? —perguntou Marcus em um sedutor sussurro.

Ela negou com a cabeça e logo se amaldiçoou porque a ação a atordoou. O apelido não lhe parecia tão ruim nestes momentos. Soava quase... Afetuoso. Brincalhão.

—Nada de beijos. Agora não. Se começarmos, não pararemos.

—E isso é ruim?

Os olhos vagaram a seus rosados e sensuais lábios. Deliciosamente perversos... e essa delícia era perigosa. A noite tinha que ser uma decepção.

—É bom na cama? —Quando compreendeu que tinha falado o bastante alto para que o taxista a ouvisse. O homem sorria abertamente e os olhava através do espelho retrovisor. Inclinou-se sobre Marcus e lhe sussurrou a pergunta ao ouvido. Por alguma razão, as palavras surgiram igualmente fortes.

Ele lambeu os lábios.

—Suponho que logo saberá.



—Espero que não seja. —lhe disse ela firmemente.

Suas pálpebras caíram a meio caminho, mas ela viu a confusão em seus olhos.

—Isso é ridículo. Por quê?

—Preciso que seja ruim —admitiu— Muito ruim, desse modo jamais quereremos fazê-lo de novo.

—Mas ser ruim pode ser bom — disse ele, sua voz rouca e baixa— Muito bom — os braços rodearam sua cintura e a atraiu ao colo. Ooopsss. Ela deve ter se esquecido de prender o cinto de segurança. — Mmm, seus mamilos estão duros e sua pele, suave — o quente fôlego lhe acariciou o pescoço, as mãos se deslizaram costas acima e se enredou em seu cabelo— Nenhum chifre de diaba — disse, lhe massageando o couro cabeludo.

Rindo entre dentes, Jillian se inclinou mais perto e lambeu com a língua sua candente boca.

—Nada de presas.

Ele soltou uma desenfreada gargalhada.

—E quanto a uma cauda? —Os dedos cobriram seu traseiro e ela tremeu.

—Nenhuma cauda — ofegou Jillian. Quanto faltava para que chegassem a casa?

—Não, nenhuma cauda.

Ela jogou uma olhada pela janela de novo e se surpreendeu gratamente ao compreender que iam pelas tortuosas ruas de seu bairro, composto por casas de tijolo vermelho, rodeadas de pórticos, uma grama bem cuidada, sedans e pequenas caminhonetes estacionadas. Finalmente, o táxi se deteve na entrada de seu caminho.

Sem baixá-la, Marcus tirou a carteira e pagou a corrida. Jillian abriu a porta e saiu a tropicões. Ela riu, ele riu. Quanto tempo tinha passado desde que havia se sentido tão brincalhona? Tão feliz? Tão excitada?

Jillian girou em círculos com os braços estendidos.

—Poderia dançar.

Marcus se equilibrou sobre ela e a envolveu com os braços e ela enredou a mão em seu sedoso cabelo.

—Dança mais tarde.

—Mais tarde. —esteve de acordo já que estava encantada de estar onde estava.

—Vamos lamentar isto — disse, mas não pareceu alterado. Levou-a ao pórtico e só tropeçou duas vezes.

—Está se arrependendo? —Acariciando seu corpo, absorvendo sua força, seu calor animal. Era tãããooo bom.

—Infernos, não.

Procurou na bolsa as chaves.

—Não é como se voássemos a Las Vegas para nos casar. — ela racionalizou.

—Só somos duas pessoas que terão sexo sem amarras.

—Sexo selvagem, luxurioso, sem ataduras. —Fez uma careta— Não, não. Selvagem não. Luxurioso tampouco. Sexo mau. Teremos um sexo péssimo — encontrou a chave por fim. Enquanto a inseria na fechadura, Marcus se aproximou dela por trás. Seu fôlego soprou na nuca



antes que seus lábios chamuscassem a pele com um beijo. Sua língua a lambeu ligeiramente, marcando-a.

Oh. Mais. Por favor. A porta estava aberta, mas ela não entrou. Ainda não. Girou-se e ofereceu a boca ao Marcus. Saboreá-lo se tornou a coisa mais importante no mundo e a única razão para viver. Imediatamente, sua língua empurrou profundamente e seu decadente sabor a encheu. Jillian puxou sua camisa, tirando-a das calças.

Ele a colocou de costas na casa e se afastou um pouco de sua boca.

—Tem um companheiro de apartamento?

—Não. —ofegou ela.

Ziiip. Zíper abaixo, o fechamento no pescoço do vestido ficou aberto, e em seguida Marcus deslizou o tecido sob seus quadris. Este logo se reuniu a seus pés.

—Sai. —ordenou.

Ela saiu. Ele deixou de mover-se, talvez inclusive de respirar. Jillian estava ali de pé, com o sutiã de renda negro e a calcinha combinando, as botas negras contornando as curvas de suas pernas.

—E bem?

—Inferno sangrento. —disse ele em um sussurro reverente.

Os lábios se frisaram em um sorriso.

—Tire sua roupa. Espera! Primeiro fecha a porta!

Depois que Marcus os prendeu dentro, alcançou suas costas e tirou a camisa pela cabeça. Ou o tentou. Tinha muitos botões abotoados e ficou presa em sua mandíbula. Jillian tirou vários a dentada, cuspidos enquanto seguia adiante. Por fim, foi capaz de deixá-lo a um lado e baixou as calças em tempo recorde e, hesitando um instante, os tirou a chutes, ficando só com uma ajustada cueca negra, sua bronzeada pele e seus sexys músculos. A boca se encheu de água.

Seu corpo era uma obra de arte. Seus mamilos eram pequenos, marrons e franzidos. Seu estômago, um perfeito tanque de lavar, cruzada por tendão após tendão de força, os músculos afinando-se até chegar a sua cintura... hmmm. Tenho que lamber essa linha. Um pouco de pelo loiro se espalhava sob seu umbigo, liderando um caminho reto para sua longa e grossa ereção.

—Onde está o dormitório? —perguntou Marcus com tom forçado.

Ela assinalou sem afastar os olhos dele, a mão instável, o corpo excitado.

—Muito longe — a agarrou, arrastando-a à sala de estar e caiu sobre ela no sofá. Seu peso a esmagou deliciosamente, o suave camurça proporcionando uma almofada perfeita.

Instintivamente, estendeu as pernas, lhe dando as boas-vindas mais perto.

—Se disser o nome de outra em algum momento, matarei você. Quero que isto seja ruim, mas não tão ruim.

—O nome de outra? —soprou— Meu bem, é tudo no que fui capaz de pensar desde o primeiro momento em que a conheci.

—Isso é porque me odeia — disse Jillian enquanto arqueava as costas e colava seu centro contra a ereção. Os olhos se fecharam em uma doce entrega e mordeu o lábio inferior— Mmm.

Ele inspirou profundamente.



—Agora mesmo eu gosto muitíssimo.

Ela se arqueou e gemeu de novo.

—Isso é porque estou debaixo de você e virtualmente nua.

—Completamente nua muito em breve. —Logo fez uma pesada pausa, carregada de tensão— Se disser o nome de outro homem, matarei-o.

—Trato feito.

Ele lambeu sua orelha, a que tinha os pingentes, e logo lambeu seu pescoço, pressionando a ereção entre suas pernas.

—Seu sabor é bom.

—Você é tão gostoso. —Os dedos o agarraram pelas costas, beliscando a pele— Minha cabeça dá voltas e meu corpo queima.

—O meu também —amassou um seio— Tem quatro seios ou é que vejo dobrado?

—Vê dobrado. Lamba-os. Os quatro. —As palavras surgiram como um gemido desesperado.

Empurrou a taça do sutiã e a ancorou sob seu seio, deixando a carne à vista. Pronta para saborear. Então a boca desceu. Quente, tão quente, como seu corpo. Chupou. Forte, tão forte, como seu corpo. Sua língua formou redemoinhos experientes.

—Oh, Deus — os quadris se separaram do sofá ante a aguda sensação e se esfregou contra seu pênis— Sim, sim. —Teve que recordar-se que isto era uma transa de uma só noite, que nem sequer gostava deste homem e que, em algum momento em sua vida, tinha experimentado um sexo melhor que este. Certamente o tinha feito — Isto não significa nada. —disse entrecortadamente.

—Menos que nada. Seus seios são o céu.

Dedicou-lhes toda sua atenção de novo, mordiscando-os até que ela gritou, então aliviou a coceira com a língua. Aquela ardência quase acabou com ela... mas não do modo que esperava. Gostava. Oh, como gostava! Queria mais. Isto fazia que se sentisse viva, puro fogo. Como se um cabo estivesse conectado aos mamilos, sempre que Marcus os mordia, uma sacudida elétrica lhe atravessava o corpo.

—Não quero ser amável. —grunhiu ele, pressionando o quadril em um forte apertão.

—Não. Amável não. —Queria ser tomada, violada. Esse desejo a envergonhou e a assustou. Forte, poderoso, animal, assim é como o queria. O que acontecia com ela?

Não, supunha-se, queria-o suave? Terno?

—Duro — disse Marcus. Mas se sentia dividido. Geralmente, tomava seu tempo com uma mulher, desfrutando dela. Poucas vezes tinha relações, o que queria dizer que quando as tinha, procurava conseguir um bom sexo. Mas agora mesmo ele era puro fogo, e o fogo lhe exigia ser rápido e brusco, ainda quando sabia que deveria relaxar, o ritmo não, relaxar jamais, mas a necessidade... era tão escura que não podia lutar contra ela, não queria lutar mais.

Tudo neste momento era sedutor. A paixão clamava pela quente e pesada liberação. Sentia-se violento, erótico, e sabia que isso estava mau, mas oh! Poderia comer a esta mulher por completo, saboreá-la de uma só mordida. A comeria por completo. Não, a machucará. Não a machuque.



—Jillian — conseguiu dizer entre os dentes apertados. Não podia ceder ante aqueles desejos escuros, não podia sucumbir... *por favor, sucumbe.*

—Marcus — ofegou. Os olhos se fecharam e se esfregou contra ele.

Adorava que fizesse isso, mas sempre que ela se movia o empurrava mais perto da borda. Logo perderia o controle e poderia fazer algo que a assustasse. Por isso...

—Jillian — disse outra vez. Tinha que conseguir que entendesse, tinha que fazer as coisas mais devagar.

—Não pare. —foi a única resposta.

Embora lhe requeresse um grande esforço, obrigou ao corpo a permanecer imóvel e olhou para Jillian de cima a baixo. Seus escuros cachos haviam se desfeito e transbordavam sobre as almofadas do sofá. Sua pele estava ruborizada pelo desejo. Ela era puro êxtase, uma deusa do prazer, e se não conseguia que se sentisse tão selvagem com ele logo... por favor, que fosse logo.

Necessitava seus rebolados, seu nome em seus lábios, em sua mente. Seu nome em cada uma de suas células, marcando-a profundamente. Parecia um cavernícola possessivo e primitivo. Seus seios se transbordavam nas mãos. Seu estômago era plano e suave. Perfeito. Suas pernas eram longas e torneadas. Pensou que lhe pediria que levasse aquelas botas postas durante toda a noite.

Ainda contendo-se, tentando recuperar algo parecido à postura, disse:

—Como duro pode tomá-lo? —a voz soou como um grunhido.

Ela não pareceu assustada. De fato, suas palavras pareceram excitá-la.

—Tão duro como pode dar. Simplesmente... faça ou gritarei.

—Tem certeza? —Uma gota de suor lhe desceu pela têmpora e bateu em seu ombro. Virtualmente estava tremendo pela força da necessidade.

Em lugar de uma resposta, Jillian sorriu com malícia e afundou as unhas em suas costas. Cravou-as até lhe tirar sangue. Ele assobiou baixinho enquanto a ereção dava uma sacudida. Sim, sim, isso era exatamente o que queria. Com movimentos bruscos, arrancou-lhe o sutiã e logo, alcançado entre eles, arrancou-lhe as calcinhas. O fraco material se rasgou com facilidade.

Agarrou-a pelo cabelo e a puxou para beijá-la. Os lábios chocaram, seu sabor o alagou, forte como o suco de laranja, doce como a vodca, ambos lhe impulsionando a tomar mais dela. Deslizou os dedos através do suave pelo entre suas pernas e empurrou profundamente dois dedos em seu interior.

—Sim! —gritou Jillian.

Estava molhada, mas a queria ainda mais úmida. Enquanto deslizava os dedos nela, Jillian ofegava, gemia e se retorcia.

—Goze. —exigiu ele— Goze para mim.

—Mar-Marcus — lutou para respirar enquanto as paredes internas apertavam e seguravam seus dedos, mantendo-os cativos. Sacudia a cabeça, os negros cachos caindo em todas as direções— Marcus! —gritou quando gozou.

Poderia ter gozado também, simplesmente ao escutar seu nome sair de seus lábios. Suas unhas se afundaram nas costas de novo e logo cavaram um caminho até o peito. Inclusive quando



seus espasmos se apagaram, ela o continuou arranhando e ele seguiu movendo seus dedos, mantendo o frenético ritmo. Possivelmente também gostava da rudeza. Talvez realmente o desejasse tão forte quanto pudesse dar-lhe.

—Não terminamos. —disse ela.

—Não. Não terminamos.

—Mais. —agarrou sua roupa de baixo e a empurrou pernas abaixo.

Agarrou-lhe as mãos e as fixou por cima de sua cabeça.

—Rodeie minha cintura com suas pernas.

Ela fez sem protestar e sentiu o peso de suas botas, um frio e erótico contraste de sua ardente pele. Jillian ofegava e os seios subiam e desciam com cada respiração. Os rosados mamilos estavam endurecidos, rogando por sua atenção. Os débeis raios de luz que se deslizavam pelas janelas, fluíam sobre a pele nua.

Era uma beleza.

O pênis se levantou em resposta. Arqueando-se, lhe mordeu a clavícula e Marcus grunhiu em êxtase.

—Mais forte.

Seus pequenos e afiados dentes se cravaram até provocar sangue.

Só então ele se deslizou em seu interior de um golpe. O sofá inteiro se balançou com o movimento e Jillian gritou seu nome. Os olhos se fecharam em uma felicidade embriagadora. Isto era o céu. O paraíso. Tão quente, apertado e úmido.

Moveu-se dentro e fora dela, rápido, mais rápido. Com força, mais forte. Não podia conter-se e sabia que ela não queria que o fizesse. Era tão selvagem quanto ele, feroz, justo como ele tinha querido. Ela mordiscou um caminho até o pescoço. Marcus lhe segurou os pulsos com uma mão e usou a mão livre para inclinar seu rosto a um lado. Logo, mordeu-a no pescoço.

Ela gozou.

Ele chupou e sugou e moveu a mão até seu traseiro, espremendo-o e amassando-o, estendendo-a mais. As convulsões do orgasmo se intensificaram e ela apertou e apertou a seu redor, úmida além de seus sonhos mais selvagens. Ela gritou alto e forte. Foi tudo o que necessitou para enviá-lo ao precipício. Os músculos se esticaram e um rugido escapou dos lábios.

—Marcus. —ofegou. O suor cobria a pele, talvez o dele.

—Jillian — lutou para tomar fôlego, para conseguir normalizar o batimento do coração.

Ela não tentou afastá-lo.

—Bom.

Ele a abraçou com força, sem querer partir.

—Muito bom.

Capítulo 14

Que tal sentar-se em meu colo e conversarmos sobre a primeira coisa que



ocorrer?

Georgia Carrington queria chorar (outra vez), soluçar (outra vez), gritar (por fim!), mas não pela razão correta.

Fazia umas horas, Wyatt a tinha recolhido e levado para beber com seus amigos, logo para jantar a sós, onde ele imediatamente a deixou na mão. Deveria ter sabido, devia ter esperado.

Pela primeira vez nos anos que tinha durado sua relação, tinha-lhe permitido vê-la sem maquiagem nem usado creme bronzeador. Parecia algo sem importância, mas tinha sido primordial para ela. Tinha querido testá-lo, ver como reagia Wyatt ante seu aspecto pouco imaculado. E o que tinha feito a primeira vez que a tinha visto menos que perfeita? Primeiro tinha ficado consternado e lhe tinha perguntado se queria sair outro dia. Logo se desculpou ante seus amigos, dizendo que estava “doente”. Mais tarde, no jantar, tinha estado calado e pensativo.

—O que? Nenhuma proposta de matrimônio? —tinha-lhe perguntado sarcasticamente.

Ele avermelhou.

—Falaremos disso quando se sentir melhor.

Foi aí quando Georgia tinha explodido.

—Sinto-me bem! Esta sou eu, Wyatt. A autêntica eu. Com verrugas e tudo. Olhe. Olhe-me de verdade.

As bochechas se avermelharam ainda mais.

—Queria me envergonhar? Castigar-me? Bem, pois fez um maldito bom trabalho. Georgia, tudo o que queria era adorá-la, mas você não me deixa. Demônios, inclusive não me permite me gabar de você. Tentei e você se apresenta parecendo com... isto. —agitou uma mão em sua direção.

—Não sou uma égua de exibição, Wyatt. Não quero que revistem meus dentes e o cabelo sempre que saio de casa. Simplesmente quero ser amada.

É óbvio, ele então decidiu que tinham diferentes conceitos do que significava o amor e que era necessário que tomassem caminhos separados.

—O grande bastardo. —resmungou, querendo chorar porque tinha tido razão. Aos homens só importava sua cara e seu corpo. Não se preocupavam com ela. Bem, já não queria estar sobre um pedestal nunca mais.

Os olhos ardiam, mas conteve as lágrimas. Queria amor, matrimônio e bebês, todas essas malditas coisas. Queria o “e foram felizes para sempre”. Queria... mais. E queria saber que tudo aquilo não se desmoronaria ante o primeiro sinal de problemas ou feiura.

Feia. Simplesmente a palavra a atormentava. Tinha sido uma menina feia e inclusive uma adolescente feia. Muito alta, muita magra, muita pálida, um cabelo muito diferente e indubitavelmente muito vermelho. Traços estranhos, assimétricos. O aparelho dental tampouco tinha ajudado. Nem os grossos óculos.

Tinha sido impopular, só percebida por aqueles que queriam zombar dela. E nem um só rapaz a tinha convidado para sair. Nem o idiota dos idiotas a tinha achado atrativa. E certamente, Brent Greene, o irmão mais velho de Jillian, tinha-a ignorado. Tinha sido um dos rapazes populares



e todas as garotas estavam caídas por ele.

Inclusive ela.

Sempre que recordava o modo em que Brent tinha fugido dela e evitado, doía-lhe. Muito. Inclusive até hoje em dia não podia ver uns espaguete sem chorar por isso.

Georgia soltou um vacilante suspiro. Não teve o primeiro encontro até a avançada idade de dezenove anos, quando os seios por fim se desenvolveram, os traços faciais mudaram, ganhou um pouco de peso e lambuzou a pele com creme bronzeador. E mais, até que não tirou o aparelho dental e comprou lentes de contato.

Naquele primeiro encontro, com um sujeito chamado Harper, ele tinha conseguido meter-se sob suas calcinhas sem muito esforço. Tinha estado tão desesperada por afeto, tão necessitada, que recordá-lo ainda a envergonhava. Ele elogiou sua beleza algumas vezes e não foi capaz de afastar os olhos dela. O sexo tinha estado... bem. Sem incidentes. Nada para rir bobamente ou suspirar.

Depois, jamais ligou para ela de novo. Ela tinha sido muito fácil, compreendeu. Mas aprendeu uma valiosa lição essa noite: Exiba-se linda, mas permanece distante. E assim, com aquele novo conhecimento, embarcou-se em uma odisseia de encontros. Tinha saído constantemente, com diferentes homens. Eles só viam o melhor dela e jamais lhes permitia tocá-la.

Todos a tinham adorado, tal como Wyatt suplicava querer fazer. Não podiam deixar de lhe elogiar a figura, o rosto, o cabelo. A confiança cresceu, cresceu e cresceu. Então conheceu Wyatt, um assessor financeiro. Embora tivesse parecido extremamente interessado em seu rosto e seu corpo, igual a todos outros, apaixonou-se por ele porque também pareceu estar interessado em sua mente. Tomou seu tempo para averiguar o que gostava e o que não. Tinha-lhe perguntado sua opinião sobre um montão de coisas, desde política até as sobremesas. Possivelmente não tinham tido muito em comum, mas ao menos ele tinha feito o esforço de chegar a conhecê-la.

Finalmente, permitiu a outro homem que a levasse a cama. Tinha sido maravilhoso. Muito satisfatório fisicamente, mas emocionalmente...

Esfregou as têmporas para aplacar a repentina dor.

Logo, fazia uns meses, tudo mudou. Wyatt lhe pediu que se casasse com ele. Quase imediatamente, pareceu deixar de interessar-se por ela como pessoa. Converteu-se em um objeto, uma coisa, uma posse, igual a tinha sido para todos outros.

Cada vez mais, preocupou-se com o dia em que Wyatt visse a mulher imperfeita que realmente era. Perguntou-se o que aconteceria quando ele visse além de seu exterior e se deparasse com a menina feia e necessitada de seu interior.

Agora já sabia.

Por que o “para sempre” era possível para outros menos para ela?

Georgia se deitou na cama, observando o tênue tecido branco que cobria os quatro postes da cama. Inclusive através do material, podia ver o brilho das estrelas de plástico que tinha colado no teto. Fazia uns momentos, tinha terminado a sexta taça de vinho, por isso as estrelas pareciam girar. Suspirou de novo. Deveria ter-se detido na segunda, mas tinha pensado em Wyatt e bebeu,



pensou no Brent e bebeu ainda mais.

Durante o dia, podia pretender ser despreocupada e luxuriosa ante qualquer homem, mas aqui, agora, a verdade brilhava com muita intensidade para ser negada. Irônico, considerando o escuro que estava. As noites sempre foram ruins para ela, a sós com os pensamentos, a sós com os problemas. Esta noite era pior que de costume. Alguma vez poderia ter o “felizes para sempre” que tanto ansiava?

A campainha da porta soou de repente, e se endireitou.

A ação fez que a cabeça desse voltas. Georgia gemeu e jogou uma olhada ao relógio sobre a mesinha de noite. Onze horas. Quem a visitaria esta hora? Wyatt? Tinha vindo desculpar-se? Queria que voltassem? Bem, a resposta era não!

Tocaram a campainha outra vez.

Por costume, estudou-se no espelho da cômoda. A bonita camisola rosa e o robe combinando que usava estavam um pouco enrugados. Verificou a maquiagem. Rasgões de lágrimas, mas ainda estava em seu lugar. A tinha aplicado antes de deitar-se, pondo o escudo em seu lugar. De novo, por costume... um costume que tinha adquirido quando ela e Wyatt saíram pela primeira vez, no caso de que a visitasse de noite. Inclusive depois que tinham deixado de deitar-se juntos, tinha mantido a máscara em seu lugar. Uma garota nunca sabia quando ia precisar apresentar seu melhor aspecto.

Cabelo... um pouco despenteado. Engatinhou e agarrou a escova mais próxima. Deixaria que Wyatt visse a mulher com a qual uma vez quis casar-se, a mulher que jamais teria de novo. Franzindo o cenho, passou a escova, depois a lançou à poltrona e se dirigiu a tropicções para a porta. A sala de estar era uma mistura de texturas e cores. Violeta, safira, rubi, vime, veludo, seda. Tudo combinando com seu tom de pele.

Ding dong.

—Posso ver sua sombra, Georgia. Sei que está aí. —disse uma voz masculina. Uma sexy voz masculina que não pertencia a Wyatt. Uma sexy voz masculina que, de fato, pertencia a Brent Greene. Um estremecimento a atravessou; era uma voz que reconheceria em todas as partes, em qualquer momento.

Sentiu-se enormemente contente de que fosse ele e não deveria está-lo. Não agora.

—O que faz aqui, Brent? —Mas já sabia a resposta.

—Queria vê-la. Abre.

—Poderia ter companhia.

—Não a tem — disse. Sua voz tensa.

—Bebi muito. Não querará estar a meu lado.

—Meu amor, isso me faz querer estar a seu lado ainda mais.

Meu amor... Todos tinham um apelido carinhoso para ela (Wyatt a chamava sua Abóbora por seu cabelo), mas só Brent a fazia sentir-se... querida.

—Brent. —disse, apoiando a testa contra a fria madeira da porta. *Mande-o embora. Antes que esqueça seu orgulho.*

Mais que falar com ele, olhá-lo sempre lhe provocava uma dor no peito. Constantemente



tinha que recordar-se que não era um homem para ela, que a tinha rejeitado muitas vezes. Que podia tê-la tido fazia muito tempo, mas que a tinha achado repulsiva.

—Georgia —disse Brent— Por favor.

Cambaleou-se, um pouco enjoada. Adorava como dizia seu nome, até gostava mais que quando a chamava seu amor. Tinha contado a suas amigas que tinha deixado de deitar-se com Wyatt porque não tinha decidido que fazer ante sua proposta de matrimônio. Mas sabia a autêntica razão, a razão que não teria admitido nem sequer ante si mesma se não tivesse estado um pouco bêbada. Tinha começado a sentir que enganava Brent. O que era estúpido. Completamente estúpido.

—Só quero conversar. —disse ele brandamente.

Com mão instável, incapaz de deter-se, tirou a chave e abriu. Brent se apoiava contra o umbral, a cabeça recostada contra o braço. Tão masculino e tão atrativo. A luz do alpendre se derramava sobre seus traços, reverentes, dourados. Seu cabelo negro estava totalmente desordenado, pendurando sobre suas sobancelhas. Seus lábios estavam curvados em um sorriso de boas-vindas.

Enquanto ela tinha que lutar para conseguir a perfeição, ele a exalava sem esforço.

Brent usava uns descoloridos Levis e uma camiseta branca. A visão daquela roupa que abraça seus músculos fez a sua boca salivar.

—Do que quer falar? —perguntou, esforçando-se para manter um tom casual.

—Posso entrar?

—Não. —estendeu os braços, bloqueando a entrada. Se entrasse, poderia beijá-la. Ou rogar por mais. Agora, tão vulnerável e cheia de vinho como estava, não seria capaz de resistir a seu potente encanto— De novo, do que quer falar?

—De qualquer coisa. —Sacudiu a cabeça, desprezando a si mesmo— Não podia dormir. Continuava pensando em você, na tristeza que ouvi em sua voz hoje, e decidi vir.

—Saio com alguém, Brent — mentiu, virtualmente arrancando as palavras. Não podia lhe dizer a verdade; ele se jogaria em cima dela... e ela deixaria— Não pode continuar entrando em contato comigo desta forma. —como sempre, doía-lhe lhe dizer que não, mas era inadequado para ela, muito. Ele não queria o seu autêntico eu mais do que Wyatt o fazia.

—Não quero que o veja mais —resmungou Brent— Ele não é bom para você. Sinto-o na alma.

—E você sim? É bom para mim?

—Sim. —Não havia nem um tom de dúvida em seu tom. Aproximou-se, espreitando-a, afogando-a com seu picante aroma— É minha.

O ar queimou nos pulmões ante essa possessiva proclamação. Tão dado ao flerte como ele era, geralmente nunca lhe falava assim.

—Só me dê uma oportunidade para demonstrar quão bem poderíamos estar juntos. —A cara estava séria, suplicante.

—Não. —Com ele, preocuparia-se de seu aspecto mais do que jamais o faria com o Wyatt ou algum outro. A ele, perderia ante o primeiro cabelo branco ou o primeiro quilograma a mais que



ganhasse. E perdê-lo a mataria... isso também sabia.

—Por que não? —exigiu Brent— E não se atreva a me dizer que ama a esse filho da puta do Wyatt. Ele não é para você, e no fundo você também sabe.

—Quer a verdade? —Georgia se encontrou repartindo golpes a torto e a direita. Sem o vinho no sistema, jamais o haveria dito, mas agora, as palavras pareciam fluir da boca— Muito bem, direi isso. Você acreditava que era feia na escola. Você...

—Nunca pensei que fosse feia — interrompeu severamente, o fogo ardendo nos olhos.

Ela continuou como se não tivesse falado:

—Não podia escapar de sua casa o suficientemente rápido cada vez que ficava passando a noite com Jillian. Só me quer agora porque finalmente acha que sou bonita. Bem, e o que acontece se piorar, huh? O que, então? —Empurrou-o pelo peito com o dedo— Ainda irá me querer?

—Sim. —Parecia muito seguro.

—Demonstre isso.

Suas pálpebras baixaram até quase fechar-se, mas, de algum modo, ela ainda pôde ver seus olhos formar redemoinhos e agitar-se.

—Desejava você na escola. Por isso sempre fugia de você. Era muito jovem para mim e, além disso, era a melhor amiga de minha irmã caçula. Se eu tivesse ficado ao seu redor, faria algo a respeito com essa atração. E não teria sido capaz de viver com a culpa.

Mentiroso! Mas oh, as palavras eram tão poderosas. Sedutoras. Quase se afundou em seus braços abertos. Quase colou os lábios aos seus.

—Ainda sou mais jovem que você e ainda sou a melhor amiga de sua irmã.

—Sim, mas agora é uma mulher. —grunhiu baixinho, como um animal— O que preciso para te demonstrar que a amo, para demonstrar que eu gosto de quem é, não o que parece? Isto? —Agarrou-a pelos ombros e a arrastou para o corpo.

Os peitos tropeçaram contra o seu, colando-se a ele. Seus lábios caíram abruptamente sobre os seus, sua língua saqueou a boca perfeita, profunda e docemente. Ela não pôde deter-se e gemeu.

Sem sua permissão, os braços se elevaram e envolveram seu pescoço. Enquanto as línguas lutavam, compreendeu que jamais tinha provado nada tão decadente, tão embriagador.

Ele não reduziu a marcha, nem lhe deu tempo para pensar. Cavou uma mão em sua nuca e moveu sua cabeça em um ângulo melhor para tomar mais de sua boca, e enredou a outra em seu cabelo, apertando, espremendo suas mechas como se temesse que se afastasse. Brent lhe deu um incrível beijo atrás do outro.

Aqui está; aqui está seu sonho. Aqui há muito mais.

O calor lhe invadia o sangue, todo o corpo, e era tanto uma tortura como puro êxtase. Céu e inferno. Porque sabia, que por muito bom que fosse, jamais poderia tê-lo de novo. Ser perfeita era muito exaustivo. Já não mais, pensou. Já não mais tensão. Já não mais Brent.

Mas, mas...

Desejava-o tanto. Sempre o desejou. Queria-o de todas as formas imagináveis. Não havia



maneira de negar aquilo agora. O beijo se aprofundou e o prazer se disparou através dela, um prazer muito intenso. Só então Georgia compreendeu que se esfregava contra ele, arqueando o púbis contra sua dura e grossa ereção, imitando o ato sexual. Suas mãos tinham abandonado o sedoso cabelo e lhe apertavam o traseiro.

Ela se afastou, conseguindo assim não tocá-lo de nenhum modo.

—Não!

Brent esfregou uma mão pelo rosto.

—Amo você, Georgia —disse ofegando— Sempre a amei.

Ela negou com a cabeça e se afastou três passos. A respiração era entrecortada, errática, e fraca como a sua. O corpo lhe doía por outro beijo, carícia ou o que fosse dele. Só dele.

—Não. Ama a perfeição.

Um músculo palpitou sob o olho direito.

—Que amo a perfeição? Quando jamais aspirei a ela eu mesmo? —mofou-se— Eu gosto das sardas que há debaixo dessa maquiagem. Eu gosto do agudo som de sua voz quando está contente. Eu gosto...

—Não. —insistiu temerosa de começar a acreditar nele. — Não.

Ele passou a língua pelos lábios.

—Então, me mostre o pior de você, meu amor. Deixe-me demonstrar que não a quero só por seu bonito rosto. Ao menos, me dê uma oportunidade.

Ante suas palavras, uma maravilhosa e ao mesmo tempo aterradora ideia surgiu em sua mente. Os olhos se aumentaram enquanto contemplava a única coisa que podia fazer para provar que sua aparência não significava nada para ele. Possivelmente foi o vinho... possivelmente o desespero... de todas as formas, ela piscou.

—Bem. Mostrarei a você o pior de mim amanhã. —lhe disse e fechou a porta no seu nariz.

O que planejava ela fazer?

Brent permaneceu diante da porta durante muito tempo, sorrindo amplamente como um idiota. O que planejasse não importava, supôs. Agora mesmo, tudo o que lhe importava era o que acabava de acontecer.

Quase tinha feito amor com ela justo aí, na entrada. Fora, sob a luz do alpendre, onde qualquer um podia vê-los. Ela provavelmente não tinha nem ideia do perto que tinha estado de lhe arrancar a roupa e atirá-la ao frio cimento. Mas tinha mantido as mãos em seu cabelo, como um cavalheiro, sem querer assustá-la. Não quando por fim fazia progressos com ela.

E que doce progresso!

Parecia que a conhecia sempre, mas esta noite tinha sido a primeira vez. Antes, continuamente o rechaçava e afastava. Desta vez, entretanto, tinha deixado que a beijasse, saboreasse e tocasse como um amante. E tinha respondido!

Brent tinha esperado este momento durante mais anos dos que podia recordar e este tinha ultrapassado todos seus sonhos, todas suas fantasias. O que lhe havia dito era verdade. Quando eram mais jovens, tinha-a desejado. Tinha-a querido. Só os separavam uns poucos anos de



diferença, mas atrás no passado, Georgia tinha parecido imensamente mais jovem. De todas as formas, tinha sido a coisinha mais linda que jamais tinha visto. Seus óculos constantemente se deslizavam por seu nariz e seu sorriso... aquele aparelho dental tinha sido adorável.

Seu cabelo não tinha mudado, ainda era a mesma sedosa massa ruiva pela qual ele sempre quis passar os dedos. Já não era aquele tímido duendezinho que lhe atraía o coração, mas se deu conta que isso não diminuía sua atração. Gostava da lembrança de quem tinha sido e o conhecimento de quem era agora: enérgica, forte, indubitavelmente sexy. Exceto...

Brent remontou um dedo sobre os lábios. Ao final, justo antes que Georgia lhe fechasse a porta, tinha visto um brilho incrédulo em seus olhos. Sim, essa era a melhor palavra para descrevê-lo. Incrédulo. Por quê?

Ao princípio, ela tinha estado instável sobre seus pés, tão vulnerável e triste que o coração tinha se encolhido de dor. Perversamente, esperou que houvesse problemas no paraíso. Esperava que Georgia começasse a compreender que o idiota do Wyatt, que nunca tinha conhecido, mas que tinha odiado desde o começo, não era adequado para ela. Não se sentiu culpado por aquele pensamento. Georgia era dele; pertencia-lhe. A ninguém mais. Depois daquele beijo, seria mais amável e jogaria mais devagar. Por medo de assustá-la. Tentaria ganhá-la lentamente, mas seguro.

Brent iria para todos.

—Faça isso —sussurrou para a porta— Mostre-me o pior. —Não podia esperar.

Georgia cambaleou até o banheiro e se estudou atentamente no espelho, com a tesoura na mão. Tinha bebido outro copo de vinho e a cabeça lhe dava mais voltas que antes. “Deixe-me te demonstrar que não a quero por seu bonito rosto”, havia-lhe dito.

Se fizesse isto, abandonaria-a; sabia que o faria. Mas... *estou tão cansada de fingir ser perfeita*, pensou outra vez. Melhor que a rechaçasse que suportar outro momento de preocupação. Estaria o cabelo em seu lugar? A maquiagem era o correto? Mantinha o corpo na linha e livre de celulite? Puf! Parecia uma borracha, estirada tão forte que poderia romper-se em qualquer momento.

—Simplesmente faça —grunhiu— Ele quer ver o pior de você, assim mostre a ele.

Antes que se arrependesse disso, Georgia começou a cortar. E cortar. E cortar.

Capítulo 15

Esse conjunto fica muito bem em você... mas ficaria muito melhor em um amontoado amassado ao lado de minha cama.

Todo o corpo de Jillian doía. A cabeça lhe pulsava com a força de um tambor de guerra. Os braços palpitavam. O pescoço palpitava. As pernas palpitavam. Sentia-se como se tivesse



combatido uns *rounds* (milhares) com um boxeador de peso pesado.

Estaria doente? Moribunda?

Senhor, o que tinha acontecido ontem à noite? Tinha sido sábado, um dia de trabalho para todos na AATP, e tinha ido a um clube, tinha tomado umas taças... hei! O que lhe palpitava sob o peito? E por que estava tão quente? Parecia que uma manta elétrica a envolvia e funcionando ao máximo.

Volta a dormir, suplicou sua mente. *Dorme e sonha*.

—Não posso. —resmungou, apertando os lábios secos. Tinha que ir trabalhar e... Espera, hoje não trabalhava. A noite passada foi sábado. Hoje é domingo. Seu dia livre. Embora em realidade tivesse um encontro para almoçar com sua mãe.

Gemendo, Jillian entreabriu as pálpebras, permitindo a luz entrar gradualmente em sua consciência. O sol era brilhante, muito brilhante, e o laranja e dourado nublavam a visão. Depois de uns segundos, foi capaz de distinguir partes e mais parte de bronzeada, machucada e mordida pele... que não era dela. Esta pele cobria firmes e duros músculos.

—Mas que... — uma aguda dor lhe transpassou a cabeça e soltou outro gemido. Inclusive o estômago lhe doía, retorcendo-se e lhe provocando náuseas. A boca era como algodão. Quanto tinha bebido ontem à noite?

Jillian afastou a vista do homem que obviamente tinha dormido com ela, uma sedutora imagem lhe cintilou através da mente. Uma imagem de seu novo chefe, nu, pulsando nela. Doce Cristo. O horror se deslizou pelo corpo. Tinha dormido com o Marcus, e aquelas imagens em realidade eram lembranças. E eram deliciosas. O horror se intensificou.

Como, como se supunha que lidaria com isso?

—Acorda. —disse a voz instável.

Ele gemeu e soltou:

—Silêncio. Minha cabeça dói.

Voz rouca, e ligeiramente acentuada. Ontem à noite, aquela voz lhe sussurrou coisas sexys. O que lhe diria agora? Ela engoliu ar. Marcus estava atravessado sobre o sofá de bruços, a cabeça girada a um lado, o traseiro marcado por arranhões. A cabeça descansando sobre ambos os braços. Tinha o cabelo revolto; os lábios cheios e rosados, e uma ligeira sombra de barba. Os cílios eram espessos, longos e negros.

O quente e masculino aroma “um aroma feito só para o pecado” impregnava nela, fundindo-se com a pele e as células. Oh, agora sim que estava em problemas! Jamais o veria da mesma forma de novo. Agora, sempre que estivesse em sua presença, pensaria em seu pênis bombeando em seu interior. Merda!

Levantou-se a tropicções, afastando-se dele. Grave engano. O estômago se revolveu e se cambaleou. Correu ao banheiro, mas não chegou a vomitar, simplesmente deu arcadas. Estremecendo, escovou os dentes e se estudou no espelho.

—Deus querido. —grasnou.

Estava nua (exceto pelas botas), e tinha contusões e sinais de dentadas por toda parte, igual a M... Ele. Poderia alguém morrer de vergonha? Por favor!



—Jamais voltarei a beber. —resmungou.

Aparentemente, quando o fazia, saltava sobre homens atraentes e lhes permitia fazer todo tipo de coisas perversas. Mordê-la... Seguro. Açoitá-la... Onde estava a raquete? Como podia ter dormido com seu chefe e inimigo jurado? Como?

O cabelo era uma massa negra enredada. Os lábios estavam inchados e o rímel corria pelas bochechas. Com uma mão instável, agarrou o penhoar do cabide, o pôs e amarrou o cinturão. Lavou o rosto, mas a água fria não fez nada para lhe refrescar a ardente pele.

Jamais tinha experimentado tantos e intensos orgasmos como essa noite. E tinha sido Marcus quem os tinha dado.

—Nem sequer você gosta dele. —se recordou.

Jillian franziu o cenho enquanto tirava as botas. Ontem à noite, Marcus tinha sido amável e encantador. Irresistível. Na verdade, divertiu-se com ele. Pela primeira vez em anos, relaxou com um homem. Falou com um homem que não era um objetivo.

“Qual é o engano maior que uma mulher pode cometer em seu primeiro encontro? Quero me assegurar de não cometê-lo”.

“Vestir-se provocativamente”.

A conversa jogou através da mente. Ele tinha tido um perverso brilho em seus olhos quando disse isso, um sedutor diabo que tentava atraí-la, tentá-la.

“Partirá imediatamente depois?”

“Sem abraços”.

Ambos gozaram. Ambos culminaram. Ele devia ter partido. Em troca, atraiu-a a seus braços e ela deixou. Inclusive o abraçou, feliz, e se afundou em um satisfeito sono. E uma parte dela se alegrava disso.

Já havia despertado? O que estará pensando? Indecisa, entrou na sala de estar. Marcus já estava levantado, vestindo a cueca e os jeans. Jillian pegou um vislumbre de seu traseiro, antes que os pusesse rapidamente. Tentando parecer despreocupada, apoiou-se contra a parede e cruzou os braços sobre o estômago. As bochechas se ruborizaram quando descobriu as calcinhas e o sutiã rasgados em um canto.

E se ele se arrependesse? E se odiava a si mesmo por ter-se deitado com ela? As mesmas coisas que ela deveria sentir.

—Provavelmente não deveríamos falar disto. —disse ela tão indiferente como foi possível.

Lançou-lhe uma rápida olhada sobre o ombro. Os olhos marrons eram escuros, quase negros, e a expressão severa. Havia um círculo vermelho sob o olho esquerdo.

—Isso é o que realmente quer?

Não.

—Sim.

Falar sobre o que tinha acontecido seria muito embaraçoso, fizeram coisas muito... rudes.

Franzindo o cenho e em silêncio, Marcus se inclinou e recolheu a camisa. Os músculos saltaram sob a pele, mas ainda assim conseguiu mover-se com fluída graça.

—Estou despedida? —perguntou, ainda tentando parecer casual— Rompi outra regra.



Durante muito tempo, não falou. Simplesmente abotoou silenciosamente a camisa... menos alguns botões.

—Não quer ser? —perguntou ele brandamente.

Pareceu meio esperançado ou meio... assustado?

—Não.

—Não, não está despedida. Eu também quebrei a regra e não penso em despedir a mim mesmo.

Seus olhos se estreitaram. Ela acreditou escutar algo em seu tom, um tácito: acredito que dormirmos juntos foi castigo suficiente.

—Depois disto — se encontrou dizendo—, estou segura que terei que assistir a terapia para tratar minha desordem de estresse pós-traumático.

—Não tente me dizer que não gostou —grunhiu entre dentes— Sei por seus atos que o fez. Tenho marcas para demonstrá-lo.

Sim, ela tinha desfrutado de cada momento em seus braços. Inclusive lhe tinha rogado por mais. “Mais forte”. “Não pare”. Teimosamente, negou-se a responder.

—Obviamente, nossa perda de juízo foi devido ao álcool. —disse ele.

—Sim. —O alívio a golpeou... ao menos, essa é a única emoção que admitiria. Que Marcus acreditasse que abrigava sentimentos por ele... era mais embaraçoso que dormir juntos. Se gostasse, pois teria sido um assunto diferente. Talvez.

Ele se deixou cair no sofá, apoiou os cotovelos sobre os joelhos, e afundou a cabeça nas palmas abertas.

—Sabe que não usava camisinha, verdade?

Ela fechou os olhos. Merda!

—Diga-me que toma pílula.

—Tomo, mas, e quanto ao outro?

Quão mais estúpida podia ter sido? Sempre insistia em que seu companheiro usasse uma camisinha. Sempre! Mas nem sequer lhe tinha dedicado um segundo pensamento a noite passada.

—Estou limpo — a olhou, com uma sobrancelha arqueada— E você?

—Sim.

Ele expulsou um cansado suspiro. Ela também tomou um momento para respirar, mas falhou em tranquilizar-se. Sem camisinha. Sem uma fodida camisinha. Se não tivesse proposto em lhe demonstrar que podia beber mais que ele, não estariam nesta situação. Não teria caído na tentação que ele representava... ou isso acreditava.

—Jillian — disse, logo fez uma pausa. A expressão na cara se abrandou, mas ainda seguia parecendo torturado.

—Olhe —disse ela— Agora mesmo, ambos estamos ao limite. Ambos queremos esquecer o que aconteceu. Não há razão para recriminar nada um para o outro, verdade?

—Não posso acreditar que fôssemos tão estúpidos. —Negando com a cabeça, ele se inclinou para diante, agarrou os sapatos, os calçou e se levantou— Eu... —encolheu os ombros— Ia dizer que ligarei para você, mas acredito que os dois preferem que não o faça. Verei você no escritório.



Com isto, dirigiu-se rapidamente à porta, abriu-a, saiu fora e a fechou de repente atrás dele. Por fim. A sós com seus pensamentos.

—Nunca serei a mesma de novo. —resmungou, deixando cair a cabeça. O queixo pressionou contra o esterno. A vida no trabalho ia ser difícil e tensa. Tinha provado a fruta proibida, e uma vez provada...

—Onde está meu carro? —De repente, Marcus estava de retorno em sua sala de estar. Franzindo o cenho, lançou os braços ao ar— Não está no caminho de entrada. E nenhum é seu carro.

Jillian começou a entrar em pânico... Até que recordou o passeio no táxi onde se sentou em seu colo e o tinha beijado. Esfregou as têmporas.

—Chamarei um táxi. Podemos voltar para o bar para buscá-los.

Seu cenho se fez mais profundo.

—Eu chamarei o táxi.

—Eu... — O que? Beijaria você outra vez se me pedir isso amavelmente? Isso era o que bobamente queria fazer. Ele tinha reaparecido e o impulso se acelerou em seu interior. Sim, fruta proibida— Irei me arrumar. —Entrou no banheiro e rapidamente tomou banho, seu olhar fixo na persistente marca de amor que Marcus lhe tinha deixado.

Por que, por que, por que tinha sido ele o único que lhe tirou os instintos primários?

Por que não pôde outro homem, em algum momento de sua vida, dar-lhe prazer tão experientemente? Por que tinha cedido ante a tentação?

Ela recordou a razão fundamental: seriam muito maus fazendo amor e assim deixaria de desejá-lo. Incorreto. Agora o desejava ainda mais. Queria passar mais tempo explorando seu corpo, saboreando-o, desfrutando dele. Queria lhe dar mais tempo para que a explorasse, saboreasse-a e desfrutasse dela.

Ele deixou muito claro que não quer ter nada mais a ver com você.

Já limpa, vestiu-se com uns jeans e uma camiseta de algodão onde dizia: “Ando com um Estúpido” e uma flecha que assinalava à direita. Teria que assegurar-se de ficar ao lado esquerdo de Marcus.

Não havia tempo para secar o cabelo, o calor faria que se encrespasse de todos os modos, assim que recolheu os cachos em um coque úmido por cima da cabeça. Estava a ponto de aplicar a maquiagem, quando Marcus a chamou:

—O táxi está aqui.

Agarrou a bolsa e as chaves e caminhou com esforço através da sala de estar. As almofadas beges estavam espalhadas por todo o chão e teve que saltar sobre elas. O vestido, o sutiã e a calcinha seguiam ao fundo, enrugados em um montão de tecido e renda. Suas bochechas se ruborizaram.

Marcus estava na porta, sustentando-a aberta e não a olhou nos olhos. Quando saiu ao alpendre, fez uma rápida inspeção do perímetro para assegurar-se de que nenhum de seus vizinhos estava fora. Sobretudo Georgia, que vivia umas casas mais abaixo.

A senhora Franklin, a anciã de cabelos prateados por excelência que vivia justo à direita,



estava sentada sobre a cadeira de balanço de seu alpendre. A bochechas de Jillian se ruborizaram por, o que, a terceira ou quarta vez esta manhã? A senhora Franklin ligaria para sua avó e sua avó ligaria para sua mãe. E o almoço familiar se celebraria dentro de umas poucas horas.

Merda! Pensou de novo.

A senhora Franklin a olhou fixamente, como se tivesse estado esperando toda a manhã que saísse alguém.

—Seu carro não está no caminho de entrada, Jillian —cacarejou sua erodida voz— Pensei que estava de festa toda a noite.

—Olá, Senhora Franklin — respondeu Jillian. Quis empurrar Marcus de volta dentro da casa— Não sou uma garota de festas, já sabe. Simplesmente deixei meu carro... na casa de uma amiga.

Não estando contente de esperar atrás, Marcus a rodeou.

—Encantado de conhecê-la, senhora Franklin.

Os lábios enrugados da anciã se frsaram em um ardiloso sorriso.

—Quem é seu amigo, Jillian?

—Ninguém. Tenho que partir já. —Correu para o táxi amarelo.

Marcus não lhe sustentou a porta aberta. Não, ele agitou a mão para a senhora Franklin, dirigiu-lhe um malicioso sorriso, e se deslizou no assento de trás. Jillian se sentou a seu lado e fechou a porta de repente.

—Podia tê-la ignorado. —se queixou ela.

Marcus disse ao taxista aonde ir e o carro se pôs em movimento.

—Isso teria sido uma grosseria de minha parte, não acha? E, como me advertiu numerosas vezes, você não gosta que seja grosseiro.

—Isso nunca o deteve antes.

—Um insulto mais de sua parte e visitarei sua vizinha e lhe mostrarei o que fez a minhas costas.

O taxista riu.

Jillian o fulminou com um olhar tipo raio-da-morte antes de retornar ao Marcus. Sua expressão era dura como uma pedra. E ainda assim, se não o conhecesse melhor, suspeitaria que estivesse... ferido. Certamente não.

—Quer que o mate? —disse — Do que se trata tudo isso?

—Trata-se de obter um pouco de respeito de sua parte. —disse ele obscuramente.

—Respeito?

—Assim é.

—Por favor. Me ilustre. Por que eu deveria respeitá-lo?

—Sou... — fez uma pausa, obviamente precisando pensar—, seu chefe.

—Não agiu como tal ontem à noite — resmungou.

A mandíbula se apertou.

—Acreditei que jamais mencionaríamos isso de novo. Que íamos fingir que nunca aconteceu.



—Assim é. Considera-o esquecido. Justo assim — estalou os dedos e lhe deu as costas, olhando zangada pela janela.

A luz do sol brilhava intensamente, iluminando as casas com suportes de madeira. Verdes árvores logo entraram na vista e passaram por diante, seguidos de altos edifícios de tijolo vermelho rodeados por um maravilhoso céu azul.

Às vezes é uma cadela, castigou-se. Não havia nenhuma razão para falar com ele tão bruscamente. É seu chefe. Apesar de tudo o que passou, na verdade merece algum respeito. Ou talvez devido a tudo o que tinha passado. Nem uma vez ele se desfrutou. Nem uma vez sorriu com satisfação ou fez que se sentisse mal. Simplesmente esteve de acordo com ela, declarando que se equivocaram e que não podiam voltar a fazê-lo outra vez.

—Sinto muito. —se encontrou dizendo— Tem... razão. Devo respeito a você. Só porque me equivoquei ontem à noite, não tenho...

—Nós.

—O que?

—Equivocamo-nos ontem à noite. —disse ele, o tom áspero.

—Certo. — limpou garganta e continuou— Essa não é razão para que o trate como lixo. Depois de tudo, você se sente tão miserável como eu com tudo isto. —Fez uma pausa— Não é assim?

Uma parte dela esperava que ele negasse e lhe dissesse que se alegrava de que tivesse acontecido.

Ele não falou durante muito tempo, logo disse brandamente:

—Correto. Miserável.

Algo dentro do peito dela caiu em velocidade.

—Obrigado pela desculpa. —acrescentou ele.

—De nada.

Alguma vez entenderia a si mesma quando estava ao redor de Marcus? Constantemente fazia uma confusão e golpeava contra sua resolução, tudo com apenas um olhar ou palavra. Em um instante o odiava, e ao seguinte o desejava e agora queria... o que? Uma relação? Promessas? Não, não. Certamente que não.

Mas o tinha provado e que Deus a ajudasse, queria mais.

Capítulo 16

Tem um mapa? Porque acredito ter me perdido em seus olhos.

Marcus acabava de cometer o maior engano de sua vida, mas não podia conseguir lamentá-lo. O que o convertia em um estúpido imbecil, mas assim estavam as coisas. Era um estúpido imbecil, em um táxi com uma mulher que era completamente inadequada para ele. Tinha-lhe dado o melhor sexo de sua vida e ele só queria mais.

E tinha se esquecido de comprovar se a marca de nascimento no traseiro de Jillian tinha se



apagado ou escurecido. Isso sim que o lamentava.

Oh, sim. Ele tinha gostado de fazer amor com Jillian. Duro e selvagem, sem inibições, sem guardar-se nada, sexo louco. E ainda assim, ela tinha se mostrado tão doce, tão inocente, uma combinação de professora de catequese e gatinha sexual que ele tinha admirado a primeira vez que se encontraram. Neste instante, podia cheirá-la. Sabão e mulher. Sua mulher... não, fora esses pensamentos. Mas...

Voltava a ansiar outra amostra. De fato, sua boca salivava por isso.

Com o cascalho rangendo sob os pneus, o táxi parou em seu lugar de destino. O misterioso edifício parecia abandonado; não havia ninguém no estacionamento nem tráfego perto.

Marcus pagou ao condutor e desceu do carro, Jillian o seguiu e saiu pelo outro lado. O táxi arrancou e se afastou a toda velocidade. De repente, estavam sozinhos. De novo. Não era algo bom para eles. Ficaram parados de pé durante vários incômodos segundos, sem aproximar-se um ao outro, o único ruído entre eles o ocasional piar de um pássaro ou o aprazível balanço do vento.

—Bom —disse Jillian— Adeus! — Caminhou para o carro, só a uns passos de seu Jaguar.

—Adeus! —disse ele de maneira cortante e caminhou a passos largos até a porta do condutor.

Quando estiveram ao lado de seus carros, enfrentaram-se. Ela observou algo além de seu ombro. O sol a acariciava amorosamente. Era impressionante. Não usava maquiagem, mas ainda assim parecia mais bonita que nunca. As bochechas estavam ruborizadas e os olhos brilhavam, as pálpebras pesadas, saciadas.

— O agradeceria pela noite passada — disse ela, repetindo suas palavras de antes—, mas ambos sabemos que seria mentira.

A noite passada... Marcus não podia deixar de imaginá-la como tinha sido. Tentadora, sedutora, apaixonada. Nua entre seus braços, tinha cobrado vida. Tinha estado úmida, quente e durante várias horas, ela tinha sido o centro de seu universo. Só ela tinha existido.

Ontem à noite, parecia que tinha dado uma lista a Deus e o grande Homem Ihe tinha concedido cada um de seus desejos. Mamilos que tinham sabor de fruta madura... concedido. Pernas longas e contornadas que abrigassem as suas ao redor com força... concedido. Um sedoso cabelo que se enredasse em seus dedos... concedido. Uma fragrância que despertasse à besta em seu interior... concedido. Paredes internas femininas que espremessem e chupassem seu pênis... concedido.

—Bom, adeus! De novo. —Apalpou as chaves e se balançou sobre os calcanhares.

—Sim, adeus!

Mas não estava preparado para deixá-la. As coisas tinham acabado mal entre eles e queria suavizá-las. Uma parte dele desejava que eles tivessem despertado abraçados um ao outro, tivessem rido, conversado, rido outra vez e logo tivessem feito amor de novo. Possivelmente mais lento desta vez, mais devagar.

Ela quer esquecer o que aconteceu, idiota. Deixa-a ir. Mas era duro, muito duro.

Jillian clareou a garganta.

—Acredito que também deveríamos esquecer sobre a aposta. Estamos em paz, não nos



devemos nenhum dinheiro.

—Boa ideia.

Ela baixou a vista aos pés.

—Bom.

Ele não respondeu, porque as palavras que queria dizer não eram as palavras que deveria dizer.

—Bem, então. Adeus! Mas desta vez de verdade. —Ela se deslizou em seu carro.

Ele fez o mesmo, mas esperou que ela se afastasse um pouco para ligar o motor.

—Maldita seja! —golpeou o volante com um punho.

Já queria ir atrás dela.

Mas se obrigou a pôr o carro em movimento, conduzindo em direção oposta a de Jillian. Com uma mão no volante, um cotovelo apoiado na porta e a cabeça descansando na palma aberta, Marcus suspirou. Feria-lhe no orgulho que o tivesse jogado a chutes esta manhã. Também feria seu orgulho que queria esquecer sua noite juntos, uma noite que ele jamais seria capaz de apagar da mente.

Sobretudo, feria seu orgulho que tivesse querido começar de novo e ela não. “Provavelmente não deveríamos falar disto”, tinham sido suas primeiras palavras. Havia desespero em sua voz, como se temesse que ele pudesse mencioná-lo.

A noite passada deveria tê-la tirado do sistema, mas agora a desejava mais que antes. Deu outro murro ao volante. Não se supunha que as mulheres se tornavam toda doçura e suavidade depois do sexo? Até agora, Jillian tinha demonstrado ser diferente do resto das mulheres que tinha conhecido.

Necessitava um hobby, algo além de trabalhar e pensar em Jillian. O pôquer já não o faria; só pensaria em Jillian e em quanto gostaria de jogar com ela. Talvez comesse a cultivar uma horta ou a fazer bordado ou alguma outra merda assim. Estava agindo como uma mulher, querendo mais do que seu companheiro estava disposto a dar, assim então também poderia ter um hobby de mulher.

Desalentado, Marcus saiu da estrada e deu a volta à via de acesso que conduzia a seu apartamento. Outras duas voltas e um bloco mais à frente e o edifício ficou à vista. Um edifício de estuque branco e marrom, caro, antigo, com janelas sobre cada apartamento. Jillian apreciaria a coordenação de cor do lugar, pensou, logo franziu o cenho. *Deixa de pensar nela*, idiota.

Talvez, simplesmente, necessitava uma namorada. Já tinha pensado em deitar-se com alguém mais, mas possivelmente necessitava uma autêntica relação para proteger-se de Jillian. Uma mulher suave e feminina em que poderia perder-se em incontáveis ocasiões, até que esquecesse todo o resto.

Não, nenhuma relação. Era muito drástico. As relações estavam muito perto do matrimônio e ele jamais queria voltar a viver aquele desastre de novo.

Não saudou nem falou com ninguém dos que pululavam por aí enquanto caminhava a passos largos para seu apartamento, onde tomou banho, afligindo-se pela perda do aroma de Jillian sobre a pele, trocou-se e partiu outra vez. Se ficasse, dormiria. A cabeça ainda lhe doía, mas



não queria deitar-se. Se dormisse, sonharia com Jillian.

Queria aquela mulher fora da mente. Por fim. De uma vez por todas.

Jake vivia só corredor abaixo, assim ali foi. Se alguém podia distraí-lo, esse era Jake. Seu melhor amigo respondeu à segunda batida. Jake usava um quimono vermelho... de entre todas as coisas. Seu cabelo estava arrepiado e as marcas de sono danificavam sua cara.

—Agora usa roupa de mulher? —Saudou-lhe Marcus.

—É para homens, imbecil. E quer me dizer por que desperta às dez da manhã? —perguntou Jake com um bocejo— É coisa de bárbaros.

Marcus roçou ao passar frente a ele. Como Marcus, Jake só estava na Cidade de Oklahoma umas semanas, mas diferente dele, já tinha desempacotado e seu apartamento estava perfeitamente decorado. Quadros emoldurados de sua esposa, Clara, cobria as paredes, seu singelo e feliz rosto sorrindo em todos eles. Tinha morrido fazia dois anos, mas Jake ainda não tinha superado. Possivelmente não o fizesse nunca. Os dois tinham estado casados durante quatro anos e Clara confiou completamente no Jake para que fizesse seu trabalho e não a enganasse. E não o tinha feito. Nenhuma só vez.

Tinham estado apaixonados. Amor verdadeiro.

Marcus jamais teve isso com Kayla, sua ex-esposa. Ela tinha partido e ele queria deixá-la para trás pelo bem de seu orgulho. Não porque sentisse falta dela ou não pudesse viver sem ela. O que sentia por Jillian era mais intenso que o que alguma vez tinha sentido por sua esposa.

Isso o assustava. Havia um montão de fodidas coisas que o assustavam ultimamente. Menino grande!

Ele deslizou a vista sobre o luxuoso mobiliário, notando pela primeira vez que cada um era de diferente cor. O azul marinho do sofá. O vermelho escuro das poltronas. O verde da mesinha do café. O que diria Jillian deste lugar?

Apertou a mandíbula.

—Chatee-a. — disse. Passando uma mão pelo rosto, deixou-se cair sobre o sofá.

Quando Jake se sentou frente a ele, Marcus lhe contou toda a história. O clube, Jillian, a bebida, o sexo. O incrível sexo. A cara de Jake mostrou preocupação, logo entretenimento e depois incredulidade. Umas vezes inclusive murmurou:

—Você é tolo.

—O que devo fazer? —perguntou Marcus, torturado. Se alguém podia ajudá-lo a contornar esta confusão, era Jake. Desde adolescentes, Marcus tinha sido o músculo e Jake o cérebro. Marcus deu uma surra nos meninos que riam do fraco Jake e este convenceu aos professores de que não o castigassem.

Após, Marcus tinha cultivado seu cérebro (um pouco) e Jake tinha desenvolvido seus músculos. Mas havia hábitos que nunca morriam.

—Primeiro, deixe-me recapitular. — Jake acariciou a barba de dois dias do queixo.

—Fodeu com uma empregada...

—Não fale assim dela. —se encontrou grunhindo.

Jake piscou.



—Então não a fodeu?

—Não, eu não a fodi. Fiz... dormi com ela. —Quase disse fiz amor, mas deu um jeito para deter-se a tempo. Isso não era o que eles tinham feito.

—Certo. Dormiu com ela e agora procura uma namorada para não cair na tentação de voltar para fo.... uh, dormir com Jillian de novo.

—Sim.

—Bem, é oficial. É um grande tolo.

—Por quê? —levantou-se, apressou-se a ir para a ampla janela e olhou para baixo, ao coração da cidade. Edifícios altos. Ruas largas. Algumas pessoas passeando pelas calçadas.

—Não sabe nada das mulheres? Não tive um encontro em muito tempo, mas ainda assim posso te dizer que vai diretamente em busca de problemas. Se sair com alguém agora, só a estará usando. Ela sairá ferida e Jillian o verá como o patético e o baboso idiota que é... Isso são marcas de dentadas em seu pescoço?

Marcus sentiu que lhe ardiam as bochechas. Ruborizando-se como uma maldita colegial! Esfregou o pescoço, desejando que as marcas simplesmente se desvanecessem.

—Não troque de assunto. Estava me chamando de patético e baboso idiota.

Os olhos de Jake se abriram como pratos.

—Doce Cristo, é! —disse com um sorriso.

Derrotado, Marcus refez o caminho até o sofá. Tombou-se e olhou ao teto.

—Seu humor está fora de lugar.

—Não, não está.

—Sim, está.

—Não, não está

—Sim, merda, está.

Jake soprou.

—Nunca o vi tão alterado por uma mulher. Nem sequer por Kayla.

Fez-lhe o familiar nó no estômago quando escutou o nome de sua ex-esposa. Casou-se com ela quando tinha sido jovem, estúpido e vulnerável, desejando o *felizes-para-sempre* que seus pais não tinham tido.

Ele tampouco o tinha conseguido. Ao princípio, Kayla o tinha amado. Ele acreditava de verdade. Depois de tudo, tinha-a posto a prova com um chamariz e ela tinha superado. Mas um ano mais tarde, aparentemente sem nenhuma razão, seu comportamento inteiro para ele mudou. Tornou-se retraída, mal-humorada, até odiosa. Marcus ainda não tinha claros os motivos; tudo o que sabia era que depois daqueles doze meses nos que eles tinham prometido amar-se, honrar-se e respeitar-se, tinha-o deixado por outro homem.

E não um homem qualquer: seu médico de família. Um homem que tinha muita barriga e pouco cabelo. Ele estava na mesma situação econômica que Marcus, assim nunca entendeu, nem sequer hoje em dia, como um homem de seu atrativo tinha chamado a atenção de uma beleza como Kayla.

Quando o perguntou, Kayla lhe disse:



—Não espero que o entenda. Eu o amo. Ele é amável, aprazível e... doce. Coisas que você nunca foi e nunca será. Faz-me sentir querida.

Marcus jurou ser todas aquelas coisas para ela. Inclusive lhe suplicou. Merda, rogou-lhe que ficasse com ele. Simplesmente recordar o mortificava. O orgulho era uma sacanagem.

Pouco depois, Kayla se foi sem olhar jamais para trás. Depois de obter o divórcio, escutou que se casou com o feio doutor e agora tinham dois filhos. Mas Marcus não estava amargurado. Só esperava que ambos apodrecessem no inferno durante toda a eternidade.

Mulheres... não sabiam o que realmente queriam e nunca estavam satisfeitas com o que tinham. Marcus tinha aprendido aquela lição muito bem.

Mas logo estava Jillian. Se ela alguma vez se apaixonasse, suspeitava que seria para sempre. Era simplesmente muito apaixonada, muito honesta, e nenhum amável, aprazível e querido doutor seria capaz de fazê-la perder a cabeça. Daria a um homem assim uma joelhada nas bolas.

Embora Marcus não quisesse seu amor, ainda queria seu pequeno e amadurecido corpo. Se só lhe tivesse pedido que ficasse esta manhã!... Ainda o incomodava sua pressa por desfazer-se dele.

—Parece a ponto de assassinar alguém. —disse Jake, interrompendo seus pensamentos.

Marcus piscou. Por um momento, esqueceu-se onde e com quem estava. Olhou para abaixo e viu que com as mãos apertava o tecido das calças, liberou o material e se obrigou a relaxar-se.

—Por que não lhe pede um encontro? —sugeriu Jake.

—A quem?

—A sua mãe, idiota. A quem acha? Deus! Já mencionei que às vezes pode chegar a ser um grande tolo? Peça a Jillian um encontro e se economize esta angústia mental.

—Tenho duas boas razões para não pedir a Jillian um encontro. Primeira... — Marcus levantou um dedo—... diria que não e segunda... — levantou outro dedo—...Não quero sair com ela.

—Babaquices. Quer mais que fo... dormir com ela. Quer passar tempo com ela, conversar com ela, rir com ela e toda essa merda.

O corpo lhe gritava em acordo tanto como a mente gritava em negação.

—Não, não quero.

—Sim, quer. E aqui tem uma notícia de última hora: isso não é em realidade uma merda, em realidade é... bom — Jake pareceu melancólico.

—Se tentasse falar com ela, terminaríamos brigando e gritando com o outro todo o momento. —E logo teria o sexo mais assombroso de sua vida, pensou, tentando desprezar o desejo que se transbordava em seu interior.

Jake agitou uma mão no ar.

—Aparentemente, brigar e gritar deixa-os excitados.

—Não — se queixou Marcus—, isso é premeditação para o assassinato.

—Você é bobo e eu estou cansado. Olhe. A vida é curta e você está esbanjando a sua. Nunca sabe quando morrerá e então não poderá vê-la nunca mais. Asseguro-lhe isso.

Marcus lamentou não poder cobrir as orelhas e bloquear o tom desolado de seu amigo.



—Se quiser Jillian, lute por ela. Esta poderá ser sua única oportunidade. Se ela não estiver aqui amanhã... —Jake clareou a garganta— Assim deixa de tratá-la como se fosse um cogumelo que cresce sobre seus sapatos favoritos. Seja agradável e te asseguro que ela deixará de odiá-lo.

Os olhos se estreitaram. Havia-lhe dito que tratava Jillian como um pedaço de merda.

—Não me olhe assim —disse Jake— Sabe que a tratou mal.

—Sim — admitiu Marcus sem um pingo de culpa—, mas ela gostou.

—Ela lhe disse isso é o que você acha? Espera. Não me responda. —Jake sacudiu a cabeça com desgosto— Parecemos mulheres, falando de problemas como este. Depois, irá me pedir que pinte as unhas dos dedos dos seus pés ou compre para você aquele batom que tanto você gosta.

Marcus lhe fez um gesto obsceno com o dedo.

—Não sou eu que estou usando um quimono.

Jake soltou uma gargalhada.

—Escuta. Está complicando as coisas. Deitou-se com ela e, queira admiti-lo ou não, quer se deitar com ela de novo. Imagina que este é o último dia de sua vida e vá atrás dela.

Sim, realmente queria deitar-se com Jillian outra vez. Incorreto. Ela tinha despertado algo em seu interior, uma besta que tinha estado enjaulada todos estes anos.

Tinha tentado ser amável e apazível com Kayla porque isso é o que ela tinha querido, mas ele não era nenhuma dessas coisas. Não realmente. E Jillian parecia gostar dele, ou melhor, o desejava tal como era.

As duas mulheres eram diferentes em todos os sentidos, refletiu. Kayla tinha sido toda sorrisos, uma mariposa social que revoava de festa em festa. Ela sorria inclusive quando estava zangada. Bom, sorria pra você enquanto te cravava uma faca nas costas. Jillian parecia não se importar um nada com o âmbito social. O mais provável é que ela o atirasse ao chão antes de sorrir. Ela sempre dizia o que pensava, sem importar quão brusca fosse sua opinião.

Kayla lhe tinha frustrado como o inferno. Jillian... adorava.

—Obrigado — disse ao Jake, ficando de pé.

—Sempre que quiser. Exceto pelas manhãs. E possivelmente de noite tampouco.

—Que engraçado. —Caminhou a passos largos pelo corredor e tirou as chaves do bolso. O conselho de Jake lhe dava voltas na cabeça. Deveria afastar Jillian de sua vida tal e como ela parecia querer... ou tentava algo com ela antes que fosse muito tarde?

A uns passos de sua porta, Marcus se deteve e apoiou a testa contra a fria parede. O fato de que Jillian fosse sua empregada não tinha importado ontem à noite. Mas se fazia algum movimento para ela, o mais provável é que Jillian o rechaçasse. Seria humilhante, deixá-la saber seu perverso desejo por ela quando ela não sentia o mesmo.

Por que tinha que ser tão sexy?

Por que tinha seu corpo que ser tão receptivo ao dele?

Maldição! Precisava fazer algo, qualquer coisa para conseguir tirá-la da mente até que lhe ocorresse algo. O escritório estava fechado aos domingos, assim não teria nada que o mantivesse ocupado se fosse até lá. Talvez Jake se equivocasse. Talvez, em realidade, tinha que prestar atenção a outra mulher. Poderia procurar uma mulher que queria ser usada.



De repente, decidiu fazer justo isso e Marcus abriu a porta e se dirigiu a passos longos para a cozinha. Era moderna, em sua maior parte prateada, e o mais seguro é que Jillian quisesse pintá-la de bege.

Recolheu o telefone e marcou o número de uma antiga amante. Ela vivia em Dallas, mas faria a viagem de três horas para vê-la se precisasse. Gostaram do sexo e logo se disseram adeus com facilidade. Sem lágrimas. Sem “te amo”.

Ela respondeu, mas sua voz não era a de Jillian. Sua determinação morreu.

—Sinto muito, errei o número. —disse e desligou. Maldito inferno sangrento!

Tentou-o de novo com outra mulher com a qual tinha saído para jantar fazia umas semanas, esperando terminar com sua depressão. Ela não estava e não deixou nenhuma mensagem. De todas as formas, não podia encontrar nenhuma só gota de entusiasmo por ela tampouco.

Parecia que só Jillian podia.

Como se meteu nesta confusão? Primeiro fez tudo o que estava em sua mão para conseguir que Jillian o odiasse, logo se deitou com ela e agora está pensando em sair com ela.

Jamais ia a sério, recordou-se. Preferia as relações curtas, sem ataduras, onde cada um sabia as regras do jogo e nenhum queria nada mais que viver o momento. Jillian, obviamente, era tão cínica e desconfiada nas relações quanto ele o era, assim que o mais seguro é que não quisesse nada sério tampouco. Talvez pudessem continuar deitando-se juntos, sem emoções no meio, sem ataduras.

“A vida é curta”, havia dito Jake. “Viva este dia como se fosse o último”.

Marcus caminhou até a geladeira e verteu em um copo suco de maçã. Pegou dois analgésicos e os engoliu com o frio líquido. A ressaca lhe nublava a mente. Certamente essa era a razão de seus estúpidos pensamentos, os desejos estúpidos e as estúpidas ânsias. Jillian. Em sua cama. Nua. Agora. Grrr.

Mesmo assim, olhou o telefone outra vez. Com ressaca ou sem ela, ainda desejava a mulher. Não havia forma de negá-lo. Empregada ou não. Com regras ou sem elas. Não desejava a ninguém mais. Profundamente em seu interior, sabia que só a desejaria e isso o assustou. Ele tinha admitido seu temor antes, mas não o tinha enfrentado. Se realmente o enfrentasse, daria poder a Jillian sobre ele e odiava, odiava dar a uma mulher qualquer tipo de poder. Aproveitavam-se deles. Extorquiam-no. E ainda assim...

Desejava Jillian.

Vai fazer isso, sabe que o fará. Sim, o faria. Não perca mais tempo. Ia propor-lhe uma relação sexual. No trabalho, seriam chefe e empregada, nada mais. Mas fora dele, quando algum deles tivesse necessidades, poderia dar uma mão ao outro. Amigos (ou algo assim) com certos benefícios.

Se Jillian estivesse de acordo... tinha que conseguir que o estivesse. Ficaria louco se não fosse assim.

Preparado para vê-la, e começar, agarrou as chaves e cruzou a porta, sorrindo amplamente pela primeira vez essa manhã.



Capítulo 17

*O que diria se voltássemos para o quarto e brincássemos de matemática.
Acrescenta uma cama, subtrai nossa roupa, divida as pernas e nos
multipliquemos.*

Jillian passou a manhã sentada no sofá olhando a um nada, tentando tirar Marcus da cabeça. Mas ele continuava lá, negando-se a partir. Nu, chamando-a com gestos para que se aproximasse. Aparentemente uma parte de seu DNA parecia não ser Jillian sem o Marcus.

Era tão frustrante!

E o que é pior, suspeitava que fosse um amante ainda melhor quando se contivesse. Embora pensasse que, se fosse melhor, morreria de prazer. Suspirou. Quando estiveram de pé no estacionamento, olhando um para o outro, havia sentido o impulso de lançar-se sobre ele, mantê-lo a seu lado e aspirar algo mais que ao simples sexo.

—Isso seria uma loucura. —resmungou enquanto brincava com as pontas do lenço que se atou ao pescoço para ocultar os machucados.

Pensa em outra coisa, merda! Pensa na Anne. Tinha ligado para ela fazia aproximadamente uma hora para ver se eles se reconciliaram. Em lugar de uma resposta, Jillian lhe perguntou pela oportunidade que lhe tinha dado, a que ontem tinha aludido. Anne lhe tinha respondido: “Dei-lhe a oportunidade de encontrar a felicidade, moça. Não está atada ao AATP. Pode romper o ciclo de rechaço e desconfiança”.

Mas felicidade estava muito longe de ser o que Jillian sentia.

Por sorte, o relógio decidiu nesse momento tocar meio dia, obrigando-a a esquecer de Anne e... ao Marcus. Jillian pegou as chaves e a bolsa, dirigindo-se à porta. Era hora de visitar sua mãe, avó, irmão, irmã e sobrinhas. As últimas vezes que se reuniram todos, quase tinham matado uns aos outros. Ela tinha mencionado um caso de trabalho e a seguinte coisa que soube foi que discutiam sobre a infidelidade. Sua mãe escapou para chorar em privado, Jillian tinha gritado para Brent, Brittany tinha gritado com ela e sua avó se jogou em uma soneca para evitar a volátil cena.

Oh, os bons tempos.

O telefone soou, sobressaltando-a. Fez uma pausa, tirando a mão do trinco da porta, ainda fechada com chave. Com o coração pulsando a toda velocidade, precipitou-se ao telefone da mesinha auxiliar e o desprendeceu. Era... poderia ser...

—Olá!

—Trará Georgia? —perguntou seu irmão.

Os ombros caíram com decepção. Não, com alívio!

—Sinto-o, mas não.

—Por que não?

—Você só a incomodaria.



Ele soprou.

—Nunca a incomodo.

—Por favor!

—Bom, a incomodo, mas ela gosta. Tanto se o admite como se não. Simplesmente... ligue para ela e lhe peça que venha.

—Não.

—É uma irmã ruim.

—Não sou sua cafetina. —lhe disse ela.

—Fui a sua casa ontem à noite, certo, e está transtornada por algo.

Jillian franziu o cenho.

—Transtornada? Por quê?

—Não sei. Simplesmente a traga. —e desligou.

Jillian rodou os olhos. Telefonou para Georgia, mas não lhe respondeu. Caminhou até sua casa, viu seu Sedam no caminho de entrada e bateu na porta. Sem nenhuma resposta. O mais provável é que Wyatt a tivesse recolhido e Georgia tivesse passado a noite com ele.

Jillian suspirou, sabendo que Brent se preocuparia com isso.

Enquanto caminhava até seu próprio carro, o sol brilhava com veemência. Durante um momento, só durante um tolo e melancólico momento, quis conversar com o Marcus sobre tempo. Como era possível que sentisse falta dele tão cedo? Franzindo o cenho, apertou o controle remoto e a porta do condutor se abriu.

—Vai sair? —disse uma rouca voz masculina.

Ofegando, Jillian deu a volta. Ali estava de pé no alpendre como se o tivesse invocado. Vê-lo fez que se sentisse como se fosse desmaiar, o ar esvaziando-se dos pulmões. O coração tamborilando no peito, a um ritmo vertiginoso. Marcus. Trocou de roupa, exibiu um par de descolorido jeans e uma camiseta negra que abraçavam seus músculos.

Sabia o que havia debaixo daquela roupa e esse conhecimento provocou a sua mente e corpo. Os mamilos se endureceram; o estômago se encolheu. Merda! Que fazia aqui?

—Vai sair? —repetiu Marcus.

—Sim — respondeu Jillian lutando para agarrar um pouco de ar. Tinha bom aspecto. Muito bom. O cabelo loiro estava ligeiramente úmido e seus olhos marrom obscurecidos por... algo insondável. Determinação, talvez. Desejo? Esperança? Por que esperança? Possivelmente simplesmente era um reflexo de seus olhos.

Uma leve brisa formou redemoinhos entre eles. As frondosas e verdes árvores que se espalharam ao redor de sua casa lhe proporcionavam uma moldura perfeita. Ambos eram presentes da Mãe Natureza, pensou ironicamente. A rudeza de Marcus ao ar livre, o fazia parecer ainda mais selvagem.

Seu olhar se deslizava sobre ela, detendo-se em todos os lugares que ele tinha tocado, apertado e mordiscado.

—Está muito bonita.

Certamente não tinha sido um elogio. Certamente tinha ouvido mal.



—Perdão, o que?

—Está muito bonita, Jillian —disse brandamente, com sinceridade— Linda.

Não. Não tinha ouvido mal.

—Ob-obrigado.

O que ocorria? Por que era tão... agradável? Passou um longo tempo. Olhavam-se fixamente, em um silêncio longo e pesado. Seu olhar era faminto, disso estava segura. A sua mente, agora, estava vazia. Diga algo, idiota!

—Uh, o que faz aqui? —perguntou.

—Há algo que tenho que te dizer.

—Bem. E o que é? —Lutando contra uma intensa quebra de onda de curiosidade jogou a alça da bolsa sobre o ombro.

Espera. Melhor sentir curiosidade que passar mais tempo com ele. Já a boca salivava. Já os dedos lhe picavam por enredar-se em seu cabelo.

—Sinto-o — disse—, agora não é um bom momento para conversar.

“Rompe o ciclo de desconfiança”. A voz da Anne lhe ocupou a cabeça.

—Aonde vai? Possivelmente, não sei, possa ir com você.

Os olhos se aumentaram com incredulidade.

—Quer vir comigo?

Ele encolheu os ombros.

—Por que não?

—Não, sinto muito. —Toda está conversa era um sonho, verdade? Era muito surrealista. Ela se voltou para o carro— Tenho um almoço com minha família.

Em cinco rápidos passos, Marcus esteve ao lado do carro e agarrava a porta, seus dedos marcando-se na janela. De repente, Jillian sentiu seu calor, ainda mais potente que o sol. Cheirou seu pecaminoso aroma e as lembranças contra as quais tinha lutado toda a manhã a alagaram. Os ouvidos se encheram com o som de seus gemidos; sua boca provou o salgado sabor de sua pele.

—Duvido que se importem se levar um convidado. — disse, seu fôlego soprando sobre a orelha. Ele poderia ter lambido as bordas, contornando a cadeia dos pendants, mas não podia estar segura.

Jillian ficou quieta e franziu o cenho. Um cacho se deslizou sobre os olhos e o jogou para trás.

—Não se importariam, mas... —Tudo o que precisava era que sua família visse como reagia ante este homem. *“Rompe o ciclo...”*.

—Tenho que falar com você, Jillian. É importante.

Parecia sério, como se fosse questão de vida ou morte. Sua morte, para serem exatos.

—Sobre o que?

—Direi a você dentro do carro ou de sua casa, mas não aqui fora.

Ela não queria ir a sua casa com ele, não com uma cama (e um sofá) perto. Além disso, simplesmente não tinha tempo. Se chegasse tarde, sua mãe se afundaria em uma monumental depressão porque Jillian não a amava o suficiente para que corresse a vê-la... não é que alguma



vez o dissesse a ela, mas Brent e Brittany ligaram para ela todas as noites durante muito tempo para queixar-se.

Merda. Era, ou agarrar Marcus agora, ou atormentar-se até manhã pelo que tinha a lhe dizer. «*Rompe o ciclo...*».

—Você conduz. —lhe disse, fechando a porta do carro. Que pague a gasolina, já que insistiu em vir.

Algo parecido ao alívio se refletiu em seu rosto e assentiu. Girou sobre os calcanhares e virtualmente saltou sobre o Jaguar prateado. Por que parecia tão feliz? Jillian franziu o cenho. As notícias deviam ser terrivelmente más se ele estava tão feliz de dar-lhe. O estômago se encolheu de dor, a mesma dor que sentiu o primeiro dia que o conheceu, quando entrou no escritório de Anne pensando que iam despedi-la. Realmente só tinham passado dois dias?

Jillian caminhou hesitantemente até o carro de Marcus e se sentou no assento de couro do passageiro. Prendeu o cinto de segurança e respirou fundo. Deu-lhe o endereço de sua mãe e para distrair-se olhou a seu redor. Tudo estava limpo. Nenhuma pinga de pó sobre o painel do carro, nenhuma fibra de grama no capacho.

—E você me chama maníaca da limpeza. —disse.

Sorriu com ironia.

—Suponho que somos mais parecidos do que queremos admitir.

Marcus pôs em marcha o carro. Surpreendentemente, foi música clássica a que ressoou pelos alto-falantes. Jillian tinha esperado um pouco de rock em alguém com uma cara tão masculina (o tempo que tinha usado seu batom não contava). Com vergonha, ele baixou o volume.

—Já que os opostos se atraem, suponho que nós estamos a salvo.

—Os opostos não são os únicos que se atraem. —lhe corrigiu ele.

Certo.

—Assim... do que queria me falar?

—Dê-me um momento para organizar meus pensamentos.

Ficaram calados. Sem desejar parecer muito impaciente, Jillian esperou até que corriam pela estrada e se dirigiam ao Rivendell, um bairro exclusivo para aqueles com dinheiro a gastar. Sua mãe tinha crescido em uma família de classe média, mas se casou com o muito rico pai de Jillian. Durante o divórcio, ficou com a casa e uma grande quantidade de dinheiro.

A vizinha que tinha passado mais tempo na cama de seu pai que sua própria mãe, fazia muito tempo que tinha se mudado. Por um tempo, quebrar as janelas da mulher, arranhar seu carro e envenenar suas plantas tinha sido a única alegria de Evelyn Greene.

—E bem... — o incitou Jillian pela segunda vez. As mãos suavam.

—Nós dois estamos entediados. —começou, logo fez uma pausa.

Bom, não era como ela esperava que começasse. *Mais cedo menti para você, não faço um exame em anos.* Possivelmente lhe dissesse algo assim. Ou, ainda: *estou casado e agora minha esposa quer encontra-la e te mostrar a arma que comprou.*

—Era essa a coisa tão importante que tinha que me dizer e pela que te penetraste em meu almoço familiar?



Dirigiu-lhe um cenho.

—Dê-me um minuto.

—Dei muitos minutos, Mark. A gente não vai a casa de alguém, diz-lhe que tem um assunto de vida ou morte que lhe contar, e logo demora uma eternidade em organizar suas ideias. E agora é um assunto de vida e morte porque morro de curiosidade. —Tanto que parecia muito impaciente.

—Nunca disse que era um assunto de vida ou morte, Covinhas, e meu nome é Marcus.

—Deixou Ronnie com ie chamá-lo de Mark — lhe indicou ela.

—Porque ela não era ninguém. Não me provocou nem um indício de resposta. —Pausa—
Ciumenta?

— Mal. — soprou, sentiu as bochechas arder intensamente e se girou para a janela.

—Sabe o que? Quando estiver nua, pode me chamar do que quiser.

Ah, isso era... era tão...

—Simplesmente... diga-me o que tem a me dizer. Se espera que o senhor Feliz o ajude a explicar, não o faça. Ele só me confundirá.

—Agora está irritada com o senhor Feliz.

Exasperado, sacudiu a cabeça.

—Adiante, continua. Não me importa. Insulte-me. Golpeie-me.

—Não. Você gostaria muito. —resmungou Jillian.

—Provavelmente — esteve de acordo com uma grande quantidade de autodesprezo.

A tensão arterial lhe subiu. Não pela fúria, mas sim por aquele maldito desejo que aparentemente não podia deixar de sacudi-la. Escutá-lo dizer que poderia excitar-se se o golpeava... Os mamilos se endureceram e uma dor lhe palpitou entre as pernas. Maldito, maldito, maldito!

—Do. Que. Queria. Falar? Do que?

As mãos se apertaram sobre o volante e a respiração se tornou irregular quando lhe disse:

—Espero que esteja preparada para isto.

—Simplesmente fale

—De acordo. Aqui vai. Você está solteira e eu também. Acredito que deveríamos começar a dormir juntos.

—O que! —Incrédula, girou-se no assento, a correia do cinto puxando e lhe apertando o estômago— Importaria-se de repetir isso? Acredito que tive um aneurisma cerebral enquanto falava.

—Tem sentido. Nenhum de nós quer uma relação, por isso jamais teremos que nos preocupar de que o outro espere mais que sexo. E o sexo foi bom, não pode negá-lo.

A comoção a deixou imóvel. Estava sério. Não ria. As linhas de tensão ao redor de sua boca e suas costas rígidas como um pau indicavam... esperança? Temor?

—Trabalhamos juntos. —conseguiu soltar ela.

—Tive isso em conta. —disse ele com uma cabeçada, uma mecha de loiro cabelo balançando-se nas têmporas. Ele não a confrontou— Acredito que somos o suficientemente



adultos para agir profissionalmente no trabalho.

—E dormir juntos depois? —A voz mal era audível.

—Exatamente.

Os mamilos se esticaram com entusiasmo. Sentiu uma dor em seu centro.

—É uma brincadeira, verdade?

—Nada de brincadeiras.

—Acreditava... —Deus Querido— Acreditava que tínhamos concordado nos esquecer do que aconteceu ontem à noite.

—Não posso. —admitiu com vergonha.

Nem ela. Quando ele tinha entrado em seu corpo, converteu-se em parte dela. Uma imagem que a atormentaria o resto de sua vida, uma sufocante lembrança que nunca a abandonaria completamente. Por um tempo, parte de suas vidas tinham pulsado juntas e tinham formado uma só unidade, sem nenhum pensamento de infidelidade nem de dor emocional.

—É a solução perfeita —se precipitou a dizer, como se temesse que Jillian se preparasse para rechaçá-lo— Temos necessidades e como disse, não queremos ter nada a ver com compromisso. E obviamente temos similares... paixões.

—Marcus. —Fez uma pausa, sem saber o que dizer realmente. O corpo queria estar de acordo, agora mesmo, sem vacilar. Mas a mente ainda tinha que acompanhá-la. — Mal somos capazes de tolerar um ao outro.

—Sim, mas somos absolutamente compatíveis na cama.

—Foi o álcool.

—Duvido-o muito. Mas — encolhendo-se de ombros—, há um modo de averiguá-lo e estar seguros.

Os olhos se entrecerraram sobre ele. Ela já conhecia a resposta, mas disse:

—Como?

Seus lábios se estiraram em um sorriso.

—Teremos que nos deitar de novo. Reprimindo-nos, desta vez.

Tentada, mas ainda lutando contra isso, passou uma mão pelo rosto.

—Compreende o insultante que é isto? Basicamente me pergunta se serei sua puta cada vez que sinta uma excitação.

—Isso não é o que parece —grunhiu ele— Entretanto, eu estaria disposto a ser sua puta a qualquer momento. Em qualquer parte.

Marcus a sua inteira disposição, nu, fazendo tudo o que ela desejasse..., cada vez que lhe picasse a necessidade. Que pensamento tão embriagador e poderoso. *Está louca por considerá-lo.* Havia tantas complicações.

«Rompe o ciclo...».

Seria exclusivamente eles dois, o que equivaleria à relação que nenhum deles queria. Ou seriam livres de sair com outras pessoas? Não é que ela saísse com alguém, mas cada músculo do corpo se esticou ante o pensamento de Marcus saindo com outra mulher, convidando à vaca gorda e preguiçosa que seria para jantar, logo a deixando, dirigindo-se a casa de Jillian e dormindo



com ela.

Disse ao Marcus isso mesmo, excluindo a parte da vaca gorda e preguiçosa.

—Estou de acordo — disse ele, surpreendendo-a com sua fácil aceitação— Não seria justo para nenhum de nós. Enquanto estejamos... juntos, não veremos ninguém mais.

Escutá-lo dizer que estava de acordo só acrescentou um montão de combustível a um fogo já ardente.

—Isto é loucura! Eu ligaria para você? Você ligaria para mim? Nos veríamos durante as férias? Quanto tempo duraria nosso acerto? O que acontece se encontra a alguém mais? E se eu encontrar a alguém mais? Como terminariam as coisas? Quão frequentemente dormiríamos juntos? E se um de nós decide que o acerto não funciona? —Fez uma pausa, uma só ideia lhe ocorreu de repente— E se um de nós, apesar de tudo, realmente quiser mais?

E se ela queria mais e ele não?

Suspirando, ele se passou a mão pelo cabelo.

—Isto parecia mais simples quando eu falava sozinho. —Houve acusação em sua voz.

—Isso é porque os homens pensam no sexo, mas nunca nas consequências. —Lhe disse secamente.

—Como se as mulheres fossem inocentes desse crime. —Dirigiu o carro fora da estrada por uma rampa de saída.

— Ei! O que faz? Aonde vai? —endireitou-se no assento e franziu o cenho. —Esta não é nossa saída.

Ele entrou no estacionamento de um pequeno centro comercial e deteve o carro. Destravou o cinto de segurança e a fixou no lugar com um intenso olhar.

—Suficiente discussão. Você me deseja, e não tente negá-lo. Você não gosta de como se sente. Bem, adivinha o que? Eu tampouco, mas ao menos estou disposto a fazer algo a respeito.

—O que acontece se um de nós quiser sair do acordo? —ela reiterou. O que acontecia se ele quisesse sair, mas ela tivesse caído fortemente apaixonada? Seria um pesadelo.

—Acredito que somos crescidos o bastantes para lidar com isso.

Ela encontrou seu olhar, desejo e antecipação se deslizaram em seu interior.

—É tão irritante, e sabe o que? Tem uma resposta para tudo.

—Chega de evasivas. Diga Jillian. Estou de acordo — se inclinou para frente, ficando nariz com nariz— Estou esperando.

Seu quente fôlego se misturou com o seu, ambos instáveis, ambos primitivos.

—Estou pensando.

—Pense mais rápido.

Ele se moveu pouco a pouco para diante, um pouco mais e suas bocas quase se tocariam.

—Está-me esmagando — disse ela, o som de sua voz tão fraco que mal era audível.

—Você gosta.

—Não.

—Sim.

—Beijo. —ofegou, incapaz de deter-se.



Seus lábios caíram abruptamente sobre os seus. As terminações nervosas se estalaram em vivas e elétricas sensações. De prazer. Ele tinha um gosto bom, de decadência. Exatamente igual a como recordava.

—Mais — disse Marcus. Ela tinha um gosto bom, como a fogo, pensou, inundando a língua em sua boca. Não podia tocá-la o suficiente, por isso se permitiu fazê-lo por toda parte. As mãos amassaram seus seios, tão cheio que se transbordaram. Seus mamilos estavam duros como uma pedra. Inclusive deslizou uma mão entre suas pernas, esfregando e friccionando.

—Mmm — gemeu Jillian, arqueando-se contra ele. Ela dobrou os braços ao redor de seu pescoço e agarrou vários punhados de cabelo. Só o cinto de segurança a manteve fora de seu colo.

Estava duro e preparado para ela, como se ontem à noite não tivesse se saciado. A mulher o deixava a cem, sem importar o que fizesse, sem importar o que dissesse. E quando compreendeu que considerava seriamente sua oferta, que queria mais dele, quase gozou.

Marcus não era médium, mas predizia que iam ter montões e montões de sexo em um futuro muito próximo. Este acerto estaria bem para ambos. Teriam sexo exclusivo, sem preocupar-se das emoções, sem preocupar-se dos enganos.

Era estranho, em realidade, confiar em alguém e não estava seguro se gostava disso. Mas, de algum modo, sabia que podia confiar em Jillian. Ela era diferente a qualquer mulher que tinha conhecido. Trabalhando no AATP tinha que compreender o trauma que supunha a infidelidade. Mais valia que ela... pensar em Jillian com outro homem o enfurecia.

Marcus se afastou, uma difícil tarefa já que tudo o que queria fazer era deleitar-se nela. Despi-la. Tomá-la. Ele teve problemas para recuperar o fôlego.

—Bom. —disse.

—Bom. —repetiu Jillian ofegante. Endireitou-se, arrumou-se a roupa e fixou seu olhar além dele, para fora da janela, seus negros cachos caindo pelas costas.

Quero esses cachos enroscados ao redor de meu pulso. Quero esses cachos acariciando meu peito enquanto ela me monta. Quero esses cachos transbordando-se sobre minhas coxas enquanto me chupa. O pênis cresceu e teve que ajustar sua posição dentro das calças.

—Está certa que quer ir ver sua família?

—Sim. —disse, sem fôlego.

Marcus afastou os olhos de Jillian antes de mergulhar-se em outro beijo. Fora, os carros os rodeavam. De fato, a mulher do lado os olhava fixamente de seu carro com uma imperturbável diversão. Mostrou-lhe os polegares para acima.

Marcus girou o dedo concisamente, em sinal de que desse a volta. Não deveria ter beijado Jillian em público, mas tinha sido impossível deter-se. Saboreá-la era uma compulsão. Uma droga. Uma urgência.

—Então quer tentá-lo ou não?

Jillian clareou garganta, mas ainda não lhe fez frente.

—Daremos uma oportunidade.

E esperemos não matar um ao outro no processo.



Capítulo 18

Lava suas calças com limpadores de vidros? Porque realmente posso me refletir. Que diabos tenho que fazer para meter-me dentro delas?

Jillian bateu na porta principal da casa de sua mãe, um portão de arce muito alto com um vidro preso no centro. Marcus estava de pé a seu lado, e pôde sentir o calor que irradiava dele; um calor que a tinha envolto fazia muito pouco. Tentasse o que tentasse, não podia esquecê-lo.

Ele a havia tocado e beijado como se fosse sua razão de viver. Sentiu-se tentada de esquivar-se do almoço e voltar para sua casa com Marcus agora mesmo, para uma rodada de sexo moderado e lascivo. Só seu instinto de conservação a salvou... um instinto que ultimamente a tinha abandonado bastante frequentemente, pensou com um irônico sorriso.

—Minha mãe vai odiá-lo. —disse isso, mantendo os olhos fixos nas rosas vermelhas e brancas que subiam pelas paredes da casa— Atualmente, está procurando um homem para si mesma; mas não deixe que isso o engane. Quase se suicida quando minha irmã Brittany trouxe Steven para a casa.

—Uau. Sua mãe parece... divertida.

—Sim... não sabe bem. Seja agradável com ela sem importar o que disser. É uma mulher frágil e qualquer trivialidade pode empurrá-la a uma depressão.

—Como se fosse capaz de ser grosseiro com sua mãe. — disse, ofendido.

—Você é grosseiro com todos.

Isto ia ser um desastre. Diferente de Brittany, Jillian nunca tinha apresentado um homem a sua família. Por que não tinha considerado as consequências?

—Tenta começar uma briga comigo, Covinhas? —Marcus deslizou a ponta do dedo por sua coluna vertebral, logo fez uma pausa— Está nervosa.

Sua boca caiu aberta.

—Não, não estou.

Os lábios se levantaram em um amplo sorriso, como se estivesse extremamente orgulhoso de si mesmo.

—Está nervosa e por isso ataca verbalmente. Isso é um hábito repugnante. Quer que a beije outra vez? Sempre consegue que pense em outras coisas.

—Certo, estou nervosa. Mas pelo amor de Deus, nada de beijos!

Só em pensar nisso, deliciosas faíscas lhe percorriam as costas e passeavam por todo o corpo. Realmente não queria comprometer-se com ele diante de sua família e... onde diabos estavam? Voltou a tocar a campainha. Seus carros estavam estacionados na entrada.

—Esta é uma agradável vizinhança. —disse Marcus, olhando fixamente a seu redor.

A branca e monstruosa casa de quinhentos metros quadrados formava meio círculo ao redor de uma grama imaculada e exuberantes jardins. Ao lado da porta, elevava-se retorcidas colunas, a esmeralda hera subindo por elas. Vasos de barro com plantas se derramavam pelo pórtico, e o



vento balançava as portas das altas janelas francesas.

—Obrigada — disse ela.

Suas sobrancelhas se uniram em um cenho.

—Cresceu aqui?

—Sim. Não é o que esperava, verdade?

—Não.

Quando ele não se explicou, ela lançou os braços ao ar.

—E bem, o que esperava? —O som de umas risadas flutuou no ar e Jillian se endireitou, aguçando o ouvido— Estão atrás. Vamos.

Saltou do pórtico e rodeou a casa, passando perto de radiantes flores e estátuas de fadas esculpidas no meio do voo. Marcus seguiu a seu lado.

—E bem? — ela incitou.

—Suponho que esperava algo menos... caro. Você bebe cerveja, amaldiçoa e, bom, trabalha no AATP.

Ela sorriu francamente.

—E só as pessoas pobres podem fazer isso?

—Nem todos. Suponho que em minha mente, as crianças que crescem em um bairro como este, tornam-se doutores, advogados ou profissionais das compras.

—Ei!!!

—O que? É verdade.

Ela parou ao final de uma porta de ferro e o confrontou. A luz do sol coroava seus traços em um delicado halo, outorgando-lhe um aspecto quase angelical. Fez-lhe um nó na garganta.

—E quanto a você? Em que lugar cresceu?

—Antes que meus pais se separassem, em um muito parecido a este. —encolheu os ombros com um rígido movimento— Depois que minha mãe me trouxe para os Estados Unidos, em um lugar bastante diferente.

Diferente de Evelyn Greene, sua mãe obviamente não tinha conseguido um lar agradável. O pensamento de que ele tivesse suportado uma infância de pobreza, comovia-a. Podia imaginar ao querubim loiro que provavelmente tinha sido, olhando fixamente e com ânsia um brinquedo que sua mãe nunca foi capaz de dar. Seu estômago se encolheu.

Marcus deu uma batidinha à ponta de seu nariz.

—Por que me olha assim?

Ela sacudiu a cabeça, afastando as tristes imagens.

—Como?

—Como se fosse um mendigo da rua e tivesse umas moedas para mim. Compadecendo-se de mim, Covinhas?

—Não, claro que não. —espetou.

Sorrindo abertamente, de novo lhe deu uma batidinha a seu nariz.

—É uma gracinha. Jamais suspeitei que houvesse um suave coração à espreita debaixo dessa personalidade de guerreira.



Jillian, uma guerreira? Ela riu com prazer.

—Olhe para nós. Não estamos bêbados, mas nos damos bem.

—Isso é porque se comporta como você mesma. —Tinha um brilho nos marrons olhos e um sorriso nos lábios.

Ela se encontrou sorrindo também, incapaz de deter-se.

—Deve haver comido seu Menino Agradável, de um sopro hoje.

Mais risadas chegaram flutuando sobre a brisa, logo o som da voz de sua irmã.

—Nada de correr, Cherry. A coberta está escorregadia. Poderia cair, abrir a cabeça e morrer.

Marcus fez uma careta.

—Cherry?

—Minha sobrinha de dez anos.

—Recebeu o nome de uma fruta?

Jillian assentiu com a cabeça.

—E a sua irmã gêmea, Apple.

—Está de brincadeira?

—Infelizmente, falo sério. Seu pai é aficionado a bolos de fruta e pensou que seria bonito.

—E sua mãe não protestou?

—Ela acredita que Steven é genial, assim lhe concede tudo o que quer.

Naquele momento houve uma eletrizante pausa:

—Você acha que eu sou genial?

Ele estendeu a mão e deslizou um de seus cachos entre os dedos antes de enganchá-lo detrás da orelha. A ação foi tão sensível, tão parecida com a de um amante, que ela se afastou.

Um espesso silêncio, diferente desta vez e um pouco incômodo, abriu caminho entre eles.

Marcus franziu o cenho e deixou cair o braço a um lado.

—Sinto muito —resmungou— Não quis arruinar o momento e que ficássemos tão sérios.

—Não tem que ser agradável comigo — disse ela, sem saber o que fazer com o que acabava de acontecer— Já te disse que me deitaria com você.

Uma escura nuvem lhe escureceu os traços, e a olhou com um mortal fulgor.

—Serei fodidamente agradável se quiser ser.

—Assim agora vamos discutir se será amável ou não?

Ela lançou um suspiro de alívio. Isto estava melhor. Quando era encantador, quando riam juntos, sentia uns horríveis impulsos de abraçá-lo e não deixa-lo partir jamais.

Podia justificar deitar-se com ele, como resultado direto da superabundância de hormônios no corpo. Mas não podia justificar o estranho repico do coração quando seus dedos, por acaso, tinham-lhe roçado o rosto ao prender seu cabelo.

Suas anteriores relações acabaram em desastre, por isso começava a apreciar a franqueza que tinha, ou teria, com o Marcus. Sem surpresas. Sem... afetos.

Então, por que queria ranger os dentes?

—Devemos, uh, provavelmente devemos avisá-los de que estamos aqui — disse ela.

—Primeiro me diga o que quer de mim e assim não haverá enganos de minha parte. Quer



que a trate mal? É isso?

—Jillian? —Ouvii sua mãe chamá-la antes que pudesse pensar em uma resposta— É você?

—Sim, mamãe — respondeu sem afastar os olhos do Marcus. A ele, disse— Não sei o que quero de você. —E não sabia. Estava confusa, assustada e excitada pelo que acontecia entre eles. — Agora mesmo, não sei nada.

Ele assentiu, sua expressão abrandando-se.

—Eu tampouco. Suponho que o averiguaremos pelo caminho, porque a desejo e farei o que seja necessário para tê-la. — Piscou-lhe o olho e continuou— E agora vamos encontrar-nos com sua mãe e assim poderei ser encantador com ela.

Sem saber que mais dizer, Jillian abriu a porta e entrou no pátio traseiro. Por que estava tão determinado a tê-la? Porque o sexo entre eles era estranho e maravilhoso. E por uma vez não teriam que preocupar-se de que seu companheiro os enganasse. Marcus, estava segura, simplesmente diria na sua cara quando quisesse terminar com ela: *Não a desejo mais, Covinhas*.

Apertou as mãos nos flancos e o enérgico passo se tornou mais pausado.

—Se for grosseiro com alguém de minha família, baterei em você com minha mão. —lhe advertiu.

Ele entrelaçou seus dedos.

—Já está! Agora posso ser tão grosseiro quanto quiser.

Isso quase a fez sorrir. Quase. Sua mão era cálida e calosa e diminuía a sua. A dele era toda força, e ainda assim podia ser toda doçura quando queria. Zona de perigo! Zona de perigo! Estava acontecendo outra vez; aquele repico de muito sensível e entusiasta necessidade. Tentou soltar-se do aperto, mas lhe apertou a mão.

—Queria segurar minha mão — disse ele—, assim nos seguraremos pelas mãos.

—Não quis segurar sua mão.

—Por favor. Sei reconhecer uma indireta quando a ouço.

—De nenhuma maneira. — zombou Jillian, mas gostou que mantivesse o contato, embora jamais o admitisse em voz alta. Giraram ao final da casa, com o aroma de carne assada à churrasqueira lhes fazendo água na boca.

A água clara e cristalina da piscina... não, a onda que subiu à vista. Cherry tinha se atirado como uma bomba nela e agora emergia cuspidando água e rindo bobamente. Jillian descobriu a sua mãe a um lado. Bonita com seu aspecto frágil, com o cabelo negro e os olhos azuis.

—Ei, querida! —lhe disse com um brilhante sorriso.

Jillian conhecia aquele sorriso muito bem. Era a expressão que sua mãe reservava unicamente para ela, assim Jillian jamais saberia que estava deprimida. Entretanto, quando sua mãe descobriu Marcus, o sorriso se apagou.

—Quem é?

—Um amigo —respondeu Jillian— Só um amigo.

Sua mãe não perguntou o nome “do amigo” enquanto baixava o olhar até fixá-lo em suas mãos unidas. Não disse nada, simplesmente voltou sua atenção à piscina.

—Mamãe... — começou Jillian, mas logo se deteve. Independentemente do que dissesse só



o pioraria, assim liberou a mão, e esta vez Marcus a deixou.

Brittany estava sentada sob uma grande sombrinha verde e a saudou com a mão. Seu cabelo era negro e liso, algo que Jillian sempre invejou e suas pernas longas e magras de forma natural, algo que Jillian invejou ainda mais. Ela tinha que trabalhar para manter as pernas torneadas. Muito. Não é que tivesse feito algum tipo de exercício ultimamente, embora o necessitasse. Seu programa de exercícios T-Tapp ajudava a manter a mente acordada e o corpo forte.

Steven abraçava Brittany. Era um homem alto, magro, com o cabelo castanho um pouco escasso e uma cara comum e simples com a qual podia misturar-se em qualquer parte sem se destacar. Steven jogou uma olhada a Brittany e apaixonou-se loucamente e a perseguiu sem piedade. Brittany foi incapaz de resistir. Estavam casados há onze anos e ainda estavam loucamente apaixonados... outra coisa que Jillian invejava.

Às vezes, quando os via juntos, lamentava não poder ser assim, tão despreocupada e confiante. Logo pensava em seu pai e em todos os objetivos que tinha conhecido e o desejo passava.

Brittany a olhou com o cenho franzido.

—Faz calor. Por que usa um lenço no pescoço?

As bochechas arderam e tocou com os dedos o tecido.

—Onde está a avó? —perguntou, ignorando a questão.

—Não podia vir —respondeu o Brittany— Foi assistir a um enterro.

—Faleceu algum de seus amigos? —perguntou Marcus com cuidado, reclamando a mão de Jillian e lhe dando um apertão de consolo.

Brittany negou com a cabeça.

—Nada disso. Planejava convidar para sair o marido da defunta.

Marcus resmungou durante um momento antes de recuperar-se com um cortês:

—Já vejo.

—Essa é minha avozinha. —disse Jillian com um sorriso carinhoso— Sempre olhando para pegar algum traseiro.

—Se for como você — sussurrou Marcus—, será boa nisso.

Brent vigiava a churrasqueira. Era alto, de cabelo escuro e franzia o cenho. A fumaça ondeava a seu redor enquanto perguntava:

—Onde está Georgia?

Jillian quase gemeu.

—Não estava em casa.

Não mencionou que Georgia provavelmente teria passado a noite com o Wyatt.

Seu irmão passou a língua pelos lábios, sem alterar-se ao absorver a informação.

—Quem é o sujeito? —indicou ao Marcus com uma espátula— E não diga que é um amigo de novo, porque não acreditaria.

—Pode perguntar-lhe você mesmo, sabe?

Com o Marcus a seu lado, Jillian se deteve frente à mesa do pátio e olhou a sua família, um por um.



—Não me importa que lhes diga quem sou — disse Marcus. Estudou-a atentamente, esperando, como se também quisesse saber a resposta.

Muito bem. Mas o que devia dizer? Marcus não era seu namorado, e realmente tampouco era seu amigo como eles já adivinharam, mas não queria que soubessem que ia da mão dadas com seu novo chefe.

—Seu nome é Marcus. — terminou dizendo.

—Encantado de conhecê-la, senhora Gr... mãe de Jillian. —Marcus ofereceu sua mão livre a Evelyn.

—Ainda é Greene — resmungou Jillian.

—Senhora Greene. — disse Marcus.

Sua mãe simplesmente ficou olhando a mão como se fosse uma serpente, pronta para mordê-la.

—Só a morderei se me pedir isso amavelmente. —lhe disse Marcus, tudo suave e refinado encanto.

Evelyn retrocedeu ainda mais.

Brent preencheu a churrasqueira e estendeu o braço. Os dois homens se deram a mão.

—Prazer em conhecê-lo. Sou Brent, o irmão mais velho — Ofereceu a Jillian um sorriso tipo: *vai-pagar-por-deixar-Georgia-para-trás*. — É o primeiro homem que Jillian trouxe aqui. Pensam em se casar ou algo assim?

Ela quase engasgou.

Marcus se engasgou realmente.

Sua mãe cobriu a boca com as mãos, como se estivesse a ponto de vomitar.

Sua irmã aplaudiu com excitação.

—Oh, meu Deus! De verdade?

—Não —disse Jillian entrecortadamente— Nada de matrimônio.

Brent pronunciou:

—Realmente deveria ter trazido Georgia com você. —disse antes de dirigir-se de novo à churrasqueira.

—Ela sai com alguém, pedaço de merda. —respondeu Jillian— E você é um irmão muito mau.

Ele deu a volta e lhe lançou um beijo.

—Alegro-me de não ser o único a provar o fio de sua língua — disse Marcus. Então fixou o olhar sobre sua boca e puxou o pescoço da camisa. Marcus a liberou— Não importa. Esquece o que disse.

Sim, faria-o... ou o atacaria com a dita língua, empurrando-a por diante de seus dentes e entrando em sua boca, onde renderia culto a seu sabor durante horas. Limpou a garganta.

—Marcus, esta é minha mãe, Evelyn, minha irmã Brittany e o homem a seu lado é Steven, seu marido — Steven o saudou agitando a mão— A menina na piscina é Cherry, a irmã gêmea de Apple e... onde está Apple?

—Dentro —respondeu Brittany, abanando-se com um guardanapo— Mamãe comprou



pastéis redondos.

Ah. Apple não voltaria até que todos os pastéis redondos se acabassem. Era sua maior debilidade.

—Oi tia Jill! —disse Cherry. Era tão precoce como Jillian foi aos dez anos. Também tinha seus cachos e seus grandes olhos azuis. Cherry correu e abraçou Jillian pela cintura com os braços molhados— Senti sua falta.

Jillian a abraçou pelas costas com um sorriso.

—Eu também, mequetrefe.

Às vezes, quando olhava para Cherry e Apple, faziam-lhe recordar que houve um tempo em que quis filhos próprios. Uma família. Justo antes de compreender quão doloroso podia ser uma família.

—Seu namorado é muito bonito. —disse Cherry, sorrindo para Marcus.

As bochechas de Jillian se ruborizaram. Marcus tomou sem problemas, devolveu-lhe o sorriso e disse:

—Deduzo que você é a gêmea inteligente.

Rindo, Cherry retornou à piscina correndo e mergulhou, espalhando água em todas as direções.

—Caminhar... lembre-se — lhe gritou Brittany—, ou abrirei sua cabeça eu mesma.

Marcus riu entre dentes.

Ainda não suficientemente acostumada a sua risada, Jillian tremeu ante o retumbante som. Se tivessem sozinhos... *Não vá por aí. Ainda não.*

—Por que não se sentam. —disse sua mãe em tom formal, e se moveu para Brittany para lhes fazer lugar, ainda sem olhar para Marcus.

Como se não tivesse uma preocupação no mundo, Marcus se sentou justo ao lado de sua mãe. Evelyn se deslizou longe dele. Houve um claro brilho em seus olhos quando Marcus se moveu pouco a pouco mais perto. Sem saber que mais fazer, Jillian se sentou de repente a seu lado.

No que me coloquei? Perguntou-se outra vez.

—O almoço estará preparado logo —disse Brent— Você gosta dos hambúrgueres, não Mark?

—Sim.

Quando não repreendeu a sua irmã por chamá-lo de outra coisa que não fosse seu nome, Jillian franziu o cenho. Sempre dava um chilique quando ela fazia isso.

—Markie, Marcus, Mark. —disse, só para ver o que fazia.

Ele a alcançou sob a mesa e lhe espremeu a coxa. Bom, talvez o chamasse de Mark durante o resto do dia. Jillian sufocou um sorriso e jogou uma olhada a sua mãe.

—Acreditei que cozinharía chuletas de porco e prepararia pão de milho.

Pela extremidade do olho, viu sua irmã fazer um movimento como se lhe cortasse o pescoço. Sua mãe rompeu a chorar e se levantou de repente.

—Perdoem-me um momento — e correu dentro da casa.



—Uh, o que foi isso? —exigiu Jillian.

—Pois, queimou as chuletas de porco — disse Steven—, e se veio abaixo por isso.

—Realmente necessita ajuda. —Uma manta de tristeza caiu sobre os traços de Brittany—
Inclusive mais que de costume.

Jillian suspirou, de forma longa e ruidosa.

—Sinto muito. Não devia ter feito a colocação sem me assegurar de que tudo ia bem. —
perguntou-se envergonhada, o que pensaria Marcus de toda esta situação.

—Não sabia. —disse Brent— Mas, por uma vez, decidi deixar de tratá-la como uma delicada
flor. Não posso suportar mais. Faz tempo que quero fazê-lo, mas esperei para ter colhões para
isso. Está piorando, e hoje decidi deixar de ser um covarde. Assim se preparem, porque não me
contarei.

Oh-OH. Isso não podia ser bom. Mas Jillian tinha chegado também ao limite e decidiu seguir
o exemplo de Brent. Deus sabia que mimar a mulher não tinha ajudado.

Um momento mais tarde, sua mãe abriu a porta envidraçada e saiu, levando de novo seu
melhor sorriso.

—E bem? —Disse, sentando-se à mesa— Do que falam?

Brittany lhe dirigiu um sorriso igualmente brilhante.

—Eu mais ou menos estava por perguntar ao Marcus quanto tempo ele e Jillian estão
saindo. Falei com a Jill várias vezes os últimos dias e nunca o mencionou.

—Sim, por que não o mencionou? —perguntou sua mãe, claramente decepcionada de que
ela tivesse parceiro de repente.

—Provavelmente pensou que se suicidaria. —respondeu Brent.

Brittany ofegou.

—Brent!

—O que? —encolheu-se de ombros— É verdade. Mamãe preferiria que Jillian se tornasse
lésbica antes que corresse o risco de que seu coração se quebrasse por algum sujeito. Não vai à
busca de um genro.

—Não diga tolices. —Evelyn fez rodar os olhos, imitando a uma mãe serena— Lido muito
bem com o Steven.

Steven fez uma careta.

—Ao princípio não o fez. —lhe recordou Jillian.

—Posso lidar com os homens. —insistiu Evelyn.

—Bem, os homens não podem lidar com suas múltiplas personalidades.

—Brent! —repetiu Brittany com fúria em seu tom— Para já.

—O que? É verdade.

—Jillian pensa que sou perfeita tal e como sou, verdade querida? —disse Evelyn, olhando-a
com espera.

—Eu acredito... acredito... — Isto era mais difícil do que tinha esperado. Mas agarrou forças
da presença do Marcus, como se a injetasse diretamente nas veias, e continuou— Acredito que
teria mais possibilidades de ter uma relação estável se controlasse melhor suas emoções.



Deus, acabava de dizer isso? Sempre tinha culpado a seu pai de seu medo às relações, mas começava a ver que sua mãe também tinha desempenhado um papel importante.

Houve uma pesada pausa.

—Perdoam-me um momento? Tenho que usar o serviço de senhoras.

Sua mãe se levantou de um salto e voltou correndo a casa.

—Brent, estou muito perto de te dar chutes no traseiro! —Ferveu Brittany— O que acha que está fazendo? E Jillian. Como pôde dizer isso?

—Eu avisei —disse isso Brent— Necessita uma chamada de atenção. Já é hora de que admita que tenha um problema e que tem que tomar sua medicação.

Jillian assentiu.

—Tem um ponto, Brit. Vale a pena tentá-lo, ao menos. Nada mais funcionou.

—Suponho — Brittany se aplacou, perdendo o calor de sua cólera— Mas e se isto explodir em nossa cara?

—Não pode tornar-se pior. —disse Brent com seriedade.

Marcus espremeu a coxa de Jillian de novo.

—Está bem? —sussurrou-lhe com genuína preocupação.

Ela mordeu o lábio inferior e assentiu. Isso era... algo que perguntaria um namorado. Tinha parecido como se Marcus quisesse agarrá-la nos braços e levá-la se fosse necessário. E mais, não pareceu enojado pelas demonstrações emocionais de sua mãe.

Evelyn voltou, o lábio inferior tremendo enquanto reclamava seu assento.

—Não é ruim abraçar as emoções de alguém. —disse, como se tivesse estado pensando as palavras dentro da casa e não fora capaz aguentá-las mais tempo.

—Mamãe — A incredulidade dançava na cara de Brittany. Ela fechou a boca, voltou a abrir, fechou-a de novo. Engolindo, compartilhou um longo olhar com Brent, que assentiu em estímulo. Brittany endireitou os ombros com determinação— Você não abraça simplesmente suas emoções, você faz amor com elas.

Evelyn ofegou.

—Isso não é verdade! —Mas ao menos não chorou.

Enquanto sua mãe e Brittany se enfrentavam, Jillian se arriscou a jogar uma olhada em Marcus. Observava-a, seu polegar remontando em círculos a perna. Inclusive através da roupa, podia sentir o poder sedutor de sua pele.

—Lamento isto. —modulou ela.

—Não há problema.

—Os hambúrgueres estão prontos. —anunciou Brent— Os pães-doces estão sobre o balcão da cozinha. Jill, querida, vá buscá-los.

—Seja bom e vá buscá-los, Brit — disse ela. De nenhuma forma ia deixar Marcus sozinho com sua família. Quem sabe que histórias lhe contariam sobre ela ou o que lhe perguntariam.

Brittany ficou de pé.

—Vocês dois são uns preguiçosos.

—Ajudarei você, coelhinha. —Steven se levantou e enlaçou o braço ao redor da cintura de



sua esposa. Arrulharam-se um para o outro durante um minuto inteiro antes de entrar na casa. Todo o momento, Jillian sentiu arcadas. Podia ter inveja de sua relação, mas não queria agir assim.

—Não esqueça os pratos —lhe gritou Brent— Ei, Jill! Depois de comer tenho umas cartas que eu gostaria de te mostrar. Fiz um pouco de investigação. Sabia que há mais homens que doam à caridade, que mulheres?

—Não acredito em você. —disse ela. Ele sempre tentava demonstrar quão maravilhosos seus “irmãos” eram.

—Eu acredito em você. —disse Marcus.

—Descreve a carta que tipo de caridade? —arqueou as sobrancelhas— Acredito que posso ver a validade de tal reclamação se falar de Seios Maiores para Coelhinhos ou algo assim.

Brent esteve a ponto de soprar, mas se conteve e assentiu.

—Sim, eu doaria a essa causa.

A porta envidraçada chiou ao abrir-se e Brittany e sua equipe deram um passo no alpendre. Os braços de Brittany estavam cheios de pratos. Os pacotes de pães-doces penduravam das mãos de Steven e Apple, uma réplica exata de Cherry, exceto pelo açúcar em seus lábios, estava de pé ao lado de sua mãe, segurando uma jarra de limonada.

—Se não tomar cuidado, vou pôr sua cara em meu página na Web — disse Jillian a seu irmão. Quando a criasse e funcionasse, claro.

—Você não tem página na Web — disseram Marcus e Brent ao mesmo tempo.

—Um dia a terei. Vou criar uma página onde as mulheres possam divulgar fotos de seus ex na Lista dos Mais Indesejados, e assim as demais mulheres saberão a quem evitar.

A expressão de Marcus se tornou pensativa.

—Em realidade, não é uma má ideia. Cria uma página mista e será genial.

Brittany sorriu para Steven.

—Você nunca apareceria em um lugar assim. É muito maravilhoso.

—Sabemos o maravilhoso que é seu açucarzinho. —disseram Jillian, seu irmão e sua mãe em uníssono.

Silêncio.

—Açucarzinho? —As sobrancelhas de Marcus se elevaram até a linha do cabelo— É sério? Steven, envergonhado, encolheu de ombros e Brittany lhe deu um tapinha no traseiro.

—Assim é.

Cada um olhou a todos os outros e logo se puseram a rir, a tensão quebrada.

—Cherry, fora da piscina —gritou Brittany— É hora de comer.

Capítulo 19

Há muitos peixes no mar, mas você é o único que eu gostaria de levar nas costas para minha casa.



Brent Greene estava de pé na cozinha de sua mãe, olhando fixamente o pátio através da porta envidraçada. Enquanto tentava tirar Georgia da mente, onde estaria ela? As gêmeas nadavam de novo na piscina, com Brittany e Steven sentados na beira tomando o sol e as vigiando atentamente. Sua mãe fingia escolher flores ao longo da cerca de ferro, mas em realidade observava Jillian e Marcus. Jillian e Marcus eram alheios a todos, exceto um ao outro, enquanto tentavam aparentar que eles não sabiam que o outro estava ali.

Surpreendeu-se quando sua irmã caçula se apresentou com um homem. Realmente era a primeira vez. Jillian, geralmente, mantinha sua vida amorosa separada da familiar. De fato, todos eles levavam muitos, muitos anos, sem querer transtornar a sua mãe... e por uma boa razão.

Quando Brittany decidiu casar-se com o Steven, Evelyn se afundou em uma profunda depressão que a levou ao hospital por uma tentativa de suicídio. Tinha estado segura, conforme dizia, que sua filha mais velha estava destinada à miséria, a decepção e ao divórcio. Eventualmente, Evelyn aceitou o matrimônio de Brittany, mas isso lhe custou um par de penosos anos.

E agora Evelyn estava à busca de um homem próprio, apesar de seu ódio pela espécie inteira. Possivelmente fosse por esse motivo que não ameaçou cravar uma faca no coração quando viu pela primeira vez Marcus.

Oh, o doce progresso, pensou ironicamente.

Neste mesmo momento, observou como Jillian jogava uma rápida olhada a Marcus. Marcus, que tinha estado olhando-a, girou-se. Com o movimento, seu ombro roçou por acaso em Jillian e os dois saltaram sobressaltados. Obviamente não estavam saindo há muito tempo, pois o ardor entre eles não podia ser negado.

Brent já gostava de Marcus. O homem não aguentava silenciosamente as observações ofensivas ao gênero masculino que saíam da boca de Jillian, e isso era algo que sua irmãzinha necessitava. Já era hora de que a tirassem de sua crença de que todos os homens eram uns porcos mentirosos, estelionatários e principais candidatos para a castração.

Georgia necessitava a mesma sacudida, embora não no mesmo grau... nem da mesma forma. Deus, queria a essa mulher. Sempre a quis e sempre a quereria. De alguma forma, ela o completava. Deveria ter ido atrás dela faz anos, apesar da diferença de idade; deveria havê-la perseguido com mais dureza estes últimos anos, em vez de tentar cortejá-la com cuidado.

Eram enganos que não cometeria outra vez.

Tinha tentado sair com outras mulheres, mas elas não eram Georgia e o corpo, a mente e o coração conheciam a diferença. Não podia ficar duro a não ser que pensasse em Georgia.

Onde estava? Pior, com quem estava?

Brent golpeou com o punho a mesa e a vibração fez soar os pratos. Esfregou o rosto com as mãos. Se estivesse com aquele imbecil do Wyatt...

Brittany decidiu nesse momento jogar uma olhada para a casa, seu intenso olhar aterrissando justo sobre Brent. Uma careta puxou seus lábios. Ficou de pé, beijou ao Steven na testa, disse algo às gêmeas e caminhou para a porta de vidro. Disse umas rápidas palavras a Jillian quando passou junto a ela e as bochechas desta avermelharam. Marcus soprou e logo Brittany



entrou na cozinha.

Seus olhos se encontraram, os dois do mesmo tom azulado.

—Está nos espiando? —perguntou-lhe enquanto ficava a seu lado.

—É óbvio. —Ele não se envergonhava e não tentou negá-lo.

Sua careta desapareceu, estendendo-se em um amplo sorriso.

—Por isso entrei. Não tinha uma boa visão de Jillian e Marcus.

—Por favor. Entrou porque me viu, pensou que parecia irritado e quis me acalmar. É minha gêmea. Conheço você.

Brittany conectou o punho no alto de sua cabeça, lhe dando tal cabeçada que lhe despenteou o cabelo.

—Pensando na Georgia?

—Sim. E o que?

—Brent...

—Sei o que acha, que perco o tempo tentando ganhá-la, mas ela virá. Sou um grande sujeito.

—E não é nem um pouco vaidoso. —disse com um sorriso.

—E o que disse a Jillian? —Não queria falar de Georgia agora mesmo. Teria que perguntar-se, outra vez, onde estava, com quem, o que estaria fazendo e se desfrutava com isso. Apertou os dentes com tanta força que uma indiscutível dor lhe atravessou a mandíbula.

Brittany esfregou as mãos.

—Disse a nossa querida irmãzinha que ela e Marcus fariam bonitos bebês juntos.

Brent lançou uma gargalhada.

—É o mal em estado puro.

—Sei. —Ela se inclinou sobre o balcão e apoiou os cotovelos— Há alguma coisa... estranha nesses dois.

—Estou de acordo.

—Estão quentes um pelo outro, não há dúvida sobre isso, mas são tão tensos e corteses entre eles. Ele a chama Covinhas, mas te juro que eu ouço a palavra bruxa. Ela o chama de Mark, mas te juro que parece dizer bastardo.

—Seja o que for o que acontece entre eles, mamãe parece tomar bastante bem. Não tivemos que abarrotá-la de calmantes ou levá-la correndo ao hospital.

—Provavelmente porque tem em mente... nem sequer posso dizer. —Ela se estremeceu, o bonito rosto enrugando-se com repugnância.

—A busca do garanhão pela internet, por ela terminou Brent.

Outro estremelecimento atormentou a sua irmã.

—Alguém lhe enviou outro correio eletrônico?

—Não perguntei. Tinha muito medo que rompesse a chorar no mesmo momento que puxasse o assunto.

—Em realidade sim. Vim cedo para me assegurar que seu computador funcionava... porque Deus sabe o que aconteceria se ela não recebe e-mails de sujeitos com tesão loucos para marcar



um gol, por culpa de um modem quebrado. Só para lhe levantar o ânimo, ia enviar-lhe uns correios eletrônicos eu mesmo, sob um codinome, é óbvio, mas ao final resulta que não tive que fazê-lo. Uma pequena joia que se oculta sob o nome de *Quero Conseguir Algo* a convidou para jantar esta noite e, se tiver sorte, tomar o café da manhã.

A boca de Brittany se abriu de repente.

—Isso não está bem. Diga-me que ela recusou.

—Lamento não poder fazê-lo.

—Deus —gemeu ela— O que vamos fazer com essa mulher? Precisamos medicá-la quanto antes.

—Sobretudo antes do próximo casamento de Papai.

Rápida como um raio, Brittany lhe tampou a boca com a mão.

—Não diga essas palavras. Aqui não.

—Qual? —resmungou ele, a boca distorcida.

—Ambas... papai e casamento. —O braço caiu a um lado e Brittany mordeu o lábio inferior— Mamãe não sabe.

—Saberá muito em breve. Sempre o faz quando se refere a P... esse homem.

—Sabe Jillian?

Brent negou com a cabeça.

—Não acredito.

De uma vez, olharam fixamente pela janela a sua irmã caçula. Como se Jillian sentisse o escrutínio, jogou uma olhada sobre o ombro, diretamente para eles, e franziu o cenho. Ela ficou de pé.

—Oh-OH —disse Brent— Alerta máximo.

A porta se abriu pouco depois e Jillian deu um passo dentro.

—O que fazem vocês dois aqui? Não leva meia hora para conseguir um copo de água para Marcus, Brit.

Ela encolheu de ombros, toda inocência.

Jillian pôs as mãos na jarra, a expressão decidida. Ela o negaria e esbofeteria Brent se ele o dissesse, mas seu pai frequentemente tinha a mesma expressão.

—O que acontece?

—Diga-nos por que usa esse lenço e lhe diremos o que acontece. —respondeu Brent com uma quebra de onda de perverso humor. Já podia adivinhá-lo.

A cara de Jillian se acalorou com um rubor e ela tocou o tecido.

—Simplesmente quero estar bonita. É um crime?

—Teve êxito. Está fabulosa. Mas, olhe, falávamos de Papai —respondeu Brittany com sinceridade— Ainda está interessada?

—Não. —Os lábios de Jillian se pressionaram em uma fina linha— Podem continuar de novo quando eu partir. —Chegou de um passo a um armário e agarrou um copo.

—Quer ter contato com você, Jill —disse Brittany— Não sei por que o odeia tanto. Nós o perdoamos e se você só lhe desse uma oportunidade, veria que em realidade é uma boa pessoa.



—Vai casar. —disse Brent sem rodeios. Brittany o golpeou e ele se encolheu. Como sua mãe, a pequena Jilly necessitava uma dose de puro amor.

Jillian se congelou, e um olhar de surpresa e decepção apareceu em sua cara.

—Gostaria que fosse —disse Brittany— Quer que sejamos suas damas de honra.

—Sabe como me sinto no referente a ele. —disse através dos dentes apertados.

Brent a cravou com um duro olhar.

—Não acha que já é hora de fazer as pazes? Ou quer terminar como mamãe, amargurada e sozinha?

—E desconfiada. —acrescentou Brittany tristemente.

—Não vou terminar como mamãe e não tenho que escutar isto. —Jillian esquivou a seus irmãos, abriu a geladeira e pegou uma garrafa de água. As costas estavam completamente retas e os ombros rígidos enquanto enchia o copo— Mas lhes direi o seguinte. Ele não tem nenhum direito a começar outra família quando não pôde nem cuidar desta.

—Jill...

—Não — disse bruscamente, cortando a sua irmã. —Você não viu mamãe o dia que... simplesmente não a viu. Não viu a doçura que tratava a sua namorada enquanto a mamãe tratava como a uma leprosa. Assim me perdoe se não quiser assistir a suas bodas e colar um feliz sorriso em minha cara. —Lançou a garrafa no balde de reciclagem e partiu, fechando de repente a porta.

—Foi bem —resmungou Brittany— Acha que algum dia dará a Papai uma oportunidade?

Brent encolheu os ombros.

—Provavelmente não. Era muito jovem quando Papai foi infiel, e foi ela que encontrou a Mamãe.

—Certo. Depois não falou durante meses. A ninguém. E seus pesadelos... algumas vezes ainda posso ouvir seus gritos.

—Suponho que sua amargura cresceu durante todos estes anos.

—Bom, Marcus não parece aceitar estupidezes de nenhum tipo. — disse Brittany, sorrindo enquanto observavam Jillian empurrar o copo de água para ele. Marcus deixou o copo a um lado, agarrou-a pela mandíbula e aproximou seu rosto do seu. Ele falou acaloradamente— Pergunto-me o que lhe estará dizendo.

—Vamos verificar. —Sorrindo abertamente, Brent colocou a mão atrás do micro-ondas e agarrou o velho monitor de bebês de Cherry e Apple— Encontrei isto antes, quando trabalhava no computador de Mamãe, e coleí o microfone sob a mesa antes que alguém se sentasse ali. Esperava que Georgia viesse.

—Escutar às escondidas está errado e deveria se envergonhar. —Brittany aplaudiu— Venha, conecta-o já.

—Estava esperando que pudéssemos desfrutá-lo juntos. —Brent apertou o interruptor.

—... não merecem essa atitude — dizia Marcus.

—Tudo o que disse foi que os homens eram uns porcos.

—Resulta que sou um homem, e me ofende que me etiquetem como um maldito porco.

—Aparentemente recordo a certo homem que agrupava a todas as mulheres em três



categorias. Digo-as?

—Por que não me diz o motivo de tudo isto realmente? Estava bem até que saiu da casa. Aconteceu algo ou começou esta discussão para que a beijasse?

Jillian ofegou, mas sua cor se tornou mais profunda, mais rosada. Havia tal brilho em seus olhos que até Brent pôde vê-lo dessa distância.

—Está desejando.

—Talvez o faça — disse Marcus e logo a beijou. Um profundo e impulsivo beijo que se escutou do monitor.

—Desliga, desliga! —disse Brittany.

—Ainda não. —disse Brent, sorrindo.

Evelyn finalmente deixou de fingir que colhia flores e olhou aos dois abertamente, com saudade. Com cólera. As gêmeas também os olharam, rindo bobamente atrás das mãos. Steven riu. Brent tentou controlar sua própria risada.

—Não estava seguro dele, já que quando chegaram aqui Jill parecia querer assassiná-lo — disse Brent— Mas comecei a gostar dele quando compreendi que não ia deixar que ela golpeasse seu orgulho masculino. Agora acredito que a ama loucamente.

Mas sua diversão se apagou rapidamente quando Evelyn deu uns passos até a mesa e golpeou com as mãos a superfície, assustando o casal que se beijava. Afastaram-se de repente e um envergonhado silêncio se deslizou entre eles. Brent suspirou. Se sua mãe se afundava em um de seus ataques depressivos ou raivosos, seria ele quem se suicidaria.

—Marcus. —Satisfeita de ter sua atenção, Evelyn se endireitou, acrescentando docemente— Gostaria de umas bolachas?

Brent piscou. Brittany ofegou.

—Não — gritou Brittany, saindo fora.

Brent correu atrás dela. O ar quente lhe envolveu enquanto agarrava a sua mãe pelos ombros e se afastava com ela da mesa.

—Mamãe! —Jillian lhe franziu o cenho— Não posso acreditar que fez isso.

Um olhar confuso se deslizou pela cara de Marcus.

—Uma bolacha soa... bem. Obrigado.

—Não. —Jillian deu um golpe ao chão com o pé— Mãe, peça perdão ao Marcus agora mesmo.

—De verdade, Mamãe. —Brent sacudiu a cabeça— Pensei que tinha aprendido a lição sobre as bolachas.

—O que tem de mau nas bolachas? —perguntou inseguro, Marcus.

—Nada, se não se importar de permanecer no hospital toda a semana por suas batatas fritas de chocolate — respondeu Jillian com frieza, mas Brent podia ver que estava agitada— Mamãe, esta é a gota que encheu o copo. Tolarei sua fachada feliz durante anos enquanto torturava Brent e Brittany com suas constantes desigualdades para tornar louco a alguém. E sabe o que? Eu a teria amado fosse o que fosse que fizesse ou dissesse. Amo você, seja o que for que faça ou diga. Mas não deixarei que ameace o meu encontro. Isso, meu encontro.



A boca de Evelyn caiu.

—Mas... mas...

Jillian levantou a mão.

—Não. Não mais desculpas. Outras pessoas têm problemas emocionais, mas eles não ameaçam com assassinato. Eles tratam seus problemas e levam uma vida normal e feliz. Não quer deixar o passado para trás e se encarregar de sua vida? Não quer um pouco de felicidade para si mesma?

Vamos Jillian, pensou Brent.

Evelyn correu para dentro da casa e Jillian girou com um olhar torturado para o Marcus. Brent observou com satisfação como Marcus a rodeava com um braço. Possivelmente Jill seguisse seu próprio conselho. Sorriu amplamente. Possivelmente.

Capítulo 20

Foda comigo se estiver errado, mas já nos encontramos antes?

Miserável, assim é que como deveria ter-se sentido.

Mas surpreendentemente, Marcus passou um bom momento com a família de Jillian. Bom, exceto com sua mãe, que tentou envenená-lo. Algo que aparentemente já tinha feito a sua vizinha e ex-marido. Sem contar aquele pequeno contratempo, o dia tinha sido uma mistura agradável de diversão, entusiasmo e desejo. Um pouco incômodo de vez em quando, mas estimulante em todo caso.

O clã Greene obviamente amava uns aos outros. Eram um pouco rápidos em suas reações emocionais, mas, quem não o era? Riram, trocaram brincadeiras, discutiram. E Jillian adorava a suas pequenas meninas frutas, Cherry e Apple. Havia sentido uma pontada no peito sempre que ela lhes alvoroçava o cabelo ou lhes sorria.

Isso o assustou mais do que nada o tinha feito nunca. Tinha experimentado um impulso inexorável de lhe dar filhos. E tinha reagido tratando bruscamente Jillian algumas vezes. Quando compreendeu o que fazia, ser grosseiro com ela porque tinha medo do que Jillian o fazia sentir, tinha começado a pensar que talvez ela fazia o mesmo. Talvez Jillian também estivesse assustada e simplesmente reagia ante esse medo.

Isso também o aterrava, mas não o impediu de deixar de beijá-la. Diretamente frente a sua mãe, suas sobrinhas e qualquer um que olhasse. Tampouco é que o lamentasse.

Além de Kayla, nunca tinha conhecido a família de uma mulher antes. Isso levava a relação a um nível ao que sempre resistia. Mas tinha estado cheio de curiosidade por saber quem ou o que havia tornado assim Jillian. Agora já sabia.

A cautelosa, embora ardente, personalidade de Jillian tinha um pouco mais de sentido.

Jogou-lhe uma olhada. Realmente era uma mulher linda, cheia de paixão e, entre outras coisas, doce. Agora mesmo, estavam em seu carro de volta à sua casa. Não falaram desde que



tinham deixado a sua mãe. Nervos? Ambos sabiam que ele entraria em casa com ela e o que aconteceria no momento que fechassem a porta.

Isso era tudo o que necessitava para que o pênis se pusesse firme. Custava-lhe esperar para tê-la de novo. Sentir sua suavidade. Saborear cada delicioso centímetro de sua pele.

O celular soou, tirando-o de seus pensamentos. Jillian girou curiosa, enquanto ele o agarrava de seu bolso e o abria.

—Marcus.

—Continua em pé o de esta noite? —perguntou Jake.

—Esta noite? —quase gemeu.

—Pôquer, idiota. Continua em pé ainda ou não?

Tinha esquecido a partida. Uma olhada rápida ao relógio do painel do carro lhe mostrou que eram cinco horas. Se fosse com Jillian, e fizesse amor do modo que queria, não menos de duas horas de jogos prévios antes do ato principal, teria que partir imediatamente depois. Embora Jillian assegurasse antes que não queria abraços pensou que, com seu novo acordo, agora sim os queria. Ele os queria.

Queria saboreá-la, antes e depois.

—Vamos adiá-la. —disse ao Jake. E se assustou ao compreender que isso não o decepcionava. O pôquer era seu jogo, sua afeição favorita. Sua religião. O frenesi por ganhar, a antecipação do golpe e o descobrir as cartas que seus rivais tinham... vivia para isso. Normalmente. Agora mesmo, Jillian era mais importante.

—Esta é a partida adiada — indicou Jake—, e estive pensando nela com muita ansiedade todo o dia. Os outros virão.

—Adiemos outra vez.

—Não, não o faremos. Jogaremos sem você e você pode se perguntar quanto dinheiro poderia ter ganhado. —Seguiu uma longa pausa e a linha rangeu com um som estático. Imediatamente— Está com Jillian, verdade? —Jake soltou uma gargalhada— Finalmente decidiu aproveitar o dia, não? Seu sujo pervertido...

Marcus fechou o telefone, desligando seu amigo.

—Tem planos para esta noite? —perguntou Jillian, falando pela primeira vez. O tom não revelava nenhum indício de seus pensamentos.

—Só com você. —disse ele. Pôs o celular em silêncio e o meteu no bolso. Não mais distrações.

O alívio lhe cobriu o rosto.

—Bom — disse com voz vacilante—, conheceu minha família.

—Não tentarei negar.

—Não banque o engraçado—fez rodar os olhos. — Isto é... estranho para mim.

—Mais como?

—Como meu irmão te disse, geralmente, não levo homens para que conheçam minha mãe.

—Mencionou que era uma odeia-homens e o demonstrou. O que não sei é: por quê?

Jillian devolveu sua atenção a janela, como se as altas e verdes árvores e as marrons



planícies fossem fascinantes. Depois de uma longa pausa, finalmente disse:

—Quando tinha sete anos, encontrou meu pai na cama com outra mulher. Isso a irritou. Mas quando averiguou que ele me levava para brincar com o gato da mulher, tornou-se louca. Tentou suicidar-se. Eu a encontrei.

—Sinto muito. —disse Marcus brandamente, lamentando-se pela menina que tinha sido. Isso ajudava a explicar seus problemas de confiança, e por que lutava com tanta força para demonstrar que os homens eram uns porcos— Não tem que preocupar-se de que eu seja infiel. Não enquanto estivermos saindo. —acrescentou, antes que ela pudesse protestar.

Jillian mordeu o lábio.

—No fundo, sei que não sairá com ninguém mais. E isso também me parece estranho. De todos os homens no mundo nos quais poderia confiar, jamais o teria colocado na lista. Muito menos o primeiro.

O coração pulsou a um ritmo mais rápido.

—Por que acha que faz isso? —perguntou Marcus com curiosidade— Confiar em mim, quero dizer.

Ela inclinou a cabeça a um lado até que virtualmente a bochecha descansou sobre o ombro.

—Talvez porque viu os efeitos da infidelidade, no trabalho e em sua própria vida. Sabe de primeira mão o que se sente quando é traído.

Os dedos ficaram rígidos sobre o volante.

—Nunca disse a você que me foram infiel.

—Não tinha que fazê-lo. O olhar em seus olhos quando mencionou a sua ex disse tudo. Os homens não gostam de admitir quando sua mulher escolhe a outro.

—E suponho que às mulheres sim?

—Não —admitiu Jillian— É doloroso e embaraçoso.

Pela extremidade do olho, Marcus viu que ela beliscava o tecido dos jeans e o retorcia. Passaram vários segundos em silêncio.

—Por que fazemos isto, Marcus?

Sabia que ela não perguntava de forma geral, mas sim por seu acerto, por sua repentina facilidade de sentirem-se cômodos um com o outro, quando as coisas poderiam terminar mal muito em breve e compartilhar tais detalhes íntimos sobre suas vidas só complicaria as coisas.

—Pomos as cartas de barriga para cima?

—Por que não? —ela riu sem humor— Estamos a ponto de nos ver nus... outra vez.

—De acordo. Não a odeio e nunca a odiei. Desfruto passando o tempo com você. Pensei em você desde a primeira vez que a vi. Parece que a desejei sempre. Ainda não quero uma relação. —soltou precipitadamente— Mas realmente a quero mais do que quis a ninguém em muito, muito tempo.

Sua boca se abriu e fechou, um som estrangulado surgiu de sua garganta. Ele franziu o cenho.

—E bem?

—E bem, o que? —conseguiu grasnar ela.



—Ponha suas malditas cartas de barriga para cima.

Recompôs-se e cruzou os braços sobre o estômago, estirando a camiseta sobre os seios. Marcus não pôde evitar notar que seus mamilos estavam duros. Ele voltou de novo sua atenção à estrada.

—Você realmente me incomoda. Deixa-me louca, e não sempre de um modo bom. Mal o conheço e durante a maior parte dos dois últimos dias, quis mata-lo. Mas...

—Mas... —a incitou com os dentes apertados.

—Tampouco posso deixar de pensar em você. Eu gostei de passar a noite com você e odeio o pensamento de você com alguém mais.

A satisfação cantarolou em seu interior. Satisfação, possessividade e desejo.

—Bom. —disse ele.

—Bom.

—Nos tomaremos com calma e nos avisaremos quando isto deixar de funcionar.

—De acordo.

—Tudo é questão de respeito.

Os lábios se estiraram com diversão.

—E sexo.

—Respeito e sexo. —disse Marcus com um sorriso.

Jillian riu entre dentes, um som tão sexy e sensual que o estômago se encolheu quando uma intensa quebra de onda de desejo o atravessou. Finalmente sua casa esteve à vista, e estacionou na entrada. Logo. Muito em breve a teria nua sob ele e nua sobre ele.

Marcus saiu e lhe abriu a porta do passageiro. Suas pernas eram instáveis quando ela ficou de pé, notou. Sem uma palavra, Jillian caminhou com esforço até o alpendre. Sua vizinha ainda estava sentada na cadeira de balanço, os olhando imperturbavelmente de seu próprio pórtico. Enquanto a seguia, ele a saudou com a mão e a anciã lhe piscou o olho. Jillian se ruborizou.

Jillian abriu a porta e a segurou, sem olhá-lo. Ele passou rapidamente frente a ela, mas seguiu sem jogar uma olhada em sua direção.

Possivelmente fosse perverso, mas gostava de seu nervosismo. Isso significava que pensava nele, no que ele faria, no que sentiria. Marcus simplesmente tinha que escolher um assunto de discussão para que isto parasse, porque queria sua paixão, seu fogo. Nada de contenções.

Dando-lhe as costas, Jillian fechou a porta. Ficou nessa posição muito tempo, simplesmente exalando e inspirando.

—Assustada? —perguntou Marcus brandamente, porque certo como o inferno que ele estava.

Enrijeceu-se.

—É óbvio que não.

Deu a volta, mas não o atacou como ele esperava que fizesse. Em troca, rebolou diante dele e desapareceu por uma esquina. Marcus ficou imóvel durante um segundo, novamente surpreso pela brancura e a ordem da casa.

As pessoas provavelmente diriam que ela tinha que melhorar o lugar com cores. Embora ele



gostasse do marrom, sua imaculada casa fazia que parecessem ainda mais libertinas as coisas que se faziam um ao outro.

—Está se despindo e avançando lentamente até a cama? —gritou-lhe Marcus.

Ela soprou.

—Não. Estou na cozinha.

Com o sangue fervendo, seguiu o som de sua voz. Quando deu a volta à esquina, descobriu-a em uma igualmente branca cozinha, tal e como ela havia dito, se inclinando sobre a porta da geladeira e servindo uma taça de vinho branco.

—Quer uma? —perguntou.

—Não, obrigado. —Fechou a distância entre eles, agarrou a taça, e a colocou sobre a mesa.

Uma careta apareceu na boca.

—Eu planejava beber isso.

—Nada de álcool. — disse ele.

Algo quase... vulnerável piscou dentro de seus olhos e a pressão no peito se incrementou. Ela clareou a garganta.

—Então simplesmente vamos saltar à cama?

—Certamente que não.

Ele colocou as mãos sobre sua cintura, arregaçando sua camiseta até que uma parte de estômago ficou à vista. Plano, liso. Não tinha passado o tempo suficiente naquela área ontem à noite e ansiava fazê-lo agora.

Jillian mordeu o lábio inferior.

—O que vamos fazer, então?

—Vamos nos despir, logo saltaremos à cama.

Ele se desfez do lenço que ela levava no pescoço, deixando que o suave material acariciasse sua pele antes de deixá-lo cair ao chão. Observou o chupão que tinha exposto e experimentou uma primitiva satisfação.

—Excita-me.

O desejo cobriu a expressão, afugentando o nervosismo. Relaxou a postura e ela deslizou os dedos sobre a cintura de suas calças.

—As mesmas regras de ontem à noite?

—Que regras?

Em três segundos, ia provar o pulso que pulsava a um lado de seu pescoço. Um... e dois... Se inclinou e a lambeu com a língua. Delicioso.

Gemendo, Jillian jogou a cabeça para trás.

—Sem abraços ou... ou... isso é tão gostoso... carinhos depois, oh, justo aí... simplesmente você parte.

—Ontem à noite não fiz isso. —desceu, mordiscando-a ligeiramente.

—Mas devia fazê-lo. —disse ela ofegando.

Normalmente não podia escapar o suficientemente rápido uma vez que o sexo tinha terminado. Mas não ia deixar que Jillian o usasse e logo o mandasse embora.



—Nada de entendimentos. Fico e me abraçará ao menos durante uma hora.

—Uma hora? —bombeou os quadris contra ele.

Ele gemeu profundamente, o pênis tão duro que já podia sentir a umidade sobre a arredondada ponta.

—Duas horas.

—Trinta minutos.

—Três horas.

—Quarenta e cinco minutos.

—Quatro horas.

—De acordo. —Ela sorriu abertamente, com malícia— Darei a você uma hora, mas não o desfrutarei. —Fechando os olhos, roçou-se contra ele de novo.

Marcus a deixou procurar seu prazer um pouco, permitindo que sua própria necessidade crescesse e se intensificasse também.

—Desfrutará.

—Não, não o farei.

—Só por isso, fico duas horas. Quer insistir por três?

—Muito bem. Duas.

Afastou-lhe sua camiseta e tocou seu estômago. Quente, suave. Doce. Ela ofegou ante o primeiro contato.

—Acende-me, Covinhas.

Jillian se arqueou para trás, o que causou que a junta de suas coxas encaixasse completamente contra a ereção. Marcus assobiou e respirou fundo. O prazer dessa pequena carícia quase foi suficiente para fazê-lo gozar.

As mãos se deslizaram para baixo e cobriram seu traseiro. Com um só movimento fluido, levantou-a até a mesa, abriu-lhe os joelhos e se meteu entre suas pernas.

—Por que não posso deixar de pensar em você? —perguntou, mais para si mesmo que para ela. Ainda não a tinha beijado. Não fazia mais que falar com ela... o que era estranho. Gostava de falar com ela tanto como gostava de fazer amor.

—Talvez pela mesma razão pela qual eu não posso deixar de pensar em você. —Ela agarrou a barra de sua camisa e a tirou pela cabeça. O tecido caiu ao chão em um montão esquecido. Jillian estendeu os dedos sobre seus mamilos, descendo pelos músculos de seu estômago.

Por toda parte que o tocava, a pele se estremecia como um cabo elétrico vivo.

—Conte-me suas fantasias — disse ele. Saboreá-la uma vez mais. Precisava saboreá-la antes que pudesse pronunciar outra palavra. Inclinando-se, deslizou a língua pela linha de seu queixo. Mmm, tão bom.

Um tremor viajou através dela.

—Eu... eu não sei.

—Sim, sabe... No que pensa quando se toca?

—Eu... eu não faço isso. —disse Jillian com vergonha no tom.

Oh, sabia que mentia, mas não se zangou. Naquele momento compreendeu que Jillian nunca



tinha contado a ninguém suas fantasias. Que nunca as admitiu em voz alta. Gostou do pensamento de ser o primeiro a escutá-las. O primeiro em fazer realidade os segredos que ela quisesse.

—Sei que você gosta de rude e com força.

—Não é verdade! —Agora pareceu escandalizada.

E talvez, pensou Marcus, gostava com um pouco de dor, assim ela não teria que lhe tratar com ternura. Não teria que sentir emoções mais suaves. Isso é o que ele tinha estado fazendo, compreendeu com surpresa. Intumescendo-se a si mesmo acima de tudo menos o prazer. Sem emoções.

—Você gosta disso. —disse ele— E eu também. Não sabia até que a encontrei. —Mas esta vez, queria ternura. Queria-o suave. Queria sentir realmente— Como o quer? —Envolveu seu peito e beliscou um mamilo através da camiseta— Pode me dizer isso.

—Não sei — disse ela, ofegando agora.

—Diga-me. Eu simplesmente o farei.

—Diga-me as suas. — ela evitou.

Colocou a outra mão no jogo, cobrindo ambos os seios, mas sem tocar os mamilos. Revoou com a ponta dos dedos e deu voltas sobre eles, fazendo que se revolvesse e retorcesse pelo toque.

—Os homens são fáceis. Fantasiamos fazendo que nossa mulher goze.

—Uh-uh. —Negou com a cabeça, os negros cachos voando— Os homens fantasiam tendo duas mulheres ao mesmo tempo.

—Você é tudo o que posso lidar. Diga-me — ele suplicou — Diga-me o que sempre quis que um amante fizesse com você, mas que nunca conseguiu.

Vacilou insegura. Tão docemente insegura.

—Você irá rir.

—Juro por Deus que não o farei.

Tinha que saber. A curiosidade era tão forte quanto seu desejo por ela. O que deixava a esta mulher forte e independente tão nervosa?

—Nunca... ninguém nunca... me beijou. Ali.

Entendendo de repente, sentiu os lábios frisar-se em um sorriso, mas se obrigou a que sua expressão permanecesse neutra. Oh, saboreá-la entre as pernas! Ser o primeiro em fazer algo assim! O sangue mais e mais quente aumentou a ereção.

Marcus se inclinou sobre ela e pressionou um beijo em sua boca. Sua língua imediatamente saiu para encontrar-se com a sua. Empurraram juntos, seu doce sabor elevando o desejo a um novo nível. Balançou a ereção contra ela, recordando-se que tinha que respirar, e engolindo o gemido de prazer.

Antes que a noite acabasse, ia tomar esta mulher de todas as formas imagináveis. Ia fazê-la gozar com a boca, dedos e pênis. Amanhã, Jillian teria que procurar uma nova fantasia. Esta noite, lhe daria esta. E esperava, que outras mil que ela não sabia que possuía.

—E bem? —perguntou Jillian.

—Acredito que se pode dar um jeito.



—Não... não se importará em fazer?

—Me importar? Desfrutarei de cada momento. Vamos fazer isso. —disse. E logo a beijou de novo.

Doce fogo, pensou Jillian, enquanto se dava um banquete com a boca de Marcus. O corpo ardia por ele. Tinha deixado de pensar em seu pai e suas iminentes bodas. Tinha deixado de pensar nas consequências de deitar-se com seu chefe, o homem que acreditava odiar, mas que não podia deixar de imaginar nu todo o tempo.

Agora mesmo, ele era simplesmente um homem e ela simplesmente uma mulher e só existia o prazer.

Marcus deixou de beijá-la o tempo suficiente para lhe tirar a camiseta pela cabeça; então a língua estava em sua boca outra vez e o fogo no sangue ficava mais quente. Ardendo. Um inferno.

Os dedos desabotoaram com experiência o gancho do sutiã, liberando seus seios. Marcus aproximou o peito ao dele e adorou o modo em que seus mamilos se roçaram, em uma fricção deliciosa.

—O céu. —disse ele.

Reatou o beijo com a mesma velocidade e intensidade e seus dentes chocaram quando se estiraram por um contato mais próximo.

Jillian ainda estava um pouco envergonhada de que ele conhecesse sua fantasia mais privada, algo que sempre quis experimentar, mas que jamais tinha conseguido. Faria-o de verdade tal e como tinha assegurado? Só a possibilidade a excitava, a fazia tremer. Nunca teve a coragem de pedir a outro homem, mas o pensamento da quente língua de Marcus lambendo sua...

—Oh, Deus.

—Bonitos mamilos.

Colocou-a de pé e trabalhou em seu jeans. Tinha-os nos tornozelos e logo no chão em dois segundos, deixando-a em roupa de baixo, uma tanga de cor azul clara.

Quando Jillian começou a lhe desabotoar as calças, ele a deteve, agarrou uma camisinha do bolso, e lhe fez gestos para que seguisse. Ela o fez. Marcus não usava nada debaixo, e o pênis saltou para frente, comprido, grosso e preparado.

—Não usa cueca e trouxe camisinhas. Emito sinais de ser uma mulher fácil?

—Não, mas eu sou um tipo otimista. —disse e lhe arrancou as calcinhas.

O frio ar beijou o calor entre suas pernas.

Depois de colocar a camisinha, Marcus envolveu seu traseiro e a levantou. Não sobre a mesa desta vez, mas sim sobre ele. Mas ainda não a penetrou.

—Enlaça suas pernas ao redor de minha cintura.

Jillian tentou não mostrar sua decepção. Não ia conceder-lhe sua fantasia mais selvagem, depois de tudo. Deveria lhe dizer algo? Perguntar-lhe por que lhe tinha exigido saber o que mais desejava, se não tinha intenção de ocupar-se disso?

Não desejando obrigá-lo, enrolou as pernas em sua cintura sem comentários. Mas Marcus não entrou nela como tinha esperado. Não, ele a levou para a porta de trás.

—O que faz? —perguntou confusa.



—Você tem sua fantasia. Eu tenho a minha. —disse sem reduzir a marcha, com o passo estável.

O que? Ao ar livre?

—Mas disse que os homens só queriam fazer que suas mulheres gozassem.

—Certo. —Usou uma mão para abrir a porta de madeira, logo deu um chute para abrir o biombo e saiu ao frio ar da tarde. Fracos raios de luz os rodearam, os pássaros gorjearam felizmente— Mas os pequenos detalhes sempre mudam. Como as posições.

Apertou-se mais perto, segurando-o enquanto seu coração começava uma errática dança.

—As pessoas poderão nos ver — sussurrou, escandalizada. A débil luz do sol de repente parecia um raio laser, um projetor— Só tenho uma cerca metálica.

—Sei. Mas está escuro... quase.

—Volta para dentro, Marcus. Agora mesmo.

Ele estava nu. Ela estava nua.

—Algum de seus vizinhos tem crianças?

—Não.

—Então acredito que deveria ficar onde estou. Posso sentir quão rápido pulsa seu coração. Não quer que entre, verdade? Não realmente.

Bom... Seu olhar percorreu os dois pátios de seus vizinhos. Ninguém estava fora. E se a sorte estava de seu lado, a senhora Franklin ficaria na parte dianteira! Já que, debaixo da vergonha, estava excitada. Alguém poderia vê-los, a qualquer momento. Ver tudo. Vê-los gozar.

—Alguém poderia olhar pela janela. —ronronou Marcus.

Um tremor lhe percorreu a coluna vertebral.

Ele riu.

—Sabia. Você, Jillian Greene, é uma pervertida. —Atirou-a sobre uma poltrona que tinha colocado sob um grande carvalho. Seus ramos, cheias de verdes folhas, deixavam-se cair, criando um pavilhão ao redor da cadeira. O zumbido dos carros se ouvia ao longe, desde além da casa.

Ele se sentou ao final e bisbilhotou entre seus joelhos separados. Durante muito tempo, não se moveu, simplesmente a olhou.

—Tão bonita. Tão molhada.

Ela agarrou os braços da poltrona.

—Q-que faz?

Sorriu abertamente, com malícia.

—Decidindo onde lamber primeiro.

Balbuciou durante um momento, confusa. Quando o entendeu, disse de forma entrecortada:

—Vai fazer isso aqui?

—Onde mais poderia ser?

E logo avançou lentamente, baixando a cabeça e cortando a distância. Esqueceu-se de protestar, dos vizinhos e inclusive de respirar.

Ao primeiro movimento rápido de sua língua, elevou os quadris diretamente ao ar. Jogou



com seus clitóris, brincando com ele, para frente e para trás, logo afundou dois dedos em seu interior. Jillian gritou. Justo aí, em seu pátio traseiro, gritou, gemeu e choramingou ante a crua e embriagadora sensação de ter um homem dando um banquete entre suas pernas.

—Melhor do que sonhei. —disse ele.

Um orgasmo rasgou através dela e Jillian mordeu a mão para amortecer o resto dos gritos. O prazer era tão, tão intenso. Luzes brancas piscaram atrás dos olhos enquanto todo o corpo se apertava e relaxava, apertava-se e relaxava. Jillian se mordeu tão forte que provou o sabor do sangue. Era delicioso. Maravilhoso.

Então Marcus se elevou sobre ela e enterrou seu longo e grosso comprimento no seu interior, estirando-a, enchendo-a. Tão bom. Tão bom. Ele não se moveu, só a olhou fixamente. O suor gotejava de sua testa.

—Seguro que todos nos olham agora. —disse sua voz tensa.

E só com isso, Jillian alcançou seu ponto máximo de novo.

—Marcus. Marcus!

—Perguntaria se você gostou de viver aqui fora sua fantasia, mas já conheço a resposta. — balançou-se para diante, com força— Perguntaria se você gosta da ideia de ser descoberta, mas conheço a resposta a isso também.

Jillian riu. Ou gemeu. Não estava segura. Tinha problemas para pensar corretamente.

—Me... hmm... encanta... hmm.

—Acredito que o vizinho da esquerda saiu ao alpendre de trás.

—Oh, Deus.

—Deveria me deter? —empurrou de novo.

—Não. Não!

Seu quente fôlego lhe soprava sobre a bochecha, e Marcus aumentou o ritmo, deslizando-se, enterrando-se profundamente. Era muito. Não, não era suficiente.

—Tem certeza? —disse ele entrecortadamente.

—Sim. É genial. Não pare nunca.

Se parasse... se ele parasse. Marcus a golpeou justo onde mais necessitava, profundo, tão profundamente que Jillian explodiu de novo. Tremeu e tremeu e se agarrou a ele, gritando seu nome.

Seus músculos ficaram rígidos sob as mãos, e rugiu de satisfação, estremecendo-se dentro dela.

—Jillian. Jillian, Jillian, Jillian.

—Marcus, sim, sim, sim!

—Jillian?

Jillian desceu das estrelas ante o som da voz da senhora Franklin. Ficou rígida e ficou quieta. Merda. Merda! Marcus se sufocava da risada. Ao menos, ele estava em cima dela, ocultando à vista sua nudez.

—Tudo vai bem, senhora Franklin.

—Escutei...



—Asseguro-lhe que açoitarei Jillian por ser tão ruidosa — disse Marcus. Nem sequer tentou ocultar sua diversão enquanto seu lindo rosto a observava atentamente.

A senhora Franklin ofegou.

—Oh! Oh, meu...

Jillian ouviu um golpe ao fechar a porta. Engoliu uma gargalhada enquanto empurrava Marcus e entrava correndo na casa com a cara ardendo.

—Se fechar a porta para mim a surrarei.

Estava inclinada sobre a pia, rindo quando ele espreitou dentro. Deus querido. Sua vizinha de setenta anos a tinha visto tendo sexo. E não se importava. Em que tipo de perversa sexual a convertia Marcus?

Imperturbável por sua nudez, ele ancorou as mãos sobre seus quadris e a fulminou com o olhar. Estava ruborizado e tinha o cabelo revoltado. Os olhos brilhavam com satisfação, desmentindo a cólera que tentava projetar. Quando o riso diminuiu.

—Se acha que isto vai liberá-la de me abraçar, está muito enganada — disse.

Capítulo 21

Ninguém disse a você que queria dormir comigo? Pensei que sabia.

Ring. Pausa. Ring. Pausa. Ring.

Apesar da palpitante dor de cabeça, Georgia entreabriu os olhos. Só, o enjoo a saudou e gemeu. Tinha o estômago revoltado e a boca parecia algodão. O que me ocorre?

—Alguém me matou. —murmurou.

O que fez ontem à noite? Espera. Recordou. Tinha bebido muito vinho, deu voltas na cama e logo, por fim, chorou até ficar adormecida ao amanhecer. Wyatt a tinha deixado. Brent a visitou, exigindo que lhe mostrasse o pior dela.

Ring. Deus no céu, o que era o que fazia esse ruído? Ring.

O telefone, compreendeu pouco depois. Às cegas, estendeu a mão e agarrou o receptor.

—Olá! —grasnou. A garganta lhe doía e a esfregou, tentando apagar a ardente queimação.

—Georgia?

Ela piscou.

—Brent?

—Amor, está bem? O que acontece com sua voz?

Georgia jogou uma olhada ao relógio digital. Às oito horas e sete minutos. Mas... mas, lá fora estava escuro. Eram às oito da noite, compreendeu. Devia ter dormido o dia inteiro.

—Georgia, céu. Fale comigo.

—Estou bem. —Talvez— Ressaca, acredito. —esfregou o rosto com a mão, e ficou quieta ao tocar as sobrancelhas... ou o lugar onde deveriam estar— O que...? —O sangue se congelou nas



veias quando lhe veio uma lembrança.

—Senti sua falta hoje. —disse Brent— Onde estava?

Entrando em pânico, Georgia saiu pesadamente da cama e chegou a tropeçar ao banheiro. As tripas se retorceram com cada movimento, ameaçando explodir, mas não se deteve até que esteve frente ao espelho. Acendeu a luz, e os olhos lacrimejaram ante a intensidade. Piscou para afastá-las... e seu reflexo ficou à vista.

Um grito lhe rasgou a garganta.

—Georgia? O que acontece? O que ocorre?

—Oh, meu Deus. Oh, meu Deus. Oh, meu Deus.

—Meu bem, me diga algo.

—Eu... — Parecia um monstro. Uma horrível besta com pontas agudas. Cortou-se o cabelo, seu lindo cabelo. As vermelhas mechas formavam um tapete sobre os ladrilhos do chão. E as sobrancelhas, suas perfeitamente delineadas sobrancelhas... as tinha barbeado.

Georgia se inclinou e vomitou. Deixou cair o telefone, mas ouviu o grito de Brent.

—Já vou.

—Não! —gritou, e se lançou atrás do receptor.

—Estarei aí em cinco minutos. —e desligou.

Não pode ver-me assim. Merda. Não pode ver-me assim! Brent não. Qualquer um menos Brent. Movendo-se mais rápido do que jamais o tinha feito, Georgia enxaguou a boca e entrou precipitadamente no quarto. Vestiu o primeiro que encontrou; um par de grossas calças de esportes cinzas e uma camiseta branca manchada de vinho tinto.

—Por que, por que, por que fiz isto?

Mas já sabia a resposta. Na bruma da bebedeira, tinha pensado em demonstrar ao Brent que ele realmente não a queria, não à mulher que era.

Georgia choramingou.

Tinha que sair daqui. Aonde? Aonde podia ir? Jillian! Jillian a esconderia, inclusive de Brent. Não se incomodou nem em calçar um par de sapatos, quando saiu precipitadamente pela porta da rua.

Eles se abraçaram e aconchegaram; Jillian amou cada momento. Sentiu-se confortada, querida, e não pôde negar que o corpo encaixava perfeitamente com o de Marcus. Quem teria pensado que tal coisa era possível? Não ela, disse estava segura.

Suspirou de alegria. Jamais se sentiu tão saciada em sua vida, e Marcus era o responsável para que se sentisse assim. Era como se tivesse entrado em seu subconsciente, descobrindo exatamente o que ela queria, o que necessitava, e o oferecesse sobre uma fonte orgástica.

—Já que estive dentro de mim — se encontrou dizendo—, talvez...

—Duas vezes — lançou ele.

—Já que estive dentro de mim duas vezes, talvez agora seja um bom momento para chegar a nos conhecer um pouco melhor. —Espera. Isso era o contrário a permanecer distanciados. Por que disse isso? Porque realmente quer saber mais sobre ele. Você gosta.



—Boa ideia —disse Marcus— Eu estive morrendo para saber mais da marca de nascimento sobre seu traseiro. —Sem lhe dar tempo para protestar, deitou-a sobre o estômago— Mais escura. —Havia excitação em sua voz— Eu gostaria...

Ela sorriu abertamente e deu a volta.

—Típico dos homens. Isso não é o que quis dizer quando disse nos conhecer um ao outro.

—Culpa minha. Voltemos para princípio. Diga-me porque é tão asseada e ordenada.

Agarrou-a pela cintura e a acomodou melhor a seu lado.

Jillian colocou a bochecha no espaço de seu pescoço. O aprazível tum, tum de seu coração lhe encheu os ouvidos.

—Faz soar como se fosse uma coisa má.

—Não má. Linda. Mas sua casa está agrupada por cores, Jillian.

Gostou de seu nome em seus lábios. Sensual. Sedutor.

—Ao menos deixou de me chamar Covinhas.

—Eu gosto de suas covinhas. São sexys.

—São de colegial.

Ele soprou, rindo.

— Me diga que levou uniforme e meias largas até o joelho e eu... me excitarei —disse, como se acabasse de compreendê-lo

Jillian lhe beliscou um dos duros músculos do estômago.

—Oh. E o que me diz da ordem? A casa de sua mãe estava limpa e tranquila. Não é motivo para que uma menina pequena cresça desdenhando a desordem e a variedade de cores.

—Agora é terapeuta?

—Sim. —A voz baixou um tom, rouca, e o sotaque se fez mais pesado— Conte todos seus problemas ao Doutor Marcus.

Ela riu entre dentes.

—Eu gosto da serenidade das cores suaves e combinando. Eu gosto de saber que tudo tem seu lugar. Não há nada mais que isso, prometo. Está me dizendo que você não gosta de minha casa?

—Eu gosto muito. Excita-me.

Ela quase riu.

—Tudo o excita.

—Quando você está envolvida, sim.

Se continuasse assim, derreteria-se. Destruiria sua resolução de manter as coisas a um nível puramente sexual.

—E como é sua casa?

—Tenho um apartamento no centro. Está cheio de caixas e mal tem algum móvel, exceto minha mesa de pôquer.

Nenhum homem gostava tanto de apostar como Marcus, e percebeu que gostava disso dele, sua predisposição a correr riscos.

—Quanto tempo está em Oklahoma?



—O suficiente para desempacotar. —disse ele secamente.

—Então por que não o tem feito?

Ele se encolheu de ombros, movendo-a com a ação. Jillian abriu a boca para lhe dizer que o ajudaria a desempacotar, mas se deteve bem a tempo. Ajudar a um homem a desfazer as malas era responsabilidade de uma namorada.

—Por que não vem amanhã depois do trabalho? —disse ele—Mostrarei a você os arredores.

Ela vacilou, mesmo que queria gritar: Sim!

—Bom. —disse devagar.

—Pode desembalar enquanto tiro uma soneca. —acrescentou ele com um sorriso.

—Ha! Ha! —Jillian puxou seu cabelo.

—Ow. —Marcus esfregou o couro cabeludo— É sanguinária. Suponho que isso significa que está preparada para outras duas rodadas.

Sim, estava-o, mas disse:

—Tenho que gritar com você primeiro. Consegue que me coloque mais no ambiente.

—Você não quer gritar comigo. —disse ele com segurança.

Tinha razão.

—Bem, sabichão. Já que sabe tanto, diga-me por que não quero gritar com você agora mesmo.

—Tenho uma teoria. —De repente estava todo sério.

Jillian se apoiou sobre um cotovelo e baixou o olhar a ele. Os negros cachos caíram em correntes sobre seu peito e ao redor de seu lindo rosto. Suas pálpebras fechados a meio caminho e seus olhos obscurecidos, tudo quente e sedoso.

—Acredito que não quero ouvi-lo.

—Muito tarde. Aqui está o que acredito que acontece a nós. —Seus olhos eram intensos, implacáveis— Quando nos encontramos pela primeira vez, você tinha tal frustração sexual presa, que o único que podia fazer era grunhir e golpear.

—O mesmo poderia dizer de você, então. —disse, sorrindo abertamente, sabendo agora que ele estava de brincadeira. Embora tristemente, suas palavras eram verdadeiras.

—Ei! Não vou negar isso. Foi muito duro. Mais que isso, desejei você e eu jamais tinha desejado um chamariz antes. Tentei mantê-la afastada sendo grosseiro. Sinto muito.

Bem. Uau. As palavras mais doces escutadas alguma vez.

—Quanto duro foi para você?

—Não, não vou contar isso. — negou com a cabeça— É um segredo.

—Conta, conta, conta.

—Não — repetiu Marcus—, mas te contarei um segredo diferente. Nunca me deitei com uma companheira antes. Muito menos com uma empregada.

Os olhares se encontraram e o observou atentamente, de forma inexplicavelmente feliz.

—Nenhuma vez?

Ele negou com a cabeça.

—Nunca.



—De verdade?

—Juro por Deus. —Levantou a mão esquerda, como se declarasse ante um tribunal.

Outra vez, uau. O conhecimento era embriagador. Era a primeira. Bom, não sua primeira vez, mas ainda assim uma espécie de primeira para ele.

—Agora você me conta um segredo. —disse ele.

Um! O que devia lhe dizer? Podia lhe dizer, que tampouco tinha dormido com um companheiro antes dele, mas não queria que soubesse quão especial era para ela. Finalmente se decidiu:

—Quis comprar a AATP da Anne.

Todo rastro de diversão se apagou de sua cara.

—Merda — grunhiu Marcus.

—Sim. Sei. —Ela se recostou sobre seu peito.

—Isso explica um pouco seu ressentimento —disse— Estou surpreso de que não me apunhalasse na coxa quando averiguou que eu a comprei.

—Não vou mentir. Pensei nisso.

Ele deslizou um dedo por sua coluna vertebral.

—E por que não o fez? Comprar AATP, quero dizer.

—Tentei falar com a Anne, mas sempre me evitava com a promessa “de mais tarde”.

—Alguma vez te disse por que não a vendeu para você?

Jillian estendeu os dedos sobre o peito de Marcus, tomando consolo do batimento de seu coração.

—Ontem fui a sua casa do lago e perguntei. Disse que não quis que eu terminasse como ela.

—Só isso?

—Sim. Pouco convincente, não?

—Muito. —Apertou-a mais forte, quase em um autêntico abraço— Não importa o que Anne te disse, é um chamariz malditamente bom e sua ideia da página da Web é genial... e não o digo só porque me deitei com você.

—Obrigada.

—Mas não mentirei para você. Alegro-me de que ela tenha me vendido. —pausa—. Eu, uh, nunca a teria conhecido de outra forma.

Naquele momento (bem, em muitos momentos recentes), Jillian também estava muito contente de tê-lo conhecido, mas isso não diminuiu a dor de ter seus sonhos esmagados.

—E não mentirei para você. Ainda quero o controle.

—Está no vermelho —disse ele com gravidade— Necessitamos dinheiro. Anne consumiu quase todos os benefícios do ano passado. É como se tivesse deixado de preocupar-se.

Jillian não notou nenhum desinteresse por parte de Anne pela empresa, mas isso não quis dizer nada. Obviamente a mulher era uma perita em ocultar coisas. Apesar de tudo, isso não converteu as notícias em menos espantosas. Ela sempre pensou no ATP como uma empresa incontrolável.

—Mas vou... vamos levantá-la. —prometeu Marcus— Estou disposto a escutar todas as



ideias que tenha. E as das demais. Inclusive farei aquela coisa da caixa de sugestões.

—Uma caixa de sugestões está bem. —Ela teria gostado de ter um para sua própria empresa. Que pensamento tão triste— E como conseguiu que Anne te vendesse AATP? Por que necessitava dinheiro?

Ele vacilou antes de responder:

—Não sou um louco, ligou-me e a ofereceu.

—O que! —Jillian se afastou de repente de cima dele.

Anne ligou para ele? Anne atirou AATP no seu colo? Não importa o muito que Anne necessitasse o dinheiro. Devia ter pedido ajuda a Jillian. *Olá, empréstimo.*

Marcus a puxou de retorno a seus braços.

—Ligou para mim, disse-me que estava interessada em vender e que tinha ouvido coisas boas de minha firma. Fiz uma oferta então; ela aceitou e logo, mais tarde, mudou de ideia. Disse-me que estaria nervosa por fazer tantas mudanças em tão pouco tempo. Assim voei até aqui, falei com ela e resolvemos os dados concretos uns dias mais tarde. —Ele remontou a ponta do dedo sobre sua bochecha, logo ao longo de sua mandíbula e suas terminações nervosas voltaram para a vida— Não seja muito dura com ela, certo? Anne realmente pensou em um lugar para você. Sugeriu que a fizesse segunda no controle.

Isso não conseguiu amortecer a dor. Anne jamais a considerou realmente, já que ofereceu o negócio ao Marcus. Duas vezes.

—O que vai fazer quando seu tempo de me abraçar terminar? —perguntou, trocando de assunto antes que começasse a chorar.

—Estarei muito cansado para me levantar. —disse ele. Com suavidade, esfregou seu braço com uma mão e brincou com as mechas de seu cabelo com a outra, enrolando um cacho no dedo— Tem algum problema com isso?

Não. Não queria que se fosse. Nem agora, nem mais tarde. Embora, tornar-se viciada em Marcus e querer mais dele, além de sexo, não estava bem.

—Não pode ficar toda a noite. —se obrigou a dizer.

Ele soprou.

—Como se quisesse ficar toda a noite. —disse ele, mas não houve calor em sua voz.

—Bem.

—Bem.

Ficaram calados. Não era incômodo, mas isso deu a oportunidade à sua mente de encher-se de perguntas.

—Assim que... —ela não podia acreditar que fosse perguntar-lhe isto, mas...—Falou-me um pouco de seu matrimônio.

—Sim. —disse Marcus com cautela.

—Conte-me mais.

Para sua surpresa, não ficou rígido. Seguiu acariciando-a no braço.

—Por que quer sabê-lo?

—Curiosidade. —Ela o desejava.



Mais que desejá-lo, embora não o admitisse. Tinha que saber dele e da mulher que tinha reclamado seu coração. De repente, isso, era uma dor em seu interior.

—Kayla era... algumas pessoas gravitavam a seu redor. Ela para tudo o que estava em seu poder para que aqueles que a rodeavam fossem felizes e se divertissem.

Bem. Em resumo, tudo o que Jillian não era. Lutou contra uma quebra de onda de ciúmes.

—Aposto que foi isso que o atraiu nela.

—Sim, mas não da forma que pensa. A primeira coisa em que pensei quando a vi consistiu em que, se um homem não podia ter uma relação com uma coisinha tão doce, simplesmente é que não podia ter uma relação.

Isso disse muito mais do que ele provavelmente compreendeu e ela se sentiu relaxar-se. Marcus não se apaixonou por Kayla por amor. Apaixonou-se pela mulher porque quis algo seguro, com certo êxito.

Que a relação falhasse explicava, certamente, o motivo de sua desconfiança.

—Lamento que não tenha funcionado. —disse.

Ele sorriu prazerosamente.

—Eu não. A primeira vez que a vi, pensei, “*Tê-la nua*”. Não teria sido capaz de fazer algo a respeito se tivesse casado.

Ela riu entre dentes ao mesmo tempo em que seu estômago rugia.

—Faminto? —perguntou.

—Esgotou toda minha força, mulher. E inclusive não consegui tomar a sobremesa na casa de sua mãe, já que não me deixou. É óbvio que tenho fome.

—Sim, e ainda não escutei suas palavras de gratidão. Assim, seja bom e me traga alguma coisa quando for à cozinha — acrescentou, sorrindo abertamente, seu bom humor de algum modo restaurado.

Como ele fez isto? Com apenas umas palavras, resgatou-a do fio da tristeza.

Franziu-lhe um cenho, zombador... e a empurrou da cama. Ela caiu ao chão e aterrissou justo sobre o traseiro, ofegando e rindo de sua audácia.

—Agora já está levantada —indicou Marcus— Pode trazer algo para nós dois.

—Possivelmente faça bolachas para você, já que não as comeu antes.

Ele estudou seu sorriso.

—Sabe? Se tivesse sorrido assim, eu teria comido as bolachas de sua mãe.

Ela ficou de pé de um salto e deu a volta, afastando-se antes que pudesse ver a umidade que de repente lhe apareceu nos olhos. Olhem. Agindo como uma emocionada garota muito sensível.

—Bem, o que espera? —perguntou ele, como se sentisse seu desconforto e insegurança e desejasse aliviar seu humor— Seu amo te deu uma ordem.

Este lado brincalhão de Marcus era... mais do que nunca tinha imaginado.

Hoje, constantemente a surpreendia. Primeiro, pedindo ter um caso com ele, logo indo a casa de sua mãe, logo voltando para sua casa e realizando sua fantasia mais secreta e ficando depois de fazer amor. Agora esta... doçura seguida de suas brincadeiras.

Estendendo a mão, agarrou o branco lençol de algodão o puxou.



—Levante-se. Se quiser comer, ajuda-me na cozinha.

Ele não se moveu.

—O que temos?

—Sanduíches.

—Um do outro? —meneou as sobrancelhas— Aposto que isso é outra fantasia sua. É, verdade? —saltou da cama em um só movimento fluido, o pênis longo e duro.

Ela se distanciou, o coração já galopando.

—Melhor manter essa coisa longe de mim. —O sangue se precipitou quente e necessitado. Deveria estar cansada. Não devia ter-se excitado tão cedo depois da última vez.

—Me mantereí longe —disse ele—, depois de tudo o que disse...

Ding dong. Golpe, golpe, golpe.

Marcus ficou quieto, franzindo o cenho. Ambos olharam a porta do dormitório, como se de algum modo pudessem ver fora. Golpe, golpe, golpe.

—Há alguém na porta. —disse ele.

—Já sei — franzindo o cenho também, agarrou o robe do cabide na parede e o pôs— Fique aqui — disse, saindo do quarto.

Jillian não olhou para trás para assegurar-se de que ele obedecia. Embora, escutasse-o amaldiçoar baixinho.

Golpe, golpe, golpe. Quem quer que fosse estava decidido a entrar. Aqueles eram golpes duros, rápidos. Punhos esmurrando. Jillian se sentiu um pouco alarmada ante o pensamento de que a pegassem com o Marcus. Possivelmente deveria ignorar a quem quer que fosse.

—Jillian! Jillian está aí? Deixe-me entrar.

—Georgia? —acelerou o passo e abriu a porta de um puxão.

Sua melhor amiga estava de pé no alpendre. O débil abajur que pendurava no alto, iluminando-a. Jillian ofegou ante o choque.

A cara de Georgia estava vermelha e manchada de tanto chorar, e Deus querido! O cabelo. Seu cabelo. Alguém tinha talhado a maior parte até o couro cabeludo. E o que não estava, pendurava em mechas má cortadas. As sobrancelhas faltavam.

—Quem fez isto com você? —disse com um fôlego estrangulado.

Quem quer que fosse, o mataria, agarraria uma faca e mostraria ao bastardo o muito que gostava de cortar.

—Eu fiz isso. —Georgia saltou dentro, todo o corpo sacudindo-se.

Espera. O que?

—Você fez isso?

—Tem que me esconder. —Os olhos verdes eram selvagens enquanto inspecionava a casa de Jillian— Não posso deixar que me veja assim.

—Reduz a velocidade. Tenho problemas para entendê-la. —Jillian colocou os braços sobre os ombros de sua amiga—. Georgia, O que aconteceu? Por que faria algo como isto?

—Não o deixe entrar, certo? —girou, nivelando-se com Jillian e observando-a com um frenético olhar— Ele virá aqui quando compreender que não estou em casa.



—Quem?

Antes que pudesse responder, Marcus entrou na sala, vestindo a camisa.

—O que ocorre? —exigiu. Então descobriu Georgia— Deus querido.

Georgia o olhou com a boca aberta.

—O que faz ele aqui? —Mas um segundo mais tarde, soluçava e tratava de cobrir a cabeça com as mãos— Não me olhe!

Impotente, Marcus afastou o olhar e confrontou Jillian.

—Não posso acreditar. —gritou Georgia, a voz amortecida pelas mãos que ainda ocultavam o rosto. — Deita-se com ele.

—Bom... — o rosto de Jillian ardeu.

—E quanto às regras? E com o fato de que ele está aparentado com o diabo? E com o que é um gay travesti?

Jillian se encontrou olhando para Marcus fixamente, lhe pedindo ajuda silenciosamente. Ele abriu a boca, mas não saiu nenhum som. Ela jamais tinha visto o homem parecer tão fora de seu elemento.

Finalmente Georgia deixou cair às mãos aos flancos.

—Sabe o que? Não responda. Possivelmente seja a única coisa boa que passa aqui —disse com uma risada histérica, olhando atentamente e com veemência ao Marcus— Agora não tenho que me preocupar de como reagirá quando me vir no trabalho.

—Eu... eu... — disse ele.

—Acalme-se e nos diga o que aconteceu. —insistiu Jillian.

—Homens — cuspiu Georgia. — Isso é o que aconteceu. Homens!

Capítulo 22

Espero que conheça a ressuscitação cardiopulmonar porque você tira meu fôlego.

Marcus estava completamente incômodo e fora de ambiente. Mulheres chorando... Deus! Nem sequer ficava quando sua mãe chorava como uma Madalena. Mas não queria partir. Georgia era sua empregada e se sentia na obrigação de fazer as coisas bem com ela.

Em realidade, sentia-se na obrigação de fazer as coisas bem porque Jillian queria que o fizesse.

—Georgia — começou, mas pressionou os lábios quando ela se girou para lhe fazer frente. Sua cara estava inchada e vermelha, seu aspecto devastado.

Várias lágrimas se deslizavam dos aquosos olhos verdes e ela as limpou rapidamente.

—Acha que sou feia, verdade? Bem, sabe o que? Já não me importa! Se quiser me olhar, adiante! Não tentarei detê-lo desta vez.

—Não acredito que seja feia. — respondeu com sinceridade. Havia ainda algo demolidor



nela, se olhasse mais além do seu amalucado cabelo e as ausentes sobrancelhas.

—É linda. — cantarolou Jillian. Passou-lhe a mão pelo dizimado cabelo e logo lhe acariciou as costas— Ainda é bonita, céu, mas tem que nos dizer o que aconteceu exatamente.

—Procurarei algo para beber.

Desesperado por escapar, Marcus chegou de um passo à cozinha e tomou duas cervejas, uma atrás da outra. A primeira prudência. Sentindo-se um pouco mais relaxado, encheu um copo de água e agarrou o pano de cozinha que pendurava do puxador do forno. Rezando por fortaleza, retornou à sala de estar e entregou tanto o copo como pano à Jillian.

—Obrigada. —articulou, limpando o rosto de Georgia com uma mão e segurando o copo sobre os lábios de sua amiga com a outra— Bebe.

Georgia afastou o copo enquanto toda a história começava a sair de sua boca com uma tranquila raiva que crescia a cada palavra. Um namorado que a tinha deixado, o vinho, a visita do irmão de Jillian, o vinho, a compreensão de que já não queria ser mais perfeita, o vinho, as tesouras.

—Lamento sobre Wyatt. —disse Jillian brandamente.

—Nunca me interessei por ele, não realmente. Sempre foi Brent — disse Georgia, estremecendo-se. Riu amargamente— Diariamente pomos a prova aos homens e, por fim, decidi testá-lo e demonstrar que em realidade não me ama. Brent me fez ter esperanças e a esperança é uma coisa terrível.

—Oh, querida. Havia outros modos... menos prejudiciais de arruinar seu aspecto e pô-lo a prova. — disse Jillian.

—Uma peruca. Cosméticos. Tirar... a maquiagem.

—Não teria demonstrado nada. —foi a resposta atormentada.

—E por que fez isto? Ainda não o entendo.

Marcus respondeu por ela.

—As pessoas desesperadas fazem coisas desesperadas, Jillian.

—Tinha que saber além de toda dúvida. —Georgia limpou os olhos com o interior dos pulsos— Quis lhe demonstrar seu engano agora, antes que eu caísse e fosse mais duro para ele.

Marcus rezou para que ela não se sentisse mais triste depois, quando Brent a visse. Ao homem poderia não lhe importar seu aspecto, mas poderia sentir-se ofendido pela prova. Marcus sacudiu a cabeça. Um chamariz não era uma pessoa que desse sua confiança às cegas e os civis frequentemente não podiam compreender isso.

Sem saber que dizer, Marcus se deixou cair na poltrona, conformando-se simplesmente olhando para Jillian. Espera. Possivelmente, simplesmente, deveria ir para casa. Ficar dando voltas a seu redor não era algo que um amante ocasional fizesse... especialmente em meio de uma crise emocional.

—O que vou fazer? —perguntou Georgia com a respiração vacilante.

—Bom, conseguiremos um estilista para arrumar seu cabelo. Ficará adorável com os cabelos arrepiados como Punk. Não se preocupe. —disse Jillian, mas houve vacilação na voz.

Georgia limpou os olhos novamente com o interior dos pulsos.



—E quanto a minhas desaparecidas sobrancelhas?

—Pode pintá-las. Muitas mulheres fazem isso.

—Sim, e muitas mulheres parecem palhaços. —respondeu Georgia, mais que um pouco histérica agora.

—Suas sobrancelhas crescerão de novo — ofereceu Marcus quando Jillian lhe lançou um olhar suplicante.

—Quero morrer. —foi sua resposta— Simplesmente morrer. Brent vai me deixar e você me despedirá.

Jillian negou com a cabeça.

—Ele não vai despedi-la.

—Sim, fará isso.

—Não, não fará isso.

—Sim, farei — disse Marcus com firmeza, pondo fim ao debate.

Ambas as mulheres o olharam. Georgia com triste resignação, Jillian com assombro. Marcus quis retirar as palavras, mas não podia. Não devia.

Jillian pronunciou uma risada forçada.

—Agora não é um momento para brincadeiras, Marcus.

—Infelizmente, não brinco.

Passou um momento antes que reagisse, como se sua mente necessitasse tempo para assimilar o que havia dito. Então, a cólera e a decepção obscureceram seus encantadores traços. Em certa época, essa cólera o teria excitado. Agora só sentiu o agulhão da perda. Ele começava a preferir seu lado mais suave, o lado que o beijava e lambia com abandono. O lado que lhe sussurrava coisas doces, quentes na orelha enquanto ele estava em seu interior. O lado que lhe pedia que a saboreasse entre as pernas.

—Por quê? —exigiu Jillian.

Marcus passou a mão através do cabelo. Sentia fazer isto, sobretudo enquanto Georgia estava tão mal. Mas não mentiria a nenhum deles e não permitiria que Georgia tivesse falsas esperanças. Seria mais cruel que o que estava a ponto de dizer.

—Não há uma esposa em todo o planeta que a escolhesse como chamariz. Todos nesta sala sabemos.

Os olhos de Jillian se entrecerraram.

—Acredito que mencionei que ela pode usar uma peruca e pintar as sobrancelhas.

Marcus sacudiu a cabeça.

—As mulheres saberão —disse ele— Os maridos saberão, e nenhum a escolherá. Eles querem a fantasia do que nunca poderão ter. Querem a perfeição. A autêntica perfeição.

—Marcus...

Cortou-a com uma aguda sacudida de cabeça.

—Sinto muito. Independentemente do que disser, minha decisão seguirá em pé. Um chamariz nos dá dinheiro quando é escolhido. Não faço isto para ser cruel. Disse a você que a AATP está sob uma grande pressão financeira. Simplesmente não podemos permitir empregar a



um chamariz que não cumpre as expectativas de nossos clientes. —Fez uma pausa, continuando— Vocês duas assinaram um contrato antes de começar a trabalhar na AATP. Qualquer mudança drástica em seu aspecto é razão para demissão.

Não era o que Jillian queria ouvir e sabia. Queria escutá-lo dizer que pagaria a Georgia custasse o que custasse. Bom, não podia fazê-lo. E duvidava que Georgia gostasse de ver-se como um caso de caridade.

—Pagarei uma indenização, mas é tudo o que estou disposto a fazer.

—Rogo que não a despeça —suplicou com os olhos— Por mim.

Fechou os olhos com força. “Por mim”, havia dito, tão quebrada quanto Georgia, e quis lhe dar qualquer coisa, tudo. E agora o que? Refletiu então. Uma relação? Matrimônio? Aqueles bebês que tinha tido saudades em segredo? Muito cedo, gritou sua mente. Muito, muito cedo.

—Não —se encontrou dizendo— Sinto muito.

Um momento passou. Uma eternidade. Um batimento de coração.

Jillian girou sobre os calcanhares, dando-lhe as costas.

—Eu gostaria que você partisse Marcus. —a voz tremeu como se falasse através de um doloroso nó na garganta.

Não deixe que isto importe para você. Alegre-se por isso. Não eram um casal e que as coisas terminassem agora, antes que se complicassem mais, em realidade era algo bom.

—Está segura de que quer fazer isto? —As palavras o abandonaram antes que pudesse detê-las. Permaneceu em seu assento. Acabavam de chegar a uma trégua e estava pouco disposta a vê-la destruída... apesar do instinto de conservação.

Além disso, ainda a desejava. Agora mais que antes.

Durante vários segundos, ela não falou. Marcus sabia que se saísse por essa porta jamais o convidaria de novo. As coisas voltariam a estar como antes. Seriam inimigos. Não haveria mais beijos. Nem mais sexo. Não mais amalucadas comidas com sua família. Nem bolachas envenenadas com pedaços de chocolate.

—Sim. —sussurrou Jillian, o confrontando de novo. Havia uma definitiva decisão no rosto— Estou segura.

Fechou os olhos ante a forte quebra de onda de pesar, pânico e necessidade. *O que acontece com você, idiota? Aja como um homem e deixa-a. Já esqueceu o orgulho uma vez. Não o faça de novo. Mas...*

De repente sentia tal sentido de perda que não podia respirar. Tinha um esmagante peso no peito, sufocando-o. Matando-o. As coisas tinham terminado. As coisas tinham terminado. O pânico se intensificou, o assaltando, abrindo uma porta na mente e permitindo que a verdade o alagasse... uma verdade tão evidente que não estava seguro de como pôde tê-la negado alguma vez.

O brilhante, lindo e decidido rosto de Jillian, a queda selvagem de seus cachos negros e o delicioso corpo embelezado com aquele robe branco. Profundamente em seu interior, sabia que queria mais que sexo. Sempre quis. Desafiava-o, excitava-o e não se sentia intimidada por sua cólera. Devolvia-lhe ardor com ardor de todas as formas possíveis.



Jillian não o enganaria. Conhecía a dor da traição e havia um coração de ferro em seu interior que não lhe permitiria mentir se seus afetos mudassem.

Era a mulher perfeita para ele. Muito cedo para tais sentimentos? Não. Tinham estado aí desde o começo. Simplesmente os tinha ignorado e logo os tinha posto um nome diferente.

Não compreendeu o que fazia, mas o tinha estado empurrando a um compromisso exclusivo. Uma relação com todas as ataduras que tinha reclamado não querer. Ambos tinham sido cautelosos ante o romance, mas inconscientemente tinham estado trocando naquela direção. E não o lamentava.

—Jillian. — disse, levantando-se, aproximando-se dela. Tinha que fazê-la entender. O que ganharia realmente com seu orgulho agora mesmo? Tinha-o deixado de lado pela Kayla pelos motivos incorretos. Com Jillian, tinha razão. Era o correto— Não posso deixar que Georgia mantenha seu trabalho. Não é bom para o negócio e não é justo que me peça isso. Tem que entendê-lo.

—Realmente o entendo. —Durante um momento, pareceu que se derrubaria. Então ficou rígida e negou com a cabeça— Mesmo assim tem que partir.

—Jillian...

—Disse que fosse! —gritou Georgia, saltando à conversação.

—De todos os modos, só nos divertíamos. Arranhando uma coceira, não? —Jillian riu, o som tenso— Isto jamais teria durado.

Realmente o sentia assim? Possivelmente sim, possivelmente não. De uma forma ou outra, isso o feriu mais profundamente que uma afiada faca porque significava que ele estava disposto a tentar e ela não. Um músculo lhe palpitou sob o olho.

—Eu não estava simplesmente me divertindo — disse, mas Jillian não se comoveu. Tinha erguido uma parede entre eles e Marcus não sabia como derrubá-la. Não quando ele tinha passado toda sua vida tentando construir suas próprias paredes e as manter em pé— Verei você amanhã no trabalho — Com isto, partiu, fechando a porta atrás dele.

Jillian quis chorar. Ver o Marcus afastar-se dela sem poder sair correndo atrás dele, gritando que parasse, fazer qualquer coisa, foi o mais difícil que jamais fez. Teve que recordar-se que era imune aos homens, imune a seus encantos e que nunca queria ter nada sério com eles.

Todos eram uns porcos.

—Por fim! —Georgia se derrubou sobre o sofá, enterrando a cara entre as almofadas.

O queixo de Jillian tremeu. Maldito Marcus por mostrar seu lado terno e sensível depois de fazer amor com ela e causar que desejasse tudo o que tinha para dar, e logo tornar o tipo de homem cruel e egoísta que rechaçou compadecer-se de sua amiga!

E o pior de tudo, ele tinha ignorado seus sentimentos completamente. Como tinha feito seu pai. Ao Marcus não importava, em realidade... nunca tinha afirmado que lhe importava. Ela simplesmente pensava... esperava... Bom, melhor ter visto suas verdadeiras intenções agora que mais tarde. Não é o que sempre dizia às mulheres que a tinham contratado?

—O que vou fazer? —pronunciou Georgia em um torturado sussurro.

—Não sei — Jillian se obrigou a centrar-se em sua amiga. Georgia a necessitava agora. Já



pensaria no Marcus quando estivesse sozinha. Não, talvez nem então. Sentia-se muito em carne viva— Chamarei o Brent. Ele saberá...

—Não! —Saltando à ação, sua amiga a agarrou pelos ombros e a deteve com um desesperado olhar— Não quero que seu irmão me veja assim. Por isso vim aqui.

—Se alguém pode convencê-la de que ainda é bonita, é Brent.

Seu irmão não abandonaria a uma mulher simplesmente porque sua beleza se danificou. Ele não se parecia com seu pai ou Marcus. Era doce, amável e carinhoso. Não é que alguma vez o houvesse dito. Brent já tinha pensado muito.

—Se afastará de mim com asco.

—Não pode saber disso com segurança até que a veja. E não é por isso que o fez? Para que pudesse vê-la desta forma?

Enquanto falava, Jillian desejou que os últimos minutos não tivessem passado; lamentou-se de não estar de retorno aos braços de Marcus, rindo com ele e inventando maneiras de melhorar a AATP. Que pobre e patética sou, pensou então, enojada de si mesma.

Que tipo de mulher preferiria ter a um homem que saber a verdade?

É igual às demais mulheres nisto.

—Não posso. —Os verdes olhos a olharam, lhe suplicando que entendesse— Simplesmente não posso. Ainda não. Não me importa que Marcus pense que sou feia, mas Brent...

—Bem. —Esboçou um sorriso, sabendo que provavelmente parecia falsa e instável. E o era— Esta será a noite das garotas. Por que não consigo umas cervejas?

Aliviada, sua amiga assentiu.

Jillian entrou na cozinha e, em segredo, marcou o celular de seu irmão sem um pinga de culpa. Os olhos ardiam enquanto este soava. Maldita seja! Os esfregou para livrar-se da odiosa umidade.

—Agora não é bom momento — a voz de seu irmão saiu repentina e precipitadamente, cortando suas lamentações internas.

—Brent, sou eu. —sussurrou.

—Jillian, estou na casa de Georgia. Aconteceu algo errado com ela. Estava falando com ela por telefone quando gritou e vim correndo. Mas não responde à fodida porta. Vou jogá-la a baixo.

—Está aqui.

Exceto por seus ofegos, um terrível silêncio se deslizou sobre a linha.

—O que?

—Está aqui. Comigo.

—Está bem?

—Está bem. Um pouco aturdida, mas bem.

Sua respiração se fez mais pesada, trabalhosa, e soube que estava correndo.

—Estarei em sua porta em cinco segundos. —disse ele — Deixe-a aberta.

Desligaram sem outra palavra. Brandamente, Jillian colocou o telefone sobre o receptor. Pelo visto, parecia que Georgia e Brent conseguiriam um final feliz. Diferente dela. Jillian limpou uma solitária lágrima que tinha decidido cair. Estarei bem, disse a si mesma. Marcus não é digno



disto.

Mas e se ele fosse?

Capítulo 23

Essas calças são espaciais? Porque seu traseiro é de outro mundo.

Brent correu como um homem açoitado pelo fogo e o único extintor se encontrasse na casa de Jillian. O coração lhe galopava no peito. Algo ocorria a Georgia. Até pôde escutar seus soluços de fundo enquanto falou com sua irmã.

Cinco casas mais à frente e chegou. Tinha o corpo tenso, o sangue fervendo com a necessidade de ajudar a sua mulher, solucionar qualquer que fosse seu problema. Apagar suas lágrimas. Se alguém lhe tinha feito mal... apertou a mandíbula e voou através do alpendre. A porta estava aberta, tal como tinha pedido, e entrou correndo.

A primeira coisa que viu foi Georgia, deitada no sofá. Dava-lhe as costas e um bonito almofadão bordado lhe cobria a cabeça, mas ainda assim podia ver que ela tremia. Jillian estava sentada a seu lado, lhe acariciando o ombro enquanto tristemente olhava ao longe.

—O que aconteceu? —exigiu Brent.

Jillian saltou, como se não se inteirou de que tinha entrado na casa. Georgia ofegou seu nome e subiu mais perto da beira do sofá.

—O que faz ele aqui? —O pânico irradiava dela e apertou o almofadão mais forte sobre a cabeça— Vá embora, Brent. Por favor!

Franzindo o cenho, Brent se moveu lentamente para diante. Queria tocá-la, acalmá-la, mas não se atreveu. Ainda não. Não antes de saber que acontecia.

—Conta-me, amor. Por favor.

Georgia não disse uma palavra.

Jillian se levantou, parecendo mais vulnerável do que jamais tinha parecido antes.

—Ontem à noite cortou o cabelo para testá-lo. A você. Não ao Wyatt. Eles terminaram.

Sua primeira reação: Alegria. Wyatt por fim estava fora de cena. Sua segunda reação: Confusão.

—Não entendo como um corte de cabelo pode me pôr à prova.

Inclinando-se, com a determinação marcando os traços, Jillian puxou o almofadão que cobria a cabeça de Georgia. Ela não explodiu, nem gritou, nem amaldiçoou ou chorou. Não, ela soltou um estremecedor suspiro e rodou de costas, deixando que Brent a visse totalmente.

Foi como se alguém lhe perfurasse o estômago.

Sua cara era um desastre, listras vermelhas se bifurcavam por seus inchados olhos como uma teia de aranha. Seu cabelo havia quase sumido. Suas sobrancelhas sumiram completamente. Os aquosos olhos verdes o olharam com agonia e expectativa.



Merda. Merda! Um corte de cabelo era ficar curto. A maior parte dos sedosos cachos vermelhos tinha sido raspada até o couro cabeludo. Havia umas pequenas mechas restantes e estas estavam arrepiadas. A linda fachada que tinha exibido durante todos estes anos se foi. Em seu lugar... estava a garota vulnerável que ele tinha querido na escola, mas que não tinha sido capaz de ter.

Sabe que quer me deixar, pareceu dizer seu fixo olhar. Seu queixo tremeu e ela começou a soluçar.

—Você fez isto? —perguntou Brent em voz baixa.

—Sim — sua voz era cansada, com sinal de lágrimas. Ela fechou os olhos, como se não pudesse mantê-los mais tempo abertos— O fiz.

—Por mim?

—Em parte.

Brent se aproximou dela e se deteve na beira do sofá.

—Afasto-se para um lado, amor.

—Não. —disse fracamente.

—Por favor.

Ao princípio, Georgia não deu nenhuma amostra de tê-lo ouvido. Logo, devagar, moveu-se pouco a pouco a um lado, lhe deixando espaço. Sentou-se junto a ela, até que seu quadril tocou o seu.

—Vou deitar-me — sussurrou Jillian e se afastou sem outra palavra. Brent ouviu sua porta fechar-se.

—Boa noite — ele gritou. Algo errado acontecia com sua irmã, mas só podia lidar com uma fêmea infeliz de cada vez. Trataria com a Jill pela manhã. Por agora, manteve sua atenção sobre Georgia.

O que levaria a uma mulher tão magnífica a fazer algo como isto? Para testá-lo havia dito Jillian. Testá-lo... como? *“Mostre-me o pior de você”* recordou lhe ter dito de repente. Seus olhos se aumentaram quando todos os pedaços deste estranho quebra-cabeça encaixaram em seu lugar. Pô-lo a prova, esperando que a deixasse.

Durante anos, Georgia lhe havia dito incontáveis vezes que só a queria por seu rosto, seu aspecto. A pequena tonta tinha arruinado seu lindo cabelo para saber, além de toda dúvida, que tinha tido razão.

Quis rir, mas não se atreveu.

—E bem? —disse ela, umas palavras amortecidas e desafiantes.

—E bem o que? —Foi difícil manter a felicidade fora da voz.

—Quer agora que só sejamos amigos? —Disse isso com uma careta desdenhosa.

—Por que queria eu agora ser seu amigo?

—Sabia —seu lábio inferior tremeu — Sabia que diria isso — Tentou girar a um lado — É igual a todos. Jillian tinha razão. Todos vocês são uns porcos.

Agarrou-a pelo braço, fazendo todo o possível por ser gentil e não machucá-la, e a sustentou no lugar.



—Amor, está confusa. É algo mau não querer ser seu amigo? Nunca quis ser somente seu amigo. Sempre quis ser seu amante. E ainda quero.

A boca caiu aberta.

—O... o que?

—Para mim, é linda. Agora e sempre.

Rechacando acreditar nele, negou com a cabeça.

—Não pode pensar isso. Nunca me diz que sou linda e só o diz agora porque é um sujeito agradável. Sente-se obrigado.

Ele riu incapaz de deter-se desta vez.

—Não sou um sujeito agradável, Georgia, e não me sinto obrigado.

—Sim, é e sim, sente —seguia sem abrir os olhos — E isto não é engraçado.

—É um pouco.

—Não. Não é. Não!

Talvez ela tivesse razão... sobre a parte de ser um sujeito agradável. Depois de tudo, ele não tinha açoitado e perseguido a mulher da forma que tinha querido. Se o tivesse feito, teria enchido as malas e teria se mudado com ela com ou sem sua permissão fazia muito tempo. Em troca, tinha deixado que saísse com o Wyatt, o perdedor imbecil, e tinha sonhado o matando uma e outra vez. Com muita dor. Lentamente.

—Nunca disse a você que é bonita porque não me importa o exterior —disse — Mas sim, acredito que é linda por dentro e por fora. Sempre acreditei. Isso não significa que seja o suficientemente agradável para te dizer que, agora mesmo, parece uma merda.

Suas bochechas floresceram de um brilhante vermelho.

—Não tem que ser grosseiro. Sei que me pareço com uma mutante.

—Uma linda mutante. Escuta amor. Não pode ter-me de ambas as formas. Ou sou agradável ou sou grosseiro. Em realidade — disse depois de uma pausa —, não sou nenhuma das duas coisas. Simplesmente sou honesto. Terminará por gostar disso em mim.

—Termi...narei? Então quer ficar comigo? Realmente me ama? —A incredulidade irradiada dela e, se não se equivocava, também a felicidade. A emoção era débil, apenas ali, mas a tênue chama o esquentou por dentro e por fora— Ainda?

—Bom, sim —limpou uma de suas lágrimas — Já te disse que eu gosto do som de sua voz quando está contente e as sardas que tanto tenta ocultar. Mas mencionei que eu adoro como canta as canções de *A Pequena Sereia* quando acha que ninguém a escuta? Eu gosto disso de que morreria por minha irmã caçula. Eu gosto do modo como cheira, como a algodão doce. Eu gosto como baixa o olhar e retorce os dedos quando está nervosa. Eu gosto dos óculos de avozinha que estava acostumado a usar e, quando por fim tiver você na cama, melhor gostar da ideia de usar um par. Fantasiei com você os usando tantas vezes que perdi a conta.

Um estremecimento a atravessou, tão intenso que o sofá inteiro tremeu.

—Apoie-se contra o respaldo, amor. Estou caindo.

Obedeceu sem protestar. Em vez de sentar-se mais dentro, ele se estirou a seu lado. Seu corpo era quente e suave, seu aroma doce e salgado ao mesmo tempo. Deus, passara querendo



estar nesta posição desde fazia muito tempo! Abraçá-la. Inundar-se dela.

—Estou desempregada. —disse Georgia — Marcus me despediu.

—Bom para ele. —Então Marcus era o chefe de Jillian e Georgia? Interessante...

—Perdoa?

—Eu também a teria despedido. Raspou as sobrancelhas, por Deus! —riu entre dentes, mas ficou sério rapidamente— Amo você, querida, mas possivelmente seja o momento de começar de novo. Com tudo. Com o trabalho. Com seus projetos na vida. Comigo.

—Acredito que estou em choque. —Havia uma capa de vergonha em sua voz, como se finalmente começasse a entender seus sentimentos. Como se finalmente compreendesse que não teria necessitado tal alvoroço para provar sua devoção.

Envolveu o braço ao redor de sua cintura e a apertou.

—Escuta bem, Tesouras. Amo você, certo? A carência de cabelo não mudou isso. Quero estar contigo. Amo você. A você. A mulher que é, não a mulher que parece.

Tremendo outra vez, ela escondeu a cabeça em seu pescoço.

—Oh, não sei o que dizer.

—Então não diga nada. Vamos dormir amor. Falaremos um pouco mais pela manhã.

—Ficará?

—Não há nenhum lugar mais no qual preferiria estar.

—Promete-me isso?

Beijou-a na testa.

—Prometo-lhe isso.

Jillian não pôde dormir em toda a noite. Uma vez que foi nas pontas dos pés à cozinha para pegar um copo de água, viu Georgia e seu irmão aconchegados no sofá. Isso lhe recordou o que tinha estado fazendo com o Marcus antes que fossem interrompidos. A cólera a alagou e voltou para seu quarto, à cama, zangada. Chorando.

Quis bater em Marcus, machuca-lo porque ela estava magoada.

Não a tinha escolhido, e aquele conhecimento ainda lhe ardia. Tinha escolhido o dever e seu trabalho, demonstrando além de toda dúvida que ela não significava nada para ele. Ela simplesmente tinha pensado que a queria, mas não o fazia. Não realmente.

Uma vez, pensou em brigar com ele, mas logo desprezou a ideia por medo a sentir-se muito atraída. Não tinha que preocupar-se disso agora. Já estava atraída, mas agora era mais preparada. Agora conhecia as consequências de entregar-se.

Entrecerrou os olhos e se levantou. Tropeçou com o armário e se vestiu com um par de calças negras e uma camiseta negra. Colocou o cabelo em um rabo-de-cavalo e depois caçou um par de sapatos de lona. Agarrou a bolsa e as chaves e cruzou a sala de estar.

Georgia e Brent ainda dormiam, aconchegados. Com uma dor no peito, despertou Brent de uma sacudida. Ele gemeu e entreabriu as pálpebras. Passou um momento, a confusão revoando em sua expressão. Quando se orientou, franziu o cenho.

—Algo vai mal?



—Estou saindo. —disse ela.

Devagar ele se sentou, cuidando de não incomodar a Georgia.

—Vai tudo bem?

—Há algo que tenho que fazer. Verei você logo. —girou e se dirigiu à porta.

—Não deveria estar zangada com o Marcus —lhe disse ele— Georgia não está.

—Não conhece a situação.

Jillian fechou a porta atrás dela. Fora, os débeis raios do sol lutavam por preponderar sobre a escuridão. O ar era frio e cheirava a pinheiro e flores. Os pássaros se elevavam no alto. Jillian tinha todo o direito de estar zangada com o Marcus. Tinha-lhe quebrado suas ilusões.

la fazê-lo miserável. Podia despedi-la, já não lhe importava. De fato, esperava que o fizesse. Não lhe daria a satisfação de partir ou economizar o pagamento de uma indenização.

Jillian saltou a seu carro e conduziu ao supermercado mais próximo. Na seção de caça e pesca, encontrou exatamente o que necessitava. Sua mãe lhe tinha ensinado um pequeno truque com alguns dos artigos mais aromáticos que estavam acostumados a usar os caçadores para atrair a sua presa. Pela primeira vez em sua vida, poderia usar aquele conhecimento.

Conduziu para o escritório. Anne lhe tinha dado uma chave fazia uns anos o celular soou com a canção “Crazy”. Gemeu. Não necessitava isto agora. De todos os modos, tirou o telefone da bolsa.

—Olá, Mamãe.

—Como vão às coisas com seu namorado, Jillian? —foram as primeiras palavras que saíram da boca de Evelyn.

—Não é meu namorado. —Poderia ter sido. Talvez. Algum dia— Inclusive nem gosto dele.

Sim, sim que você gosta mentirosa. Marcus podia ter despedido Georgia, mas até o final tinha sido divertido e terno com ela.

—Não acredito em você.

—Como se sente hoje? —perguntou, trocando o assunto antes que começasse a chorar.

—Bem. Feliz.

—De verdade? —Sua mãe parecia feliz, e não essa felicidade forçada que geralmente escutava Jillian.

—Já sabe, às vezes... estou triste.

—Sim — respondeu Jillian hesitantemente. Evelyn nunca lhe falava de sua tristeza. Nunca.

—Bem, eu... — clareou garganta—... comecei a tomar minhas pílulas ontem à noite.

Jillian quase saiu da estrada. Sua mãe tinha visto muitos doutores ao longo dos anos, tinham-lhe prescrito muitos remédios, mas jamais tomou nenhum. Não os necessitava, assegurava. Que estava bem assim como era.

—Estou emocionada, mamãe, mas o que a fez trocar de ideia?

Ela suspirou.

—Seu sermão realmente me fez cair em mim. E disse que me amaria sem importar como agisse, verdade?

—Verdade.



—Bem, quero agir sendo feliz.

Uau.

Sua mãe suspirou outra vez.

—Tenho que explicar sobre ontem. Quando Brittany se casou com o Steven, alterei-me. Mas logo compreendi que não se parece comigo. Ela pode ser feliz em qualquer lugar, com qualquer pessoa, sem importar o que está passando a seu redor. Sua vida não ia ser destruída pelo Steve, independentemente do que ele fizesse. Brittany está muito centrada para deixar que as ações de um homem a limitem. Assim terminei por aceitá-lo como parte da família.

—Isso é bom.

—Quando a vi com o Marcus, alterei-me mais do que jamais o estive com o Steven. Compreende? É só que... —e sem dar ao Jillian uma oportunidade de responder continuou— você parece tanto comigo. Não pode ser feliz em qualquer lugar, com qualquer pessoa, se as coisas forem mal. Sua vida já foi destruída pela traição uma vez. Não estava segura de que pudesse se recuperar se acontecesse de novo. É por isso que nunca quis que nada nem ninguém entrassem em sua vida. Pensei que para você, seria melhor que estivesse sozinha a que arriscasse seu coração.

Possivelmente estar sozinha era a opção correta. E tinha escutado bem a primeira parte? O que era como sua mãe? Deus querido. Diga-me que não sou.

—Mas encontrou a alguém com um caráter de ferro. —seguiu alegremente—, e decidi confiar nele, apesar de tudo o que passou em sua vida. Apesar do fato de que as coisas poderiam sair erradas. Bem, eu quero fazer isso, também. Nunca a tinha visto tão... feliz.

Feliz? Há! Se ela fosse um pouco mais feliz, conduziria para um escarpado.

—Se você pode viver sem medo, depois de tudo do que foi testemunha, eu também deveria ser capaz.

—Me alegre por você. —Mas não vivo sem medo, quase admitiu. Nem muito menos. De fato, jamais tinha tido mais medo em sua vida. Embora não o disse, não podia destruir as novas esperanças de sua mãe.

—Há mais. —Sua mãe soltou um longo suspiro, como se desse ânimo a si mesma. Provavelmente tinha planejado o discurso toda a manhã— Quando você, Brent e Brittany me disseram que tinha múltiplas personalidades, pois, isso doeu. Mas também me ajudou a ver-me através de seus olhos. Não quero ser uma pessoa que consegue que todos os que estão a seu redor sejam miseráveis. Quero uma vida e quero um homem.

—Mamãe...

—Não terminei. Estou farta de estar sozinha. Talvez se conseguir controlar minhas emoções, alguém ficará e me amará por quem sou. —Quando terminou chorava— O sinto. O remédio não me fez efeito ainda.

—Oh, Mamãe.

—Não, não. Não se compadeça de mim.

—Não o faço. Estou muito orgulhosa de você.

Houve uma pesada pausa.



—De verdade? —perguntou Evelyn com esperança.

—De verdade.

Outra pausa. Então, de entre todas as coisas, uma risada.

—Não liguei para você para chorar nem para falar de mim. Liguei porque ontem à noite, depois que você e seu... Marcus foram embora, Brent e Brittany me falaram de você e seu pai.

Bom. Sério. O que tinha acontecido à sua mãe? Ela nunca falava de seu pai.

—O que acontece com ele? —perguntou com frieza.

—Pois, que me equivoquei ao colocá-la contra ele. Essas são palavras de Brent, não minhas. Só queria que alguém o odiasse tanto como eu o fazia, de maneira que meus próprios sentimentos de ódio pudessem estar justificados. Isso veio de cortesia de Brittany. Mas a seguinte parte é toda minha assim, escuta atentamente. —se esclareceu garganta— Eu sabia que o que fazia estava errado, sempre te dizia a pessoa horrível que era ou te pedia que ficasse comigo em vez de ir vê-lo. Inclusive enquanto o fazia, sabia que não deveria, mas aparentemente não podia me deter. Eu... sinto muito.

Agora Jillian se virou bruscamente. Um carro lhe buzinou e rapidamente retornou a sua pista.

—Quem é você realmente? Não entendo por que me diz estas coisas.

—Quero por fim deixar o passado para trás. Deveria pensar em fazê-lo também. A amargura não nos tem feito bem a nenhuma das duas. Talvez o perdão o faça. Agora, tenho que ir. Minha medicação deve me fazer total efeito em umas semanas e quero ter meu perfil pessoal preparado— Click.

Jillian olhou fixamente o telefone transtornada... até que outra pessoa lhe buzinou e compreendeu que se desviava de sua pista novamente. Apressadamente, voltou o carro ao lugar apropriado.

Sua mãe queria que deixasse o passado para trás, talvez, que falasse com seu pai. Brent queria que perdoasse Marcus. Querido Deus! O que acontecia com o mundo?

Capítulo 24

Se eu te disser meu nome, você o gritará enquanto te dou prazer?

—Jillian.

—Marcus.

Marcus caminhou pelo vestíbulo dianteiro da AATP, com o corpo em alerta. Não esperava que ela estivesse aqui, mas sim comunicasse que estava doente ou inclusive que se despedisse. Mas aí estava, sentada em seu cubículo, parecendo linda, despreocupada. Vestida de negro, seus cachos presos em um rabo-de-cavalo. Não lhe jogou nem uma olhada quando passou, mantendo os olhos sobre a tela do computador.



Vê-la e saber como parecia nua era como se lhe perfurassem as tripas. O sangue se esquentou imediatamente. Todos os músculos se apertaram e endureceram. Mas seguiu andando, cruzando de um passo até seu escritório e fechando a porta atrás dele. Fechou as persianas e passou a mão pelo cabelo. Merda. Desejava-a, e muito. Se as coisas tivessem sido diferentes, podia tê-la chamado a seu escritório e podiam ter passado o tempo despindo-se. Mais tarde, ele a abraçaria, teriam falado e rido de novo.

Suspirando, acendeu a luz e se encaminhou para o escritório, onde se sentou de repente.

—Merda. —resmungou.

Realmente queria chamar Jillian. Queria lhe falar sobre a noite passada. Sobre seu futuro. Mas o rechaçaria, sabia. E não porque Jillian tivesse deixado de desejá-lo. Não o fez. Ou ao menos, isso esperava. Simplesmente não estava preparada para o que ele queria lhe dar.

Marcus não pôde dormir a noite toda, pensando nela, e suspeitou que ela fugia assustada. Suspeitava que essa distância entre eles não tivesse nada a ver com a Georgia e tudo com seus próprios medos do compromisso. Aproximaram-se. Tinham formado uma união. Isso teve que tê-la assustado. Diabos, assustou a ele! E... o que era esse horrível aroma?

Enrugou o nariz e farejou. Cheirou a esquerda e direita. Maldito Inferno! De onde vinha isso? Cheirou as axilas. Não. O escritório tinha cheirado bem quando entrou, mas agora... que diabos?

Levantou-se e caminhou para a janela, abrindo-a. Respirou fundo. O estômago se revolveu. Santa Mãe de Deus, estava por toda parte! Era como se tivesse metido a cabeça no traseiro de um camelo, depois de comer um montão de vermes. Sentiu arcadas. Até os olhos lacrimejaram.

Ouviu murmurar no vestibulo. Tão rápido como os pés puderam levá-lo, correu até a porta e a abriu de um puxão. Apertou o passo. Infelizmente, o ar fresco e limpo não o envolveu.

—O que é esse aroma? —perguntou Jake enquanto se aproximava pelo vestibulo de entrada— Se percebe do estacionamento — abanou sobre o nariz.

O maldito fedor putrefato provinha de seu escritório, inclusive através da porta.

—Merda, não tenho nem ideia.

—Problemas?

Jillian se levantou e se moveu furtivamente ao redor de seu cubículo. Descansou o quadril contra a parede, a viva imagem da serenidade.

Joe e Selene entraram no edifício e fizeram uma pausa. Olharam um para o outro, e competiram por passar Marcus, apertando o nariz e o olhando como se necessitasse uma ducha. Por uma fração de segundo, enquanto eles cruzavam sua linha de visão, perdeu de vista Jillian. Então a olhou outra vez, e viu um travesso brilho em seus olhos, rapidamente mascarado.

De alguma forma, ela provocou isto. Tinha infectado seu escritório.

—Vou vomitar — disse Jake. Olhou de Marcus a Jillian, e de Jillian a Marcus. Em voz baixa, com a intenção de que só Marcus o ouvisse, acrescentou— Suponho que não seguiu meu conselho, depois de tudo. Você e a mulherzinha ainda parecem querer assassinar um ao outro.

—Oh, segui seu conselho — disse Marcus em voz alta, subindo o nível de voz— Simplesmente explodiu na minha cara. Jillian posso falar com você um momento?

—Estou digitando meu relatório sobre a atribuição do sábado. Pode esperar nosso bate-



papo?

—Não. —grunhiu ele.

Ela se encolheu despreocupadamente de ombros.

—Falamos em seu escritório, então?

Ele devia fazê-la entrar naquele domínio horroroso, mas não era capaz de suportá-lo. Antes teria que cortar o nariz. Mais que o aroma, entretanto, recordava a vez anterior que a teve em seu escritório. Beijaram-se. Tocaram-se. Fizeram coisas deliciosas. As lembranças o atormentavam.

—Reúna-se comigo na sala de conferências. — disse ele— Em cinco minutos.

Nesse mesmo momento, Danielle e Amelia entraram no edifício. Ambas franziam o cenho.

—Viram Georgia? —perguntou Amelia. Enrugou o nariz e agitou a mão diante do rosto— O que é esse horrível aroma?

—Não fui capaz de encontrar Georgia —disse Danielle, apertando o nariz— e não está em casa. Combinamos que me pegaria esta manhã.

Marcus jogou uma olhada a Jillian, o olhar impulsionado por uma força maior que ele. Seus lindos lábios formavam uma fina linha de desgosto.

—Não souberam? —disse ela— Georgia foi despedida.

Amelia ofegou.

—O que? Por quê?

—Pergunte ao Marcus — disse Jillian, o tom neutro, desprovido de emoção.

Todas pararam e olharam fixamente para Marcus. Alguns dos homens também se atrasaram no vestíbulo, para averiguar o que acontecia. Marcus sentiu que o sangue começava a ferver. Tinha planejado convocar uma reunião e comunicar a notícia com cuidado, sem entrar em detalhes. Se Georgia queria que eles soubessem o que aconteceu, que o contasse ela.

—Necessita algum tempo livre. —disse ele, mantendo a voz imparcial— Jillian. Sala de conferências. Agora. Seu indulto de cinco minutos terminou.

Afastou-se antes que alguém pudesse lhe fazer outra pergunta que não estava preparado para responder. Não olhou para trás para assegurar-se que Jillian o seguia. Sabia que o fazia. Não era uma covarde. Uma perita em bombas fétidas, possivelmente, mas não uma covarde.

Esperou-a nas portas de vidros, sustentando uma aberta. Jillian deu a volta na esquina, o queixo alto, os ombros quadrados. Depois de que passou frente a ele, Marcus ficou perto da porta por seu próprio bem.

—Sobre o que queria ver-me? —perguntou ela, girando para confrontá-lo.

Moveu-se para ela e se inclinou, ficando justo à altura de sua cara.

—O que fez em meu escritório?

Jillian piscou, toda inocência.

—O que o faz pensar que fiz algo?

Ela não o negou, ao menos.

—Tenho um cliente que vem hoje —gritou ele— Recorda a nossa bailarina de colos do clube? Bem, pretendo dizer ao maridinho que sua esposa o engana. Não posso ter essa conversa em meu escritório se cheirar como uma boca-de-lobo.



Um rubor culpado alagou o rosto dela... de culpa e excitação, como se recordasse as acrobacias que fizeram em seu sofá depois do trabalho, como se... ela baixou o olhar às sapatilhas esporte...

—Concordamos que, independentemente do que acontecesse entre nós a nível pessoal, não permitiríamos que afetasse em nosso trabalho. —Olhá-la, estar tão perto dela, fazia estragos nos seus sentidos. Pôde cheirá-la... e esse aroma aditivo e sensual, de algum modo, conseguiu abafar o fedor de fora da sala.

—Parece-me que para você, despedir alguém não é algo pessoal, só é negócio. Bom, sabe o que? — Os torturados olhos se elevaram e os longos cílios fizeram sombra nas bochechas— Quando se despede alguém é uma questão pessoal.

—Georgia procurou isso, Jillian. Acredito que ela inclusive o entende. Você é a única que aparentemente não pode deixá-lo estar. Por que será? —Não lhe deu tempo a responder— Acredito que só procura uma razão, qualquer razão, para me manter fora de sua cama.

Seus olhos brilharam com tal intenso calor, que ele quase se queimou. Quase ardeu e sentiu as bolhas. Estava muito perto de envolver as mãos ao redor de seu pescoço. Para sufocá-la ou beijá-la... não estava seguro. Possivelmente ambas as coisas.

—Se por acaso o duvida —disse ele, sério— pode seguir o encontro com o senhor Parker por meu computador. Em meu escritório. —Fez uma pausa, esperando que ela dissesse algo. Quando não o fez, acrescentou— Ao menos, tenha a decência de me dizer a que cheirava.

Um momento passou, então:

—Urina de Cervo — disse com um suspiro.

Ficou sem saber que dizer, abrindo e fechando a boca.

—Tem que estar de brincadeira. Pôs urina de cervo em meu escritório?

—Assim é —entrecerrou os olhos— O que fez a Georgia realmente fede, e quis que você cheirasse igualmente ruim.

Havia um tácito: *o que você me fez, também fede*, em suas palavras.

Um músculo lhe palpitou sob o olho.

—Quer que a despeça? É isso? Bem, adivinha que, Covinhas. Não a despedirei nem deixarei que ignore o que acontece entre nós. Se quiser se libertar de mim, terá que encontrar a coragem para partir.

Um punho golpeou a porta, e ambos giraram para fulminar com o olhar ao intruso. Selene jogou uma olhada dentro. Franzia o cenho.

—O senhor Parker está aqui —disse— Deixei-o no corredor. Seu escritório cheira a cabelo queimado envolto em merda.

—Estarei ali em um minuto. —Marcus esfregou a cara com as mãos, cansado de repente— Só... mantenha-o ocupado.

Ela assentiu, dirigiu a Jillian um *a que veio esse olhar*, e partiu.

—Sabe Jillian? —disse, mordendo as palavras— Está presa em uma bagunça, provavelmente confusa pelo que sente e definitivamente zangada. Mas estou disposto a esperá-la independentemente do tempo que necessite.



Levantou o queixo, parecendo confusa, esperançosa e assustada de repente.

—Não entendo.

—Estive casado, já sabe, e não deu certo. Estive fugindo do compromisso após. Pode ser que você não tenha estado casada, mas também está fugindo. Um dia deixará de correr e cairá. E eu estarei lá para segurá-la.

Seus lábios se separaram e ele se inclinou mais, invadindo seu espaço pessoal. O fôlego se misturou, as bocas quase se tocaram.

—Estou disposto a apostar que as relações podem funcionar. Se encontrar a pessoa adequada. —partiu sem outra palavra, obrigando-a a segui-lo.

“Estou disposto a apostar que as relações podem funcionar. Se encontrar a pessoa adequada”.

Jillian tentou bloquear aquelas perigosas palavras enquanto observava o encontro com o senhor Parker do computador de Marcus. Ao cabo de um momento, bloqueá-las se fez mais fácil. E tudo no que podia pensar era em morrer. O fétido aroma do escritório de Marcus era mais do que podia suportar. Tinha pensado que espalhando a urina de cervo em seu abajur causaria este tipo de fedor. Sua mãe o fez a seu pai e vizinha e riram disso, mas Jillian não podia ter imaginado isto.

Em algum ponto da reunião os minutos se turvavam e misturaram, deixou de tentar fingir que isto não a incomodava e se levantou. Caminhou até a janela aberta e respirou o ar frio. Isso ajudou, mas só um pouco.

Todo o tempo, olhou atentamente o computador, observando como Marcus dava as más notícias ao senhor Parker na sala de conferências. Quando Marcus lhe mostrou o vídeo de sua esposa, sentando-se sobre o colo de outro homem e o beijando, o homem se desfez em silenciosos soluços.

Marcus lhe ofereceu suas condolências. Jillian também quis oferecer-lhe fazer qualquer coisa para que a dor do homem desaparecesse, mas não pôde pensar em nada. O sujeito não era um porco, senão seu coração não teria se quebrado.

Ele nunca seria o mesmo de novo.

Ninguém o era, depois de uma infidelidade.

O senhor Parker nunca confiaria em ninguém com a mesma facilidade, jamais olharia às mulheres da mesma forma. Tornaria-se paranoico, desconfiando de tudo o que as mulheres lhe dissessem.

Pela primeira vez desde que começou na AATP, Jillian se envergonhou. Ela ajudava a destruir a vida das pessoas. Sim, elas tinham direito a saber o que faziam seus maridos, mas estava bem tentar ao destino? As pessoas seriam infiéis se eles não fizessem propostas? Indubitavelmente a esposa do senhor Parker tinha enganado sem necessidade de um chamariz, mas e quanto a outros?

Jillian sentiu que lhe tremia o queixo, sentiu ardor nos olhos... e isso não tinha nada a ver com o aroma.



O senhor Parker logo ficou de pé, as pernas instáveis. Não se despediu simplesmente se foi com a pouca dignidade que pôde reunir. Quando a porta se fechou atrás dele, a cabeça de Marcus se afundou em suas mãos. Vários minutos passaram. Jillian, finalmente, abandonou o fedorento escritório e se dirigiu rapidamente à sala de conferências.

Ele levantou a vista e a olhou.

—Às vezes este trabalho não vale a pena —disse brandamente— Meu pai ria de seus clientes. Ele dizia: *“Seja o estelionatário, filho, não o extorquido”*. Acredito que agora mesmo o odeio.

Jillian suspirou, lamentando-se pelo menino que escutou tal veneno.

—A urina está no abajur — confessou. Não mais guerra, decidiu então. Não mais cólera. Que mesquinho lhe parecia isto agora mesmo! Além disso, Marcus tinha razão. Atacou-o porquê ainda o queria e tinha medo de seus sentimentos.

“Estou disposto a esperá-la”, havia-lhe dito. *“Independentemente do tempo que necessite”*.

É uma pessoa que entrega a si mesmo diante dos problemas.

Acabava de comunicar as notícias ao senhor Parker com uma suavidade e ternura que a surpreendeu. Lamentando-o profundamente por ele. Ela suspirou outra vez. Sem dúvida, agora sabia que era hora de procurar outro trabalho. Talvez como chamariz, ou talvez não. Mas não podia trabalhar com Marcus e ter uma relação com ele. Tampouco podia trabalhar para o Marcus e não ter uma relação com ele.

O que devia fazer? Uma parte dela queria cair e permitir que a segurasse. Não obstante, o medo de golpear o chão... não. Não podia arriscar-se.

—Sinto sobre o abajur.

—Não há problema. —disse Marcus.

Sem nada mais que dizer, Jillian deu a volta.

—Não me encontro bem, assim vou para casa. Verei você amanhã.

E logo fugiu tão depressa como pôde do edifício. Tentando escapar dele. Tentando escapar de si mesma.

Capítulo 25

Grandes notícias! Acabo de receber financiamento do governo para uma expedição de quatro horas para encontrar seu Ponto G.

Brent passou todo o dia e toda a noite demonstrando a Georgia que tudo o que lhe importava era o interior de sua pessoa. Levou-a para jantar (em público), para ver um filme (um desses românticos, como faz dias lhe prometeu) e logo ao Passeio Bricktown, por onde agora caminhavam agarrados pela mão à luz da lua. Os edifícios Redbrick se elevavam a ambos os lados e os carros serpentearam ao longo do caminho. O ar era fresco, a noite fragrante.

Enquanto ela descobria que um homem podia querê-la pela mulher imperfeita que era, ele



descobriu que realmente a amava. Que isto não era uma fantasia que exagerou na mente todos estes anos. Sempre que ela sorria, ele se acreditava um deus. Como se conquistasse uma montanha.

Era engenhosa, cálida e tão boa de coração que fazia que quisesse ser um homem melhor. Em realidade, simplesmente era tudo o que queria.

Desejava-a tanto que tremeu. Queria beijá-la e apagar todo rastro de sua dor. Continuamente, tinha que recordar-se que Georgia acabava de sair de uma relação. Tinha que agir inteligentemente e tomar as coisas com calma. Não estava pronta para outro homem. Ainda...

—As pessoas nos olham. —disse Georgia.

—E o que? Se não me incomoda que olhem minha feia cara, por que você deve se incomodar?

Ela soprou, mas um sorriso se abateu no canto dos lábios. Lentamente, entretanto, a expressão se tornou séria.

—Estava acostumado a fugir de mim na escola.

—Amor, quis você inclusive então. Não lhe expliquei isso já? Era muito jovem para mim e sabia. Também sabia que se estivesse a seu redor, faria algum movimento.

—Sim, mas abandonou sua própria casa a noite que me derramei em cima os espaguete do jantar. Considero-o um pouco exagerado se só estava assustado de seu desejo por mim. Nem sequer estávamos sozinhos no quarto... toda sua família estava ali.

Ele riu, simplesmente não pôde evitá-lo.

—Por isso corri. Tive uma ereção... do tamanho do edifício Empire State, e não quis que minha mãe a visse. Sabe o embaraçoso que teria sido? Ter que explicar que estava excitado por uma garota coberta de molho de tomate?

As bochechas de Georgia se ruborizaram de prazer? Enquanto se deteve e o confrontou. Liberou a mão, só para levantá-la e lhe cobrir as bochechas. Seus lábios eram suaves, úmidos e tão, tão beijáveis.

—Nunca o afastarei de novo — jurou ela— Eu gosto da forma em que enrugam os olhos quando sorri. O humor que encontra nas coisas mais estranhas. Que não deixa que ninguém ganhe nos jogos de mesa, inclusive se tiver que fazer armadilhas; e sobretudo, eu gosto que me veja como sou realmente... e me ame de todas as formas. E se, digamos, hoje tem que fazer um movimento para mim...

Alívio e alegria o atravessaram, potente, pura. Ele fechou os olhos contra a assombrosa quebra de onda de emoção. Por fim! Por fim, ela estava disposta a lhe dar uma oportunidade! Tinha esperado este momento durante muito tempo, e agora o sentiu como algo surrealista. Como um sonho.

—Meu bem, morro por fazer um movimento. Mas está segura de estar preparada?

Ao diabo, pensou ele antes que Georgia respondesse. Caiu abruptamente sobre ela e reclamou seus lábios. Ela os abriu imediatamente com um gemido de necessidade. A língua varreu dentro, tomando, dando. Deleitando-se. O sangue se precipitou diretamente ao pênis. Com força, deixando-o duro.



O resto do mundo se desvaneceu. Só existia Georgia, seu delicioso sabor, seu suave corpo apertado contra a dureza. Seus magros braços lhe envolveram o pescoço, enquanto um estremecimento se deslizava pela coluna. Brent se sentiu vibrar.

Antes que ele os levasse ao ponto de não retorno, Brent se retirou.

—Não mais —disse— Esperei você toda minha vida, posso esperar um pouco mais.

Seus olhos o olharam atentamente, tão verdes que brilharam como esmeraldas recém-polidas. Ela se umedeceu os lábios com a ponta de sua rosada língua.

—Não quero esperar, Brent. Quero você em minha cama, em minha vida. Agora. Hoje. Leve-me para casa e faça amor comigo

Ele experimentou outra rajada de alegria. Uma alegria tão intensa que quase o fez cair de joelhos.

—Levarei você para casa —lhe disse com ferocidade— e a farei minha. Agora. Sempre.

E ele fez.

Os seguintes dias passaram em uma espécie de atordoamento para Jillian. Viu seu irmão e Georgia várias vezes, mas não podia estar na presença deles muito tempo. Estavam muito caramelados, chatos, apaixonados. Inclusive Anne estava apaixonada. A ardilosa puta se casava. Outra vez. Tinha-lhe enviado um e-mail lhe dizendo que voava a Las Vegas para fazer um homem honesto de seu “jovem garanhão”.

—Quantas vezes tenho que te dizer que é hora de viver? —Anne acrescentou— É tão obstinada. Provavelmente esteja sozinha em casa quando pode estar fora se divertindo. A vida é muito curta. Desfruta-a sem desculpas.

Não era justo. Jillian queria o *felizes-para-sempre* para ela também, compreendeu; esquecer-se dos medos e agarrar Marcus, mas mesmo que ele parecesse querê-la, ambos paqueravam com outras pessoas em sua profissão. Como se pode viver com isso?

Enquanto planejava procurar outro tipo de trabalho, sim, ia seguir adiante, não mais medidas de homens trapaceiros para ela, ela não podia. Marcus possuía a AATP. Ele sempre saía com outras mulheres e Jillian não acreditava que pudesse suportá-lo, mesmo que estas não significassem nada. A tentação sempre, sempre importunava os homens e a Marcus basicamente tentariam todos os dias.

De todos os modos, pela primeira vez em sua vida, realmente estava apaixonada... outra revelação. Puf. Que emoção tão terrível, linda e incorreta! Não soube quando ou como aconteceu, só que o estava. O que também soube era que aquele amor — o irritante sacana—não conquistava tudo. Quis esquecer-se de seus medos, mas aparentemente não podia fazê-lo.

—Odeio minha vida. —gemeu olhando ao teto. Estava na cama, e não pensava levantar-se hoje.

Seu pai ligou algumas vezes, complicando ainda mais as coisas. Não respondeu e lhe deixou várias mensagens, pedindo encontrar-se com ela. Queria chegar a conhecê-la de novo, vê-la, abraçá-la, disse. Que sentia falta da sua menina. Que estava arrependido. Se sua mãe podia terminar com o passado, por que ela não?



Seu casamento se aproximava e ele queria que fosse uma das damas de honra, como Brittany tinha solicitado.

Se se encontrasse com ele, enviaria-lhe uma mensagem de que sua infidelidade não era problema? Simplesmente não sabia. Embora a menina em seu interior quisesse desesperadamente vê-lo outra vez. Tinham passado tantos anos, que inclusive lhe custava recordar seu rosto. Quanto maravilhoso deve ser deixar a dor para trás e simplesmente viver o momento?

Tudo o que Jillian sabia era que estava sozinha e que isto a deixava louca. Estava insegura de tudo em sua vida. Nada tinha ido como planejou. Não comprou a AATP. Não permaneceu distanciada dos homens em sua vida. Já não se divertia. Era miserável. E ainda queria Marcus.

Suspirou. Possivelmente visse seu pai. *Sabe que o fará.* Algo para manter Marcus fora da mente. Sim. Claro. Como se alguma vez deixasse de pensar nele. Mas se esclarecesse as coisas com seu pai, se fosse a seu casamento, talvez, finalmente, começasse a curar-se.

Curar-se... que maravilhoso soou isso.

O relógio da parede marcou a hora. Meio-dia. Deveria estar agora no escritório. Mas se sentiu muito em carne viva e não podia enfrentar Marcus. Agora não. Ainda não. Outra covardia, mas não se importou.

Esperando que caísse na caixa postal, Jillian marcou seu número. O homem respondeu e seu rico timbre de voz a fez estremecer. Essa era uma voz que a atormentava em sonhos.

—Ainda estou doente. —lhe disse.

—O que acontece com você? —perguntou Marcus.

Ouviu a preocupação em sua voz e isso a desconcertou.

—Comi bolachas envenenadas. Falarei com você mais tarde, certo? —Desligou antes que ele respondesse e deixou cair o telefone sobre o colchão. Este saltou ao chão e aterrissou com um golpe. Meio esperava que chamasse, mas passaram os minutos e não o fez. Que... lástima. E não devia sê-lo.

Deus, começava a agir como sua mãe. Talvez Evelyn tivesse tido razão quando comparou às duas.

—Sou patética. —resmungou. Ele está proibido. Sim, e tinha que recordar-se mil vezes ao dia.

O telefone soou nesse mesmo instante e gritou. Virtualmente saltou da cama em sua pressa por agarrá-lo, mas o coração caiu a chumbo quando viu que não era Marcus. Era seu pai. Outra vez. Ring. Ring.

Devia responder?

Ring. Pausa. Rl... Jillian apertou o botão de falar antes de poder deter-se:

—Olá!

Houve uma pesada pausa.

—Jillian?

—Sim.

—Oh... não esperava que respondesse. Sou...



—Sei quem é. —disse com voz vacilante.

Ele soava igual a como lhe recordava. Uma profunda e tranquila voz de barítono, que de menina a acalmava quando se machucava... antes de lhe causar o maior dano de sua vida.

—Eu... como está?

—Estou bem. —Mentira— Como está... — engoliu — você?

Todo um minuto passou antes que ele respondesse, como se não pudesse acreditar que lhe fizesse essa pergunta.

—Estou bem.

Silêncio. Obviamente, não sabiam o que dizer um ao outro.

Ele clareou a garganta.

—Eu, um, bom...

—Ouvi dizer que vai casar. —Enquanto dizia as palavras, compreendeu que não a incomodavam. Sim, ele começava uma nova família. Mas isso não significava que se esquecia dela e deixasse de ligar para ela. Não significava que de novo escolhia a alguém mais por cima dela.

—Sim.

—Como é sua... noiva?

—Christy é maravilhosa. Seus filhos são todos já crescidos e estão no colégio. Só estamos Christy e eu em casa e tudo é tranquilo. Muito tranquilo. —tomou fôlego e logo o soltou— Realmente eu gostaria que a conhecesse.

Pela primeira vez em sua vida, Jillian ouviu o desespero na voz de seu pai. Inclusive parecia tão inseguro como ela se sentia.

O estômago se encolheu. Odiou-o durante muito tempo, mas... essa tola menina de seu interior se sentia impaciente, muito impaciente.

—Eu... eu... prefiro vê-lo primeiro. —Agora eram estranhos, assim pareceria que se reuniam pela primeira vez.

Outra vez silêncio. Até que Jillian compreendeu que ele chorava. Soluços silenciosos, muito parecidos com os do senhor Parker. Suas lágrimas provocaram as suas; derramando-se pelas bochechas, quentes e esperava, curativas.

—Podemos nos ver hoje? —soltou ele precipitadamente.

—Sim, claro. —Agora que decidiu fazê-lo, não havia nenhuma razão para perder tempo e postergá-lo— Pode estar no Parque do Brandywine em... uma hora?

—Sim, sim. Ali estarei. Não posso esperar para vê-la.

Desligaram e Jillian fixou os olhos no telefone. De repente nervosa, marcou o número de Brittany e pediu a sua irmã que lhe trouxesse as gêmeas. Brittany era uma mãe de-jornada-completa e ansiosamente esteve de acordo, já que as gêmeas frequentemente a deixavam louca durante as férias do verão. Jillian não sabia o que diria a seu pai quando finalmente o visse.

—Está fazendo o correto — lhe disse sua irmã, feliz.

—Isso espero. —Deus sabia que todas as decisões que ultimamente tomava acabavam em desastre.



Capítulo 26

Uau. Você com essas curvas e eu sem freios...

Marcus sabia que Jillian não estava realmente doente, mas não lhe devolveu a chamada. Provavelmente era melhor que não estivesse no escritório. Estava preso. Dolorosamente preso. Ver a mulher todos os dias e ser incapaz de tocá-la o deixava louco. O fazia sentir-se possessivo, necessitado, no limite. E quanto mais tempo estava a seu redor, pior se tornava. Jillian já nem sequer discutia com ele e isso também o enlouquecia.

Havia-lhe dito que a esperaria, mas a queria agora!

Marcus tinha se arriscado com uma mulher uma vez e a coisa não funcionou. Pela primeira vez, estava disposto a arriscar-se de novo. Por Jillian. Tudo por Jillian. Qualquer coisa por ela. O coração. A liberdade. A vida. Só por uma possibilidade de ser feliz. Porque aquele breve momento entre seus braços, depois que eles fizeram amor, outorgou-lhe um vislumbre de algo precioso. Algo que necessitava desesperadamente em sua vida... mas que também tinha tido medo de perseguir. Antes.

Amava-a. Realmente a amava. Passara sendo um jogador toda sua vida, mas tinha tido medo de jogar com isto. As apostas eram muito altas e tudo tinha passado muito depressa; nem sequer fazia uma semana que a conhecia. Não parecia importar. Amava Jillian com todo seu ser.

Por isso era pelo que Kayla o deixou. Ela sentiu este... intenso amor e essa urgência de fazer o que fosse necessário por estar com essa pessoa. A pessoa que Deus, hoje estava sentimental! Completava-o. Ele não foi essa pessoa para a Kayla e ela soube. E ele a deixou ir porque também o entendeu. Simplesmente não quis admiti-lo e ser um fracassado no matrimônio como seu pai.

Jillian o fazia ser melhor... bom, homem. Nunca voltava atrás. Ela dava o melhor que tinha. Marcus riu entre dentes, recordando a urina de cervo. Kayla o tinha seguido e tinha estado de acordo com tudo o que dizia, até o dia que por fim explodiu e partiu.

—O que acontece com você, homem? —perguntou Joe.

Marcus piscou e se endireitou na cadeira. Seu amigo o espiava da porta.

—Entra.

Joe o fez e se sentou na cadeira frente ao escritório. Jake, Rafe, Matt e Kyle entraram detrás dele e rodearam o escritório, todos lhe franzindo o cenho.

—O que? —perguntou Marcus.

—Passou como um idiota durante dias —respondeu Jake— Mais que o costume.

—Não posso nem estar a seu redor. —continuou Rafe.

—As garotas o odeiam e isso faz que eu o odeie. —soltou Kyle.

—Muito obrigado. Traidores — resmungou.

Os homens compartilharam um olhar.

—O que? —exigiu outra vez, estendendo os braços. Então, antes que algum pudesse



responder, disse— agora mesmo todos têm um caso. Vão digitar seus apontamentos ou estudar as fotografias. O que seja, mas saiam de meu maldito escritório.

—Vê? Disto é exatamente do que falamos —disse Jake— Eu gostava mais quanto se parecia conosco.

—Vamos. Fora.

Eles compartilharam outro olhar, sacudiram a cabeça com exasperação e saíram em fila, fechando a porta atrás deles. Marcus deixou cair à cabeça entre as mãos. Que diabos ia fazer? Tinha que haver um modo de convencer Jillian a lhe dar uma oportunidade, de que se arriscasse com ele e deixasse de fugir.

Tinha que haver um modo de apanhá-la, de uma vez por todas.

O parque estava cheio de crianças que se deslizavam pelos tobogãs, subiam às barras como macacos e lançavam areia uns nos outros. A luz do sol brilhava com orgulho no alto, lançando raios brilhantes em todas as direções.

Brittany tinha chegado uns minutos antes e empurrava Apple e Cherry nos balanços. As meninas adoravam, rindo e pedindo para subir mais alto. Jillian se sentou em um balanço ao outro lado dos seus. Era a 1:07, e seu pai não tinha chegado. Possivelmente tinha trocado de ideia. Possivelmente...

—Está ocupado este balanço?

A familiar voz fez que engolisse saliva. Deixou de balançar-se e elevou os olhos lentamente, quase assustada do que encontraria.

Era seu pai, banhado pela luz do sol. Tinha mudado. Muito. Profundas linhas contornavam seus olhos e boca. Seus olhos azuis não eram tão brilhantes como os recordava. E seu negro cabelo agora era completamente cinza.

Ele assinalou o balanço a seu lado e ela assentiu.

—É seu. —disse, odiando o inseguro que lhe soou a voz.

Ele se sentou no negro assento. Ambos se olharam diretamente.

—Obrigado —disse seu pai— Por ver-me, quero dizer.

—De nada. —de repente pareceu que ela era a que devia agradecer-lhe. Deus, estava confusa.

—Estooooou, uh, passou muito tempo.

—Sim.

—O tempo suficiente, espero. —Ele riu nervosamente.

—Sim — disse, surpreendida de que o dizia a sério.

Interiormente chorou ao vê-lo, por estar perto de novo. Quando era uma menina, seu pai lhe cantava para dormir, balançava-a como Brittany fazia com as gêmeas. Amava-a e a abraçava frequentemente. Ela tinha esquecido um pouco aquelas coisas ao longo dos anos. Mas, talvez, estas foram a razão de que se sentisse tão traída pelo que fez a sua mãe. A ela.

Jillian pensou em todas as coisas que perdeu: Seu pai observando-a em sua graduação, seu cenho escuro quando os meninos a pegavam para sair, uma dança no casamento de sua irmã. Seu



pai tinha estado ali, mas ela tinha fingido que ele era invisível. O desejo borbulhando em seu interior.

—Sinto muito. —disse ele de repente, como se fosse incapaz de conter as palavras por mais tempo— Nunca pensei em fazer mal a sua mãe e, certamente, jamais pensei em machucá-la. Amava você. Amo você. É minha menina.

Uma quente lágrima lhe escorregou pela bochecha.

—Por que o fez?

Ele sacudiu a cabeça.

—A razão não importa.

—Sim, importa. Escolheu à senhora Prescott antes que a sua própria família.

Seus olhos se obscureceram ante a dolorosa lembrança.

—Não era como eu o via então. Sua mãe e eu tínhamos problemas. Sua depressão se descontrolava. Ela nunca te deixou ver isso porque queria ser perfeita para você, mas tinha que tratar com isso todos os dias e estava cansado, Jillian, tão cansado dos ataques e das lágrimas. Quando partiu para visitar sua tia, pareceu-me que um peso se levantava de meus ombros. Jennifer... a senhora Prescott sempre fez que me sentisse importante. Como um homem. Não um doutor ou um terapeuta ou uma carga. Só um homem.

Escutar o torturado tom quase a desfez. E escutar sua versão, quase fez que entendesse o porquê partiu. Ser infiel nunca estava bem. Depois de tudo, ele podia ter se divorciado antes. Mas talvez, às vezes, havia dois lados de uma história. Todos cometíamos enganos. Olhem sua vida. Culpou a seu pai pela depressão de sua mãe, pensando que ele a provocou. Agora compreendia que não foi assim. Sua mãe sempre teve problemas.

—Lamentei meu comportamento todos estes anos —acrescentou seu pai— Quis voltar e arrumar tudo, mas...

Não sabendo que dizer, Jillian estirou o braço. Ela esperou, simplesmente esperou, sem dizer uma palavra. Pouco a pouco, seu pai estendeu a mão e a estreitou.

Ficaram sentados ali, segurando as mãos e embebendo-se um do outro durante muito tempo. Jillian queria chorar por todos aqueles anos nos quais o tinha afastado, mas conteve as lágrimas. Mais tarde choraria, mais tarde. Agora mesmo, ia desfrutar de seu pai. Um homem que tinha julgado e condenado sem escutar nunca sua versão.

—Sinto-o tanto, Papai. Jamais devia tê-lo tratado como a um criminoso.

—Não tem que se desculpar, querida. Foi...

—Avô! Avô! —Apple o tinha descoberto e vinha correndo, lançando-se em seus braços, rindo.

Sua mão foi separada de Jillian quando ele envolveu os braços ao redor da menina.

—E quem é você? —perguntou com um sorriso— Pêssego ou Manga?

A menina soltou outra despreocupada risadinha.

—Já sabe quem sou.

Cherry também saltou sobre ele, afastando os ombros da Apple para poder entrar em seu abraço.



—Me alegro de que esteja aqui. Trouxe-me um presente?

—Cherry! —Repreendeu-a Brittany com as mãos na cintura— Já falamos disto.

—O que? —disse a menina com inocência— Não foi a primeira coisa que lhe perguntei.

Primeiro lhe disse que me alegrava de vê-lo.

Seu pai lançou uma gargalhada.

—Pegou você, Brit.

A visão deles juntos tão felizes e cômodos quase pôs Jillian de joelhos. Podia ter tido isto fazia muito tempo. Este amor e afeto. Esta família. Por causa da obstinação, tinha perdido muitos anos.

Jillian pressionou os lábios para cortar um gemido.

Jogando-lhe uma olhada, seu pai deixou às meninas a um lado, inclinou-se para ela e a abraçou. Jillian escutou vagamente o ofego de Brittany, observou em uma neblina a sua irmã cobrir a boca com a mão, acreditou escutar as gêmeas rir bobamente de algo e logo tudo o que percebeu foi seu pai. Seu aroma de tabaco. Sua força. Devolveu-lhe o abraço.

—Amo você, Jilly.

—Eu também o amo, papai.

—Bom, não esperei que isto acontecesse assim. —disse Brittany com um sorriso.

Seu pai beijou Jillian na ponta do nariz.

—Eu a convido para meu casamento. Christy adoraria que fosse sua dama de honra. Mas se não quiser, entendo. Diabos, até eu gostaria que fosse meu padrinho. —disse ele.

Ela riu uma risada genuína.

Ficaram no parque um pouco mais antes de levantar-se e despedir-se. Ela recebeu outro abraço de urso e uma petição para marcar outro dia... algo que prometeu fazer e faria. Também aceitou sua oferta de assistir a seu casamento.

A cura era mais agradável do que tinha sonhado.

Jillian conseguiu permanecer tranquila todo o caminho de volta para casa. Nada de lágrimas, nada de pensamentos selvagens. Estacionou e ainda não surgia nenhuma reação. A senhora Franklin estava fora, viu-a, murmurou algo, e entrou rapidamente em sua casa, obviamente ainda alterada pelo incidente do sexo-no-pátio-de-trás. O peito de Jillian doía enquanto subia ao alpendre, abriu a porta e dava um passo dentro. Quando a porta se fechou atrás dela, caminhou até a sala de estar.

Conseguiu chegar à mesa de centro de vidro antes que os joelhos cedessem e começasse a chorar. O corpo inteiro se sacudiu com a força das lágrimas. Eram quentes e queimavam, o estômago apertando-se de tanto dor. Ela tinha resistido tanto, e para que? Para poder agarrar-se a seus medos? A seu sofrimento? A sua dor? Sim, a tudo isso. E agora o estava fazendo de novo, com o Marcus. Nem sequer tinha tentado ganhar seu coração.

Era uma idiota, uma completa idiota.

As lágrimas seguiram fluindo até que não ficaram mais. O nariz estava inchado e tinha problemas para respirar. Furiosa consigo mesma, golpeou os punhos no vidro. Este tremeu e teve uma pequena satisfação nisso. Golpeou uma e outra, e outra vez, liberando todas as emoções



reprimidas do interior, incapaz de deter-se até que foram expulsas completamente.

Com o último golpe o vidro se rompeu, tilintando como sinos nos ouvidos. Uma dor aguda subiu por ambos os braços. Com os olhos inchados olhou para baixo. Vermelhas gotinhas se deslizavam dos pulsos até os cotovelos. Fluindo, fluindo.

O primeiro pensamento que lhe alagou a mente foi que queria Marcus. Ele afastaria a dor. Levantou-se sobre as instáveis pernas, entrou no banheiro e agarrou duas toalhas. As enrolou em ambos os pulsos, e logo recolheu o telefone e marcou.

Ele respondeu ao terceiro toque.

—Marcus Brody.

—Marcus? —Amava-o.

De verdade. Não quis fazê-lo, mas ali estava em toda sua espantosa glória. Amava-o. Sim, ele a enfurecia. Sim, tinha uma boca de sabichão. Sim, ele estava tão cansado quanto ela. Mas também era sensível e apaixonado e o queria em sua vida, custasse o que custasse.

Como podia ter deixado que isto acontecesse? E tão rapidamente? Muito tarde para recriminações.

—Jillian? —No escritório, Marcus se endireitou na cadeira. A cliente frente a ele, uma jovem que queria testar o seu noivo já fazia quatro meses, franziu o cenho— O que ocorre?

—Amo... meus pulsos. —disse ela, sorvendo os mucos.

As sobrancelhas se juntaram.

—Ligou para mim para me dizer que você gosta de seus pulsos?

—Não, eu... —mais sorvo de mucos— ... eu os cortei, mas não posso lhe dizer isso por telefone. Quero dizer isso em pessoa.

—Você cortou os pulsos? —O pânico o golpeou com força.

—Sangro, mas isso não é pelo que...

—Inferno de merda. —Quanta sangue tinha perdido?— Desliga querida. Vou para ai. Não, desliga e chama o 911. Estou a caminho. —Lançou o telefone, mas não o pendurou no gancho e saltou do escritório ao chão.

O cenho da garota se fez mais profundo.

—Ei! O que acontece? Não disse...

Ele já estava na porta, chamando Jake a gritos. Seu amigo girou uma esquina correndo, sua expressão preocupada.

—Ocupe-se dela. —instruiu Marcus, indicando a moça.

—Aonde vai?

Não se deteve para responder, mas sim correu fora e saltou a seu carro. Fez o caminho em quinze minutos, ziguezagueando pelo tráfego. Foi um milagre que não o multassem.

Por que tentaria Jillian matar-se? Por quê? Seguia os passos de sua mãe? Culpou-se por isso. Deveria ter sido mais cuidadoso com seus sentimentos. Não deveria tê-la empurrado tão forte para que o aceitasse. Havia-lhe dito que a esperaria, e o faria. Durante tanto tempo como ela necessitasse.

Não se incomodou em fechar a porta do carro quando saiu, simplesmente correu ao



alpendre e entrou na casa. Quando não a viu no vestíbulo, procurou na sala de estar. Com olhos selvagens, olhou a esquerda e direita.

—Jillian! —Deus! Onde estava? Fora? A preocupação e o medo o atravessaram em grandes ondas, deixando-o doente. A mesa de centro estava quebrada. Tinha-a atacado alguém? Se estava...

—Aqui — disse ela brandamente.

Ele quase se derrubou de alívio. Jillian parecia um novelo na poltrona, seus pés quase tocando o peito. Brancas toalhas se retorciam ao redor de seus braços. Não, não completamente brancas. Podia ver as manchas carmesins.

—O que aconteceu querida? —Marcus fechou a distância entre eles e se ajoelhou frente a ela. Estava pálida... exceto por seus inchados e avermelhados olhos.

—Por acidente, quebrei a mesa.

Graças a Deus! Nada de suicídio. Seu alívio foi tangível.

—Deixe-me ver. Seus pulsos, não a mesa.

Com cuidado lhe agarrou um dos braços e desenrolou o pano. Havia múltiplos cortes, os mais profundos justo sobre o tendão, mas já se secavam. Examinou o outro braço. Este tinha alguns cortes mais, mas não eram profundos.

—Não acredito que necessite pontos.

—Bem. —Ela exalou um fôlego estremecedor.

Marcus lhe enfaixou de novo os braços com toalhas limpas, logo a levantou e se sentou na poltrona com ela em seu colo. Jillian, imediatamente, apertou-se mais contra ele.

—Assustou-me. —admitiu ele.

—Sinto muito. —murmurou ela.

—Pensei que tinha tentado suicidar-se.

Ela soprou fracamente.

—Como se alguma vez fizesse algo assim. Pelo visto, pareço-me com minha mãe, ou isso é o que ela diz, mas eu não poderia fazer as pessoas que amo passar por isso.

—Disse que tinha cortado os pulsos — acusou ele.

Ela riu entre dentes.

—E não mentia.

Feliz de estar com ela e abraçá-la, apertou o abraço e simplesmente aspirou seu aroma.

—Alegro-me de que tenha me chamado.

—Eu também.

Ela bocejou e ele sentiu a quente exalação de seu fôlego.

—Fui ver meu pai hoje. Não o tinha visto fazia anos e tive uma espécie de crise emocional quando cheguei em casa. Embora uma crise boa — bocejou outra vez— Meu pai me disse quanto me amava. Simplesmente estava tão embargada pela dor, que golpeei a mesa.

—Não tem razões para se lamentar. Têm muitos, muitíssimos anos para passar com ele.

O estômago se contraiu quando o desejo o embargou. Ele queria anos com ela. Queria estar a seu lado. O pensamento de que ela tinha tentado suicidar-se... Marcus a apertou ainda mais



forte.

Suspirou, cansada.

—Ficará um pouquinho?

—Certamente. —Ele fechou os olhos, tomando um profundo fôlego. Em casa, estava em casa, e não havia nenhum outro lugar no qual preferiria estar.

—Agora mesmo estou muito cansada, mas talvez logo possamos conversar.

—Eu gostaria.

Não havia caminho no inferno que fizesse com que ela fosse capaz de desfazer-se dele agora. Quando Jillian despertasse, a faria entender que eles estavam destinados a estar juntos.

—Durma querida. Estarei bem aqui. —Nunca a deixarei ir.

Enroscou-se mais profundamente contra ele e ficou adormecida um segundo mais tarde.

Capítulo 27

Como quer os ovos pela manhã?

Marcus se deu conta que algo lhe zumbia no bolso e lentamente entreabriu as pálpebras. A escuridão tinha caído. Os magros raios da lua se filtravam em todas as direções por... uma sala marrom? Confuso, piscou e tentou orientar-se.

Jillian estava em seus braços, sobre seu colo. Ambos sentados em uma poltrona. Ela estava quente, quieta e em silêncio. Adormecida. O zumbido no bolso continuou.

Franzindo o cenho, Marcus tirou o celular e respondeu em voz baixa.

—Sim?

—Marcus —disse Jake— Preciso que venha a minha casa. Aconteceu algo.

—Não posso. —Brandamente, com cuidado, beijou a têmpora de Jillian.

—Por favor. É importante. E se apresse. —Click.

O cenho franzido de Marcus se intensificou e restituiu o telefone ao bolso, tentando não incomodar Jillian. Jogou-lhe uma olhada. Sua cabeça descansava sobre o ombro e sua expressão era suave, doce. Maldita seja! Lamentava deixá-la.

E também lamentava despertá-la. Tinha estado tão cansada, tão desanimada. Sabia que necessitava qualquer descanso que pudesse conseguir. Ficando de pé, equilibrou seu leve peso nos braços. Deus, amava a esta mulher!

Pensando-o bem, agora mesmo sustentava a parte mais importante de sua vida. Quando deixou de vê-la como a um inimigo e começou a vê-la como a uma companheira, não sabia. Simplesmente estava contente de que assim fosse.

Levou-a ao dormitório e a deixou na cama com cuidado. Ela resmungou algo ininteligível e deu a volta com um suspiro. Marcus lhe tirou os sapatos e cobriu com o lençol a metade inferior do seu corpo, beijando logo a bochecha.



—Amo você. —sussurrou.

Comprovou seus pulsos uma vez mais para assegurar-se que não tinham começado a sangrar, e depois escreveu uma nota lhe dizendo aonde ia para que não se preocupasse se despertava. Não iria se não fosse Jake. Jake esteve a seu lado nos tempos difíceis, e ele sempre jurou fazer o mesmo por seu amigo, que ainda sofria e passava alguns dias bastante maus pela morte de Clara.

Marcus partiu antes de trocar de ideia. Sério, que diabos acontecia com Jake? Seu amigo nunca lhe tinha chamado e lhe tinha pedido que fosse dessa maneira.

Conduziu, ultrapassando o excesso de velocidade, para o apartamento e desta vez foi multado. Agarrou a multa sem protestar e se apressou de novo. Na porta de Jake, chamou. A televisão estava muito alta e podia escutar as risadas.

—Jake — gritou, chamando outra vez.

Um segundo mais tarde, seu amigo abriu a porta. Para surpresa de Marcus, sorria de orelha a orelha.

—Bem-vindo à festa.

Doce Jesus.

Joe apareceu na entrada e jogou o braço ao pescoço, puxando-o para dentro.

—Nem sequer pense em fugir.

—Acreditei que acontecia algo errado. —disse Marcus sombriamente.

—E acontecia —respondeu Jake— Que não estava aqui.

—Jillian...

—Não. Não diga nem seu nome. Ultimamente se comportou como um idiota e é hora de que libere um pouco de tensão. Com alguém receptivo.

Havia mulheres por toda parte, compreendeu. De todas as cores, formas e tamanho. Passou a mão pelo cabelo.

—Caras, não necessito sua ajuda para liberar tensões. Faço-o muito bem eu sozinho. Jillian...

—Não, não o faz e não diga seu nome — disse Rafe, com um braço rodeava a uma loira e com o outro a uma morena— Esta noite, isto é um bufê, assim começa a encher seu prato.

As moças brincaram a seu lado.

Kyle se aproximou, com uma ruiva ao lado, que impulsionou ao lado do Marcus e assentiu com a cabeça.

—Agora, não me diga que não fazem um bonito casal.

Marcus tentou devolver a mulher, mas ela o agarrou pela cintura.

—Kyle me disse que fizesse você passar um bom momento. —Mordendo o lábio, ela deslizou um dedo por sua clavícula.

Ele olhou ao longe, desesperado para fugir. Matt se mantinha afastado, falando com a Amélia. Quando Marcus a viu, gemeu. Ele e Jillian ainda andavam sobre terra instável. Se Amélia lhe contasse que o tinha visto com uma mulher pendurando do braço, essa terra se quebraria em um milhão de pedaços. A confiança era uma coisa importante e difícil de reconquistar. Não é que ele tivesse feito algo, mas Jillian era um chamariz e não acreditaria. Só veria a implicação.



—Bom — ouviu dizer a uma mulher... e foi o som de seu pior pesadelo. Girou rapidamente. É óbvio, o tinha seguido. Ele teria feito o mesmo. Deveria ter esperado.

Jillian estava de pé na entrada como se Marcus a tivesse invocado. Ele tirou a ruiva de cima e se moveu para frente.

—Jillian, não é o que parece.

—Ouvi você partir, levantei-me e li sua nota — sua voz era impassível, e olhava fixamente ao redor do apartamento— Não tinha seu número de celular, assim vim para me assegurar de que tudo ia bem.

—Não é o que parece. —disse ele outra vez. Alcançou-a ao mesmo tempo em que a música cessava, de fato, todas as conversações se detiveram. Não se importou. Ficaria em ridículo se fosse necessário. Agarrou-a pelos ombros antes que decidisse fugir. Graças a Deus, não fez nenhum movimento para afastar-se— Vamos a meu apartamento. Falaremos disto.

Surpreendeu-o dizendo:

—Certo.

Mas sua cara era tão retraída como seu tom.

O que lhe passava pela cabeça?

Tirou-a fora e se dirigiu corredor abaixo. Ninguém tentou detê-lo. Abriu a porta de seu apartamento e a conduziu dentro do dormitório. De todas as formas, ela não protestou. Decidido a que lhe escutasse, colocou a mão sob o colchão e extraiu um par de algemas que tinha comprado pensando nela. Sem nenhum tipo de explicação, fechou uma sobre seu próprio pulso e a outra sobre sua bandagem.

—O que faz? —perguntou Jillian, confusa.

Bom, todo um espetáculo de emoção.

—Assegurando-me de que não possa escapar. Vamos falar disto abertamente.

—Marcus, não há necessidade disto.

Ele estreitou os olhos e lançou a chave ao vestíbulo.

—Merda, não aconteceu na...

—Sei.

Suas palavras lhe penetraram na cabeça, e Marcus ficou quieto.

—Sabe?

—Sei que não aconteceu nada.

—Espera. Como sabe? Abraçava a outra mulher. Ou bem melhor, ela me abraçava.

—Confio em você. —Parecia insegura e baixou o olhar às mãos— E... eu... te amo, assim vou confiar em você, sem importar quão suspeitas pareçam as coisas.

Ele piscou com surpresa.

—Espera. O que?

—Amo você.

Outra vez, o que?

—Você me ama?

—Sim.



Lentamente, Marcus sorriu amplamente.

—Bom, infernos querida. Eu também a amo

As lágrimas encheram seus olhos e cobriu a boca com a mão livre.

—De verdade? Inclusive embora isto acontecesse tão rapidamente?

—Inclusive assim. Acredito que soube no momento em que coloquei meus olhos em cima de você. Se a conheço há um ano ou um dia não faz diferença. Amo você muitíssimo, e vou ceder a metade do negócio para você. De agora em diante seremos sócios e tomaremos as decisões de trabalho juntos. Também me mudarei para sua casa. E nem sequer pense em discutir, porque nos casaremos e as pessoas casadas vivem juntas.

O rápido brilho de alegria em sua cara foi seguido de preocupação.

—Não quero um tratamento especial no trabalho, Marcus. Eu só...

—Acredite em mim. —Ele sustentou sua mão— Não há nenhum tratamento especial. Confio em seus instintos para levantar a AATP. E se não o fizesse, pois, ainda a farei me fazer um relatório como qualquer empregado. Simplesmente terá um título diferente. Escrava do Amor.

Seus lábios se moveram nervosamente.

—Nesse caso, aceito. Tudo. —Com um grito, lançou-lhe o braço a seu redor e beijou a linha de sua mandíbula—. Mas deixaremos de ser chamarizes. Nada mais de paquerar com outras pessoas. Quero você todo para mim.

—Feito — disse Marcus, mais feliz do que jamais o tinha estado na vida— Tivemos o noivado mais estranho da história.

—Acha que o obteremos? —perguntou ela, o beijando em cheio na boca.

—Absolutamente. Pode me pôr a prova no momento que quiser.

Epilogo

—Posso convidá-lo para uma bebida?

Marcus jogou uma olhada à mulher que fazia a proposta. Era linda, a mulher mais linda que jamais tinha visto... mas sabia que era um chamariz. Jogou uma olhada a seu relógio, a imagem perfeita do aborrecimento.

—Não, obrigado. — disse, seu tom severo, em despedida.

Ela deslizou a ponta do dedo pela manga de sua camisa.

—Deixe-me convidá-lo a uma taça, por favor, com uma bonita cereja em cima. Eu gostaria de chegar a conhecê-lo, e uma taça não doerá.

—Não. Sinto muito.

—Por favor.

—Não.

Ela fez uma pausa, mordendo o lábio inferior.

—Acabo de me mudar à Cidade de Oklahoma. Como é o... tempo por aqui?

Oh, maldição! Esse era um tipo de conversa ao qual ele não podia resistir. Cada músculo do



corpo ficou rígido.

—É quente. Realmente quente — Marcus suspirou, e jogou uma olhada de novo a seu relógio— Bom. De acordo. Uma taça. Mas temos que nos apressar. Não quero que minha mu...mãe descubra.

—Apressaremos-nos. —A mulher disse ao garçom que trouxesse dois Fuzzy Navels⁹ e voltou sua atenção a ele— Notei que segue olhando o relógio. Espera a sua mu...mãe?

—Sim. Estou divorciado e minha mãe foi minha única fonte de consolo ultimamente.

—Está divorciado? —inclinou-se mais perto dele, fragrante e quente— OH, pobrezinho. Eu gostaria de consolá-lo.

Incapaz de resistir um segundo mais, Marcus deslizou o braço ao redor de sua cintura.

—Isso soa muito bem. Que tal se formos a minha casa?

Jillian sorriu abertamente.

—Fará comigo coisas muito, muito más?

—Esse será meu maior prazer.

Desde o ano passado, ele e Jillian celebravam seu aniversário mensal desta forma. Marcus sempre pensava nisso com muita ansiedade. E esse era o único momento em que agiam como chamarizes uma vez mais; tinham deixado de fazê-lo completamente e agora simplesmente dirigiam a AATP. Os empregados estavam encantados com sua sociedade porque Jillian mantinha a raia. Ela inclusive tinha restaurado o dia do balneário. As garotas sempre pediam ao Marcus que se unisse a elas, citando sua necessidade de uma pedicura Coral Calypso que combinasse com o batom que frequentemente exibia depois de suas reuniões com Jillian.

Graças a seus esforços combinados e ao duro trabalho da equipe do AATP, o negócio tinha alcançado um novo nível máximo e as dificuldades financeiras eram coisa do passado. Sua cunhada, Georgia, controlava agora o centro de assessoramento do AATP para as vítimas de infidelidade, que Jillian tinha aberto ao lado. Alguns clientes inclusive conectavam. Marcus sorriu abertamente ante o pensamento, conhecendo de primeira mão que não havia nada como o comum sentimento de traição para unir a duas pessoas. Georgia e Brent eram mais felizes que nunca, e tinham se convertido nos novos colegas de Marcus no pôquer.

Marcus jamais desembalou as caixas de seu apartamento, mudou-se para a casa de Jillian em seguida. Ela é óbvio, tinha-o feito desempacotar tudo imediatamente. A decoração bege permaneceu, mas ele tinha ajudado a desordenar um pouco as coisas "estreando" todos os quartos.

O pai de Jillian já estava casado e ela tinha sido seu “padrinho”. Marcus nunca tinha visto um pai mais feliz. Ou um melhor... e atrativo “padrinho”. Tirar-lhe aquele smoking tinha sido sexy e divertido. (Palavras que jamais pensou como divertidas).

Sim. O amor estava no ar. Sua sogra era uma mulher moderna, saindo felizmente e sem tentar alimentá-lo com mais bolachas envenenadas. Anne estava felizmente casada com seu

⁹ **Fuzzy Navels** — é uma bebida mista feita de pêssgo e suco de laranja. Geralmente uma quantidade igual de cada componente é usada no preparo, embora as quantidades possam variar. Também pode ser feito com limonada ou um esguicho de vodka, dependendo do gosto do bebedor.



jovem amante e vinha visitá-los frequentemente, assegurando que estava orgulhosa da nova e melhorada Jillian, disposta *a-agarrar-as-oportunidades*. Seus homens o faziam bem, igual a suas empregadas femininas. A regra número dois era coisa do passado, Matt e Amelia estavam saindo juntos, brigavam, saíam juntos, e brigavam de novo. Terminariam juntos, pensou, uma vez que deixassem de lutar contra isso. Nenhum deles tinha nem ideia de quão bom uma relação amorosa podia ser. Mas o averiguariam, não tinha dúvida.

Jake era a única pessoa pela qual Marcus estava preocupado, já que o obstinado homem ainda rechaçava sair com alguém. Embora Marcus soubesse que, algum dia, encontraria a alguém mais. Algum dia. O amor era muito poderoso para ser negado.

Jillian tinha posto em prática sua página na Web o Porco Chorão, catalogando aos mais indesejados delinquentes de encontros, aos reincidentes e os que jamais iam mudar com um sistema de classificação. Entretanto, Danielle, Selene e Becky logo tinham tomado credenciais no assunto, fixando fotos e um selo de *Mais Indesejado*, sobre a cara dos homens e mulheres infiéis.

Para seu aniversário, Jillian havia presenteado Marcus com uma foto dele com o selo do *Mais Querido* sobre sua sorridente cara. Tinha-o pendurado no escritório para mostrar a seus clientes que um final feliz era possível.

—A próxima vez — disse Marcus a sua esposa, seu amor—, eu serei o chamariz.

Por agora, era hora de levá-la para casa e assim poderia começar a lhe fazer essas coisas más.

—Sou muito fácil de pegar —disse ela, pondo cara feia— Você, ao menos, apresenta uma luta de dois minutos.

Sorrindo sinceramente e com malícia, pagou as bebidas.

—Meu bem, pegar você é a melhor parte.

Fim



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>